Anais do 19º Encontro de Serviços-escola de Psicologia do Estado de São Paulo:

O papel da formação em psicologia frente às demandas de saúde pública

30 de agosto a 02 de setembro de 2011

Universidade Guarulhos – UnG

Guarulhos - SP

EXPEDIENTE

Chanceler
Prof. Antonio Veronezi

Reitor
Prof. Dr. Alexandre Luiz Degani Estolano

Vice-Reitora Acadêmica
Profa. Dra. Luciane Lúcio Pereira

Vice-Reitora de Extensão, Cultura e Apoio Comunitário
Profa. Dra. Maria Inês Santos

Diretora do Curso de Psicologia e
Coordenadora do Serviço-Escola de Psicologia
Profa. Dra. Jumara Silvia Van De Velde

Coordenação Editorial
Paulo Francisco de Castro

Edição
Ligiana Koller
Paulo Francisco de Castro
Regiane Ferreira da Silva

Realização
Universidade Guarulhos
Curso de Psicologia
Clínica de Psicologia

Apoio

Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região
www.crpsp.org.br

Vetor Editora
www.vetoreditora.com.br

Casa do Psicólogo
www.casadopsicologo.com.br

- **OS TEXTOS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES E FORAM REPRODIZIDOS COMO ENVIADOS.**

- **PERMITIDA A REPRODUÇÃO, DESDE QUE CITADA A FONTE.**

E56a

Encontro de Serviço - Escola de Psicologia do Estado de São Paulo (19. , 30 aug. , 02 set. : 2011 Guarulhos, SP)

Anais do 19° Encontro de Serviços - Escola de Psicologia do Estado de São Paulo: o papel da formação em psicologia frente às demandas de saúde pública/ organizado por: Jumara Silvia Van De Velde Vieira, Paulo Francisco de Castro, Silvia Suely de Souza Maia e Sonia Maria da Silva. Guarulhos, SP. UnG: Editora Universidade de Guarulhos ; Curso de Psicologia Clínica de Psicologia.; 308 p.

CD – ROM

1. Psicologia. 2. Psicologia Clínica. 3. Serviços-escola de Psicologia. 4. Estágio Profissional.

CDD-150

19º ENCONTRO DE SERVIÇOS-ESCOLA DE PSICOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

O papel da formação em psicologia frente às demandas de saúde pública

O EVENTO

19º ENCONTRO DE SERVIÇOS-ESCOLA DE PSICOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Apresentação do Evento

Os cursos de Psicologia do Estado de São Paulo, especificamente seus Serviços-Escola vêm promovendo anualmente um *Encontro Estadual em São Paulo.*

A Psicologia contemporânea enfrenta grandes e novos desafios frente às demandas de saúde pública. As práticas clínicas desenvolvidas e pesquisadas em diversos centros de Serviços-Escola de Psicologia são do maior interesse para o campo da Psicologia Clínica e da Saúde.

O objetivo desses encontros é a de fomentar discussões sobre a produção e a transmissão de conhecimentos, nas diversas áreas de atuação do psicólogo, enfatizando a *dimensão clínica de sua prática e a pesquisa*.

O 19º ENCONTRO DE SERVIÇOS-ESCOLA DE PSICOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO - cujo tema é ***"O papel da formação em psicologia frente às demandas de saúde pública"*** é promovido e organizado pelo Serviço–Escola de Psicologia da Universidade Guarulhos – SP e Curso de Psicologia UnG-SP, ocorrerá nos dias **30 de agosto a 2 de setembro** no campus Centro da Universidade Guarulhos - S.P., à Praça Tereza Cristina nº 88, Centro , Guarulhos, SP, CEP: 07023-070.

As atividades previstas envolvem a apresentação e o debate sobre a prática clínica hoje, o lugar dos Serviços-Escola em sua relação com a formação e as políticas públicas, pesquisas e trabalhos de extensão a respeito das novas perspectivas na atuação do psicólogo, atendendo às exigências da demanda de saúde pública.

A troca de conhecimentos entre os profissionais dos diversos Serviços-Escola são de grande importância para a formação dos psicólogos, uma vez que as diversas experiências de todas as práticas clínicas são amplamente divulgadas.

Esperando que o Encontro possa ampliar a interlocução entre os serviços-escola de São Paulo e suas estratégias de atendimento à população e à formação do psicólogo, contamos com sua presença para enriquecer a ciência Psicologia e a profissão de psicólogo.

População alvo

O encontro destina-se a estudantes de cursos de Psicologia, psicólogos, docentes e supervisores de programas e serviços de atendimento à comunidade.

Objetivo do 19º. Encontro Estadual De Serviços-Escola De Psicologia do Estado De São Paulo

Debater o papel dos Serviços-escola de Psicologia frente às demandas de saúde pública, com vistas ao fortalecimento da formação em Psicologia.

ORGANIZAÇÃO

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Jumara Silvia Van De Velde

Prof. Dr. Paulo Francisco de Castro

Psic. Regiane Ferreira de Souza

Profa. Silvia Sueli de Souza Maia

Profa. Sonia Maria da Silva

Apoio

Camila dos Santos

Psic. Christiane Ribeiro Rodrigues

Psic. Ligiana Koller

Simone dos Santos Oliveira

Psic. Talita Cristina Somense Dias

Consultores Ad Hoc

Profa. Dra. Myriam Augusto da Silva Vilarinho – Convidada Especial

Profa. Dra. Adriana Leonidas de Oliveira – Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Alacir Vila Valle Cruces – Faculdades Anhanguera

Profa. Dra. Ana Cristina Araújo Nascimento – Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Anna Elisa de Villemor-Amaral – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Arlindo da Silva Lourenço – Universidade Bandeirante

Prof. Dr. Armando Rocha Júnior – Universidade Guarulhos

Profa. Dra. Dinorah Fernandes Gióia-Martins – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Eda Marconi Custódio – Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Eliana Herzberg – Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Elvira Aparecida Simões de Araujo – Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Érika Arantes de Oliveira – Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)

Profa. Dra. Helena Rinaldi Rosa – Universidade Estadual Paulista (Assis)

Profa. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia – Universidade Metodista de São Paulo

Profa. Dra. Irai Cristina Boccato Alves – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. José Candido Cheque de Moraes – Universidade Guarulhos

Profa. Dra. Ligia Caran Costa Corrêa Pinho Lopes – Universidade Paulista

Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos - Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)

Profa. Dra. Maria Cristina Barbetta Mileo – Universidade Paulista

Profa. Dra. Maria Cristina Barros Maciel Pellini – Universidade Paulista

Profa. Dra. Maria Geralda Viana Heleno – Universidade Metodista de São Paulo

Profa. Dra. Maria Lúcia Marques – Universidade Guarulhos

Profa. Dra. Marilsa de Sá Rodrigues Tadeucci – Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza – Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Marina Pereira Rojas Boccalandro – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Marizilda Fleury Donatelli – Universidade Paulista

Profa. Dra. Martha Franco Diniz Hueb - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Profa. Dra. Mônica Cintrão França Ribeiro – Universidade Paulista

Profa. Dra. Noely Montes Moraes – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Regina Célia Fiedler – Universidade Guarulhos

Profa. Dra. Regina S. Gattaz F. Nascimento – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Rosana Tósi Costa – Universidade Cruzeiro do Sul

Profa. Dra. Rosangela Ramos Freitas – Universidade Guarulhos

Profa. Dra. Silvia Ancona-Lopez – Universidade Paulista

Profa. Dra. Simone Ferreira da Silva Domingues – Universidade Guarulhos

Profa. Dra. Sonia Regina Pasian – Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)

Profa. Dra. Vera Lucia Gonçalves Beres – Universidade Cruzeiro do Sul

Prof. Dr. Waldir Bettoi – Universidade Paulista

PROGRAMA

Dia 29 de agosto de 2011 – 2ª Feira

Fórum Pré-evento

Auditório Prédio F

19h00 - Encontro dos psicólogos da Cidade de Guarulhos com o Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região sobre descentralização.

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
7h30 – 9h00 – Recepção dos participantes e credenciamento
Auditório Prédio F

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
9h00 – 10h20 – Sessão de Abertura
Auditório Prédio F

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
10h20 – 10h40 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
10h40 – 12h00 – Mesa Redonda I - Abertura
Auditório Prédio F

REFLEXÕES SOBRE SERVIÇOS-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Coordenação
Jumara Silvia Van De Velde
Universidade Guarulhos

Caracterização dos usuários de um serviço-escola de psicologia: um estudo de caso
Jumara Silvia Van De Velde, Silvia Suely Souza Maia, Talita Cristina Somensi Dias, Ligiana Koller
Universidade Guarulhos

Clínica-escola: a organização dos núcleos de estágios como retaguarda da formação em psicologia
Vera Lucia Gonçalves Beres, Alessandra Freitas da Silva
Universidade Cruzeiro do Sul

I Fórum de Serviços-Escola de Psicologia do Paraná : **Relato de Experiência**
Mari Angela Calderari Oliveira / PUC-PR, Maria Clementina M. Mendes / UFPR
Ângela Sanson Zewe / CRP-08 , Claudia Cibele B. Cobalchini / UTP
Fernanda Gutierrez Magalhães / UP , Olivia Justen Brandenburg / FACEL
Priscila Frehse Pereira Robert / Dom Bosco , Sônia Maria Roncaglio / FAE

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
12h00 – 14h00
INTERVALO

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais I
Prédio F – Sala F21
Coordenação: Prof. Armando Rocha Júnior

EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTOS EM CLÍNICA DE HEMODIÁLISE NA CIDADE DE SERTÃOZINHO-SP
Carmem R. B. Balieiro, Talita Chaud, Luiz R. M. Ferro, Fernanda Martins, Lívia Zambom

PLANTÃO PSICOLÓGICO: DO FOCO EMERGENTE À EMERGÊNCIA DO FOCO
Luciano Henrique Peres, Soraya Souza

PLANTÃO PSICOLÓGICO EM CLÍNICA-ESCOLA UM SERVIÇO À COMUNIDADE E AO PRÓPRIO PLANTONISTA
Gilson de Almeida Pinho, Soraya Souza

ATENDIMENTO DE FAMÍLIAS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO DO IPUSP – BENEFÍCIOS DA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA FRENTE AOS CONFLITOS DOS GRUPOS FAMILIARES
Tiago Yehia de la Barra, Iana Ferreira, Fernando Lombardi, Heloísa Antonelli Aun, Henriette Tognetti Penha Morato

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais II
Prédio F – Sala F22
Coordenação: Profa. Sandra Regina da Silva Poça

ANÁLISE DE CASO EM PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO DE UMA CRIANÇA QUE "NÃO SABIA"
Jacqueline Nascimento da Fonseca de Faria, Liantony Roger Lima Lopes, Camila Young

PSICODIAGNÓSTICO GRUPAL: UM ESTUDO DE CASO
Maria Carolina Esteves A. Silva, Samara Luzia Lucena da Silva, Terezinha Maluf, Camila Young

PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO GRUPAL COM CRIANÇAS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Rafael F. Ribeiro, Camila Young

A PSICOTERAPIA INFANTIL COMO ESPAÇO PARA OCUPAR O LUGAR DO PAI AUSENTE: UM ESTUDO DE CASO
Ana Paula Medeiros; Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes; Valeria Barbieri.

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais III
Prédio F – Sala F29
Coordenação: Profa. Rosangela Ramos de Freitas

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO EM HOSPITAIS DE CUSTÓDIA: NOVOS ATALHOS PARA ALÉM DOS MUROS
Margarida C. Mamede, Elidiana Soares Reis, Suzanne Akamine, Aparecida Bueno

CLÍNICA-ESCOLA: SAÚDE MENTAL, TRATAMENTO PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO
Vera Lucia Gonçalves Beres, Victor Henrique Oyamada Otani

PSICOTERAPIAS EM CLÍNICA-ESCOLA: AVALIAÇÃO DE MUDANÇA EM PACIENTES
Giovanna Corte Honda, Elisa Médici Pizão Yoshida

(DES) ENCONTROS DOS SERVIÇOS-ESCOLA E PODER PÚBLICO
Claudia Regina Magnabosco Martins e Verônica Suzuki Kemmelmeier

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
15h40 – 16h20 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Comunicações Orais IV
Prédio F – Sala F21
Coordenação: Prof. Armando Rocha Júnior

OS VÍNCULOS FAMILIARES NAS DIFERENTES PRÉ-ESTRUTURAS DE PERSONALIDADE
Ana Paula Medeiros, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri

PAIS, MÃES E CRIANÇAS A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO TRATAMENTO DA OBESIDADE INFANTIL
Ana Paula Medeiros, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri

TÉCNICA DE TRABALHO PSICOTERÁPICO EM GRUPO COM CRIANÇAS – RELATO DE EXPERIÊNCIA
Rafaela Fernanda Geremias, Helena Rinaldi Rosa – Faculdade de Ciências e Letras

A FAMÍLIA NA CLÍNICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ADOÇÃO
Anne Caroline Lima Pereira, Caroline Cristina Ambrósio, Maria Luisa Castro de Louro Valente

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Comunicações Orais V
Prédio F – Sala F22
Coordenação: Profa. Rosangela Ramos de Freitas

A FIGURA DO FEMININO NO PAPEL DO CUIDADOR
Carolina Beatriz Savegnago Martins, Maria Luísa Louro de Castro Valente, Helena Rinaldi Rosa

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA BREVE A TERCEIRA IDADE: UM CASO CLÍNICO
Alan da Rocha Brum, Fernando Genaro Junior

O DESAFIO DA CLÍNICA DO ENVELHECIMENTO: REFLEXÕES DE UMA PRÁTICA
Fernando Genaro Junior

CONSTRUINDO A FORMAÇAO EM PSICOLOGIA PELA ARTICULAÇAO DE ENSINO, ESTÁGIOS BÁSICOS E PROFISSIONALIZANTES E PROJETOS DE EXTENSÃO
Claudia Regina Magnabosco Martins

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Comunicações Orais VI
Prédio F – Sala F29
Coordenação: Profa. Sandra Regina da Silva Poça

TIMIDEZ OU RETRAIMENTO? A MÃE PROTEGE E O PAI ASSUSTA
Sheila de Sousa Leandro, Sonia Maria da Silva

O DESEJO DA GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA
Hélimi Iwata, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente

O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER EM ADOLESCENTES DO INTERIOR PAULISTA
Dayane Rattis Theodozio, Sonia Regina Pasian

PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO E SAÚDE DO TRABALHADOR: OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA OS PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM
Silvia Helena Cruz Rocha, Regina Célia do Prado Fiedler

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
18h00 – 19h30
INTERVALO

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
19h30 – 20h00 – Recepção dos participantes e credenciamento
Auditório Prédio F

Dia 30 de agosto de 2011 – 3ª Feira
20h00 – 22h00 – Conferência de Abertura
Auditório Prédio F
Coordenação: Eliana Ferrante Pires

UM PSICANALISTA FRENTE ÀS DEMANDAS DE SAÚDE PÚBLICA

Oswaldo Ferreira Leite Neto
Psiquiatra, Psicanalista, Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
8h00 – 9h40 – Mesa Redonda II
Auditório Prédio F

DIFERENTES ENFOQUES NA ELABORAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS: PRODUÇÃO, APLICAÇÃO E PESQUISA
Coordenação: Paulo Francisco de Castro
Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté

Da produção à socialização do conhecimento
Augusto José Carlos Bastos do Prado Fiedler
Universidade Guarulhos

O uso de artigos indexados na capacitação e atuação profissional
Simone Ferreira da Silva Domingues
Universidade Guarulhos e Universidade Cruzeiro do Sul

Pesquisas em metanálise : o uso artigos na investigação científica
Paulo Francisco de Castro
Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
9h40 – 10h20 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
10h20 – 12h00 – Mesa Redonda III
Auditório Prédio F

FAZER PSICOLOGIA NO SERVIÇO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICOLOGIA – SAPP/PUCRS: PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO EM SAÚDE À LUZ DA PSICANÁLISE
Coordenação: Nádia Marques
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Intervenção em uma creche através dos contos de fadas – Progama SAPP/Comunidade
Nadia Marques
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Interfaces entre a Psicologia e o Direito: programa SAPP/SAJUG – PUCRS
Samantha Dubugras Sá
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Os desafios da prática e do ensino da Psicanálise na Universidade
Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn, Luciana Balestrin Redivo Drehmer, Mônica Medeiros Kother Macedo
Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
12h00 – 14h00
INTERVALO

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais VII
Prédio F – Sala F21
Coordenação: Profa. Eliana Ferrante Pires

REFLEXÕES SOBRE NOVOS PARADIGMAS DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA
Carolina Rosa Panontin, Layse Matos de Souza, Mônica Cintrão França Ribeiro

DESENVOLVENDO PARCERIAS: UMA QUESTÃO DIFÍCIL NOS ESTÁGIOS CURRICULARES OBRIGATÓRIOS EM PSICOLOGIA
Laura Cristina Foz Rodrigues Alberto

PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – PRONTO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO (PAP) AOS UNIVERSITÁRIOS DO CAMPUS UNESP ASSIS
Leiliane Cristina Facchini, Heidi Mirian Bertolucci Coelho

COACHING PARA A LIDERANÇA DE EMEI
Carolina Fernades Custoia e Nirlei Dragonetti

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais VIII
Prédio F – Sala F22
Coordenação: Profa. Sonia Maria da Silva

PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL EM UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL
Valter Roberto Lopes Marcondes D'Angelo, Renata Patrícia Santana

O TRABALHADOR FRENTE A SUA TAREFA: UMA VISÃO ERGONÔMICA
Ilcemar de Oliveira, Néia Martins

DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL I COM ÊNFASE NA SAÚDE DO TRABALHADOR DE EDUCAÇÃO FRENTE AO PROCESSO DE MUNICIPALIZAÇÃO
Carolina Beatriz Savegnago Martins, Fernanda Consoni Mossini, José Pace Júnior, Lucas Caetano Vilela Lemos, Sandra Fogaça Rosa Ribeiro

MISSÃO, VISÃO E VALORES COMO ELEMENTOS DA IDENTIDADE ORGANIZACIONAL EM UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL
Valter Roberto Lopes Marcondes D'Angelo, Célia Sousa

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais IX
Prédio F – Sala F29
Coordenação: Profa. Solange Rodrigues Martins

MARCAS DA GEMELARIDADE: UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA SOBRE O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE GÊMEOS
Ana Rosa F. M. G. Pastor, Elisa Marina B. Villela

DO *ACTING-OUT* DA FUGA À PASSAGEM AO ATO DAS DROGAS UM ROMANCE FAMILIAR NO PLANTÃO PSICOLÓGICO
Ana Elizabete Pereira da Silva, Angela Aparecida dos Reis Oliveira, Douglas Finger, Elia das Graças Moreira Curci, Elisa Junqueira Nordskog, Enver Lamarca Oliveira Santos, Fátima Cristina Soares Archanjo, Fernanda Alves da Silva, Gilson de Almeida Pinho, Luciana Maria Andrade Ribas da Silva, Luciano Henrique Peres, Milli Dian de Oliveira Aguiar Soares, Silvana Marciano de Aquino Sugai, Soraya Souza

INTERFACES EM UM PROCESSO TERAPÊUTICO DE UMA FAMÍLIA DE IRMÃOS
Marta Regina Cemim, André Reali Olmos, Tamires Pires

ATENDIMENTO FAMILIAR, FORMAÇÃO E EQUIPE REFLEXIVA: COMPLEXIDADE NO FAZER
Carmen Balieiro, Tiago Yehia de La Barra

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
15h40 – 16h20 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Painéis I
Prédio F – 1º andar
Coordenação: Prof. Antônio Jayro Fagundes
Profa. Solange Rodrigues Martins

REALIZAÇÃO DE PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO EM CLÍNICA-ESCOLA NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – SP
Léa Cristina de Lázari Bessa, Luiz Roberto Marquezi Ferro

O PSICODIAGNÓSTICO CLÍNICO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA: COMO E PARA QUÊ?
Samantha Dubugras Sá, Leanira Kesseli Carrasco

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ATENDIDA NO SERVIÇO DE PSICOLOGIA EM UMA POLICLÍNICA DA SAÚDE NA REGIÃO DO GRANDE ABC/SP
Hilda Rosa Capelão Avoglia, Luana Francisco Silva, Beatriz Borges Brambilla

A IMPORTÂNCIA DA VISITA DOMICILIAR NO PROCESSO DO PSICODIAGNÓSTICO: UM ESTUDO DE CASO
Andrea Monlevade, Jaqueline Silva Costa Martins, Lucia Ghiringhello

PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO GRUPAL: UMA PROPOSTA PARA DIMINUIR A DEMANDA POR ATENDIMENTO
Vanusa Gondim, Juliana S. Garcia

USINA DE SONHO COM REALIDADE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO ENTRE CRIANÇAS E ESTAGIÁRIOS ATRAVÉS DE ATIVIDADES SOCIAIS E LÚDICAS
Leiliane Cristina Facchini, Heidi Mirian Bertolucci Coelho

TOC E PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA
Érica Ferrari do Nascimento, Eloisa Pelizzon Dib, Heidi Mirian Bertolucci Coelho

SERVIÇO DE TRIAGEM NA CLÍNICA-ESCOLA: FORMANDO UMA ESCUTA CLÍNICA
Érica Ferrari do Nascimento, Eloisa Pelizzon Dib, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente

NA CULTURA DO VAZIO, AS PATOLOGIAS DO VAZIO
Heidi Mirian Bertolucci Coelho

CAIXA LÚDICA: POSSIBILITANDO A EXPRESSÃO DE CONFLITOS
Nayara Cristina Cavalheiro, Bruna Gomes Garcia, Helena Rinaldi Rosa

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO CAMPO DE FORMAÇÃO DO ALUNO
Heloisa Maria Heradão Rogone, Lidiane da Silva Baptista

POSSIBILIDADES DE CONSTRUIR UM CIDADÃO ÉTICO
Regiane Gomes, Juliana Vianna, Tamires Quaranta, Carmen Balieiro

PSICOTERAPIA DE FAMÍLIAS E CASAIS DE ORIENTAÇÃO SISTÊMICA – NARRATIVA
Carmen Balieiro

PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO: PROCESSOS HISTÓRICOS E NARRATIVOS
Ana Elisa Ferreira de Paula, Maiza Ferreira de Sá e Carmem Balieiro

AS TÉCNICAS PROJETIVAS E O DIAGNÓSTICO DA MORTE
Fábio Donini Conti

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
18h00 – 19h45
INTERVALO

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
19h00 – 20h00 – Palestra I
Auditório Prédio F

Coordenação
Jumara Silvia Van De Velde
Universidade Guarulhos

COMPROMISSO ÉTICO PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS: RECOMENDAÇÕES DO CRP-SP AOS SERVIÇOS ESCOLA DE PSICOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Carmem Silvia Rotondano Taverna
Conselho Regional de Psicologia 6ª Região

Dia 31 de agosto de 2011 – 4ª Feira
20h00 – 22h00 – Mesa Redonda IV
Auditório Prédio F

ESTRATÉGIAS CLÍNICAS PARA ATUAÇÃO EM DIFERENTES CONTEXTOS DIAGNÓSTICOS
Coordenação
Hilda Rosa Capelão Avoglia
Universidade Metodista de São Paulo

A escuta psicológica no hospital geral
Helena Rinaldi Rosa, Maria Luisa Louro de Castro Valente, Mary Okamoto
Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista UNESP, Assis, SP

A visita domiciliar como estratégia diagnóstica
Hilda Rosa Capelão Avoglia
Universidade Metodista de São Paulo

Era uma vez: o psicodiagnóstico interventivo e a devolutiva com histórias
Bruna Gomes Garcia, Nayara Cristina Cavalheiro, Rafaela Fernanda Geremias, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente
Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista UNESP/Assis
Bruno da Silva Rodrigues, Fatima Itsie Watanabe Simões
UNIP/Assis

Saúde Pública e Avaliação Psicológica com crianças: possibilidades do uso da psicanálise winnicottiana
Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Assis.

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
8h00 – 9h40 – Mesa Redonda V
Auditório Prédio F

A PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE
Coordenação
Lislei Rosa de Freitas
Universidade Guarulhos

Relato de experiência na coordenação pedagógica no trabalho com a terceira idade
Lislei Rosa de Freitas
Universidade Guarulhos

Conceitos de psicologia empregados no trabalho com a terceira idade
Mônica Wakao
Universidade Guarulhos

A utilização de oficinas de memória no trabalho com a terceira idade
Margareth Machado de Andrade
Universidade Guarulhos

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
9h40 – 10h20 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
10h20 – 12h00 – Mesa Redonda VI
Auditório Prédio F

DISCUTINDO CASOS DE CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA ESCOLAR FRENTE À SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE SÃO PAULO
Coordenação
Susete Figueiredo Bacchereti
Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP

Quem educa o educador? Metodologias em educação sexual para facilitar o trabalho dos professores nas escolas
Camila Macedo Guastaferro
Centro de Estudos da Sexualidade Humana do Instituto Kaplan

Entrando na escola: como enfrentar as resistências em abordar a sexualidade nas escolas?
Susete Figueiredo Bacchereti
Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP

O espaço da Psicologia: A importância dos estágiários de Psicologia no apoio aos educadores durante as ações em sexualidade
Juliana Horvath Cambauva Iglesias
Centro de Estudos da Sexualidade Humana do Instituto Kaplan e Associação Fala Mulher

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
12h00 – 14h00
INTERVALO

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais X
Prédio F – Sala F21
Coordenação: Profa. Mara Poltronieri

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE ESTAGIÁRIOS SOBRE O SUPERVISOR DE PSICOLOGIA CLÍNICA
Hilda Rosa Capelão Avoglia, Olímpia Rosa Noronha, Angélica Capelari, Fernanda Mieko Jorge Buniya, Diogo Mota de Souza do Amaral, Márcio Rodrigues Lima

ADAPTAÇÃO CURRICULAR: IMPLANTAÇÃO DE UM CURRÍCULO FUNCIONAL EM QUATRO ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO PÚBLICO REGULAR EM ASSIS – SP
Anne Caroline Lima Pereira, Luciana Onuma Borges, Jorge Luis Ferreira Abrão, Eduardo Galhardo

A DESCOBERTA DO MUNDO DO TRABALHO E O CAMINHO PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL
Maria Carolina Imbimbo e Nirlei Dragonetti

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA SUPERVISÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DA PERSPECTIVA JUNGUIANA
Elizabeth Christina Cotta Mello, Maddi Damião Júnior

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais XI
Prédio F – Sala F22
Coordenação: Prof. Luiz Fernando Bacchereti

CLÍNICA DA ORIGEM: BEBÊS PREMATUROS, SUAS MÃES E A PSICANÁLISE
Eloisa Pelizzon Dib, Érica Ferrari do Nascimento, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente

TORNAR-SE PAI A EXPERIÊNCIA DE PARENTALIDADE EM UM ATENDIMENTO CLÍNICO
José Paulo Diniz, Maria Luísa Louro de Castro Valente

ADOÇÃO E FAMÍLIA: UMA EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA
Anne Caroline Lima Pereira; Carolina Beatriz Savegnago Martins; Caroline Cristina Ambrósio; Eloísa Pelizzon Dib; Hélimi Iwata; José Pace Júnior; José Paulo Diniz; Lidiane da Silva Baptista; Lígia Assumpção Bruder di Creddo; Nathália Cristina de Andrade; Maria Luisa Louro de Castro Valente.

ABORDAGEM SISTÊMICA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA A FAMÍLIAS E CASAIS
Daniela Coelho, Maiza Sá, Carmen Balieiro

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais XII
Prédio F – Sala F29
Coordenação: Profa. Tania Maria Justo de Almeida

ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA SAÚDE DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE A PARTIR DE UM DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL
Hémili Iwata, Daniely Diniz de Oliveira, Júlia Feltrin Ivers, Sandra Fogaça Rosa Ribeiro

RECONSTRUINDO UMA IDENTIDADE E O NASCER DE NOVAS CIDADÃS
Stella Leite Siqueira Campos, Ana Claudia dos Santos

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO NO CVV, NA ÓTICA DOS VOLUNTÁRIOS
Francisco José Pereira da Silva, Regina Célia do Prado Fiedler

CONSTRUINDO O FUTURO COM JOVENS: DESCOBERTA DE SI E PROJETO DE VIDA
Regina Célia do Prado Fiedler, Amanda Barbosa da Silva, Aline Cândido dos Santos, Anelidio Mendes Rodrigues, Almir Araujo de Amorim, Elaine Miranda Soares

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
9h40 – 10h20 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Painéis II
Prédio F – 1º andar
Coordenação: Prof. José Candido Cheque de Moraes
Profa. Wladimir Martins

TRABALHANDO A MOTIVAÇÃO ATRAVÉS DE JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO
Rejane Suguiyama Soares, Susete Figueiredo Bacheretti, Antonio Soares Campos

METODOLOGIA ATIVA: O SISTEMA TUTORIAL COMO UMA NOVA PROPOSTA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PSICÓLOGO
Laura Cristina Foz Rodrigues Alberto, Luiz Fernando Bacchereti

SEGREDOS FAMILIARES QUE PODEM INTERFERIR NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA
Maria Lucia Marques, Ana Cristina Sousa Teschi

PSICOLOGIA INSTITUCIONAL E ORGANIZACIONAL: FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO FAZER PSICOLÓGICO NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Luiz Fernando Bacchereti, Eugenia Cordeiro Curvelo, Jumara Silva Van De Velde

O ENSINO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Eugenia Cordeiro Curvelo, Aline Cândido dos Santos, Amanda Barbosa da Silva, Bianca Soares Bassin, Carlos Augusto Alexandre Soares, Cláudia Mascarenhas, Elaine Aparecida Rossini, Elaine Mastria, Fabíola Ribeiro Passos, Kely Domingas dos Santos, Patrícia Rosa Lara

LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA INSTITUCIONAL E SAÚDE DO TRABALHADOR – LIST: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA EM PSICOLOGIA NO MUNDO CORPORATIVO
Luiz Fernando Bacchereti, Eugenia Cordeiro Curvelo, Jumara Silva Van De Velde

O SINTOMA COMO EXPRESSÃO DA DIFICULDADE EM SER REAL
Carolina Ruiz Longato, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Clarice Pimentel Paulon

NORMAS PRELIMINARES DO RORSCHACH EM ADOLESCENTES DE 12 A 14 ANOS
Roberta Cury-Jacquemin, Sonia Regina Pasian, Rafael Paz Landim Barrenha, Dayane Rattis Theodozio

A VIVÊNCIA DA TRANSFERÊNCIA NO ATENDIMENTO DE UM CASO DE TIMIDEZ
Lilian Regiane de Souza Costa, Érika Arantes Oliveira, Manoel Antônio dos Santos

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DA CRIANÇA
Carolina Ruiz Longato, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COM CRIANÇA
Elaine Gramigna, Carlos Atílio, Anderson Caiado, Carmen Balieiro

FAMÍLIA E VULNERABILIDADE SOCIAL
Letícia Bettini, Fernanda Lago, Carmen Balieiro

UM PROCESSO DE INTERVENÇÃO E AVALIAÇÃO NO PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO
Daniela Coelho, Elisa Almeida, Carmen Balieiro

SINTOMA DO VÍNCULO MÃE-CRIANÇA: EXPRESSÃO DO SOFRIMENTO NO PSICODIAGNÓSTICO
Vanessa Lima, Alison Risso, Carmen Balieiro

EMPATIA: ESTUDO COM ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA
Viviane Souza de Azevedo e Sonia Maria da Silva

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
18h00 – 19h45
INTERVALO

Dia 01 de setembro de 2011 – 5ª Feira
19h45 – 22h00 – Mesa Redonda VII
Auditório Prédio F

QUESTÕES E CONTEXTOS DA PSICOLOGIA JURÍDICA

Coordenação
Armando Rocha Júnior
Universidade Guarulhos

A Psicologia Jurídica no Brasil e suas áreas de atuação
Tania Maria Justo de Almeida
Universidade Guarulhos

A avaliação psicológica na prisão sob a perspectiva da Resolução CFP 012/2011
Arlindo da Silva Lourenço
Penitenciária "José Parada Neto" de Guarulhos
Membro do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo

A psicologia jurídica no atendimento aos funcionários da Secretaria da Administração Penitenciária
Armando Rocha Júnior
Universidade Guarulhos

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
8h00 – 9h40 – Mesa Redonda VIII
Auditório Prédio F

PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA: PERSPECTIVAS E LIMITES NA ATUAÇÃO
Coordenação
Regina Célia do Prado Fiedler
Universidade Guarulhos e Universidade Cruzeiro do Sul

Regina Célia do Prado Fiedler
Universidade Guarulhos e Universidade Cruzeiro do Sul

Bruna Suruagy Dantas
Universidade Cruzeiro do Sul

Soraia Ansara
Universidade de São Paulo

Marcia Regina da Silva
Universidade Cruzeiro do Sul

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
9h40 – 10h20 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
10h20 – 12h00 – Mesa Redonda IX
Auditório Prédio F

ADOÇÃO EM UBERABA: ESPAÇO PARA SABERES E FAZERES INTERDISCIPLINARES
Coordenação: Martha Franco Diniz Hueb
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Ana Mafalda Azor, Eliane Gonçalves Cordeiro – Universidade de Uberaba
Cláudia Helena Julião– Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Martha Franco Diniz Hueb – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

GIPA: (des) cobrindo.....para adotar
Ana Mafalda Azor
Universidade de Uberaba

A Preparação para a Adoção em Uberaba: uma nova história em construção
Eliane Gonçalves Cordeiro
Universidade de Uberaba

Ser e fazer: encontros brincantes entre extensionistas de um Serviço-Escola e crianças em processo de adoção
Martha Franco Diniz Hueb
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
12h00 – 14h00
INTERVALO

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais XIII
Prédio F – Sala F21
Coordenação: Profa. Hebe de Camargo

POTENCIALIZANDO VALORES: UMA VIVÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR
Deborah Pereira Lima, Juliana Gadini Finelli, Susete Figueiredo Bacchereti

A PSICOLOGIA EDUCACIONAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE DO ALUNO EM SITUAÇÃO DE RISCO: UM ESTUDO DE CASO
Adriana Duarte Marque, Rosana Tosi da Costa

CRIAÇÕES HERÓICAS: A IMAGEM DO HERÓI COMO CAMINHO DA ELABORAÇÃO DE ANSEIOS E DA AUTO IMAGEM NA ESCOLA
Fabiana Bertoni, Ivan Silva Pinto, Susete Figueiredo Bacchereti

O CORPO COMO TELA E A ARTE COMO PROFISSÃO
Tabata Cristina Silva e Nirlei Dragonetti

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais XIV
Prédio F – Sala F22
Coordenação: Profa. Silvia Suely de Souza Maia

A INFLUÊNCIA DAS INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS NA EVOLUÇÃO DE PROCESSOS PSICOTERÁPICOS
Eveandro Morais Peixoto, Maria Leonor Espinhosa Enéas, Elisa Médici Pizão Yoshida

A EXPERIÊNCIA DA INTERCONSULTA EM INTERVENÇÕES CLÍNICAS BREVES
Juliana Macedo Manzini, Tatiane Oliveira Bagdonas

ALIANÇA DE TRABALHO E MODALIDADES DE INTERVENÇÕES EM PSICOTERAPIA PSICODINÂMICA BREVE
Bruna Praxedes Yamamoto, Sonia Maria da Silva

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
14h00 – 15h40 – Sessão de Comunicações Orais XV
Prédio F – Sala F29
Coordenação: Profa. Maria Lucia Marques

SUPERVISÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE: REFLEXÕES A PARTIR DA ORTODOXIA DAS METODOLOGIAS ATIVAS E DO CONTEXTO DO CAMPO DE ESTÁGIO
Julieta Quayle

O PROGRAMA DE MONITORIA COMO AUXILIAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 4º ANO DE PSICOLOGIA
Érika Valeska Yosioka Ferreira, Laudicelia Gusmão de Lima, Vera Lucia Gonçalves Beres

APONTAMENTOS SOBRE ATIVIDADES PRÁTICAS E CAPACITAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA NA DISCIPLINA DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
Regiane Ribeiro de Aquino, Solange Monteiro de Carvalho

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
15h40 – 16h20 – Coffee Break
Sala de Exposições Prédio G

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Comunicações Orais XVI
Prédio F – Sala F21
Coordenação: Profa. Hebe de Camargo

REFORMULAÇÕES DA TÉCNICA ANALÍTICA NO ATENDIMENTO A PACIENTES SEVERAMENTE COMPROMETIDOS
Marina Fibe De Cicco

A SEXUALIDADE DOS DEFICIENTES INTELECTUAIS
Adriana Duarte Marque, Célia Rocha

SEPULTADORES E AS FAMÍLIAS ASPECTOS SUBJETIVOS NO SEPULTAMENTO
Valter Roberto Lopes Marcondes D'Angelo, Bruno Arrais Ponciano Costa

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Comunicações Orais XVII
Prédio F – Sala F22
Coordenação: Profa. Solange Rodrigues Martins

O LUGAR DO PSICODIAGNÓSTICO NA ATUALIDADE FRENTE ÀS DEMANDAS NA SAÚDE PÚBLICA
Stella Leite S. Campos, Thiago Yehia de la Barra

PLANTÃO PSICOLÓGICO: DA URGÊNCIA À EMERGÊNCIA DAS DEMANDAS PARA SAÚDE PÚBLICA
Soraya Souza, Ana Elizabete Pereira da Silva, Ângela Aparecida dos Reis Oliveira, Douglas Finger, Elia das Graças Moreira Curci, Elisa Junqueira Nordskog, Enver Lamarca Oliveira Santos, Fátima Cristina Soares Archanjo, Fernanda Alves da Silva, Gilson de Almeida Pinho, Luciana Maria Andrade Ribas da Silva, Luciano Henrique Peres, Milli Dian de Oliveira Aguiar Soares, Silvana Marciano de Aquino Sugai

PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA ESCUTA QUALIFICADA COMO INSTRUMENTO DE AMPARO PARA A SAÚDE PÚBLICA
Enver Lamarca, Soraya Souza

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
16h20 – 18h00 – Sessão de Comunicações Orais XVIII
Prédio F – Sala F29
Coordenação: Profa. Maria Lucia Marques

A DISTÂNCIA ENTRE O REAL E O IDEAL: O QUE NÃO ESTÁ ACONTECENDO NAS ESCOLAS
Susete Figueiredo Bacchereti

"SE VOCÊ NÃO CUIDA DE MIM, EU CUIDO DE VOCÊ": O CUIDADO MATERNO EM UM CASO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
Lilian Regiane de Souza Costa, Fernanda Kimie Tavares Mishima, Valéria Barbieri

AS PRÁTICAS GRUPAIS NA EXTENSÃO: PROJETO DE INTERVENÇÃO ETEC
Roberto Mac Fadden, Alexandre dos Santos

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
14h00 – 18h00 – Reunião de Coordenadores Serviços-escola de Psicologia
Prédio F – Sala F210
Coordenação: Jumara Silvia Van De Velde

REUNIÃO COM COORDENADORES DE SERVIÇOS-ESCOLA DE PSICOLOGIA

- Discussão sobre práticas de atendimento e estágio em Serviços-escola de Psicologia
- Preparação para o 20º Encontro de Serviços-escola de Psicologia do Estado de São Paulo

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
18h00 – 19h30
INTERVALO

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
20h00 – 21h30 – Mesa Redonda X - Encerramento
Auditório Prédio F

A CRIATIVIDADE NO MANEJO DE PACIENTES COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS
Coordenação
Eliana Ferrante Pires
Universidade Guarulhos

A Clínica da Psicose: Aspectos teóricos
Talita Minervino Pereira
Psicóloga Clínica
Setting - Estudos em Psicanálise

A Clínica da Psicose: Estudo de caso
Ana Cristina Gomes Bueno
Psicóloga Clínica
Minha Rua Minha Casa

Dia 02 de setembro de 2011 – 6ª Feira
21h30 – 22h00 – Sessão de Encerramento
Auditório Prédio F
Profa. Jumara Silvia Van De Velde

RESUMOS

CARACTERIZAÇÃO DOS USUÁRIOS DE UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO

Jumara Silvia Van De Velde

Diretora do Curso de Psicologia e Coordenadora do Serviço-Escola de Psicologia

Silvia Suely Souza Maia

Coordenadora de estágios em Psicologia Clínica

Talita Cristina Somensi Dias

Psicóloga do Serviço-Escola de Psicologia

Ligiana Koller

Técnica de laboratório do Setor de Psicologia Aplicada

Universidade Guarulhos

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo descrever o perfil dos usuários de um serviço-escola de Psicologia, de universidade privada do alto tiete, no ano de 2010. Em varredura realizada em pesquisas similares percebe-se que alguns autores inferem perfil típico da clientela; crianças do sexo masculino, encaminhadas por escolas devido a dificuldades de aprendizagem e comportamento e mulheres jovens que buscam o atendimento espontaneamente devido a conflitos afetivos. Há unanimidade quanto à importância da caracterização dos usuários, de modo a favorecer visão crítica dos modelos de serviços prestados à comunidade. Neste sentido, o estudo desenvolvido, caracterizou o perfil sócio-demográfico, fonte de encaminhamento, modalidade de atendimento e queixa para o atendimento psicológico. Utilizou-se roteiro chamado Ficha de Perfil do Cliente para coleta de dados. Foram analisados 334 prontuários, dos quais 141 prontuários de crianças entre 05 e 12 anos e 193 de adultos a partir de 13 anos. O perfil foi traçado tendo como referência os dados de maior incidência em cada categoria verificada. Em relação à população infantil, a grande maioria é do sexo masculino (71%), tem entre seis e 12 anos, residente em Guarulhos, com encaminhamento escolar. São alunos do Ensino Fundamental I, com queixas de dificuldades escolares, comportamento agressivo e ansiedade/agitação. Após a entrevista psicológica de triagem, foram encaminhados em sua maioria para modalidades individuais de atendimento (Psicoterapia Breve Infantil e Psicodiagnóstico). Quanto ao perfil dos adultos, a população é predominantemente do sexo feminino (72%). A maioria dos adultos possui entre 13 e 40 anos de idade, na maioria solteiros ou casados, residentes em Guarulhos. Os adultos atendidos ou são estudantes ou exercem atividades do lar (mulheres), e procuram o atendimento espontaneamente. A maioria da amostra apresenta queixas de problemas de relacionamento familiar; ansiedade e depressão. Após entrevista psicológica de triagem os clientes adultos foram encaminhados, em sua maioria, para modalidades individuais de atendimento. Constata-se que o perfil da clientela deste Serviço-escola assemelha-se ao que a literatura apresenta como perfil típico. Apesar do assemelhamento em relação às

queixas dos adultos, há diferenças nos encaminhamentos propostos, pois mulheres têm sido encaminhadas em grande número para modalidades específicas como Psicossomática (20%), Psicoterapia Familiar e de Casal e Atendimento Grupal, além da tradicional Psicoterapia Breve de Adulto. Sugere-se que ao propor atendimentos a demandas específicas, aos quais a população demonstra aderência, atende-se com maior eficácia as necessidades da clientela.

Palavras-chave: serviço-escola de psicologia – usuários – perfil

INTRODUÇÃO

Os serviços-escola de Psicologia são instalados de forma obrigatória em cursos de graduação em Psicologia desde a criação da profissão do Psicólogo (Decreto 53464 de 21/01/1964, Artigo 7º, alínea b) Entre seus principais objetivos está a criação de espaço propício à formação profissional do psicólogo, por meio de atividades práticas supervisionadas que articulem competências centrais desenvolvidas durante o curso.

Além de atender aos objetivos de ensino e formação, os serviços-escola têm por missão oferecer o atendimento psicológico à comunidade, e assim cumprir, além de seu papel pedagógico, o social e assistencial. Barbosa e Silvares (1994) apud Campezatto et al. (2005) destacam o fato de os serviços-escola serem as principais instituições de prestação de serviços psicológico acessíveis à grande maioria da população confere a estas enorme relevância social.

Estudos sobre a clientela atendida e de suas reais necessidades possibilitam a adequação e o aprimoramento dos serviços oferecidos. Tal conhecimento das características da clientela é fundamental para avaliação e melhoria do trabalho realizado.

Neste sentido, o presente estudo caracterizou a clientela que procura atendimento no Serviço-escola de Psicologia da universidade. As variáveis estudadas foram: perfil sócio-demográficos em função de gênero, idade, estado civil, profissão, grau de instrução, cidade de residência. A segunda variável referiu-se a queixa propriamente dita. Outros dados como fonte de encaminhamento e modalidade de atendimento para a qual o cliente é direcionado após a entrevista de triagem também foram analisados.

Serviços- Escola de Psicologia

De acordo com a Lei nº 4.119 (BRASIL, 1962) que dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e a formação do psicólogo, cada curso deverá: organizar serviços clínicos e de aplicação à educação e ao trabalho orientados e dirigidos pelo conselho dos professores do curso, aberto ao público gratuitos ou remunerados.

Além de atender à obrigatoriedade legal, os serviços-escola de Psicologia possibilitam ao estudante, segundo Terzis e Carvalho (1986) *apud* Campezatto et. al. (2005) formular suas bases quanto ao atendimento psicoterapêutico de pessoas com problemas psicológicos. Já o cliente que procura atendimento poderá desenvolver suas capacidades afetivas e sociais, e com isso, melhorar sua adaptação ao meio físico, social e cultural no qual está inserido.

Yoshida (2005) considera o serviço-escola como porta de entrada do estudante de psicologia no exercício da prática profissional. No que se refere aos clientes, por meio de atendimentos qualificados, funciona como porta de entrada da comunidade aos serviços de saúde mental. De acordo com a autora o serviço-escola precisa ainda se constituir como um laboratório de pesquisa do psicólogo, que pode transformar seu atendimento em fonte de reflexão e desenvolvimento de novos conhecimentos que sejam derivados da prática e não apenas fundados em questões teóricas.

Os serviços-escola servem deste modo, como espaços de questionamento na visão de Peres (1997) apud Campezatto et. al. (2005) e descoberta de novos saberes e novas metodologias. Por isso precisam ser continuamente questionadas e repensadas para que não se perca seu significado social e para que a clínica-escola possa cumprir seu complexo papel de formar profissionais, desenvolver pesquisas, mas também atender às necessidades da população que busca seus serviços.

Revisão de pesquisas sobre caracterização da clientela em Serviços-escola de Psicologia

É comum se encontrar pesquisas sobre o tema Serviços-escola. Todavia, no que diz respeito à caracterização da clientela Silvares (1996) e Levandowski (1998) ao realizar revisões a cerca das produções dessa natureza constatam que a maioria das

universidades brasileiras não tem desenvolvido estudos sobre este assunto, que se mostra fundamental para a compreensão real da clientela que procura os serviços-escola de Psicologia, conforme apontam os autores abaixo.

> A caracterização da clientela e o levantamento das modalidades de atendimento nas clínicas-escola de Psicologia são imprescindíveis para o funcionamento destas instituições (…) Uma prática terapêutica verdadeiramente direcionada aos interesses e às características da clientela, segundo Santos (1990), possibilita o fortalecimento do vínculo da família com o trabalho do psicólogo. (Campezatto, et. Al, 2005, In: Melo-Silva, 2005)

Destacam-se trabalhos com objetivos semelhantes, no que tange ao presente trabalho, Romaro e Capitão (2003); Vilwock et. al. (2007); Campezatto e Nunes (2007).

MÉTODO

O presente estudo se constitui em pesquisa qualitativa, por meio de estudo de caso. A amostra foi composta por 334 prontuários clínicos de usuários que realizaram entrevista psicológica de triagem durante o ano de 2010. Para coleta de dados elaborou-se instrumento de pesquisa chamado Ficha de Perfil do Cliente. Os dados obtidos foram agrupados nas seguintes categorias: gênero, fonte de encaminhamento, modalidade de atendimento, idade, profissão, estado civil, grau de instrução, cidade e queixa e submetidos à análise estatística descritiva.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao consolidar a estatística descritiva com relação aos clientes adultos, constatou-se que a maioria da população atendida é composta por mulheres (72%), entre 13 e 40 anos (71%); solteiros (48%) e/ou casados (37%), e 36% possuem ensino médio completo. A procura espontânea de atendimento psicológico é de 41%; dos adultos em sua grande maioria residem em Guarulhos (97%).

Verificou-se que 63% dos adultos trabalham, 22% da amostra são apenas estudantes e 15% são do lar. Quanto às queixas que originaram o pedido de atendimento 16,5% referem-se às dificuldades de relacionamento familiar, 15% relatam ansiedade e 13% depressão, tendo sido encaminhados para Atendimento Grupal (28%), Psicoterapia Breve de Adulto (21%) , Psicossomática (20%) e Psicoterapia Familiar e de Casal (8%).

Em relação à população infantil, a maioria é caracterizada por meninos (71%), com idade entre 06 e 12 anos (92,2%), residentes em Guarulhos (96,5%), encaminhados por escolas (32,6%), com queixas de dificuldades escolares (26,7%) e comportamento agressivo (20,8%). A maioria frequenta Ensino Fundamental I (60,9%), sendo encaminhados para a modalidade de atendimento em Psicoterapia Breve Infantil (46,8%) e Psicodiagnóstico Infantil (22,3%).

Percebe-se que a presente pesquisa vai de encontro ao já proposto por outras pesquisas que adotaram o mesmo método de coleta de dados. Autores sugerem a existência de um perfil específico de clientes que buscam os serviços-escola de Psicologia e o presente estudo demonstra semelhanças, considerando as categorias verificadas por ambas as pesquisas.

Apesar do assemelhamento em relação às queixas dos adultos, há diferenças nos encaminhamentos propostos, pois mulheres têm sido encaminhadas em grande número para modalidades específicas como Psicossomática (20%), Psicoterapia Familiar e de Casal e Atendimento Grupal, além da tradicional Psicoterapia Breve de Adulto. Sugere-se que ao propor atendimentos a demandas específicas, aos quais a população demonstra aderência, atende-se com maior eficácia as necessidades da clientela.

Demarca-se a importância da realização dos estudos sobre a caracterização da clientela, de modo a atender de maneira precisa e eficaz as necessidades da comunidade que procura estes serviços. A caracterização da clientela e o levantamento das modalidades de atendimento nas clínicas-escola de Psicologia são imprescindíveis para o funcionamento destas instituições (Campezatto, et. Al, 2005, In: Melo-Silva, 2005)

De acordo, com pesquisa realizada em literatura disponível sobre a temática dos serviços-escola de Psicologia, percebe-se que os estudos têm se mostrado atentos a estes aspectos, propondo segundo Silvares (2005), apud Melo-Silva, et. Al (2005) alternativas para adequar os serviços às reais necessidades da população, tais como o deslocamento do psicólogo à comunidade. Tal cenário marca uma importante mudança na formação profissional em Psicologia. A saída do profissional dos consultórios e instituições de saúde, delineia a possibilidade de uma atuação baseada em modelos preventivos em complemento às intervenções tradicionais de nível secundário.

Este enfoque é privilegiado no serviço-escola, objeto, do presente estudo por meio tanto da amplitude das modalidades de atendimento que além da psicoterapia

individual contemplam atendimentos em grupo e na modalidade de aconselhamento psicológico, bem como a implantação dos estágios em empresas, escolas e outras instituições com foco no trabalho preventivo e sócio-educativo. Tal configuração curricular aproxima-se da recente discussão sobre a formação do Psicólogo, conforme Gapski; Venturi, (1998) apud Melo-Silva, (2005) que se pauta na formação generalista, ou seja, a Psicologia apreendida com todas as suas potencialidades e contribuições.

Cabe ressaltar, no entanto, que apesar da crescente oferta de ênfases, os alunos ainda privilegiam as modalidades relacionadas à Psicologia Clínica, no momento de sua escolha. Mesmo hoje em dia, afirmam os mesmos autores citados, estudantes de Psicologia demonstram um interesse acentuado pela psicologia clínica, voltado para um trabalho em psicoterapia curativo e individualizado, no qual o contato com o paciente poderia ser caracterizado como de ajuda.

Permanece a ideia tanto para o aluno, quanto para alguns professores, de que o psicólogo se caracteriza como um profissional liberal que exerce suas atividades em consultório por meio de psicoterapia individual. Em conformidade, com as novas disciplinas ofertadas, o psicólogo deixaria de esperar seus pacientes em consultório para prestar seus serviços à comunidade.

Estas ideias construídas em torno da profissão, influenciam as escolhas dos alunos e se tornam entraves ao maior desenvolvimento das modalidades preventivas. Por isso, se faz importante o constante esclarecimento aos alunos sobre a amplitude da atuação do Psicólogo que se coaduna às exigências do mercado, principalmente no campo da saúde pública, trabalho com enfoque sócio educativo, atuação em empresas entre outros.

Apesar destas variáveis precisarem ser levadas em consideração, destaca-se o diferente olhar lançado para a formação do Psicólogo como importante elemento para que mudanças se efetivem também em relação ao perfil da clientela que hoje procura atendimento em nível secundário. Sugere-se que a mudança de perfil, possa acontecer em longo prazo, na medida em que as estratégias preventivas se façam presentes e mostrem sua eficácia, complementando à modalidades de tratamento propriamente dito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os objetivos propostos para esta pesquisa foram devidamente atingidos, pois foi possível caracterizar o perfil da clientela que procura o atendimento psicológico neste Serviço-escola.

Constatou-se que o perfil traçado vai de encontro ao já publicado na literatura sobre o tema, a saber: entre os adultos, mulheres jovens, solteiras e/ou casadas, donas de casa ou estudantes, residentes em localidades próximas ao Serviço-escola, que buscam atendimento espontaneamente, com queixas relacionadas à problemas familiares, ansiedade e depressão. Quanto às crianças, a maioria da população é do sexo masculino, entre 06 e 12 anos, encaminhados por escolas, com dificuldades escolares e comportamento agressivo, cursando Ensino Fundamental I, também residentes em localidades próximas ao Serviço-escola.

Demarca-se a importância da realização dos estudos sobre a caracterização da clientela, de modo a atender de maneira precisa e eficaz as necessidades da comunidade que procura estes serviços. Dada a importância e relevância do tema, sugere-se a realização de mais pesquisas que busquem identificar e compreender seu público alvo, com vistas à melhoria dos serviços oferecidos à população.

REFERÊNCIAS

BOECKEL, M.G. et. al. O papel do Serviço-Escola na consolidação do Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia. In: **Rev. Psicologia: Ensino e Formação.** Ano 1, v.1 abril/2010.

CAMPEZATTO, et. al. Interface entre a Psicologia Clínica e a Psicologia da Saúde no Serviço de Atendimento Psicológico da PUC/RS. In: MELO-SILVA, SANTOS e SIMON e cols. **Formação em Psicologia**: serviços-escola em debate. São Paulo: Vetor, 2005.

CAMPEZATTO, P. V.M. e NUNES, M.L.T. Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de Psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 20, n.3, Porto Alegre, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000100010&lng=pt&nrm=isoAcesso em: 15 abril 2010.

MELO-SILVA, SANTOS e SIMON e cols. **Formação em Psicologia**: serviços-escola em debate. São Paulo: Vetor, 2005.

POUPART, J. et. al. **A pesquisa qualitativa:** Enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROMARO, R.A & CAPITÃO, C.G. Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade São Francisco. Rev. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 05, n. 01, p.111-121, 2003. Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S151636872003000100009&script =sci_arttext Acesso em: 10 abril 2010.

_____ Identificação das queixas de adultos separados atendidos em uma clínica-escola de psicologia. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 28, n. 04, p. 780-793, 2008. Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S141498932008000400010&s-98932008000400010&script=sci_arttext Acesso em: 05 abril 2010.

VILLWOCK, C. Perfil sociodemográfico e principais queixas dos pacientes encaminhados à clínica-escola de Psicologia do serviço de atendimento psicológico – CESAP/ULBRA GUAÍBA.

I FÓRUM DE SERVIÇOS-ESCOLA DE PSICOLOGIA DO PARANÁ : RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mari Angela Calderari Oliveira / PUC-PR
Maria Clementina M. Mendes / UFPR
Ângela Sanson Zewe / CRP-08
Claudia Cibele B. Cobalchini / UTP
Fernanda Gutierrez Magalhães / UP
Olivia Justen Brandenburg / FACEL
Priscila Frehse Pereira Robert / Dom Bosco
Sônia Maria Roncaglio / FAE

10 de junho – 15:00 – Encontro de Gestores dos Serviços Escola do Paraná

Estiveram presentes as seguintes instituições: UEM, UNC, Unicentro (*campus* Irati); UFPR; PUCPR (Curitiba); FACEL; UTP; UP; FAE; DOM BOSCO; FADEP.

Após apresentação sobre a motivação do encontro, pela psicóloga Maria Clementina Menghini, passou a palavra para Vânia Santana, representante da UEM, a qual apresentou a forma de estruturação do serviço escola, assim como sua demanda de atendimento. Em seguida, a coordenadora de curso da UNICENTRO, *campus* Irati, Cláudia R. M. Martins relatou que desde 2003 existe o curso de Psicologia, tendo uma média de 30 alunos por semestre, distribuídos nos campos de estágio (CAPS, escola, psicossocial, orientação profissional, aconselhamento, psicopatologia), somados a pesquisa e extensão. Comentou sobre estrutura do curso e a clínica escola que existe desde 2007.

Após, Clementina instigou a partilha das experiências das demais IES presentes, da qual surgiu a constatação das diferentes práticas e formas de organização, como as reuniões semanais de todos os supervisores, as mostras de estágio, as discussões de estudos clínicos, as diferentes realidades da presença nos espaços públicos, etc.

Abertura

19:00 – Psicóloga Dra. Suzane S. Löhr - "Histórico, pesquisas e perspectivas dos serviços-escola de psicologia do Brasil

A palestrante iniciou sua fala situando a estruturação da Psicologia enquanto ciência e profissão no Brasil. Em seguida falou sobre a diversidade nas nomenclaturas dos Serviços-escola, enfatizando a análise da qualidade do serviço que permite a avaliação da complexidade da formação, oportunizando aos estudantes a convivência com situações reais (habilidades e competências) e a atenção às necessidades e direitos da comunidade.

Em seguida problematizou a dupla função de formação e atendimento à comunidade, contrapondo o modelo clínico tradicional às novas vertentes de atuação.

Por fim, questionou qual o profissional que queremos formar, sugerindo aspectos que devem estar presentes na formação, como: capacidade de análise crítica da realidade, forte alicerce ético; formação generalista; articulação entre teoria e prática e a o incentivo a educação continuada.

11/06/2011 – Psicóloga Dra. Eliana Herzberg – A hora é agora: a urgência na gestão de serviços escola

A palestrante abordou legislações que orientam a prática do psicólogo enfatizando as funções do gestor na organização e planejamento do serviço-escola.

Relembrou a importância do prontuário para a administração do atendimento do paciente e apresentou o prontuário eletrônico (PEP) desenvolvido pelo serviço-escola da USP, apontando que a organização dos dados serve de apoio para tomada de decisão, além de orientar o tipo de tratamento e encaminhamento.

Dentre as funções do PEP destacou: fonte de informação clínica e administrativa; registro legal; apoio à pesquisa (estudos clínicos, epidemiológicos, avaliação de qualidade); promoção do ensino e gerenciamento dos serviços.

11 de junho – Grupos de Trabalho

GT 1: Triagem e psicodiagnóstico

Destacou-se a função da triagem como um processo de formação do aluno no que diz respeito à compreensão da queixa, intervenção e encaminhamento.

Abordaram-se diferentes formatos: entrevista; triagem estendida, ou interventiva.

Foram apontados limites no processe de triagem, como o atendimento às emergências; falta de formação dos supervisores para relação com SUS; a capacitação para acolhimento das clientelas específicas e de risco; a necessidade de intervenção clínica nos sistemas públicos de saúde. Foram sugeridas também a inclusão na formação de disciplinas específicas de saúde pública; a capacitação para demandas atuais; a sistematização de dados; o fomento das atividades em grupo a partir da triagem; incentivo a oficinas terapêuticas para fila de espera.

GT 2: práticas diversificadas+instituição/comunidade

Após apresentação dos participantes e troca de informações sobre formas de organização dos serviços escola, a vinculação com as práticas profissionais e/ou estágios, debateu-se sobre as legislações (MEC e CFP) que regulamentam tanto a formação como as práticas profissionais, sobre presença de supervisor e a minuta proposta pelo CRP08, solicitando-se esclarecimentos à COF. Com a legislação de estágio do Ministério do Trabalho, persistiu dúvidas sobre a proposição do CRP08 de que estivessem presentes em todos os campos de estágio o psicólogo, o que vetaria algumas práticas tradicionais, por exemplo em escolas, ou inovadoras/diversificadas, em comunidades, entidades, grupos como pastorais, etc. Deste debate surgiram alguns encaminhamentos: fóruns regionalizados no Estado para posterior consulta pública sobre a minuta do CRP08; proposição de evento junto à ABEP sobre definição de serviços escola (se as diferentes práticas profissionais, pedagógicas, estágios podem ser entendidas como tais); criação de grupo de discussão por e-mail; debate sobre a formação: inserção da categoria no poder público; plano para profissão (que profissional se quer formar?).

GT3: Formação Profissional/Supervisão

Discutiu-se tanto o estágio curricular quanto o profissionalizante, o supervisor como modelo que proporciona a aproximação, possibilita a autonomia. Enfatizou-se a necessidade de capacitação técnica e teórica para o supervisor. Entende-se este enquanto em exercício profissional que responde à Função legal, no papel de psicólogo; também se questionou sobre as condições dos campos de atuação, se respondem às exigências de resolução/regulamento. Também se debateu sobre carga horária e número de supervisionandos por professor, assim como a necessidade de supervisor local.

Em plenária, fora colocado em votação:

- Sobre a proposta de solicitar esclarecimentos sobre a minuta do CRP: 1 abstenção e 19 votam a favor;
- Sobre constituição grupo de e-mail: uma abstenção e 19 votam a favor;
- Sobre evento/grupo junto à ABEP: 10 votam a favor; 4 abstenções; 4 votam contra;
- Sobre a organização do II Fórum de Serviços Escola: todos (unânime) votam a favor;
- Votação sobre a sede e a data do próximo Fórum: unânime que a decisão seja via e-mail;
- Encaminhar para CRP e ABEP: importância da triagem na formação; inserção de disciplinas; capacitação dos supervisores; sistematização das informações. Esta proposta também foi unânime.

Avaliação do grupo de organização sobre o Fórum e sua avaliação pelos participantes

Pontos positivos:

- ter acontecido;
- 1º encontro causar angústia;
- compartilhar experiências – acesso a diferentes contextos;
- pré-encontro com coordenadores;
- discussão da minuta – resolução.

Pontos negativos:

- comprometimento das IES (na participação);
- divergentes expectativas;
- proporcionar direcionamentos (focos);
- dificuldade de acesso aos RTs.

Sugestões

1. manutenção do encontro de coordenadores/RTs – no meio do evento;
2. oferecer mais um dia com outras atividades (mesas redondas, apresentação de trabalhos).

Percepção dos grupos:

Supervisão:

- ética na formação; modelo;
- formação continuada;
- supervisor é psicólogo em exercício;
- havia 13 pela manhã e 09 à tarde.

Triagem:

- formação: importante levantamento de queixa/expectativas;
- diferentes formas de manifestar - processo à parte ou parte do processo?

Avaliação

Gráfico sobre levantamento das avaliações do I Fórum de Serviços-Escola de Psicologia do Paraná, 10 e 11 de junho de 2011:

Havia 81 pré-inscrições, sendo que compareceram ao fórum 46 participantes, dos quais 17 responderam a avaliação, descrita abaixo.

EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTOS EM CLÍNICA DE HEMODIÁLISE NA CIDADE DE SERTÃOZINHO-SP

Carmem R. B. Balieiro, Talita Chaud, Luiz R. M. Ferro, Fernanda Martins, Lívia Zambom
Universidade Paulista - UNIP, Campus Ribeirão Preto

O presente trabalho é um relato de uma experiência de estágio em uma clínica de hemodiálise na cidade de Sertãozinho – SP, realizada por quatro alunos com pacientes que passam por processo de diálise. A doença renal é um problema de saúde pública porque causa elevadas taxas de morbidade e mortalidade e, além disso, tem impacto negativo sobre a qualidade de vida relacionada à saúde, que é a percepção da pessoa de sua saúde por meio de uma avaliação subjetiva de seus sintomas, satisfação e adesão ao tratamento. Passar por um tratamento de hemodiálise é um processo que provoca, na grande maioria dos pacientes, uma série de complicações psicológicas e emocionais, sobretudo pela necessidade de adequação ao novo estilo de vida, dentre eles, o de ter uma vida mais sedentária, em muitos casos, impossibilitando até o trabalho, ainda há outras limitações como é o caso da nova dieta alimentar e o controle rigoroso da ingestão de líquidos. Diante dessas novas circunstâncias, o paciente começa a sentir-se inútil e com isso vai deprimindo-se. Durante a realização do trabalho, recebíamos da equipe clínica da instituição a solicitação para atendermos alguns casos de maior gravidade, além disso, abordávamos pacientes durante a diálise aleatoriamente. Os atendimentos foram feitos no modelo de Atendimento Breve, construindo um *rapport,* acolhida e devolutiva ao paciente. Pode-se perceber durante os atendimentos uma abertura maior ao serviço da Psicologia por parte dos pacientes e com isso uma melhoria na qualidade de vida dos mesmos, bem como uma interação com o a equipe clínica, construindo-se uma ação multidisciplinar. Portanto, há inúmeras possibilidades de atuação do psicólogo em contextos de atenção a saúde, em nosso trabalho demos ênfase a duas perspectivas: a primeira foi a intervenção psicológica a pacientes nefropatas, possibilitando ao profissional da área da Psicologia a conhecer e oferecer um *holding* a pessoas que, em inúmeros casos passam por sintomas depressivos e, em algumas situações a sintomas psicóticos; e a segunda foi a percepção da necessidade de uma interação entre as várias

áreas do conhecimento científico para a melhoria dos atendimentos, bem como o olhar à própria equipe como um item de intervenção a ser pensado.

Palavras-chave: Atendimento Breve, Hemodiálise, Nefropatas.

PLANTÃO PSICOLÓGICO: DO FOCO EMERGENTE À EMERGÊNCIA DO FOCO

Luciano Henrique Peres, Soraya Souza
Universidade Paulista

No plantão psicológico o foco emergente é clarificado através da urgência do acontecimento. A intervenção no Plantão Psicológico tem como objetivo diminuir a ansiedade, viabilizar recursos pessoais, mobilizar o cliente a refletir sob novas perspectivas do problema. A metodologia utilizada é psicanalítica de orientação lacaniana. Foram realizados três encontros com o cliente: o primeiro: a queixa, no segundo: o exame clínico e no terceiro: a delimitação da emergencialidade. Os resultados obtidos foram: Num primeiro encontro-o cliente P.T. Trouxe como queixa manifesta a ansiedade em relação à vida apresentando sua dificuldade de " levar adiante – seus estudos de doutorado e o casamento", e ainda, um quadro depressivo associado a descoberta do suicídio do Pai. Num segundo encontro: o estagiário atendeu o cliente acompanhado do psiquiatra do Centro de Psicologia Aplicada de São José dos Campos para realizar o exame clínico e solicita ao cliente que fale sobre o motivo que lhe fez procurar a ajuda. O cliente rememora quando estivera na Inglaterra, com seus avós paternos, sua avó diz da identificação do cliente com o pai e pela primeira vez relata o suicídio paterno. A mãe de P.T. informou-o que "seu pai havia caído do prédio". O cliente não questionou o acidente que havia colocado fim a vida do seu pai. O cliente afirma que não associa este acontecimento com seus sintomas, no entanto, quando questionado sobre o motivo de solicitar ajuda é esta reminiscência que se atualiza. No terceiro momento: P.T. relata sobre seu desejo de retornar à Inglaterra para levar adiante os estudos. Diante do exposto, os resultados obtidos foram: que P. T. estava sofrendo uma desintegração egoica revelada no processo do foco emergente à emergência do foco, ou seja o ego fragmentou-se em inúmeras partes com o fim de evitar sentir a ansiedade que se apresentava exagerada. O foco emergente apresentava-se através de uma inibição e a emergência do foco indicou uma desestruturação egoica. O cliente foi encaminhado para psicoterapia individual.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, emergencialidade, psicoterapia

PLANTÃO PSICOLÓGICO EM CLÍNICA-ESCOLA UM SERVIÇO À COMUNIDADE E AO PRÓPRIO PLANTONISTA

Gilson de Almeida Pinho, Soraya Souza
Universidade Paulista

O plantão psicológico é uma tendência mundial nova na Psicologia Clínica, mas já conquistou reconhecimento como serviço psicológico importante para a saúde mental, principalmente nas instituições públicas, e até em clínicas particulares. A finalidade básica do serviço de plantão é fornecer atendimento imediato a pessoas em situações de emergência e/ou urgência, a fim de ajudá-las a lidar com problemas intelectuais, emocionais, comportamentais e existenciais decorrentes do enfrentamento dessas situações. Também serve como atendimento a pessoas em momentos de crise psicológica recorrente, quando já apresenta uma psicopatologia prévia; e como medida preventiva ante a possível ameaça de uma crise. Em qualquer desses casos, o plantão psicológico busca aliviar a ansiedade, dor e confusão imediatas. Mais que atendimento a alguém necessitado, o plantão precisa ser visto como uma relação humanizadora entre duas pessoas, onde o plantonista busca ajudar a pessoa atendida a compreender sua própria fala, e compreender a si mesmo em sua fala. Mas o atendimento no plantão não é apenas o encontro de duas pessoas, pois a própria instituição onde ele se dá é altamente significativa para qualidade do mesmo, ou seja, o encontro passa a ser a três: cliente, plantonista e instituição. Mais ainda, o próprio encontro tem uma significação especial, como se adquirisse personalidade própria – compreender isso é um desafio. O plantão psicológico em clínicas-escolas é uma forma de preparação prática para o futuro profissional de Psicologia, mas também visa levá-lo a conhecer a comunidade onde atuará quando formado, visa prestar um serviço a essa comunidade e visa levar o plantonista a conhecer suas próprias necessidades e angústias pessoais ao se deparar com as necessidades e angústias da pessoa que está atendendo. No fim do processo, talvez o maior beneficiário com o atendimento no plantão psicológico seja mais o plantonista que a pessoa que ali buscou ajuda. Independente do fato de haver ou não encaminhamento da pessoa atendida para uma psicoterapia breve ou convencional, ou para outro profissional, conforme a necessidade, o plantão psicológico é um serviço por

tempo limitado, e o plantonista deve saber conduzir seu cliente para esse momento de fim de atendimento, para que ao sair dali, se ele não estiver com seus problemas resolvidos ou encaminhados, pelo menos saia satisfeito com a atenção recebida, e ciente que as portas continuam abertas caso sinta necessidade de voltar para novo atendimento. As poucas sessões no plantão psicológico são momentos importantes para as pessoas atendidas, pois elas têm atenção total e incondicional de alguém que não se sente incomodado com suas reclamações, dores, falhas e inseguranças. Ao contrário, é alguém que realmente se interessa por tudo isso, mas, principalmente, está mais interessado na pessoa dos problemas, que nos problemas da pessoa. As poucas sessões no plantão psicológico em clínica-escola também são momentos importantes para a pessoa que faz o atendimento, pois não está apenas sendo treinado para ser um profissional, é alguém que está aprendendo a ser mais empático, mais humano, ou seja, é gente que está aprendendo a ser muito mais gente.

Palavras chave: Plantão Psicológico, emergência/ urgência, Saúde Pública.

ATENDIMENTO DE FAMÍLIAS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO DO IPUSP – BENEFÍCIOS DA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA FRENTE AOS CONFLITOS DOS GRUPOS FAMILIARES

Tiago Yehia de la Barra, Iana Ferreira, Fernando Lombardi, Heloísa Antonelli Aun, Henriette Tognetti Penha Morato
Instituto de Psicologia, USP, São Paulo

Este trabalho pretende levantar os elementos que surgem como conflitos prementes nos grupos familiares e uma modalidade de prática psicológica que se apresenta como pertinente para a condução dos mesmos, tomando-se como base os atendimentos realizados no serviço de Plantão Psicológico a partir do olhar fenomenológico existencial. Serão utilizados como base atendimentos feitos a quatro famílias que procuraram o Plantão Psicológico do LEFE no IPUSP ao longo do primeiro semestre de 2011, tendo um deles se tornado um acompanhamento regular semanal. Também serão pesquisados os relatórios de outros atendimentos semelhantes, realizados no mesmo período por diferentes estagiários, além de entrevistas com os psicólogos que fizeram as supervisões desses atendimentos. Espera-se que o presente trabalho mapeie os principais conflitos que tem lugar dentro dos grupos familiares. Tendo em vista certas características do atendimento em sistema de plantão – em especial, a temporalidade compreendida para esse encontro – pode-se supor que essa condição propicie o surgimento de dificuldades fundantes que emergem no convívio familiar. Também se espera que a forma de atuação dos estagiários/psicólogos nesses atendimentos, baseada na perspectiva da fenomenologia existencial, que direciona o olhar de todos os envolvidos para a dinâmica de relações e sentidos que se presentificam no próprio atendimento, traga colaborações acerca da prática psicológica voltada para famílias. A perspectiva fenomenológica tem se mostrado apropriada para os atendimentos de grupos familiares por pressupor não existir uma única realidade, mas que esta se constitui a partir do sentido que cada ser humano atribui às suas experiências. Desta maneira, os diferentes pontos de vista sobre situações vividas pelo grupo e que emergem durante os atendimentos podem ser incluídos e são validados como a experiência genuína de cada dos seus membros. Uma vez que o estagiário/psicólogo procura mediar e atuar junto ao grupo, oferecendo essa nova

perspectiva, conflitos referentes à dificuldade de respeitar compreensões singulares, de levar em conta a diversidade de lugares e pontos de vista assumidos por cada um no grupo, bem como problemas de comunicação disso decorrentes, são direta e intensamente abordados mesmo que o atendimento se restrinja a um único encontro.

Palavras-Chave: Plantão Psicológico, Família, Fenomenologia Existencial, Prática Clínica.

ANÁLISE DE CASO EM PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO DE UMA CRIANÇA QUE "NÃO SABIA"

Jacqueline Nascimento da Fonseca de Faria, Liantony Roger Lima Lopes, Camila Young
Universidade Paulista – São José dos Campos

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os benefícios do psicodiagnóstico compreensivo em grupo realizada na clinica escola da Universidade Paulista – Unip de São José dos Campos. Para tanto, utilizamos a analise de caso de um garoto de oito anos que foi levado à clinica escola pela mãe após uma queixa escolar que referia-se que a criança se encontrava distante em sala de aula, a mãe por sua vez incluiu que percebia o filho triste e com dificuldades para elaborar perdas. O trabalho foi elaborado a partir do enfoque da teoria psicanalítica, tomando como base os textos de Cunha, utilizando-se o processo de atendimento grupal em virtude da grande demanda de pessoas que procuram o serviço oferecido pela clinica-escola. Durante o psicodiagnóstico foram realizadas dez sessões, sendo três com a mãe para esclarecimento da queixa e coleta de dados através da anamnese, seis com a criança, nas quais foi desenvolvido um espaço lúdico com acesso a jogos e brinquedos, proporcionando espaço interativo com outras crianças, uma sessão família, onde mãe e filho participaram e realizaram uma atividade coletiva com o tema Nossa Casa. Para enriquecer os dados também foram realizadas visitas a casa da criança e a escola, ao final do processo, realizou-se a devolutiva com a criança de maneira lúdica através de um livro que lhe contasse sua historia e a devolutiva com os pais. Durante as sessões percebeu-se que o garoto apresentava uma grande timidez, evitando brincar com as outras crianças e também em se comunicar, afirmando quase sempre não saber responder perguntas simples sobre seu cotidiano. Pode-se averiguar que este comportamento era resultado de uma grande dependência que a criança tinha com a mãe decorrente de uma insegurança que era transmitida pelos pais e alimentada pela dinâmica familiar, porem, durante o desenvolvimento das sessões, foi-se constatando a diminuição gradual desta timidez, chegando ao ponto de nas ultimas sessões ele acabar aceitando se relacionando com outra criança, e a mãe colocar que ele estava chamando amigos para brincar em casa, alem do fato de sua professora ter percebido uma mudança considerável no comportamento social do garoto, em relação ao

inicio do ano, tornando-se mais sociável com os colegas de classe. Ao final do processo percebeu-se que apenas uma orientação com os pais onde foi proposto que aumentassem o dialogo diálogo na família e a qualidade do tempo que passavam juntos encerrando assim o caso. Concluímos que, obteve-se um grande resultado em relação a este caso, pois utilizando apenas utilizando-se das sessões lúdicas de psicodiagnóstico sem uma forma mais intensiva e direcionada de intervenção, conseguiu-se que a criança realizasse um grande progresso em relação ao inicio do processo, Constatando assim que o processo de psicodiagnóstico compreensivo grupal pode gerar resultados em um curto período de tempo em determinados casos, o que beneficia não somente aqueles atendidos, mas também a sociedade, auxiliando a diminuir as filas de espera por atendimento psicológico no sistema de saúde publica.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico; Psicologia Clínica; Psicologia Infantil.

PSICODIAGNÓSTICO GRUPAL: UM ESTUDO DE CASO

Maria Carolina Esteves A. Silva, Samara Luzia Lucena da Silva, Terezinha Maluf, Camila Young
Universidade Paulista

O presente trabalho foi realizado na Clínica Escola de Psicologia Aplicada da Unip São José dos Campos que oferece serviços de atendimento psicológico a crianças e adultos. Esta análise objetiva um estudo de caso de um garoto de 9 anos com a queixa de não ser amado, apresentar apatia nos estudos, vontade de morrer, ser agressivo e chorar sem motivo aparente. Essa demanda foi trazida pela família. Trata-se de um estudo embasado nos pressupostos teóricos-metodológicos propostos pela professora Doutora Marília Ancona – Lopez que aborda o psicodiagnóstico grupal a luz da teoria existencial-fenomenológica. Para compreender melhor o caso e contextualizá-lo dentro do processo de psicodiagnóstico as informações foram obtidas através das entrevistas com os pais, anamnese, sessões lúdicas com a criança, sessão com a família, visita domiciliar acordada com a família, uma visita escolar, sessão devolutiva com a criança e outra com os pais para o encaminhamento do caso. A partir do que foi coletado e observado notamos que a criança, por ser o filho mais novo, é paparicado por todos e com isso apresenta-se dependente não desenvolvendo recursos para resolver seus problemas, demonstrando agressividade quando contrariado. Devido à organização da sua família, ninguém assume o papel de cuidador, pai e mãe dele, ocasionando sentimento de não ser amado. É importante ressaltar que a visita domiciliar e escolar foi primordial para compreensão da dinâmica da criança e estrutura familiar. Por meio destes instrumentos foi possível entrar em conato com a história da família, confirmando algumas informações, refutando outras e enriquecendo os dados. Assim, com a articulação das novas informações obtidas notamos uma fragmentação familiar que resulta em falta de comprometimento dos pais com o cuidado do filho gerando insegurança infantil. Desta forma, concluímos fundamental um acompanhamento terapêutico para apoiar a reorganização familiar e as dificuldades internas apresentadas pela criança.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico grupal, visita domiciliar, visita escolar.

PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO GRUPAL COM CRIANÇAS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Rafael F. Ribeiro, Camila Young
Universidade Paulista – Campus São José dos Campos

O presente resumo tem por objetivo apresentar um estudo de caso em psicodiagnóstico grupal realizado com uma criança de 8 anos, na clinica escola da Universidade Paulista localizado em São José dos Campos. Devido a grande demanda ao atendimento psicológico junto à comunidade, percebeu-se a necessidade de elaborar formas de atendimento diferentes da tradicional. Assim, o presente trabalho se propôs a realizar o processo de psicodiagnóstico em grupo a luz dos pressupostos da fenomenologia existencial. O atendimento psicológico do caso apresentado iniciou-se com o encaminhamento da escola com a queixa de “maus comportamentos” da criança no ambiente escolar, agressividade e mentiras em excesso. Como procedimentos de coleta de dados foram usados entrevista inicial com os pais, anamnese, atividades lúdicas com a criança, visita domiciliar, visita escolar e devolutivas com a criança e com os pais. Como resultado da analise, observou-se na criança aspectos diferentes da queixa inicial. Constatou-se justamente o contrário, empatia com os colegas, respeito, socialização, tolerância a frustração e criatividade. Assim, pode-se compreender que a forma da criança de ser e estar no mundo era extremamente equilibrada do ponto de vista mental e social. A queixa escolar não se confirmou, o que se remete a refletir sobre as questões da realidade escolar. Dessa forma, optou-se pelo encerramento do processo e orientação dos pais sobre questões referentes à rigidez da família, que contribui para aparecimento da mentira. Conclui-se que o processo de psicodiagnóstico teve sua finalidade alcançada, oferecendo apoio à criança e sua família, não havendo a necessidade do encaminhamento para um tratamento psicológico, evitando com isso, as longas filas de espera do sistema de saúde pública e a resolução do caso.

Palavras-chave: psicodiagnóstico compreensivo, queixa escolar, comunidade

A PSICOTERAPIA INFANTIL COMO ESPAÇO PARA OCUPAR O LUGAR DO PAI AUSENTE: UM ESTUDO DE CASO

Ana Paula Medeiros; Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes; Valeria Barbieri.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A presença da figura paterna é essencial para que o filho tenha um bom desenvolvimento cognitivo e emocional. A ausência desta figura pode influenciar negativamente no desenvolvimento da criança. Muitas vezes a mãe procura por alguém que possa substituir essa falta, para cuidar e dar atenção, tanto à ela quanto para a criança. É possível hipotetizar que, ao buscar psicoterapia e a figura do terapeuta, tem-se a tentativa de ocupar este espaço da função paterna. Este trabalho pretende analisar um processo de triagem interventiva, de uma criança, Pedro (nome fictício), de 8 anos, que tem pais separados. O processo de triagem é composto por entrevista inicial com os pais; sessão lúdica com a criança; sessão familiar, e devolutiva, com os pais e com a criança. Na entrevista inicial a mãe de Pedro contou que procurou atendimento porque a criança sentia falta do pai, era nervosa e irritada. A partir da análise dos obtidos e da forma como a mãe de Pedro comportou-se durante a entrevista, é possível sugerir a hipótese de que as dificuldades apresentadas são dificuldades dela, que aparentou nervosismo e incoerência ao aprofundar a queixa em relação à criança. Na sessão lúdica, Pedro não desenvolveu nenhuma brincadeira, apenas conversou com o terapeuta. Notou-se que a criança possuía capacidade intelectual preservada, mas se esforçava para parecer mais maduro, o que pode ser entendido como a tentativa de ocupar o lugar de seu pai. Na sessão familiar compareceram Pedro e sua mãe. Ambos se envolveram em brincadeiras, mas separadamente: enquanto a mãe brincava com blocos, Pedro desenhava. A mãe disse que eles conversavam bastante sobre vários assuntos, como se confundisse a figura do filho com a de um companheiro/parceiro. Percebeu-se que a mãe de Pedro procurava intermediar as conversas entre ele e o terapeuta, bloqueando o gesto espontâneo e criatividade da criança. Além disso, ao se colocar entre as duas figuras, a mãe pareceu intermediar uma relação entre pai e filho, fazendo pensar que o objetivo da terapia seria encontrar uma pessoa que substituísse o lugar do pai de Pedro. Durante a devolutiva, pode-se discutir com a mãe as hipóteses levantadas durante o processo. Ela

recebeu bem as informações e aceitou a indicação de psicoterapia para ela. Pode-se perceber que as maiores dificuldades em relação à presença ou não da figura paterna são oriundas da mãe, que parece sentir-se sozinha e insegura com relação aos cuidados com a criança. Nota-se que a mãe sente-se abandonada pela figura masculina, gerando uma necessidade de intermediar a relação do filho em outros relacionamentos, como aconteceu na sessão familiar. Percebe-se, então, que o sentido da ausência da figura paterna pode influenciar o desenvolvimento de toda a família. No entanto, Pedro apresentou bom potencial, o que pode facilitar que seu desenvolvimento emocional ocorra. Com relação a sua mãe, esta parece passar por dificuldades em decorrência da ausência do companheiro, resultantes tanto de um sentimento de vazio quanto de insegurança na educação do filho. A psicoterapia a ajudará a repensar estratégias de enfrentamento, fazendo com que ela se sinta melhor e esteja mais preparada para cuidar do filho.

Palavras-chave: triagem; ausência paterna; educação dos filhos.

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO EM HOSPITAIS DE CUSTÓDIA: NOVOS ATALHOS PARA ALÉM DOS MUROS

Margarida C. Mamede, Elidiana Soares Reis, Suzanne Akamine, Aparecida Bueno
Universidade Cruzeiro do Sul

A Lei da Reforma Psiquiátrica implantada no Brasil em 2001(Lei Federal n. 10.216/01) deflagrou a necessidade de se rever a atenção em saúde mental, principalmente para pacientes internados em hospitais de custódia e tratamento psiquiátricos, antigamente mais conhecidos como manicômios judiciários. Essas instituições abrigam pacientes acometidos por transtornos mentais que cometeram crimes (os “loucos infratores”), que são absolvidos pela justiça por serem considerados inimputáveis, mas são submetidos ao tratamento compulsório nessas instituições. Com o objetivo de iniciar o processo de reinserção familiar e social desses pacientes, em 2008 criou-se o Projeto de Acompanhamento Terapêutico com estagiários do Curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, com a qual o Hospital mantém parceria, para seis pacientes internadas em dois desses hospitais, situados na grande São Paulo. Artigos científicos sobre saúde mental e acompanhamento terapêutico, seja na linha psicanalítica ou em outras correntes de pensamento, têm dado destaque, nos últimos dez anos, para experiências e reflexões que legitimem a importância desse dispositivo. A experiência desse Projeto corrobora o que a literatura especializada ressalta, uma vez que há pacientes internados há mais de 10 anos, sem qualquer tipo de convívio social e, sem a figura do acompanhante terapêutico, a reinserção familiar e social poderia trazer mais dificuldades do que as já existentes. Dadas as condições na maioria das vezes sub-humanas, que cronificam as doenças e acabam gerando outras devido ao confinamento prolongado, os Ats vêem-se frente a desafios significativos, pois necessitam ajudar esses pacientes primeiro a restabelecerem as “pontes” consigo mesmos, para depois iniciarem a 2 passagem para além dos muros institucionais. As seis pacientes atendidas foram encaminhadas pelo Serviço de Psicologia dos Hospitais, são acometidas por transtornos psicóticos graves, sem respaldo familiar estão internadas ali há dez anos. Os atendimentos são realizados quinzenalmente, tanto dentro dos Hospitais como nas redondezas, e os estagiários são supervisionados pela responsável pelo Projeto. O referencial teórico adotado é a

psicanálise winnicottiana e a de Gilberto Safra. Os estagiários apresentam aos pacientes, gradativamente, referências de rotina extra-muros e aquelas que possibilitem um convívio social mínimo. O dispositivo clínico do acompanhamento terapêutico, nascido na Europa na década de sessenta, principalmente na Itália, quando essa viu a necessidade de se pensar na reforma psiquiátrica, tem se mostrado uma das maneiras mais efetivas para os trabalhadores de saúde mental preocupados com a reinserção de pacientes internados em hospitais psiquiátricos por longos períodos. Ter a possibilidade de apresentar essa prática ainda durante os estudos de graduação implica introduzir para os alunos não somente a questão da atual legislação brasileira em saúde mental, bem como a apuração para um olhar mais humano e sensível ao sofrimento do portador de transtorno mental infrator.

Palavras-chave: acompanhamento terapêutico, internação psiquiátrica de longa duração, reinserção social, reforma psiquiátrica.

CLÍNICA-ESCOLA: SAÚDE MENTAL TRATAMENTO PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO

Vera Lucia Gonçalves Beres, Victor Henrique Oyamada Otani
Universidade Cruzeiro do Sul

Este trabalho expõe a prática do tratamento, em conjunto, da psicologia e da psiquiatria no atendimento aos pacientes na clínica-escola do Núcleo de Estudos e Atendimento Psicológico da Universidade Cruzeiro do Sul nos seus três campis: Anália Franco, Liberdade e São Miguel. O enfoque adotado nos atendimentos aos pacientes, com base na psicanálise freudiana, permite-nos uma compreensão do(s) motivo(s) de consulta construindo um raciocínio clínico que privilegia os aspectos biopsicossociais. A escuta clínica ancorada na teoria possibilita-nos elaborar hipóteses que podem ser verificadas no âmbito da psicologia e, de acordo com a demanda desse(s) motivo(s), ser complementada com as contribuições da psiquiatria. A prática se desenvolve através dos atendimentos clínicos realizados pelos alunos do 4º e 5º anos de psicologia e das supervisões clínicas dos atendimentos e, também, do atendimento aos pacientes que os alunos realizam em conjunto com o psiquiatra. Os pacientes são encaminhados para atendimento psiquiátrico conforme a necessidade que é percebida e discutida em supervisão. Os alunos podem acompanhar o atendimento psiquiátrico ou mesmo discutir o caso em outro horário, uma vez que o aspecto acadêmico é prioritário. As discussões dos casos englobam o trabalho multidisciplinar, psicopatologia geral e específica, neurobiologia e psicofarmacologia. A proximidade com a Psiquiatria e o acompanhamento em conjunto dos pacientes enriquece a formação dos alunos e possibilita o contato precoce com as práticas de trabalho em equipe multiprofissional, fator fundamental para o tratamento adequado e bom prognóstico em Saúde Mental. Podemos verificar que, essa prática de atenção à saúde mental dos pacientes reflete na aderência ao tratamento e, também, na aprendizagem dos alunos de psicologia.

Palavras-chave: Clínica-Escola, Psicologia, Psiquiatria

PSICOTERAPIAS EM CLÍNICA-ESCOLA: AVALIAÇÃO DE MUDANÇA EM PACIENTES

Giovanna Corte Honda, Elisa Médici Pizão Yoshida

Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP

Resumo

Esta pesquisa objetivou investigar se os atendimentos prestados em uma clínica-escola de Psicologia ensejaram mudanças em pacientes e buscou compreender e sistematizar os fatores que podem ter influenciado os resultados das psicoterapias. Para tanto, realizou-se uma entrevista individual semi-estruturada, com nove participantes, em fase de término de atendimento psicoterápico, para avaliar eficácia adaptativa, estágio de mudança e sintomas psicopatológicos. Utilizou-se a *Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Redefinida* – EDAO-R, *Escala de Estágios de Mudança* – EEM e *Escala de Avaliação de Sintomas* – EAS-40. Os resultados sugerem que é possível esperar mudanças sintomatológicas e nos estágios de mudança. A configuração adaptativa é mais resistente a mudanças. As melhoras alcançadas pelos participantes envolveram mudanças em padrões de comportamento e de relacionamento, aumento de consciência, percepção sobre novos modos de lidar com as dificuldades, modificação na auto-imagem, valorização de atitudes e ampliação de potencialidades existentes, maior autonomia e melhora de sintomas. Sugere-se ainda que a qualidade do relacionamento entre estagiário de psicologia e paciente, além disposição do paciente como agente da própria mudança, podem ter sido relevantes nos resultados das psicoterapias, ainda que não diretamente avaliados. O número reduzido de participantes não permite a generalização dos resultados. Por este ser um estudo de caráter retrospectivo, são necessárias pesquisas longitudinais para o acompanhamento de processos psicoterapêuticos, em clínicas-escola, desde o início.

Palavras-chave: Pesquisa em Psicoterapia; Processos Psicoterapêuticos; Mudança (psicologia).

Introdução

Atualmente, existem duas principais correntes de pesquisa em psicoterapia, que acabam se complementando. As pesquisas de resultados têm como objetivo avaliar as mudanças em pacientes após intervenção, com intuito de se comparar o grau de mudança obtido no tratamento. As pesquisas de processos tentam responder como ocorrem as mudanças e quais fatores podem estar associados ao progresso ou retrocesso dos pacientes em psicoterapia (Honda, 2010).

O grupo de pesquisa em que as pesquisadoras estão inseridas tem trabalhado especificamente com duas variáveis de mudança: qualidade da eficácia adaptativa e estágio de mudança do paciente. A eficácia adaptativa compreende formas de solucionar e enfrentar os acontecimentos do dia-a-dia e sua qualidade envolve a adequação das respostas do indivíduo frente aos problemas, em relação a quatro setores de funcionamento da personalidade: Afetivo-Relacional (AR – respostas emocionais do indivíduo nas relações interpessoais e consigo mesmo), Produtividade (Pr – compreende respostas relacionadas a trabalho, estudo ou qualquer ocupação principal da pessoa), Sociocultural (SC – respostas associadas à estrutura social, aos valores e costumes do ambiente em que vive), e Orgânico (Or – envolve o estado e funcionamento do sujeito e cuidados com o próprio corpo) (Simon, 1989; Simon, 1997).

O estágio de mudança é uma das dimensões de mudança do modelo transteórico proposto por Prochaska (1995). Este modelo é empiricamente desenvolvido e mostra-se promissor, uma vez que não avalia uma teoria específica e pode ser empregado no estudo de diferentes tipos de psicoterapia. O princípio básico associado aos estágios é que os pacientes entram na psicoterapia com diferentes graus de consciência e motivação para começarem a trabalhar nos seus problemas. As atitudes, intenções e comportamentos do indivíduo determinarão seu grau de percepção diante das dificuldades e dependendo do seu nível de empenho para encará-las, a mudança poderá se desdobrar em seis etapas, não necessariamente lineares, que correspondem aos estágios de: Pré-Contemplação, Contemplação, Preparação, Ação, Manutenção e Término.

Em Pré-contemplação, o indivíduo não pretende mudar no futuro, uma vez que não há consciência de suas questões e ele resiste em reconhecer ou modificar algum problema, mesmo se amigos ou familiares sinalizarem que algo não está bem. No estágio de Contemplação a pessoa percebe e admite que possui um problema e pensa em superá-lo, mas não chega realmente a fazê-lo. Quando a passagem da intenção ao ato se concretiza, diz-se que a pessoa alcançou o estágio de Preparação. Neste, há alguma tentativa de mudança e mesmo que tenha melhorado alguns aspectos, a pessoa ainda não alcançou um critério para uma ação efetiva. O estágio de Ação envolve mudança de comportamento manifesto e requer esforço real para que os indivíduos modifiquem atitudes, com intuito de superarem seus problemas. Em Manutenção há esforço para não

retornar a padrões de comportamentos anteriores e trabalha-se para consolidar os ganhos obtidos durante o estágio de Ação. No momento em que há 100% de confiança de que os problemas anteriores não farão parte de um novo padrão ou comportamento, é possível falar em estágio de Término. Nele, as mudanças estão estáveis e não há motivos para retrocessos.

Ainda, deve-se considerar a experiência do psicoterapeuta e o contexto em que as pesquisas são realizadas. Em nosso meio, as clínicas-escola oferecem atendimento gratuito ou a semigratuito para a comunidade e, por isso, desempenham importante papel social, uma vez que, para muitos pacientes, constitui a única oportunidade de receber atendimento psicológico (Santeiro, 2008). No entanto, estudos científicos que focalizam a eficiência das intervenções psicoterapêuticas, neste contexto, são ainda incipientes. Diante deste quadro, este trabalho buscou sistematizar as mudanças propiciadas pelos atendimentos prestados por estagiários de Psicologia e procurou identificar os fatores que influenciaram a chance de progresso na psicoterapia, relacionando e comparando estágio de mudança, eficácia adaptativa e presença/ausência de sintomas psicopatológicos.

Método

Participantes – Nove pacientes adultos (oito mulheres e um homem) em fase de término de atendimento psicoterapêutico individual, provenientes de uma clínica-escola de Psicologia, localizada em um município do interior paulista.

Instrumentos – *Escala de Estágios de Mudança (EEM)*: É uma medida de auto-relato, composta por 32 itens, subdivididos em quatro grupos que correspondem aos estágios Pré-contemplação, Contemplação, Ação e Manutenção. Respostas em escala *likert* de cinco pontos, no qual 1 corresponde a *discordo totalmente* e 5 a *concordo totalmente*. A definição do estágio de mudança é dada pela maior pontuação nos itens de um determinado estágio. Revela-se uma medida interessante para uso de pesquisa envolvendo psicoterapias, pois resultados preliminares apontam para a validade do instrumento (McConnaughy, DiClemente, Prochaska & Velicer, 1989), inclusive no Brasil (Yoshida, Primi & Pace, 2003).

- *Escala de Avaliação de Sintomas (EAS-40)*: É uma medida de auto-relato, que avalia a severidade de sintomas psicopatológicos, segundo quatro dimensões: Psicoticismo (F1), Obsessividade-Compulsividade (F2), Somatização (F3) e Ansiedade (F4). Respostas em escala *likert* de três pontos, que representam a intensidade do sintoma: 0 (nenhum sintoma), 1 (pouco sintoma) e 2 (muito sintoma) (Laloni, 2001).

- *Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Redefinida* (*EDAO-R)*: Usa-se para avaliar a qualidade da eficácia adaptativa, que poderá ser classificada como Adequada, Pouco Adequada ou Pouquíssimo Adequada, em função do grau em que as respostas dadas pelo indivíduo resolvam o problema, tragam satisfação e evitam conflito interno ou externo. Através de entrevista clínica, as respostas são apreciadas segundo quatro setores do funcionamento da personalidade: Afetivo-Relacional (AR), Produtividade (Pr), Sociocultural (SC) e Orgânico (Or). A avaliação é feita apenas de forma qualitativa, sem atribuição de escores nos setores SC e Or, enquanto que os setores AR e Pr são estimados de maneira quantitativa e qualitativa. Há cinco grupos de diagnóstico adaptativo possíveis: Adaptação Eficaz (Grupo 1), Adaptação Ineficaz Leve (Grupo 2), Adaptação Ineficaz Moderada (Grupo 3), Adaptação Ineficaz Severa (Grupo 4) e Adaptação Ineficaz Grave (Grupo 5) (Simon, 1989; Simon, 1997).

Procedimento – Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Puc-Campinas (protocolo 813/09) para realização desta pesquisa, a primeira autora obteve informações, na clínica-escola de Psicologia, com professores supervisores a respeito de pacientes que estavam em fase de término do processo psicoterapêutico. Depois, entrou em contato com esses pacientes para informar sobre a pesquisa que estavam sendo convidados a participar e foi marcado um horário individual com aqueles que demonstraram interesse. Após o consentimento livre e esclarecido de cada participante, os instrumentos de auto-relato (EEM e EAS-40) foram aplicados e realizou-se uma entrevista para avaliação da EDAO-R. Os encontros foram gravados e transcritos para futuras análises.

As fases de pré e pós-intervenção foram comparadas. O início do processo psicoterápico foi apreciado por meio de avaliação clínica, em que as autoras atuaram como juízes independentes, tanto em relação à EDAO-R quanto à EEM. Deste modo,

analisaram a entrevista de triagem e o relato da primeira sessão que estavam transcritas no prontuário de cada paciente. Obteve-se consenso nas avaliações em que houve desacordo entre juízes.

Resultados

Apresentam-se os resultados fazendo-se comparação entre a fase de pré-intervenção e pós-intervenção. Os instrumentos escolhidos explicitam de modo objetivo as mudanças ocorridas e dão suporte para análise qualitativa. Os participantes foram divididos em subgrupos, de acordo com a classificação que apresentaram no estágio de mudança.

Tabela 1 – Evolução dos processos avaliados com a EEM

EEM pré e pós	Participante	EDAO-R pré e pós	EAS-40	Tempo
P/A↑	2	3/2 ↑	0,33	5/6 anos
	4	4/2 ↑↑	0,9	5/6 anos
PC/P ↑↑	5	5/5 =	0,77	≤ 1 ano
	6	4/4 =	0,75	≤ 1 ano
	7	4/4 =	0,77	2 anos
P/P =	1	5/5 =	0,6	≤1 ano
	3	?/4?	1,23	2 anos
	8	3/1↑↑	0	≤ 1 ano
C/P ↑	9	3/4 ↓	0,18	5/6 anos

* PC = Pré-contemplação
* C = Contemplação
* P = Preparação
* A = Ação

De acordo com a Tabela 1, seis participantes evoluíram no Estágio de Mudança, sendo que dois passaram do estágio de Preparação para o de Ação; três estavam no estágio de Pré-contemplação e passaram para o de Preparação; e um evoluiu do estágio de Contemplação para o de Preparação. Três participantes mantiveram o mesmo estágio de mudança (Preparação), segundo avaliação feita pela EEM. O tempo de atendimento variou entre os participantes, sendo que o mais longo durou seis anos (a cada ano conduzido por um estagiário diferente) e o mais breve, seis meses (um único estagiário). Três participantes tiveram evolução na eficácia adaptativa, quatro mantiveram a avaliação

inicial e um participante retrocedeu. Em um dos participantes não foi possível fazer comparação com a EDAO-R, pois não houve dados suficientes para avaliação no setor Produtividade, antes da intervenção. A avaliação através da EAS-40 possibilitou saber que dos nove participantes, um não apresentou sintomas psicopatológicos ao final do tratamento. O ponto de corte possibilita delimitar o nível de funcionalidade ou de desfuncionalidade dos participantes. Considerando-se que o ponto de corte da EAS-40 seja escore=1 (Yoshida, 2008), verifica-se que em relação ao Índice Geral de Sintomas, um participante apresentou escore acima do ponto de corte para população clínica.

Discussão

Esta pesquisa objetivou identificar se os atendimentos prestados em uma Clínica-escola ensejaram mudanças em pacientes, além de compreender os fatores que influenciaram a chance de progresso ou retrocesso nas psicoterapias. De modo geral, as melhoras assinaladas respeitam à: mudança em padrões de comportamento e de relacionamento; aumento de consciência; tentativa de se conhecer melhor e de refletir sobre sentimentos e modos de atuar no mundo; percepção sobre novos modos de lidar com as dificuldades; nova percepção de si mesmo (como modificação na auto-imagem, valorização de atitudes e ampliação de potencialidades existentes); alívio em compartilhar sentimentos e angústias em relação à queixa; maior autonomia; e melhora de sintomas.

Alguns dos fatores que podem ter tido influência nos resultados das psicoterapias refere-se à disposição dos participantes como agentes da própria mudança. Foi observado que em relação àqueles que se envolveram ativamente durante o processo, os que se mostraram passivos tiveram mudanças limitadas, ligadas à melhora de sintomas e alívio em relação à queixa. A severidade do transtorno (físico ou psicológico) também pode ser um fator de influência quando se fala de mudança em psicoterapia. Através do índice de sintomas psicopatológicos, avaliado por meio da EAS-40, constatou-se que uma participante, que possuía traços rígidos, característico de pessoas com sintomas obsessivo-compulsivos, estava acima do ponto de corte para população clínica, no que se refere ao índice geral de sintomas (IGS). Nos outros casos em que o IGS se aproximou do ponto de corte, uma possível explicação se deve à presença de distúrbios físicos que

interferem no estado emocional do participante ou devido à ansiedade gerada por problemas pontuais, não sendo necessariamente crônica.

Neste estudo, observou-se que quanto mais preservada a configuração adaptativa, maior a probabilidade de mudança, com evolução para outros estágios. Os participantes que tiveram evolução na eficácia adaptativa foram justamente os que alcançaram o estágio de Ação. A mudança em padrões de funcionamento indica que esses participantes adquiriram recursos mais adaptativos para responderem de forma mais eficaz aos acontecimentos.

Outro fator que pode ter sido importante no processo de mudança é a motivação que levou o paciente a buscar ajuda psicoterápica. Os participantes que inicialmente estavam no estágio de Pré-contemplação buscaram auxílio psicológico por motivos externos e pareciam não ter consciência dos problemas que estavam afetando suas vidas. De acordo com Prochaska (1995), pessoas nesse estágio dificilmente estarão dispostas a enfrentar suas questões, se não tiverem intervenções que visem o reconhecimento de suas dificuldades. Observa-se, no entanto, a ocorrência desse tipo de intervenção, visto que, ao longo das psicoterapias, os participantes deste estudo se envolveram no processo e desejaram continuar o tratamento. O contrário também pôde ser notado em participantes que apresentaram maior grau de reconhecimento de suas dificuldades. Aqueles que mostraram ter disposição para enfrentá-las, evoluíram para o estágio de Ação e estavam motivados a buscar uma mudança psíquica e não apenas o alívio de sintomas. Nota-se, portanto, que nestes casos, a motivação para mudança repercutiu em resultados positivos no processo. Deve-se, todavia, tomar estas afirmações com cautela, posto que a amostra foi constituída por pacientes que chegaram ao término dos atendimentos. E nesse sentido, ao não se contar com pacientes que abandonaram a psicoterapia em algum momento do tratamento, pode-se estar introduzindo um viés nas conclusões.

Considerações Finais

O estudo na clínica-escola de Psicologia possibilitou compreender que os atendimentos prestados por estudantes promoveram melhoras nos pacientes e que diferentes fatores podem ter contribuído para os resultados das psicoterapias. Acredita-se

que a partir da entrevistas, os participantes puderam rever e refletir sobre o processo psicoterápico do qual fizeram parte, de modo a observar as melhoras em suas vidas atuais. Além disso, os instrumentos de avaliação de auto-relato deram subsídio para complementar, de modo objetivo e sistematizado, as melhoras ou pioras apontadas por eles.

No que respeita à população atendida em clínica-escola, observou-se, nesta pesquisa, que alguns participantes tiveram dificuldades em compreender alguns itens e enunciados da EEM. A limitação na compreensão dos itens deve ser entendida como uma das condições restritivas deste estudo e, portanto, além da necessidade de modificação em alguns enunciados da Escala, sugere-se cautela na generalização dos resultados. Propõe-se, também, que as avaliações sejam complementadas com a observação clínica para que resultados mais fidedignos sejam obtidos.

Além disso, o número de participantes restringe a possibilidade de generalização dos resultados. Ademais, por esta pesquisa ser de cunho retrospectivo, as melhoras relatadas pelos participantes, limitam-se às informações vindas de suas lembranças, perdendo-se dados que poderiam ser considerados importantes. Em vista disso, enfatiza-se a necessidade de pesquisas longitudinais, em que os processos possam ser acompanhados desde o início, com a finalidade de se ter dados mais fidedignos dos fenômenos envolvidos nas psicoterapias, em clínicas-escola.

Referências

Honda, G. C. (2010). *Avaliação de Mudança em Pacientes de Clínica-escola*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Disponível em http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=1649&PHPSESSID=e084340f4a6181320920d6429426d0ab

Laloni, D. T. (2001). *Escala de Avaliação de Sintomas-90-R SCL-90-R: Adaptação, Precisão e Validade.* Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Disponível em http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=1364

McConnaughy, E. A., DiClemente, C.C., Prochaska, J. O., & Velicer, W. F. (1989). Stages of Change in Psychotherapy: a Followup Report. *Psychotherapy*, *26*, 494-503.

Prochaska, J. O. (1995). An ecletic and integrative approach: transtheoretical therapy. Em A. S. Gurman & S. B. Messer. (Eds.).*Essencial Psychotherapies: Theory and practice*. (pp. 403-440). New York: Guilford.

Santeiro, T. V. (2008). Psicoterapia breve psicodinâmica preventiva: pesquisa exploratória de resultados e acompanhamento. *Psicologia em Estudo*, *13*, 4, 761-770.

Simon, R. (1989). *Psicologia Clínica Preventiva*. São Paulo: EPU.

Simon, R. (1997). Proposta de redefinição da EDAO (Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada). *Boletim de Psicologia ,47* (107), 85-94.

Yoshida, E. M. P.; Primi, R., & Pace, R. (2003). Validade da escala de estágios de mudança. *Estudos de psicologia, 20* (3), 7-21.

Yoshida, E. M. P. (2008). Significância Clínica de mudança em processo de psicoterapia psicodinâmica breve. Paidéia, *19* (40), 305-316.

(DES) ENCONTROS DOS SERVIÇOS-ESCOLA E PODER PÚBLICO

Claudia Regina Magnabosco Martins, Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.
Verônica Suzuki Kemmelmeier, Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.

Apresenta-se um relato de como o curso de Psicologia da UNICENTRO, campus Irati, Paraná, vem se organizando desde 2007 frente às demandas do poder público quanto a estágios profissionalizantes, realizados por cerca de 30 alunos do 5º ano, que efetuam 03 estágios na Clínica-Escola e em Instituições e Comunidades I e II. Em 2010 ocorreram atuações em 04 serviços do SUS, em 07 do SUAS e em 04 escolas municipais ou estaduais, com inserções em Psicologia escolar, do trabalho, da saúde e comunitária. Naquele ano, constatou-se que o curso tem atuado na maioria dos locais em que o poder público está presente, notadamente no centro e em poucos bairros mais populosos da cidade. Entretanto, a despeito da entrada no campo ser solicitada ou facilitada por seus responsáveis, verificou-se que os compromissos assumidos nem sempre foram cumpridos. Assim, a orientação dos profissionais tem sido precária ou inexistente, e o apoio aos trabalhos bem distante do que fora acordado, como no caso de existirem reuniões freqüentes com os profissionais e responsáveis, discussões e ações conjuntas, favorecimento de vínculo com a população, condições de realização das ações, etc. De outro lado, dedica-se demandas em quantidade e complexidade incompatíveis com o estágio, deixa-se todo o trabalho para os estagiários ou ao contrário, apresenta-se certo desmerecimento da atuação, boicote e fiscalização. A situação se agravou quando se admitiu e solicitou que a Clínica-Escola permanecesse como o único serviço de atendimento de saúde mental da cidade e de que o curso assumisse as avaliações psicoeducacionais estaduais. Foi necessário retomar contratos e compromissos das partes, promover reuniões com secretários municipais, com o Núcleo Regional de Educação, com responsáveis e profissionais de órgãos e serviços, retomando objetivos, papéis e limites da UNICENTRO, do curso e estágios. Docentes estão: atuando nos conselhos municipais, em comissões e comitês; defendendo a contratação de profissionais, o desenvolvimento e fortalecimento das redes; participando da criação de

uma comissão de saúde mental para apoiar a construção dos serviços municipais; e elaborando um informativo sobre os atendimentos na Clínica-Escola. Ocorreram avanços com alguns profissionais, gestores, comunidade e conselheiros que compreendem as preocupações e objetivos formativos, que se implicam e o favorecem, que aceitam propostas e trabalham conjuntamente. Esse processo tem sido encabeçado por docentes, acompanhado e efetivado pelos acadêmicos nos estágios, com pontuações, cobranças e negociações em sua atuação, de forma a viverem e pensarem a Psicologia no SUS e SUAS, por exemplo, formando-se potencialmente mais preparados, críticos e interessados em trabalhar nesses ambientes, em rede e em cidades do interior, realidade da região. Conclui-se que quando o poder público se exime e delega suas funções à Universidade, todos perecem e em especial a população, cabendo aos envolvidos no curso (docentes, acadêmicos, funcionários e comunidade universitária), implicar-se e se posicionar, estabelecer e negociar limites, pontuar seu papel na comunidade e nas diferentes redes de serviço e colaborar, mas sem assumir o que não é de sua responsabilidade, em detrimento de cuidar da formação por meio de um processo de ensino e aprendizagem cuidadoso e significativo.

Palavras-chave: Formação em Psicologia, Estágio profissional, Serviços-Escola em Psicologia.

OS VÍNCULOS FAMILIARES NAS DIFERENTES PRÉ-ESTRUTURAS DE PERSONALIDADE

Ana Paula Medeiros, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

A participação da família é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da criança. A forma como se constituem os vínculos familiares pode influenciar no desenvolvimento infantil e na manifestação dos sintomas, que muitas vezes é um reflexo de um adoecimento familiar. O desenvolvimento da criança passa do estágio de indiferenciação entre o eu e o não-eu para uma etapa em que há uma pré-organização de sua estrutura de personalidade, resultante da interação entre potencial hereditário e experiências vividas até o momento. Após esse período ocorre a estruturação propriamente dita da personalidade. Essas pré-estruturas são denominadas de psicóticas e neuróticas, sendo que a primeira, mais regredida, caracteriza-se pela presença de frustrações muito precoces ao longo do desenvolvimento, que resultou em fixações na fase oral ou na fase anal de rejeição. Já aquele que estiver pré-organizado na fase neurótica terá acesso à triangulação genital, sem que tenha sofrido frustrações precoces. A partir disto, o presente trabalho procura analisar a forma como se dão os vínculos familiares de duas crianças, procurando investigar quais são as diferenças e semelhanças entre esses vínculos e quais fatores podem ter contribuído para o desenvolvimento das pré-estruturas de personalidade, psicótica e neurótica, das crianças. Para isso, serão utilizados os dados obtidos em um processo interventivo de triagem das crianças Renato, 7 anos, e de Leonardo, 4 anos. Renato foi indicado para atendimento psicoterápico por uma neurologista e as principais queixas foram esquecimento e agressividade. Após um contato com a mãe de Renato e com a criança, soube-se que este sofreu um longo período de ausência da mãe por adoecimento, que caracterizou uma privação inicial e pode ter contribuído para o desenvolvimento de uma pré-estrutura de personalidade psicótica. Além disso, o relacionamento entre os pais de Renato, que são namorados e não moram juntos, e o relacionamento destes com o filho, que acreditam que ele já é adulto e não precisa de cuidados, fazem pensar que os vínculos acabam forçando uma independência da criança, resultando em figuras conflituosas para ela, que podem

contribuir para o desenvolvimento de uma estrutura de personalidade psicótica. Em relação a Leonardo, nota-se que a sua mãe não tem uma queixa específica em relação a ele, chegando a dizer em alguns momentos que não sabe o porquê procurou atendimento psicoterápico. Durante o contato com a criança, percebe-se que esta não apresenta características que possam ser preocupantes para seu desenvolvimento, o que faz pensar em uma pré-estrutura de personalidade neurótica. Em relação aos vínculos familiares, pode-se dizer que a mãe tinha a percepção de que não gostaria que seu filho crescesse, mas que o pai procurava auxiliá-la em relação a isso, parecendo ser a figura que mais impulsionava o bom desenvolvimento de Leonardo. Desta forma, pode-se perceber que as relações familiares e a forma como se estabelecem os vínculos influenciam o desenvolvimento da estrutura de personalidade do indivíduo. Tal aspecto permite pensar na necessidade de se trabalhar com todos os componentes da família para uma maior efetividade do trabalho psicoterápico.

Palavras-chave: pré-estrutura; vínculos familiares; criança.

PAIS, MÃES E CRIANÇAS A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO TRATAMENTO DA OBESIDADE INFANTIL

Ana Paula Medeiros; Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes; Valeria Barbieri.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

A incidência da obesidade na infância é considerada um dos mais importantes aspectos a serem investigados na atualidade, correlacionada com os prejuízos que pode acarretar, tanto individualmente quanto no ambiente familiar, já que é uma doença crônica de alto risco e com graves consequências para a saúde física e mental. Apesar de muito disseminado, o tratamento desta patologia ainda se mostra ineficaz e pouco proveitoso, em especial pela dificuldade em manter a perda de peso a longo prazo. O tratamento da obesidade infantil mostra-se mais eficaz quando há participação da família e, quando a perda de peso ocorre na infância, há maior probabilidade de não haver retorno da doença. Em detrimento da alta abrangência da doença, seus aspectos emocionais não são muito discutidos, o que torna o tratamento e o entendimento da doença ainda mais difíceis. Dessa forma, é imprescindível compreender a criança obesa dentro de seu contexto familiar, não apenas quanto aos hábitos alimentares, mas quanto ao funcionamento psicodinâmico do grupo como um todo, pais, mães e filhos. Para tanto, este trabalho investigou as características psicodinâmicas dessas crianças e de seus pais e mães, por meio de avaliação psicológica interventiva, com uso de entrevista semiestruturada e duas técnicas projetivas, a fim de conhecer a psicodinâmica familiar e os aspectos emocionais envolvidos na obesidade. Serão apresentados cinco estudos de caso de crianças do sexo masculino, com idade entre 07 e 10 anos e com IMC-por-idade $\geq$ 95% (obesidade). Após autorização e aprovação da participação pelos pais, eles e as crianças passaram por avaliação psicológica individual, com entrevista e aplicação do Desenho da Figura Humana (DFH) e do Teste de Apercepção Temática (forma adulta e infantil). A interpretação dos dados foi realizada de acordo com a livre inspeção do material, segundo referencial psicanalítico winnicottiano. Como resultado percebeu-se uma dinâmica familiar específica na sustentação da obesidade infantil: uma figura materna que não ofereceu suficiente holding para o filho, dificultando o processo de ilusão-desilusão e a experiência transicional, e uma figura paterna que não foi capaz de atender à satisfação das

necessidades da criança, com dificuldades em apoiar a díade mãe-filho. Ambos os pais se mostraram exigentes e críticos com os filhos, exigindo que eles se mostrassem autônomos e seguros. Pela pouca provisão afetiva oferecida, as crianças apresentaram dificuldade na passagem pelas experiências transicionais, demonstrando comprometimento na capacidade de simbolização, na expressão da criatividade e do gesto espontâneo, restando-lhe buscar o apoio concreto da realidade externa (alimento) como uma maneira possível de se relacionar com o ambiente. Além disso, mostraram-se inseguras e pouco confiantes no meio externo, sentindo-se excluídas e sem espaço na realidade compartilhada. A fim de tornar o tratamento da obesidade mais efetivo, é importante que haja a participação de toda a família, em especial, por meio do conhecimento do funcionamento psicodinâmico do casal parental. Dessa forma, é possível trabalhar com o paciente obeso e com o ambiente em que ele está inserido, oferecendo apoio e sustentação para a família, bem como a experiência de um ambiente suficientemente bom.

Palavras-chave: obesidade; criança; família.

TÉCNICA DE TRABALHO PSICOTERÁPICO EM GRUPO COM CRIANÇAS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rafaela Fernanda Geremias, Helena Rinaldi Rosa
Faculdade de Ciências e Letras - Unesp/Assis

O presente trabalho relata uma experiência de psicoterapia em grupo com crianças em uma clínica-escola. Para tal, pretendemos abordar os procedimentos desde os critérios de seleção, entrevistas com os pais, as dificuldades encontradas em se manter um contrato com estes, até as técnicas estudadas e utilizadas nas sessões. O interesse em iniciar um grupo de ludoterapia surgiu como um desafio em prol da possibilidade de aprendermos na prática sobre a condução de uma terapia em grupo com crianças pequenas e de atender a uma demanda específica e também numérica, pois observamos que havia casos em que a criança seria beneficiada com a convivência com outras crianças. Após a revisão bibliográfica, montamos um grupo que consiste em cinco crianças com idades entre 5 e 6 anos, conduzido por duas estagiárias. O material utilizado foi uma caixa lúdica comum a todos e material gráfico, também compartilhado. Incluímos, nesse grupo, crianças com queixa de algum tipo de problemas de socialização, tais como não saber trabalhar em grupo na escola, ser muito intolerante ou agressivo com outras crianças, ou ser excluído de grupos por querer sempre assumir uma atitude de liderança, impondo suas vontades. Incluímos também crianças muito tímidas. As entrevistas com os pais se deram individualmente e, além de ouví-los e acolher suas queixas, expusemos como seria a condução da terapia em grupo e estabeleceu-se o contrato. Durante as sessões, ficaram visíveis algumas questões referentes a seus modos de relacionarem-se com o outro, suas maneiras de enfrentar os conflitos, seus medos, assim como questões edípicas, entre outras, questões que foram sendo trabalhadas ao longo dos atendimentos. As brincadeiras e desenhos, realizados em conjunto conforme estabelecido no contrato, favoreceram sua integração fazendo com que aprendessem a se respeitar em suas diferenças. Podemos concluir que o trabalho em grupo com crianças favoreceu o atendimento psicoterapêutico delas, contribuindo na sua socialização e desenvolvendo novas formas de enfrentamento de seus conflitos.

Palavras-chave: ludoterapia; grupo terapêutico; técnicas psicoterápicas.

A FAMÍLIA NA CLÍNICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ADOÇÃO

Anne Caroline Lima Pereira, Caroline Cristina Ambrósio, Maria Luisa Castro de Louro Valente
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - PROEX

Esse trabalho vem apresentar um relato de experiência no projeto de extensão universitária "Clínica e pesquisa em Adoção" da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis. Este acontece há nove anos e encontra-se atualmente vinculado à PROEX – UNESP. Tal projeto visa não só colaborar com a formação acadêmica dos alunos participantes – abordando os temas de Adoção, Psicanálise, Psicologia do Desenvolvimento e Família – como também prestar atendimento à comunidade. Com estes fins, atua oferecendo espaços para grupos de discussões sobre questões relativas à adoção: orientação e atendimento clínico às famílias com indivíduos adotados e/ou pretendentes à adoção; oferta de um curso preparatório com esta temática, voltado aos futuros pais, correspondendo às novas exigências da Lei da adoção em parceria com alguns fóruns da região centro-oeste paulista. O relato a seguir diz respeito ao atendimento clínico de uma família que foi encaminhada pelo fórum de sua cidade após o curso preparatório para adoção. A família estava com a guarda provisória de uma criança e havia aguardado 7 anos no cadastro nacional de adoção por um bebê com as características desejadas. Após seguidas conversas com as assistentes sociais do fórum, percebeu-se que esse casal apresentava questionamentos que estavam por atrapalhar o processo de adoção. Por isso foram convidados para atendimentos semanais dentro do núcleo de pesquisa no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada – CPPA, clínica escola da Unesp campus de Assis- SP. O relato a seguir tem por objetivo discorrer sobre questões de infertilidade, aborto e como o não reconhecimento da criança adotada por parte da família podem atrapalhar no processo de vínculo. A adoção ainda é vista como substitutiva à infertilidade, além de uma "boa ação". Essa cultura vigente ainda hoje em nosso país precisa ser trabalhada não só com os pretendentes a adoção, mas com a população em geral. E que assim haja mais lares adotivos para os quais esse tema esteja bem resolvido no núcleo familiar e refletindo-se dessa forma na sociedade. Que a adoção não aconteça com fim substitutivo ou de caridade, visto que

são laços de amor e não de sangue, mas que seja a oportunidade da troca de afeto e carinho. Assim é possível observar que o olhar do psicólogo pode contribuir na construção de novos entendimentos sobre a adoção, tanto na visão das famílias como da sociedade.

Palavras-chave: adoção, infertilidade, família, sociedade.

A FIGURA DO FEMININO NO PAPEL DE CUIDADOR

Carolina Beatriz Savegnago Martins, Maria Luísa Louro de Castro Valente, Helena Rinaldi Rosa
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

O presente trabalho tem como objetivo estudar a figura do feminino no papel de cuidador e suas possíveis significações na relação com aquele que é cuidado na clínica médica de um hospital geral. No passado a mulher era vista como aquela que deveria ser submissa à família e ao marido, além de ser responsável pelos assuntos que se referiam ao lar e à família que constituíra. Com o passar do tempo e com a onda feminista das décadas de 60 e 70, a mulher foi ganhando voz e conseqüentemente conquistando um lugar na sociedade, exemplos dessa conquista são a possibilidade da mesma ter um trabalho assalariado, direito ao voto, além de poder fazer uso de métodos contraceptivos e assim ser detentora do poder de decidir sobre questões relacionadas à gestação etc. Entretanto, tais conquistas não fizeram com que a mulher se dissociasse do seu papel de responsável pela casa, pelos cuidados com os filhos e o marido. O cuidado nos acompanha no cotidiano e nos permite estabelecer relações com aquele que é cuidado, além de ser o desencadeador de emoções, tais como: o medo, a fantasia, a angústia e a ânsia de fazer algo por aquele que está enfermo, uma vez que é difícil não nos envolvermos com as pessoas, principalmente quando estas fazem parte da nossa família. O ato de cuidar pode ter muitas significações para aquele que assume esse papel bem como para aquele que recebe os seus cuidados como, por exemplo, a gratidão por aquele que possibilitou a vida, as fantasias relacionadas ao diagnóstico e ao medo da perda de um ente querido, a tristeza em ver uma pessoa muito próxima debilitada em uma cama de hospital além da angústia em ver a realização de alguns procedimentos clínicos ao qual o paciente é submetido. Este trabalho originou-se na observação realizada na clínica médica de um hospital geral onde nos foi possível observar que a maioria dos acompanhantes dos pacientes que lá estão internados são mulheres. Percebe-se nas falas dessas cuidadoras, que muitas trabalham fora de casa, têm uma família e dispensam cuidados ao marido, pai, mãe, filhos que estão doentes no hospital. Algumas

relatam que são elas quem lembra o horário do paciente tomar o remédio, o dia de consulta, os exames a serem realizados e demais cuidados. Esse fato pode estar atrelado com a responsabilidade que possivelmente não só elas, mas várias pessoas da sociedade pensam ser de exclusividade da figura feminina, pensamento que perdura por todo o tempo desde a antiguidade e que mesmo com as revoluções feministas e as conquistas obtidas ao longo dos anos não foi possível quebrar.

Palavras-chave: feminino, cuidar, mulher, paciente.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA BREVE A TERCEIRA IDADE: UM CASO CLÍNICO

Alan da Rocha Brum, Fernando Genaro Junior
Universidade Presbiteriana Mackenzie

A Psicoterapia Breve é uma ferramenta terapêutica que surgiu em decorrência de uma demanda terapêutica caracterizada por uma intervenção breve e focal em oposição as psicoterapias de longo prazo. Por se tratar de uma técnica específica, ou melhor, uma atitude como propõe Yoshida, o profissional da área da saúde deve considerar os critérios de indicação à Psicoterapia Breve, não por razões a limitação à técnica, mas sim pela eficácia e aderência do paciente ao tratamento, visto que "{...} a maior participação do terapeuta, tanto no investigar, quanto na intervenção e na manutenção do foco da atenção de ambos os participantes sobre o aspecto a ser trabalhado" (ENÉAS, 1999 p. 21) difere dos processos tradicionais em intervenção psicoterápica de longo prazo. Assim, será descrito aqui o relato de um caso clínico sobre a utilização da técnica de intervenção breve com uma paciente de 79 anos que esteve em tratamento psicológico em Psicoterapia Breve de Adulto por dois anos em uma Clínica Escola. O período de tratamento foi dividido em dois grandes blocos, caracterizando dois focos distintos de intervenção, considerando também a mudança de estagiários de um bloco ao outro. A experiência aqui descrita terá como base o processo desenvolvido entre o 2º. Semestre 2010 e o 1º. Semestre de 2011, compreendendo 15 sessões por semestre, desenvolvida por um único estagiário/terapeuta. A paciente procurou a clínica com a queixa inicial de dificuldade de relacionamento no âmbito familiar com o marido e o seu filho caçula, como também insatisfação sexual, visto que o marido sofre de impotência desde os 50 anos de idade, atualmente com 80 anos. O foco central do tratamento psicoterápico foi estabelecer um contraponto entre a realidade e os fatos fantasiosos da paciente em torno da culpa sobre a deficiência do filho, como também uma investigação dos laços de intersecção entre o passado e o presente estabelecidos como um mecanismo de repetição, forma com que a paciente se estabelecia nos relacionamentos interpessoais (âmbito familiar). O objetivo proposto foi trabalhar com os mecanismos de defesa da paciente em lidar com o passado, principalmente os acontecimentos ligados a figura paterna e assim propor a re-

significação dos mesmos. A paciente apresentava como modo de funcionamento psíquico traços de cunho neurótico histérico. Considerando que a “situação problema” da paciente estava relacionado com acontecimentos do passado em torno da figura paterna, e que estes acontecimentos se re-editavam na figura do marido e do filho deficiente, foi estabelecido o plano de intervenção da psicoterapia breve. A paciente foi indicada ao processo terapêutico breve por ter condições psicológicas de construir uma boa aliança terapêutica e por mostrar-se motivada ao processo analítico. Os ganhos alcançados foram extremamente positivos, dentre eles, se destacam: recuperou a feminilidade, acolheu seu próprio envelhecimento, bem como a possibilidade do fim, o que faz a exposição desta experiência relevante para o campo da clínica do envelhecimento.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Psicoterapia Breve; Terceira Idade.

CONSTRUINDO A FORMAÇAO EM PSICOLOGIA PELA ARTICULAÇAO DE ENSINO, ESTÁGIOS BÁSICOS E PROFISSIONALIZANTES E PROJETOS DE EXTENSÃO

Claudia Regina Magnabosco Martins, Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná.

Relata-se a experiência de coordenação de estágios do curso de Psicologia da UNICENTRO, quanto aos arranjos entre as ações nele desenvolvidas, apresentando em particular aquelas vinculadas às disciplinas de Psicologia Social e Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem que ocorrem desde 2008. Discutem-se a formação em Psicologia, as Diretrizes Curriculares, o Código de Ética Profissional e o Projeto pedagógico do curso. Em 2010, ocorreram estágios básicos de Psicologia Social em 13 locais e em 02 outros em Psicologia Escolar, realizados e supervisionados em pequenos grupos. Todos estavam vinculados e aconteciam concomitantemente a estágios profissionais de 5º ano ou a projetos de extensão coordenados por docentes de Psicologia. Estavam envolvidos diretamente cerca de 60 alunos do 2º, 3º e 5º anos do curso; 05 docentes, 02 monitores, a coordenadora de estágio e os responsáveis pelos locais ou projetos. Dois grandes encontros foram organizados entre os participantes, para fins de conhecimento dos locais, debate e preparo das atividades, bem como outros encontros no decorrer do estágio, entre duplas, trios e quartetos que trabalhavam juntos. Encerrou-se o ano letivo com a Mostra de Estágios, em que a totalidade de professores e acadêmicos de todas as séries, organizados em salas mistas, pôde apresentar suas atuações, discutindo e avaliando sigilo e formação profissional, estágios, supervisões, locais, métodos, estratégias, o andamento do curso e do próprio evento. Admitem-se dificuldades em operacionalizar e supervisionar principalmente os estágios básicos, quanto a espaço físico e institucional, carga horária e especialização de docentes. Entretanto, percebem-se ganhos: na qualidade, amadurecimento e comprometimento das propostas e envolvidos nas ações articuladas; da capacidade de observação, reflexão, troca de experiências e implicação dos alunos em diferentes contextos; da condição de acompanhamento, orientação, dinamismo e responsabilidade dos monitores e dos formandos para com os iniciantes, sendo melhor preparados para trabalharem em equipes e atuarem no ensino; bem como no exercício coletivo de troca que envolveu

estudos e preparação conjunta de atividades, tomada de decisões, avaliações e definição de novas estratégias perante empecilhos da realidade compartilhada no local de estágio; no conhecimento de demandas populacionais em contextos de ampla complexidade; e, por fim, no contato e trabalho com diversos profissionais no campo. Tal prática assumida pelo curso tem exigido abertura, empenho e organização dos envolvidos, principalmente dos docentes, sendo necessário construir espaços para além das restrições de sala de aula e disciplinas estanques. Porém, as estratégias citadas tem se mostrado fecundas para potencializar uma formação em Psicologia ética, implicada, mais próxima as necessidades das pessoas, trabalhadores e serviços, bem como mais palpável e significativa para os acadêmicos. Devido ao seu caráter avaliativo, tem sido possível também ressignificar e reorganizar o curso a partir das vivências e dos olhares de quem dele faz parte ou utiliza seus serviços, municiando a elaboração de seu novo projeto pedagógico.

Palavras-chave: Formação em Psicologia; Serviços-escola; Estágios básicos; Estágios profissionalizantes.

O DESAFIO DA CLÍNICA DO ENVELHECIMENTO: REFLEXÕES DE UMA PRÁTICA

Fernando Genaro Junior
Psicanalista, Psicólogo Clínico e Hospitalar pelo Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Doutorando em Psicologia Clínica pelo IP-USP (Bolsista Capes). Professor e Supervisor Clínico das Faculdades de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Paulista.

Neste trabalho apresento reflexões clínicas e institucionais sobre o atendimento psicológico (psicodiagnóstico e psicoterápico- individuais e grupais) no contexto da saúde pública a pacientes idosos a partir da experiência de implantação do Serviço de Psicologia Clínica do Centro de Referência do Idoso da Zona Norte – São Paulo, o qual compõe o Sistema Único de Saúde, o SUS. Sendo assim, a partir da própria prática clínica-institucional desenvolvida na condição de psicólogo coordenador desse projeto nesse centro de referência do idoso, apresento e discuto algumas questões emergentes no tocante a clínica do envelhecimento, assim como os desafios dessa práxis na atualidade. Uma vez que a população idosa tem aumentado significativamente nos últimos anos, e com perspectivas crescentes de aumento (IBGE 2010). A experiência clínica e institucional aponta que tal população demanda revisão crítica em relação a formação de psicólogos clínico-institucionais diante dos desafios atuais no cenário da saúde pública: o envelhecimento populacional. Assim, busco, a partir do próprio processo de implantação e estabelecimento de um serviço de Psicologia para a população idosa, construir uma reflexão teórico-clínica sob a perspectiva da psicanálise winnicottiana (1896-1971) e pós-winnicottiana (Safra 1999-2009 e Guntrip 1998) a respeito do ambiente, buscando identificar os eixos fundantes dessa práxis e o lugar do ambiente como intervenção frente as necessidades da pessoa idosa rumo a discussão e construção de um modelo de clínica psicológica do envelhecimento. Para isso, emprego como método de investigação a pesquisa-ação (Brandão,1984; Thiollent, 2008), que serviu para apresentação e análise das ações propostas ao longo do processo de implantação do serviço de Psicologia frente as problemáticas e necessidades clínicas advindas dessa população. Sabe-se que a abordagem ao paciente idoso demanda do clínico manejo e compreensões peculiares, como nos afirma Winnicott *não há etapa na vida que não*

demande constituição! Trata-se de um momento de intensas revelações, em especial: a *desconstrução* de vários aspectos biográficos e corporais. Desta forma, ao final, em minhas reflexões chamo a atenção para a necessidade em se reconhecer os diferentes registros da experiência de envelhecer, dentre eles: o registro psíquico e o registro existencial e suas ansiedades e angústias correspondentes.

Palavras-chave: Clínica do Envelhecimento, Psicanálise, Winnicott

TIMIDEZ OU RETRAIMENTO? A MÃE PROTEGE E O PAI ASSUSTA

Sheila de Sousa Leandro
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Sonia Maria da Silva
Universidade Guarulhos e Universidade Presbiteriana Mackenzie

A timidez costuma surgir precocemente e perdurar até a fase escolar, em alguns casos tornar-se ansiedade. Freqüentemente associado superprotetora materna, ou experiências inadequadas com crianças ou adultos agressivos. A finalidade do trabalho foi compreender o sintoma de timidez, de uma criança encaminhada pela fonoaudióloga e escola. Realizou-se entrevistas com os pais, observações lúdicas e desenhos. Trata-se de um menino de seis anos de idade; inicialmente tinha dificuldades de interação com a terapeuta, principalmente no inicio das sessões. Solicitava a presença da mãe na sala, somente nas duas últimas sessões, concorda que a mãe o aguarde na sala de espera. Nas sessões, temas como a morte era muito presente, movimentos repetitivos, com brincadeiras desconexas, sem inicio, meio e fim. Na sessão, para aplicação do D.F.H., ele mostrou-se indiferente e desmotivado. Entretanto no momento em que inicia a narração das histórias sobre as figuras, faz outro desenho e diz que “tudo pegou fogo”, após o término, ele rabisca toda a folha, repetindo a mesma frase. Na sessão seguinte, entra na sala sem a mãe, mostra-se mais seguro, explora o espaço e senta-se de modo confortável, aspectos esses que ainda não ou pouco haviam sido explorados. As brincadeiras foram executadas de forma “mais coerente”, com histórias mais elaboradas, com uma seqüência de acontecimentos e onde ocorria a solicitação de ajuda. O resultado quantitativo do teste não inclui a criança na média esperada, ao ser comparado com crianças do mesmo sexo e idade, porém na análise qualitativa percebe-se a presença de ansiedade interferindo na qualidade do trabalho cognitivo. Concluindo, a mãe renomeia a queixa como retraimento e na entrevista devolutiva ela relata que este comportamento só ocorre na presença do pai. A queixa inicial parece associar-se a expressão das posições antagônicas dos pais frente ao filho. O pai o deprecia enquanto a mãe o superprotege; ela mostra-se identificada com o filho que é criticado pelo pai. O marido é percebido como um homem autoritário e que a desvaloriza, e ela submete-se aos desejos do marido. Os

conflitos da criança, em determinadas etapas evolutivas, são ansiógenos para os pais. O pai mostra-se preocupado com a identificação do menino com o papel masculino, reprimindo qualquer gesto que lhe pareça feminino. Neste contexto observa-se uma regressão dos pais, com diferenciação parcial do *self,* o que favorece as projeções e identificações maciças desses, formando uma área comum e indiferenciada, denominada de “área de mutualidade psíquica”. Ao final do Psicodiagnóstico, o caso foi encaminhado para Psicoterapia Breve Infantil; um espaço que possibilita a diminuição das projeções; buscar a origem genética do conflito dos pais; reestabelecer os limites entre o self da criança e os dos pais; e retomar o processo de individuação.

Palavras-chave: Mutualidade Psíquica, Psicodiagnóstico, Avaliação Psicológica.

O DESEJO DA GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Hélimi Iwata, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente
Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis.

A adolescência é o perído entre a infância e a vida adulta, fase transitória em que o ser humano em meio aos mais variados tipos de crises, faz emergir da criança que existe em si, e a partir de novas vivências emocionais, do aprendizado intelectual, e do amadurecimento necessário, um adulto que seja socialmente aceito. A sociedade muitas vezes encara a gravidez na adolescência como algo ruim, porém ela não deve ser marcada apenas como uma experiência negativa para as jovens e suas famílias. Este acontecimento familiar e social, esperado ou não, deve ser assumido e vivenciado pela jovem, porém, com o suporte familiar, cada qual com suas responsabilidades quanto ao ciclo gravídico-puerperal e à maternagem. Algumas adolescentes engravidam não somente devido à desinformação sobre formas de contracepção, mas também ao desejo de ter um filho e testar a sua feminilidade através da constatação da sua capacidade reprodutiva, além de que a vivência de situações de carência afetiva e relacional com a família pode também provocar o desejo na adolescente de ter um filho, filho que se constitui como o objeto privilegiado capaz de reparar essa carência. Este trabalho foi desenvolvido no Setor de Gestação de Alto Risco do Hospital Regional de Assis, e usamos como método de coleta de dados a Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada - EDAO que nos possibilitou analisar que a maioria das jovens engravidou como resposta ao desejo de ter um filho, vendo esta notícia como grande felicidade, são adolescentes que ou são casadas ou vivem, na sua maioria com o companheiro, pai da criança e nos coloca a pergunta: se esse desejo de ter um filho surgiu da necessidade de auto-realização como mulher ou se é uma fuga (sistema de fuga) da realidade, ou seja, passaporte para sair de uma família desestruturada e sem perspectiva para o futuro. Este fato é observado nas entrevistas em que as adolescentes relatam querer dar tudo o que não tiveram ao filho: seja material ou afetivamente. A gravidez na adolescência promove também a mudança de status social em que as adolescentes das camadas populares passam a ocupar outras posições sociais decorrentes da mudança do estatuto de filhas para o conjugal, o que lhes atribui maior

prestígio e reconhecimento social nas suas comunidades. Além disso, a gravidez na adolescência é vista como via de acesso à feminilidade, de sair da condição de menina, para a de mulher. Portanto, através do filho a adolescente se sente mãe e mulher, ou seja, possui característica de uma gravidez social. A nossa sociedade ainda vê a gravidez na adolescência como algo inadequado e transgressor, porém precisamos observar quais são as expectativas de futuro na perspectiva dessas jovens. Concluímos que muitas vezes, ao contrário do que possa parecer, a gravidez é muito desejada pelas gestantes adolescentes, que elas planejam seu futuro com o bebê, querem lhe dar o melhor, e que cabe a nós investigar quais são e de onde vem os motivos desse desejo.

Palavras-chave: gravidez na adolescência, avaliação psicológica, adolescência.

O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER EM ADOLESCENTES DO INTERIOR PAULISTA

Dayane Rattis Theodozio; Sonia Regina Pasian.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister (TPC) é um método projetivo de avaliação psicológica de características da dinâmica afetiva da personalidade, aplicável em crianças até indivíduos idosos. Embora com parecer favorável do Conselho Federal de Psicologia, ressente-se a falta de adequados referenciais avaliativos desse método para a faixa etária adolescente. Nesse contexto, este trabalho objetiva caracterizar o padrão de respostas de adolescentes de 12 a 14 anos de idade no Teste de Pfister, elaborando-se padrões normativos preliminares de referência para embasar adequado processo avaliativo com este instrumento de avaliação psicológica, examinando-se ainda o possível efeito das variáveis sexo e idade sobre os resultados. A amostra deste estudo será composta por 90 estudantes na faixa etária de 12 e 14 anos de idade, de ambos os sexos, de escolas públicas de Ribeirão Preto (SP), voluntários devidamente autorizados para a pesquisa, selecionados por apresentarem indicadores de desenvolvimento típico para sua idade e nível intelectual compatível com desempenho médio ou superior. Foram avaliados individualmente pelo Teste de Inteligência Não Verbal – INV (forma C) e pelo Teste de Pfister, em sala com boas condições de privacidade, na própria instituição escolar. Os seus pais ou responsáveis responderam a um questionário informativo do histórico pessoal. Até o presente momento, foram avaliados 67 adolescentes, sendo 22 do sexo masculino e 45 do sexo feminino, cujos resultados compõem o presente trabalho. Os dados atuais foram sistematizados em termos descritivos para o grupo total e em função do sexo, abordando apenas a distribuição de freqüência das escolhas cromáticas. Em termos gerais, os resultados médios apontaram a seguinte freqüência de cores: verde (16,6%), azul (16,3%), vermelho (15,8%), violeta (13,2%), amarelo (8,8%), branco (7,9%), laranja (7,4%), preto (6,8%), cinza (4%) e marrom (3,1%). Esses valores diferem dos encontrados nas normas disponíveis do Pfister para adolescentes de 1978, e dos adultos normativos do manual disponível atualmente deste método projetivo. Uma análise

preliminar de comparação visual da freqüência das escolhas cromáticas em função do sexo evidencia que adolescentes do sexo masculino utilizaram com maior intensidade o branco e o preto, o que deverá ser devidamente examinado por meio de análises estatísticas inferenciais específicas quando a amostra for completada. Os atuais resultados evidenciam, empiricamente, a necessidade de normas específicas do Pfister para adolescentes, de modo a embasar adequado processo avaliativo desta faixa etária por meio deste método projetivo de avaliação psicológica. (FAPESP)

Palavras-chave: Adolescentes; Avaliação Psicológica, Teste de Pfister; Técnicas Projetivas; Normas.

PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO E SAÚDE DO TRABALHADOR: OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA OS PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM

Silvia Helena Cruz Rocha
Universidade Guarulhos
Regina Célia do Prado Fiedler
Universidade Guarulhos e Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho de conclusão de curso se trata de uma revisitação teórica, aos aspectos relacionados com o mundo do trabalho, visto como um espaço de significação do Homem, como ser social, abordando especificamente quais são os possíveis impactos que a vivências experimentadas no dia a dia do profissional de enfermagem, podem trazer a vida e a saúde psíquica de cada sujeito atuante neste ambiente. Para a compreensão mais adequada deste vasto tema, optou-se por adotar os ideais e critérios da Psicologia Social do Trabalhado, com ênfase na Saúde do Trabalhador, objetivando realizar uma leitura a partir da visão dos indivíduos profissionais desta área sobre o seu fazer laboral. Acredita-se que esta pesquisa apresente grande relevância social, uma vez que o trabalho coloca em movimento a vida humana, desenvolve a sociedade, transformando-a e humanizando-a, demandando assim um olhar mais crítico e apurado sobre o seu conceito e importância na vida social de uma população, e ainda tratando-se da enfermagem, que por sua vez, é traduzida pelo contato intenso, com instâncias relacionadas com a dor, o abandono, privação de liberdade, perda da autonomia, finitude humana e ainda com as dificuldades impostas pelas restrições estruturais dos serviços de saúde de nossa sociedade, torna-se ainda mais nítido a necessidade de realizações práticas da psicologia, procurando acolher as queixas e auxiliar na elaboração dos conflitos oriundos do cotidiano de quem trabalha. Por fim e resumidamente o trabalho vem se desenvolvendo sobre essas perspectivas, intencionando compreender quais são as possíveis influências que os sentidos e significados atribuídos a profissão da enfermagem, trazem a saúde psíquica dos mesmos, e quais são as contribuições que a psicologia pode apresentar, para atender mais esta demanda real da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Psicologia Social, Psicologia do Trabalho, Saúde do Trabalhador.

DIFERENTES ENFOQUES NA ELABORAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS: PRODUÇÃO, APLICAÇÃO E PESQUISA

Coordenação
Paulo Francisco de Castro
Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté

Resumo da Mesa

Uma das estratégias mais eficientes na divulgação do conhecimento científico se faz por meio de artigos publicados em revistas científicas. Há grande material disponível, em todas as áreas de conhecimento, que possibilitam diferentes formas de utilização das recentes descobertas científicas que se socializam a partir dos artigos. Usualmente, são utilizados para embasarem novas pesquisas, o que garante o desenvolvimento de diferentes áreas, garantindo a evolução do conhecimento. O objetivo desta exposição é discutir sobre esse importante recurso da Ciência no que tange ao seu desenvolvimento e organização formal, aplicações no sentido da formação profissional e pesquisas em metanálise.

DA PRODUÇÃO À SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Augusto José Carlos Bastos do Prado Fiedler
Universidade Guarulhos

Numa sociedade em contínua transformação, a mudança é, sem dúvida, sua principal e única característica permanente. Nesse sentido a produção do conhecimento elege a pesquisa como um dos focos mais importantes de uma sociedade mais evoluída. É, por isso, que pesquisa, juntamente com o ensino e a extensão, são os objetivos prioritários da educação escolar e acadêmica. Entretanto, o conhecimento como fruto da pesquisa não pode ficar confinado dentro dos muros da universidade. É importante, senão essencial, que o conhecimento seja socializado, difundido, para que possa multiplicar-se em benefício de toda a sociedade. O conhecimento científico é socialmente construído e, portanto, deve voltar-se para a sociedade que o produziu. Um caminho que permite tal intento é sua divulgação. É preciso, portanto, aproximar o conhecimento científico do grande público, por meio da publicação dos saberes tão arduamente obtidos nos meios acadêmicos. Nos dias atuais, o conhecimento científico e sua divulgação acontece pelos meios de comunicação oral e escrita – livros, jornais e revistas, palestras e mesas redondas, bem como, o ciberespaço, como novo veículo de expansão do conhecimento. Dessa forma, o objetivo principal dessa nossa participação no presente espaço de debate é a apresentação das revistas científicas da Universidade Guarulhos. A Universidade Guarulhos mantém quatro revistas científicas eletrônicas, a saber : Revista do Terceiro Setor, Revista Saúde, Revista Geociências e Revista Educação. Como editor da REVISTA EDUCAÇÃO, proponho dar algumas orientações de como divulgar os trabalhos científicos e outros em nosso veículo. Primeiramente, os objetivos propostos para a revista são : 1) Veicular conhecimentos produzidos na área de Educação por pesquisadores e profissionais de instituições públicas e privadas; 2) Mobilizar a comunidade acadêmica e os profissionais da área para produção de matérias de interesse; 3) Manter um espaço de troca de experiências e vivências multiprofissionais e transdisciplinares na área de Educação; 4) Divulgar as boas práticas acadêmicas bem como os resultados obtidos por meio de sua utilização. Portanto, sua área de abrangência alcança temas relacionados à Educação, dentro dos campos da Educação Básica e

Superior, Políticas Educacionais. Movimentos Sociais e Educação, entre outros. O acesso à REVISTA EDUCAÇÃO pode ser feito pelo SITE da Universidade Guarulhos : www.ung.br, abrindo seu PORTAL e buscando o indicativo de “revistas científicas”. No item “Sobre a Revista” o interessado encontrará todos os caminhos necessários para submeter sua contribuição para publicação. Tal processo inicia-se com o ato de cadastramento e posterior acesso ou login, no sistema on-line da revista. Nessa página será encontrada orientação sobre o contato com a Equipe Editorial, Normas Técnicas, Processo de Submissão, Diretrizes para Autores, etc. Sobre as “Diretrizes para Autores”, o autor interessado encontrará as orientações técnicas para a apresentação de seu trabalho. Nesse espaço haverá esclarecimento sobre os tipos de trabalhos : Artigos, Notas, Artigos de Revisão e Resenha de Livros, bem como, as normas para sua publicação, preparação do manuscrito, das ilustrações, citações bibliográficas, etc. O autor será, também, orientado quanto à revisão dos manuscritos submetidos aos Consultores da revista. A REVISTA EDUCAÇÃO da UnG (ISSN: 1980/6469) já está em seu 11º. número editado, desde o ano de 2006. O atual refere-se ao Vol.6, n.1 (2011). Em todas as edições, a revista publicou em seu “Espaço do Aluno”, trabalhos de alunos de nossa universidade, tais como, Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC e PIBIC.

Palavras-chave: Produção científica, Artigos Científicos, Revista Científica.

O USO DE ARTIGOS INDEXADOS NA CAPACITAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Simone Ferreira da Silva Domingues
Universidade Guarulhos e Universidade Cruzeiro do Sul

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação de Psicologia tem como proposta a formação voltada para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino. O objetivo da formação do psicólogo é capacitar o profissional com conhecimentos necessários que garanta a sua atuação em diferentes contextos. Dentre as habilidades e competências necessárias que o curso deve articular, uma delas é a de dar fundamentos teórico-metodológicos que garantam a apropriação critica do conhecimento disponível e outra é o domínio de instrumentos e estratégias de avaliação e de intervenção, como também à competência para selecioná-los. Com o objetivo de assegurar essa capacitação foi solicitado aos alunos, na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento, a busca de artigos indexados que tenham como proposta a apresentação de projetos de intervenção realizados com adolescentes e idosos. Nesse sentido, nossa metodologia visou à localização do artigo, a leitura, interpretação e apresentação da pesquisa para os outros colegas de sala. Foram apresentados 10 artigos, sendo cinco sobre adolescência e cinco sobre idosos. Essa atividade, de leitura e apresentação dos artigos, possibilitou uma aproximação dos alunos de conhecimentos construídos necessários para sua atuação profissional. Além de assegurar uma compreensão do campo de conhecimento estudado e a capacidade de preparar os alunos para utilizá-los, principalmente durante a formação, nos estágios específicos.

Palavras-chave: Atuação Profissional, Artigos Científicos, Diretrizes Curriculares.

PESQUISAS EM METANÁLISE : O USO ARTIGOS NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA*

Paulo Francisco de Castro

Universidade Guarulhos e Universidade de Taubaté

Resumo: O objetivo do presente trabalho é o de caracterizar estudos denominados de metanálise, ou seja, levantamento da produção científica sobre diferentes enfoques metodológicos. A metanálise pode ser compreendida, de forma geral, como o estudo da produção científica em um determinado assunto ou sob uma determinada forma de publicação (anais de eventos ou artigos). Trata-se de estratégia de suma importância para o levantamento e caracterização do estado da arte o que facilita e dirige novas pesquisas e investigações. Na presente discussão o foco será dado à utilização de artigos científicos como recurso para o desenvolvimento de trabalhos em metanálise.
Palavras- chave: Produção Científica; Metanálise; Artigos Científicos.

Sobre metanálise

A revisão de literatura é sempre oportuna e possibilita uma rica análise do material publicado, apoiando o desenvolvimento de investigações científicas na área. Witter (1997, 1999, 2005), apresentou ampla discussão e reflexão sobre a metodologia empregada para pesquisas envolvendo produção científica, bem como expôs vários exemplos de pesquisas sobre o tema. Ampliando as possibilidades de investigações que envolvessem produção científica nos mais diferentes contextos e com as mais diferentes estratégias.

Esses estudos ampliam a possibilidade para o desenvolvimento de recortes, analisando a produção científica, contribuindo e incentivando novas investigações, desde que critérios bem estabelecidos permeiem o desenvolvimento dessas reflexões para que, amparados em um rigor científico, possibilite considerações consistentes (FREITAS, 1998).

Os dados da efetividade do conhecimento produzido em determinadas áreas do conhecimento podem ser estudados, observando-se, assim, o próprio progresso científico. Esse conhecimento está relacionado ou dependente da avaliação sistemática da produção e do trabalho dos pesquisadores, garantindo o aperfeiçoamento constante em benefício da sociedade (WITTER,1997; WITTER, 1999; WITTER, 2005).

* Apoio: PESQDOC/UnG - Programa de Pesquisa Científica Docente da Universidade Guarulhos

A análise da produção científica proporciona uma ampla visão do material publicado, podendo caracterizar-se pela interpretação de uma área, um assunto, uma base de dados ou de um periódico específico.

A Ciência tem como necessidade converter a informação obtida em conhecimento produtivo, de qualidade, sendo significativo na busca de melhores soluções para os problemas e questionamentos humanos. Numa perspectiva de análise da produção científica com foco na identificação de áreas onde mais trabalhos foram desenvolvidos, é possível com base nos dados levantados, refletir sobre os interesses e a política de apoio à pesquisa e aos pesquisadores, bem como ao número de pesquisadores por título, representando a força produtiva da instituição. Através da apresentação de resultados dessas observações, amplia-se a possibilidade de novas pesquisas, identificando outras questões, também relevantes para atender às necessidades e problemas da realidade e da sociedade (GONÇALVES et.al., 1999; OLIVEIRA, 1999).

Estratégias e possibilidades de aplicação

Para o desenvolvimento de estudos em metanálise, pode-se considerar, diferentes foco de investigação, segundo o interesse e a necessidade do levantamento realizado.

Trabalhos e pesquisas em metanálise podem envolver estudos sobre diferentes enfoques:

Eventos científicos – é possível o levantamento da produção realizada em eventos científicos, com vistas aos tipos de produção realizada, temáticas envolvidas, autores e outros aspectos que possibilitam organizar a historicidade dos eventos e das associações científicas que os organizam. Tem-se como exemplo os estudos de Gonçalves et al. (1999), Castro (2004a), Castro (2006), Reinhold (2005) dentre tantos outros.

Instituições de Ensino - outro enfoque institucional das pesquisas em metanálise pode levantar a produção de instituições de ensino, levantando-se o material publicado de uma universidade ou faculdade. Tal estratégia pode ser verificada nos trabalhos de Ohira (1997b) e Moura (1997b).

Produção de pesquisadores – embora não muito comum, a análise da produção científica de pesquisadores garantem espaço para personalidades de grande expressão em cada área do conhecimento, trata-se de levantamento da história científica de um

determinado autor, com vistas ao seu percurso pessoal e sua inserção no cenário científico. Estes estudos podem ser vistos em trabalhos de Ohira (1997a), Moreira (1997), Moura (1997a) e Buriti e Buriti (1999), por exemplo.

Dissertações e Teses – a análise de material produzido em cursos de pós-graduação pode proporcionar a caracterização histórica de um programa de pós-graduação, com vistas à definição de sua identidade ao longo de sua existência. Estudos como os de Witter e Pécora (1997), Domingos (1999) e Nakano (2005) são exemplos dessa estratégia de metanálise.

Talvez o mais comum das estratégias de trabalho em metanálise seja a análise de artigos científicos.

Dentre as diferentes possibilidades de investigação, está o estudo a partir de artigos publicados em periódicos científicos. Os periódicos científicos são responsáveis pela divulgação mais ágil das recentes descobertas nas mais variadas áreas do conhecimento, configurando-se como uma das principais fontes bibliográficas para o desenvolvimento e fundamentação de pesquisas (MALOZZE, 1999).

Em linhas gerais, a análise de produção, tendo como enfoque os periódicos, pode ter duas ênfases: no periódico ou no tema. Esses estudos ampliam a possibilidade para o desenvolvimento de recortes, a partir da análise da produção científica, contribuindo e incentivando novas investigações, desde que critérios bem estabelecidos permeiem o desenvolvimento dessas reflexões para que, amparados em um rigor científico, possibilitem considerações consistentes (FREITAS, 1998).

Nessa estratégia de metanálise podem ser verificados os resumos ou trabalhos completos de um determinado periódico, como revela os estudos de Vieira (1997), Castro (2004b) e Witter (2005), dentre outros.

Além disso, é possível a investigação de um assunto ou tema em vários periódicos e em vários momentos históricos, esta estratégia é a mais utilizada em estudos de artigos científicos. Para tanto, escolhe-se um tema e um período de investigação, a partir daí busca-se, nas bases de dados disponíveis os artigos para serem organizados e analisados. Existem várias elementos que podem ser estudados que podem ser divididos em formais e de conteúdo. Os aspectos formais podem envolver:

- Nome do periódico da publicação;
- Quantidade de autores;

- Origem do(s) autor(es) – Estado para publicações nacionais e país para as publicações internacionais;
- Instituição de origem do(s) autor(es);
- Vocábulos do título;
- Verificação do resumo.

Os aspectos de conteúdo, elementos mais importantes da análise, podem levantar:

- Tipo de pesquisa;
- Aspecto de investigação;
- Estratégias metodológicas utilizadas;
- Participantes do estudo;
- Principais resultados.

Os trabalhos com ênfase em um tema ou assunto específico mostram-se importantes, pois investigações dessa natureza podem subsidiar ampla revisão de literatura, aspecto necessário e encontrado em todas as pesquisas de qualidade.

Considerações Finais

Os artigos publicados em periódicos científicos são material muito importante para divulgação do conhecimento, tanto para a prática profissional quanto para o desenvolvimento de pesquisas.

Estudos em metanálise podem utilizar o levantamento e análise da produção científica em artigos, desenvolvendo-se estratégias de interpretação desse importante material disponível e mostra-se um recurso indispensável na produção do conhecimento.

Referências

BURITI, M.S.L.; BURITI, M.A. Análise da produção científica via currículo de uma docente-pesquisadora. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica em psicologia e educação.** Campinas: Alínea, 1999, p. 171-182.

CASTRO, P.F. Caracterização da produção científica da Sociedade Brasileira de Rorschach, In: GRAEFF, R.C.; VAZ, C.E. (org.). **Técnicas projetivas**: produtividade em pesquisa. Porto Alegre : SBRo, 2004a, p. 385-390.

CASTRO, P.F. Descrição da produção científica publicada em artigos no Boletim da Sociedade de Rorschach de São Paulo. **Boletim da Sociedade de Rorschach de São Paulo**, v. 14, n.1, p. 19-37, 2004b.

CASTRO, P.F. Histórico da produção científica do sistema compreensivo no Brasil a partir dos eventos da ASBRo, In: AMPARO, D.M.; SILVA NETO, N.A. **Métodos projetivos**: instrumentos atuais para investigação psicológica e da cultura. Brasília : ASBRo, 2006, p. 114-123.

DOMINGOS, N.A.M. Perspectivas da produção científica da pós-graduação em psicologia da PUC-Campinas. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas: Alínea, 1999, p. 79-102.

FREITAS, M.H.A. Avaliação da produção científica: considerações sobre alguns critérios. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.2, n.3, p. 211-228, 1998.

GONÇALVES, C.L.C. et.al. Títulos dos trabalhos do II Seminário sobre currículo da PUC-Campinas. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas: Alínea, 1999, p. 131-139.

MALOZZE, G.L.M. Produção científica: periódicos. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas: Alínea, 1999, p. 103-122.

MOREIRA, W. Avaliação do estilo de produção e de comunicação de um pesquisador. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997, p. 193-202.

MOURA, E. Avaliação do Curriculum Vitae de um pesquisador. In WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997a, p. 225-234.

MOURA, E. ITA – Avaliação da produção científica. In WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997b, p. 9-24.

NAKANO, T.C. Pesquisa em criatividade: análise da produção científica no banco de teses da CAPES (1996-2001). In: WITTER, G.P. (org.). **Metaciência e psicologia**. Campinas: Alínea, 2005, p. 35-48.

OHIRA, M.L.B. Curriculum Vitae: fonte de avaliação da produção científica de uma pesquisadora. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997a, p. 265-280.

OHIRA, M.L.B. Produção técnico-científica e artística da Universidade do Estado de Santa Catarina (1991-1995). In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997b, p. 87-114.

OLIVEIRA, M.H.M.A. Título dos trabalhos do II seminário sobre currículo da PUC-Campinas. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas: Alínea, 1999, p. 9-22.

REINHOLD, H.H. Análise da produção científica em um Congresso Brasileiro de estresse. In: WITTER, G.P. (org.). **Metaciência e psicologia**. Campinas: Alínea, 2005, p. 111-135.

VIEIRA, K.C. Temas enfocados em Transformação de 1989 a 1996. In: WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997, p. 41-54.

WITTER, C. Produção científica e educação: análise de um periódico nacional. In: WITTER, G.P. (org**.). Metaciência e psicologia**. Campinas: Alínea, 2005, p. 199-215.

WITTER, G.P. (org.). **Metaciência e psicologia**. Campinas: Alínea, 2005.

WITTER, G.P. (org.). **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas: Alínea, 1999.

WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997.

WITTER, G.P.; PÉCORA, G.M.M. Temática das Dissertações e Teses em Biblioteconomia e Ciências da Informação no Brasil (1970-1992). In*:* WITTER, G.P. (org.). **Produção científica**. Campinas: Editora Átomo, 1997, p. 77-86.

FAZER PSICOLOGIA NO SERVIÇO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICOLOGIA – SAPP/PUCRS: PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO EM SAÚDE À LUZ DA PSICANÁLISE

Coordenação
Nádia Marques
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo da Mesa

Em nossa experiência, *Fazer Psicologia*, na Clínica Escola SAPP, da Faculdade de Psicologia - PUCRS é um desafio constante no sentido de contemplar, com qualidade, inovação e atualização, o exercício das atividades de ensino, aprendizagem e extensão. Desta forma, incentivamos a disponibilidade de envolvimento com situações de vida de outras pessoas nas mais variadas modalidades possíveis de expressão da singularidade que contemplam as relações humanas. Enquanto clínica-escola, o SAPP está organizado para que os alunos cumpram estágio obrigatório e práticas disciplinares na área da psicologia clínica – nos referencias: psicanalítico, cognitivo-comportamental e humanista - durante sua formação acadêmica, propondo um lugar privilegiado para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem no contexto da universidade. Considerando que os Serviços-Escola desempenham importante papel no panorama do sistema de saúde vigente, pretende-se com esta mesa descrever o funcionamento do SAPP e caracterizar sua clientela, apresentando o programa de intervenção psicanalítica em uma creche da comunidade através dos contos de fada; o programa realizado em parceria com o Serviço de Assistência Gratuita da Faculdade de Direito - SAPP/SAJUG e o atendimento psicoterápico de orientação psicanalítica. O SAPP se propõe, através da integração entre as demandas sociais e a formação acadêmica, desenvolver um trabalho qualificado de identificar as necessidades da população e construir formas de intervenção que promovam a saúde do indivíduo em sua complexidade biopsicossocial.

INTERVENÇÃO EM UMA CRECHE ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS – PROGAMA SAPP/COMUNIDADE

Nadia Marques
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Frente a nossa realidade atual, entendemos que a psicologia deve se fazer presente nas instituições que tenham vínculo com a saúde, com a educação e com a comunidade. Atendendo a este objetivo, realizamos, desde 1994, um trabalho de intervenção na comunidade. Orientada pela teoria psicanalítica, a proposta visa à prevenção primária e contempla crianças pré-escolares que vivem em situação de vulnerabilidade social, e frequentam, em turno integral, uma creche situada na periferia de Porto Alegre. As consequências desta realidade social podem determinar situações como as que encontramos na expressiva incidência de quadros psicossomáticos, depressões, estados de ansiedade e comportamentos disruptivos. Verificamos que, em parte, estas dificuldades se associam às precárias possibilidades destas crianças de expressarem, através de canais de comunicação eficazes, seus sentimentos e desejos. Esta situação aponta para os riscos de ocorrerem estados onde predominam a pobreza da vida imaginativa e da capacidade de pensar; quadros de delinquência; atuações sexuais, entre outras manifestações que podem impedir ou bloquear o desenvolvimento emocional saudável, dificultando um adequado ajuste à sociedade. Nossa proposta foi centrada em auxiliar as crianças a pensarem o impensável para que pudessem significar suas angustias, sentimentos e necessidades, nomeando-os. Baseadas em um modelo de relação afetiva e continente, organizamos encontros semanais, de uma hora de duração, durante um ano letivo. Visamos desta forma, facilitar o desenvolvimento da capacidade simbólica, valorizando e incentivando a atividade lúdica como forma de expressão da criatividade, da espontaneidade, da socialização e da autoestima valorizada. Os jogos, os brinquedos, os desenhos, a dramatização e, principalmente, os contos de fadas têm sido utilizados como instrumentos mediadores, através dos quais as crianças podem fantasiar, criando um mundo de ilusão saudável. Os contos de fadas por serem relatados de maneira breve e lúdica, são acessíveis às crianças, e suas estruturas correspondem às

necessidades infantis. Em uma linguagem simples, elas mostram enigmas e questões que a criança vivencia, mas ainda não tem condições de verbalizar de forma consciente. Os contos se apresentam como cenário para os seus sonhos, aguçando a imaginação e favorecendo o processo de simbolização, tão necessário a sua inserção em um mundo cultural. Assim, os contos dão rosto aos desejos de forma que a criança possa vivenciá-los sem culpa, favorecendo a elaboração de questões próprias ao desenvolvimento. Identificadas com os personagens as crianças podem se deparar com seus sentimentos mais secretos de medo, raiva, inveja, alegrias e curiosidades, deslocando-os para outro espaço e outro tempo. A oportunidade de vivenciar de forma compartilhada com os personagens e com o grupo tais sentimentos alivia as ansiedades e o sofrimento, contribuindo para a organização mental. Os contos de fadas também se constituem em significativo recurso pedagógico, pois transmitem uma linguagem simbólica necessária para a inserção da criança em um mundo letrado, além de ativar a memória, o vocabulário, a capacidade de abstração, a aquisição do pensamento conceitual, a compreensão e a assimilação da realidade e a socialização. Enfim, os contos de fadas, como mediadores em um contexto de pré-escola, integram o campo terapêutico e educativo.

Palavras chaves: psicanálise; clínica-escola; infância; simbolismo; contos de fadas.

INTERFACES ENTRE A PSICOLOGIA E O DIREITO: PROGRAMA SAPP/SAJUG – PUCRS

Samantha Dubugras Sá
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

O Programa SAPP/SAJUG é uma parceria, firmada oficialmente em 2005, entre o Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP), órgão auxiliar da Faculdade de Psicologia (FAPSI) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e o Serviço de Assistência Jurídica Gratuita (SAJUG), órgão da Faculdade de Direito (FADIR) da PUCRS. O referido Programa se fundamenta no objetivo de ambas as Faculdades de desenvolver projetos integrados de atendimento e pesquisa multidisciplinares. Voltado para a área da Psicologia Jurídica, os objetivos específicos do Programa SAPP/SAJUG são: desenvolver atividades multidisciplinares no SAPP, através da Parceria; ampliar as áreas de ação e de formação no SAPP; formação e produção de conhecimentos; atender às demandas da comunidade do SAJUG, nos aspectos psicossociais; bem como implementar ações de responsabilidade social. De 2005 até o presente momento realizamos ações conjuntas entre os dois serviços (SAPP-SAJUG) e prestamos atendimentos junto às demandas do SAJUG, sempre que os operadores do direito julgam relevante o assessoramento psicológico dos casos atendidos. Entre as práticas desenvolvidas ocorreram intervenções de Acolhimento e Avaliação da crise desencadeadora de litígios, Mediações Familiares, a emissão de Laudos e Pareceres, bem como o Assessoramento aos estagiários e supervisores do SAJUG, sempre que solicitado, no que tangia aos aspectos psicológicos. Grande parte dos casos atendidos pelo programa SAPP/SAJUG relacionam-se a questões de Direito de Família e Sucessões, em que se encontram: a separação, o divórcio, a ação de alimentos, guarda, adoção, tutela, curatela, reconhecimento de paternidade, destituição do poder familiar, mediação familiar, entre outros. Sob uma perspectiva psicanalítica, observa-se que, muitas vezes, a busca pela justiça é o auge da crise familiar e está associada a conflitos inconscientes que necessitam de um olhar mais profundo para que se possa compreender a motivação da busca por um processo judicial. Com frequência, são os conflitos latentes que permeiam a ação judicial pretendida e, é neste momento, que

aprecem os mitos transgeracionais, o luto pela ruptura da vida construída juntos, a culpa, entre outros aspectos concernentes aos litígios familiares.

Palavras chave: psicanálise; clínica-escola; interface psicologia e direito; crises; mediação.

OS DESAFIOS DA PRÁTICA E DO ENSINO DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn
Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Luciana Balestrin Redivo Drehmer
Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Mônica Medeiros Kother Macedo
Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Este trabalho se propõe a discutir os desafios da prática e do ensino da psicanálise a partir da experiência do Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia- Clínica-Escola da Faculdade de Psicologia da PUCRS (SAPP). Freud, como pioneiro no diálogo entre a psicanálise e a universidade, deixou marcas da importância do conhecimento científico psicanalítico na formação destes profissionais. Consideramos a partir de então que este é um processo enriquecedor já que a psicanálise inunda a universidade com seu paradigma de ser humano e a universidade inicia a construção de futuros profissionais, talvez futuros psicanalistas. A clínica-escola, instituição clínica inserida na universidade, especificamente traz desafios quanto ao pensar psicanalítico, tendo em vista que, ao abrir espaço para a comunidade e aos estudantes de psicologia, possibilita o início da prática da psicanálise para não psicanalistas. Contudo, sabe-se que a tarefa do fazer clínico não se dá apenas do ponto de vista teórico, uma vez que é preciso trabalhar na transferência a qual é sustentada pela assimetria da dupla psicoterapêutica. Essa questão se traduz também pela experiência de supervisão, na qual a transferência está posta, e na qual a assimetria não pode ser impeditiva de trocas produtivas. Afinal, se o supervisor fica no lugar de suposto saber, o espaço de supervisão torna-se mais um momento em que o caminho para a aquisição do conhecimento é a exposição. Quando isso ocorre, o aluno até pode apropriar-se do conteúdo, mas não da singularidade de uma experiência própria. Assim, esse trabalho parte das inquietações do grupo de professores, que na prática de supervisão clínica, se deparam com diversos desafios, tais como a transmissão do conhecimento psicanalítico; as possibilidades e limites da prática da psicanálise num local de estágio; o tempo limitado e a baixa freqüência dos tratamentos; a intensidade cada vez maior de pacientes que evidenciam o prejuízo de recursos psíquicos, além da questão da

existência ou não da análise pessoal dos estagiários. Encontramos em Freud o reconhecimento do limite que a Universidade tem na intersecção com a Psicanálise, na medida em que o objetivo não é formar psicanalistas, isto é, a constatação de que no âmbito universitário é possível aprender algo *sobre* a psicanálise e que aprenda algo *a partir* da psicanálise. Por outro lado, é inquestionável o papel que a Universidade tem, hoje, nas possibilidades de crescimento e vigência da Psicanálise, uma vez que essa experiência inicial de apresentação do método psicanalítico pode deixar marcas no desejo e na ética do aluno que posteriormente poderá dar continuidade a sua formação.

Palavras-chave: psicanálise, clínica-escola, supervisão, SAPP.

REFLEXÕES SOBRE NOVOS PARADIGMAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Carolina Rosa Panontin, Layse Matos de Souza, Mônica Cintrão França Ribeiro
Universidade Paulista – UNIP

Esse trabalho traz reflexões sobre a intervenção psicológica no processo de produção da queixa escolar apresentando uma modalidade de atendimento psicológico nas escolas que pretende preencher as lacunas existentes na prática comum. Utilizamos como literatura base para reflexão o livro Orientação à Queixa Escolar, organizado por Beatriz de Paula Souza (2007). Nosso objetivo maior era conquistar uma movimentação nessa rede dinâmica – a escola - que se direcione do sentido do desenvolvimento de todos os seus participantes (e não só do aluno), resgatando o interesse pela aprendizagem e pelo ensino; oferecendo espaços de expressão para os principais interessados na questão da aprendizagem escolar. Para tanto foram realizadas oficinas psicopedagógicas com 4 (quatro) alunos do Ensino Fundamental I de uma escola de ensino público no bairro Jardim Santa Emília em São Paulo; Sendo que a escola foi quem selecionou os alunos que segundo eles possuíam dificuldade de aprendizagem, e estes 4 (quatro) freqüentaram as oficinas sob autorização dos responsáveis. Nessas oficinas utilizamos de recursos lúdicos e expressivos, materiais gráficos e jogos relacionados à educação com a finalidade de resgatar aquilo que as crianças sabem fazer, desconstruindo o estigma de não- aprendizagem a que elas estão submetidas. Os resultados alcançados mostram que a modificação no conceito que têm de si mesmo tem efeito na aprendizagem em sala de aula e foi observado a necessidade que eles tinham de serem reconhecidos e de se reconhecerem em suas capacidades e potencialidades, olhando-se como sujeitos de sua própria história. Ao final é discutido a importância de uma prática escolar para além do olhar minimalista que considera o aluno o único responsável pelo seu fracasso. Essa nova prática colabora no sentido de diminuir o número de encaminhamentos de crianças e adolescentes aos consultórios psicológicos, contribuindo para a compreensão e o manejo da questão da aprendizagem no ambiente escolar. Portanto nos propomos a apresentar neste presente congresso o material utilizado nas oficinas, bem como registros das produções das crianças.

Palavras-chave: Oficinas psicopedagógicas; Psicologia escolar; Novas práticas.

DESENVOLVENDO PARCERIAS: UMA QUESTÃO DIFÍCIL NOS ESTÁGIOS CURRICULARES OBRIGATÓRIOS EM PSICOLOGIA

Laura Cristina Fóz Rodrigues Alberto
Universidade Anhembi Morumbi

Este trabalho discute a tarefa de identificar e consolidar parcerias para estágios a partir de experiência com Curso que inaugurava seu Serviço-Escola, com sua primeira turma. Os cursos de Psicologia costumeiramente têm, como campo de estágio, a Clínica de Psicologia, normalmente identificada com o termo mais abrangente de Serviço-Escola. Esse campo, física e juridicamente faz parte da Instituição de Ensino, sendo formatado conforme suas possibilidades e necessidade, sendo a mais emergente a de propiciar aos alunos oportunidade de realizarem atendimentos psicológicos, como estágios, na maioria das vezes tradicionais em psicoterapia, triagem e psicodiagnóstico. Como própria, essa configuração de campo se implanta, sofrendo apenas alguns pequenos entraves relativos ao relacionametno multidisciplinar, quando é o caso, ao espaço físico e a formalidades municipais e estaduais para a implantação de Serviços, especialmente em Saúde. Seguir essas orientações e outras condições legais, educacionais ou profissionais determinadas, por exemplo, pela Lei de Estágio nº 11.788/2008 e pelas Recomendações aos Serviços Escola de Psicologia do Estado de São Paulo, pelas Diretrizes Currriculares Nacionais para os cursos de Psicologia e pelo próprio Código de Ética profissional do Psicólogo, garante ao Curso uma gestão tranqüila do campo. Conforme denotou a experiência na determinação de parcerias, para alocar todos os alunos, evitando que estes identificassem os próprios campos, configurar uma expansão do Serviço-Escola, buscando parcerias, caracteriza-se, no entanto, por uma tarefa que exige de todos uma disposição a ultrapassar barreiras, inovar e conviver com diferenças e frustrações. As dificuldades identificadas na formação das parcerias, e na sua manutenção, parecem universais, compreensíveis, embora nada desprezíveis, o que as coloca em caráter de focos de reflexão. Elencaram-se, assim, alguns fatores desencadeantes de resistências aos estágios e de fracassos no alcance de seus objetivos. O primeiro está associado a instituições que dificilmente tem psicólogos em seus quadros, que podem oferecer oportunidades muito interessantes para a formação profissional dos estagiários, que

desejam e até necessitam de intervenções psicológicas, mas que carecem de infraestrutura e recursos humanos capazes de oferecerem um mínimo suporte aos estágios. Em outra ponta, observamos as grandes instituições e organizações que não sofrem dessa carência, mas que se organizam com programas próprios de estágio, que seguem suas políticas de recrutamento e seleção no mercado de trabalho e planos e atividades que seguem seus interesses comerciais e não educacionais e que, portanto, não se interessam pelos estágios obrigatórios, realizados por alunos indicados pelo Curso, normalmente associados a dispêndio de tempo inexistente. Há pequenas instituições, ou empresas, que se interessam pelos estágios, mas que não têm capacidade para desenhar os planos de ação, necessitando de um aluno perspicaz e de um supervisor que ultrapasse as barreiras do fazer estereotipado e corriqueiro, e sejam atores na identificação das necessidades e oportunidades de intervenção. Outras Instituições, que têm em seus quadros psicólogos, mostram resistência, possivelmente relacionada à exposição de suas atividades e mazelas técnicas e éticas, a um supervisor do Curso, gerando, até, constrangimento destes.

Palavras-chave: Psicologia; Estágios Curriculares; Parcerias.

PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - PRONTO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO (PAP) AOS UNIVERSITÁRIOS DO CAMPUS UNESP ASSIS

Leiliane Cristina Facchini
Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), estagiária e bolsista PROEX do projeto de extensão universitária PAP.
Heidi Mirian Bertolucci Coelho
Psicóloga clínica do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada UNESP Assis (CPPA), Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), coordenadora do projeto de extensão universitária (PAP) e membro associado do Núcleo de psicanálise de Marília e região.

O Pronto Atendimento Psicológico (PAP) é um projeto de extensão universitária voltado a comunidade acadêmica do campus Unesp-Assis, vinculado ao Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Dra. Betti Katzenstein” (CPPA), clínica-escola onde ocorrem os atendimentos. Foi criado em 1998 a partir da demanda crescente dos alunos por acolhimento e escuta psicológica. No mundo contemporâneo em que vivemos onde as relações são rápidas e superficiais, o contato humano passa a ser escasso. Devido a isso, a necessidade de um encontro real – paciente/terapeuta - para melhor compreensão das vivências emocionais, leva o sujeito em busca de atendimento psicoterápico; com isso o PAP passou a ter um importante papel para os discentes, como um espaço de criação de vínculos e assistência psicológica gratuita. O projeto é composto por 12 estagiários, sendo do quarto e quinto anos do curso de Psicologia, que são acompanhados pela coordenadora deste programa, que atua no CPPA. Os estagiários passam por supervisão semanal e fazem plantões de 3 horas semanais, além de oferecerem atendimentos em psicoterapia individual com embasamento psicanalítico. Os discentes que se interessam pelo serviço podem agendar um horário para o atendimento, caso houver algum estagiário em horário de plantão disponível, podem ser atendidos naquele momento. Para o aluno esse espaço pode assumir diversos objetivos, como de um simples momento de desabafo, ou até mesmo de um acolhimento mais profundo com a necessidade do encaminhamento psicológico. Após o primeiro contato, que tem intenção de acolhimento ao sujeito, também tem o caráter de triagem, onde é marcado um novo encontro para a

semana seguinte, e de acordo com o caso, se sugere um possível encaminhamento. Estes encaminhamentos são discutidos em supervisão, alguns casos ficam para serem atendidos pelos estagiários do núcleo do PAP e outros são encaminhados para psicólogos conveniados com a Unesp-Assis, de acordo com a situação financeira do aluno-paciente. Desde o início das atividades desse ano de 2011, de Abril até a primeira quinzena do mês de Junho, foram realizados 51 prontos atendimentos, todos com retorno e devolutiva e 15 alunos estão sendo atendidos em psicoterapia individual por estagiários do projeto. O Pronto Atendimento Psicológico torna possível para o estagiário a transformação da teoria em prática, abrindo portas para o crescimento acadêmico/profissional e mais importante ainda, no crescimento pessoal, além de proporcionar inúmeras vivências para a relação estagiário-paciente.

Palavras-chave: Pronto atendimento psicológico; acolhimento; estagiários; encaminhamento.

COACHING PARA A LIDERANÇA DE EMEI

Carolina Fernades Custoia e Nirlei Dragonetti
Universidade Cruzeiro do Sul

O presente projeto visa apresentar o trabalho realizado durante o ano de 2010 na Instituição de Ensino "Escola Municipal de Educação Infantil José Veríssimo", localizada na Zona Leste de São Paulo. Com os resultados das entrevistas realizadas para levantamento de dados sobre a Instituição, foi possível obter-se o diagnóstico onde foi apontado deficiências no ambiente organizacional da E.M.E.I José Veríssimo, entre elas: relacionamento dificultoso com lideranças, comunicação interna ineficaz, ausência de apoio na condução de aulas com alunos especiais e a inoperância da área de Segurança do trabalho. Ao ser apresentado estes pontos às Lideranças por meio da Devolutiva, ilustrados com gráficos e dados provenientes das análises qualitativas, quantitativas e a síntese geral, a Diretora, bem como a Coordenadora, concordaram para que fosse realizada a intervenção de "*Coaching* com as Lideranças". Esta modalidade de intervenção foi apresentada junto com outras três, a saber: Reestruturação dos métodos de comunicação interna, Programa de Inclusão (ou *Workshop*) e Estruturação da área de Segurança do trabalho, porém defendida como prioridade. O projeto de *Coaching* foi elaborado em cinco encontros envolvendo questões como Liderança, Motivação, Comunicação e *Feedback*, a fim de potencializar as habilidades e competências das lideranças da Instituição. Os principais autores utilizados foram: Cavalcanti, e col. (2009); Chiavenato (2003), Gil (2001) e Mattos (2009), dentre outros. Cabe ressaltar que o intuito do projeto era de trabalhar com ambas as lideranças da escola: Diretora e Coordenadora, no entanto, apenas a Coordenadora se disponibilizou para os encontros, a qual, contudo, por motivos de saúde, interrompeu o percurso do projeto antes de sua finalização, fato este que pode ser analisado como uma resposta indireta ao processo de *Coaching.*

Palavras – chave: *Coaching;* Liderança; Psicologia do Trabalho.

PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL EM UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL

Valter Roberto Lopes Marcondes D'Angelo
Psicólogo, professor e supervisor de estágio da Universidade Cruzeiro do Sul
Renata Patrícia Santana
Psicóloga e ex-aluna do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul

Este trabalho é resultado do estágio obrigatório em Psicologia do Trabalho, do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul. Foi realizado em um colégio da zona leste de São Paulo, e envolveu duas etapas básicas: diagnóstico e implementação da pesquisa. Na primeira etapa, ocorrida no 1º semestre de 2010, além da caracterização da Instituição, foram realizadas 16 entrevistas com funcionários, docentes e gestores, com o objetivo de contextualizar a instituição e identificar possíveis demandas. As entrevistas foram semi-dirigidas, a partir de um roteiro básico, e a escolha dos participantes foi aleatória. Após o levantamento de dados, chegou-se à conclusão de que seria necessária a aplicação de uma pesquisa para avaliar o clima organizacional, envolvendo todo o corpo docente e administrativo, uma vez que as demandas não estavam suficientemente claras. Na segunda etapa do trabalho foi desenvolvido um instrumento de coleta de dados, com 34 questões referentes aos fatores: liberdade de expressão, desenvolvimento profissional, condições de trabalho, ambiente psicossocial, reconhecimento profissional, relacionamento com a chefia, imagem institucional e fator geral. Todos os funcionários (36) foram convidados a participar, mas apenas 28 o fizeram, o que resultou em um erro amostral de 7%, o que não inviabilizou a análise dos resultados, mas exigiu uma cautela maior quanto à projeção dos resultados. Dois fatores apresentaram-se com os mais insatisfatórios: compensação, o que envolve salários e benefícios, e desenvolvimento profissional. Os fatores com maior índice as satisfação foram: imagem da instituição, relacionamento com a chefia e condições de trabalho. Dos aspectos mais insatisfatórios foram relacionadas as seguintes propostas: rever/atualizar a estrutura de cargos, realizar uma pesquisa de mercado para avaliar os valores pagos pela instituição, criar programas de desenvolvimento profissional específicos para algumas áreas administrativas (especialmente em comunicação e atendimento ao cliente), desenvolver um programa de

subsídios à qualificação profissional, criar espaços para a troca de experiências entre os funcionários e realizar ações visando maior integração entre funcionários e docentes.

Palavras-chave: clima organizacional, cultura organizacional, satisfação no trabalho.

O TRABALHADOR FRENTE A SUA TAREFA: UMA VISÃO ERGONÔMICA

Ilcemar de Oliveira e Néia Martins
Universidade Cruzeiro do Sul

Atualmente vivenciamos uma aceleração do desenvolvimento tecnológico antes nunca visto, em paralelo a esse crescimento existem algumas profissões que pouco se beneficiaram dessas mudanças, seus instrumentos de trabalho continuam ultrapassados, mas ainda assim exige-se desses trabalhadores uma aceleração compensatória, ou seja, se seus instrumentos não evoluem, o próprio trabalhador tem que evoluir sua forma de trabalho para acompanhar a demanda crescente que a empresa solicita. O trabalhador se integra a esse maquinário que a empresa utiliza para alcançar seus fins, e se a maquina não pode evoluir para um nível de trabalho mais rápido, o trabalhador tem que transformar sua forma de trabalho para um modo mais eficaz. A psicologia organizacional por sua vez necessita se aprimorar para encarar com propriedade problemas como esse, mas não com um olhar clássico onde existe o velho dito de opressor e oprimido, onde o psicólogo vai tomar partido de um dos lados esquecendo completamente o outro, ou então transportando soluções prontas e tornando-se uma espécie de guru, o que é necessário agora é um olhar mais abrangente da situação, o psicólogo neste contexto é, sobretudo, um agente em pró do trabalho. Neste presente artigo compartilharemos uma experiência vivenciada em um estágio em psicologia do trabalho, onde observamos as relações que os trabalhadores têm com a tarefa que exercem, e de que forma estas relações influenciam em sua plena execução. Essa intervenção teve como objetivo principal, de contribuir para um melhor desenvolvimento da ação de cada funcionário e sua capacidade produtiva, de forma que o trabalho pudesse ser desenvolvido através das experiências do próprio trabalhador. Partindo disso, foram verificadas as relações que os funcionários mantêm com a atividade que desempenham, utilizando-se de entrevistas e diálogos em grupo; porém encontramos alguns obstáculos que evidenciaram um trabalho pouco elaborado e degradado, sendo que os trabalhadores se confrontam com condições que impedem uma elaboração da atividade, fazendo com que o ato de trabalhar ocasione sofrimento. Condição que muitas vezes não são superadas, não por falta de capacidade daquele que executa essa atividade, mas sim por falhas na instrumentalização desses.

Partindo deste princípio podemos chegar a seguinte conclusão: Os principais elementos determinantes da saúde do trabalho não são evidentes, mas estão presentes em sua organização, portanto uma atividade bem desenvolvida e descrita torna-se fundamental para a manutenção da saúde mental do trabalhador, vimos também quão à satisfação e motivação dos funcionários não estão relacionadas apenas com as necessidades ou determinantes internos de cada trabalhador, é preciso também à contrapartida da organização das condições de trabalho, ou seja, as condições dos instrumentos que os funcionários se utilizam para executar sua função devem contrabalançar as exigências que lhe são impostas, estas condições uma vez atendidas permitem ao trabalhador apropriar-se de sua função e conduzir sua execução a um patamar mais elevado e eficiente tanto no ponto de vista dos objetivos da empresa quanto na preservação da própria saúde.

Palavras-chave: psicologia do trabalho, ergonomia, tarefa/atividade, saúde do trabalho.

DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL DE UMA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL I COM ÊNFASE NA SAÚDE DO TRABALHADOR DE EDUCAÇÃO FRENTE AO PROCESSO DE MUNICIPALIZAÇÃO

Carolina Beatriz Savegnago Martins; Fernanda Consoni Mossini; José Pace Júnior; Lucas Caetano Vilela Lemos; Sandra Fogaça Rosa Ribeiro

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Assis.

A saúde do trabalhador é concebida pelo Ministério da Saúde como uma área de Saúde Pública e objetiva estudar as relações entre trabalho e saúde. Os danos causados à saúde do trabalhador podem ser decorrentes de inúmeros fatores, como organizacionais, sociais, econômicos e políticos. Dentro desse contexto podemos citar os trabalhadores da educação, que assim como os demais não estão isentos das interferências externas. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo realizar um diagnóstico organizacional de uma escola estadual de ensino fundamental com ênfase na saúde do trabalhador de educação das séries iniciais. As atividades relatadas fizeram parte do estágio supervisionado de um curso de Psicologia. Como metodologia para coleta de dados foi usada a observação participante, totalizando 32 horas de observação, divididas entre duas duplas de estagiários. Cada dupla realizava 4 horas de observação semanal nos períodos da manhã e tarde-Complementarmente, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas com duas professoras, uma que representava o 1º e 2º ano e outra que representava o 3º, 4º e 5º ano. A análise dos dados resultou em sete temáticas: organização do trabalho, desvio de função/instabilidade, formação continuada/autonomia, jornada de trabalho/insatisfação salarial, saúde do professor, família versus escola e municipalização. Foi possível observar que há falta de trabalhadores em determinados cargos, sobrecarregando outros. Observou-se que existe autonomia em sala de aula, entretanto é preciso seguir a apostila fornecida pelo Estado e que embora haja o oferecimento de cursos, estes não suprem todas as necessidades, dessa forma os professores buscam aprimorar-se individualmente. Nas conversas e discussões entre os trabalhadores de educação a respeito de suas remunerações nota-se que a maioria está insatisfeita, sendo que alguns realizam dupla e até tripla jornada de trabalho. Percebeu-se a preocupação de muitos professores e também funcionários da escola, principalmente pela insegurança motivada pelo processo de municipalização, onde mesmo os professores efetivos preocupam-se com possíveis remanejamentos que possam sofrer, porém tal processo divide a opinião dos professores. Dificuldades no relacionamento da escola com os pais e desinteresse quanto aos assuntos pertinentes aos seus filhos também foram relatadas. Conclui-se que o contexto de insatisfação salarial, jornada de trabalho aumentada, dificuldades no trabalho com o aluno e suas questões sociais, desvalorização do trabalho, falta de apoio dos pais de alunos, prejudica a saúde dos trabalhadores que podem entrar em sofrimento psíquico, assim como, desenvolver e/ou agravar doenças orgânicas devido à rotina de trabalho

Palavras-chaves: Diagnóstico Organizacional; Saúde do trabalhador; Educação; Municipalização.

INTRODUÇÃO

A saúde do trabalhador é concebida pelo Ministério da Saúde (2001) como uma área de Saúde Pública e objetiva estudar as relações entre trabalho e saúde, estabelecendo um conjunto de normas a fim de prevenir doenças relacionadas ao trabalho, além de buscar a promoção e a recuperação da saúde dos trabalhadores. Os danos causados à saúde do trabalhador podem ser decorrentes de inúmeros fatores, como organizacionais, sociais, econômicos e políticos.

Para Mendes e Dias (1991*,p.347*), " *o objeto da saúde do trabalhador pode ser definida como o processo de saúde e doença dos grupo humanos, em sua relação com o trabalho"* além de representar um esforço de compreensão e tentativa de intervenção junto aos trabalhadores

Schmidt (2010) parte da noção de articulação entre o papel do trabalho, processo saúde doença do trabalhador e as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, como: *" reestruturação produtiva, adoção de novos métodos gerenciais, implementação de novas tecnologias, terceirização, automação e precarização das relações de trabalho, entre outras geradoras de prejuízos a saúde do trabalhador*"(p.17).

Seligman-Silva (2003) ressalta a importância de se estudar a relação entre trabalho e saúde mental, destacando o fato de até o momento não ter-se criado um consenso internacional sobre a conexão trabalho e psiquismo, posicionando-se contra a concepção de adoecimento como algo inerente ao individuo e não ao coletivo.

Dentro desse contexto os profissionais da educação não estão isentos do sofrimento no trabalho, marcado por precárias condições de trabalho, ritmo de trabalho acelerado, falta de valorização do trabalho, dificuldades nas relações com as famílias dos alunos, falta de diálogo com a administração, entre outros (Carneiro, 2001).

OBJETIVO

Realizar diagnóstico organizacional em uma escola estadual de ensino fundamental com ênfase na saúde do trabalhador de educação das séries iniciais.

MÉTODO

Realização de diagnóstico organizacional, atividade de estágio supervisionado de um curso de Psicologia, em uma escola estadual de ensino fundamental I em uma cidade localizada no interior do Estado de São Paulo com ênfase na saúde do professor das séries iniciais. Tendo como critério para escolha da escola a indicação da Diretoria de Ensino por se tratar de uma das poucas instituições com vínculo de estágio com a Universidade, o que permitiria um início mais rápido do estágio já que as observações participantes se dariam em um curto espaço de tempo além de ser uma das poucas escolas de séries iniciais estadual.

Sujeitos

Os trabalhadores da escola compreendem agente de organização escolar, secretárias, auxiliar de serviços gerais, merendeiras, faxineiras, diretoria e vice-diretoria, e professores, sendo que dos 22 professores em atividade, 13 são professores efetivos e 9 professores eventuais (ACTs – Atribuição em Caráter Temporário).

Procedimento e coleta dos dados

A metodologia usada neste estudo foi a observação participante, parte essencial da pesquisa de campo para a compreensão da realidade do cotidiano de trabalho (MINAYO, 2004). O cotidiano dos professores foi observado pelos estagiários em visitas que totalizaram 32 horas de observação, divididas entre duas duplas de estagiários. Cada dupla realizava 4 horas de observação semanal nos períodos da manhã e da tarde. Nestas visitas os estagiários presenciaram os intervalos na sala dos professores, algumas aulas, a reunião de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), entre outros momentos.

Sobre a Observação Participante, Minayo (2004, p.138) acrescenta que ”[...] significa imergir na realidade mas ao mesmo tempo dominar o instrumental teórico [...] Significa abertura para o grupo, sensibilidade para sua lógica e sua cultura, lembrando-se que a interação social faz parte da condição e da situação de pesquisa”. Por conta de tal interação é importante informar os participantes sobre o tempo do estudo e o seu término. Assim realizou-se a coleta de dados nos meses de maio a Junho de 2011, e a devolutiva marcada com a presença de todos os professores, mantendo-os informados do processo.

Foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas, a fim de complementar dados da observação participante como também investigar dados ainda não observados.

As entrevistas foram realizadas com duas professoras, sendo que uma representava o 1º e 2º ano e outra que representava o 3º, 4º e 5º ano, que se disponibilizaram, durante a participação dos estagiários na reunião semanal do HTPC. As entrevistas e a observação participante foram registradas em diário de campo.

Análise dos dados

Os dados foram analisados a partir da observação participante e das entrevistas. Estes foram divididos em sete categorias: organização do trabalho, desvio de função/instabilidade, formação continuada/autonomia, jornada de trabalho/insatisfação salarial, saúde do professor, família versus escola e municipalização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entende-se por organização do trabalho a relação entre algumas variáveis como conteúdo do trabalho exercido e sua divisão entre responsáveis, as normas e expectativas dos trabalhadores, as exigências de tempo, ritmo e prazos de trabalho (PARAGUAY, 2002). A partir da observação participante a rotina de trabalho dos professores foi analisada e contava com pequenas pausas, conteúdo de trabalho aumentado já que extrapola os limites pedagógicos, esbarrando nas questões sociais e familiares dos alunos, assim como o déficit de alguns profissionais. Relatou-se a falta de profissionais inspetores, no momento há apenas um, porém o número seria de três *(Diário de Campo)*. Esta deficiência de profissionais pode ocasionar desvio de função, sobrecarregando alguns trabalhadores que acumulam funções e recebem apenas o valor de sua função de registro.

Há também a instabilidade daqueles professores com contrato eventual que precisam estar disponíveis para o trabalho, relatam o quanto é difícil estar apenas substituindo outros colegas (Diário de Campo). Os professores relataram possuir autonomia parcial em seu trabalho, já que seguem um determinado material fornecido pelo governo estadual, mas sentem-se engessados na medida em que têm que utilizar material do estado (Diário de Campo).

Sobre capacitação, os professores queixam de que os cursos oferecidos pelo Estado são poucos e insuficientes. Assim, os que desejam buscar conhecimento realizam uma busca individual, até porque o horário em comum para estudo é o HTPC - Hora de

Trabalho Pedagógico Coletivo - que nem sempre cumpre essa proposta. Afirmam que precisam de estudo, mas o Estado não oferece, dispõem materiais para serem estudados, mas a busca por outros materiais é por conta própria *(Diário de Campo).*

Além disso, sobre o ritmo de trabalho alguns professores relataram realizar extensas jornadas de trabalho, como professores que fazem dupla ou tripla jornada em diferentes escolas, assim como há aqueles que possuem outro trabalho não relacionado a educação. Este é o caso de uma professora da escola que para se manter, trabalha em outra escola todos os dias no período da manhã e também trabalha no período da noite, sendo assim três vezes na semana trabalha durante os três períodos *(Diário de Campo).* Os professores também realizam trabalhos para a escola em seus horários livres, como preparo de aulas e correção de provas.

Nesse sentido, um estudo realizado com professores de nove escolas da rede estadual de ensino do estado de São Paulo, com o intuito de levantamento das condições de trabalho e do perfil sociodemográfico destes, expôs a questão da sobrecarga de trabalho, já que "[...] mais da metade dos professores (53,9%) trabalhavam simultaneamente em outra escola [...] Além disso, 15,9% desenvolviam outras atividades remuneradas, além da docência." Assim, neste mesmo estudo observou-se que o aumento da jornada de trabalho "pode ser um indicativo de uma necessidade de complementação de renda familiar, através de outros trabalhos, inclusive fora da área de ensino." (VEDOVATO, MONTEIRO, 2008, p.294).

Nas conversas e discussões entre os trabalhadores de educação a respeito de suas remunerações praticamente todos reclamaram sobre o valor que recebem. Pode-se notar que alguns se sentem desvalorizados e comparando profissões; concluíram que um soldador ganha mais que um professor *(Diário de Campo).* Para obter um aumento extra no salário os professores podem realizar a prova do Mérito, aqueles que atingirem pontuação necessária recebem um aumento de 25%. Toda essa questão de baixos salários e prova do Mérito pudemos observar. Os trabalhadores relatam que a remuneração nunca foi o que se quis, ninguém está feliz, espera-se mais, acham que merecem mais *(Diário de Campo).* Alguns trabalhadores até debocham da situação dizendo que todo professor tem problema mental porque para dar aulas e receber o salário que recebem só podem ter problemas *(Diário de Campo).* Este relato vai de encontro com exposições da literatura

> [...] baixos salários obrigam professores e professoras a ampliar sua jornada de trabalho ao máximo para adquirir complementação da renda. As condições de trabalho são novamente configuradas como péssimas: faltam recursos e ferramentas de trabalho. As incidências de afastamentos por razões de saúde são mais freqüentes entre as professoras e, mais especificamente, do ensino fundamental. Leite e Souza (2007, p.52)

Outro tema presente foi o processo de municipalização que a escola está passando. A municipalização da educação começou a ser discutida com o enfraquecimento e a queda do governo militar. De acordo com Martins (2003) essa descentralização tem ocorrido baseada na redistribuição das receitas além de visar novos rearranjos político-institucionais. Num estudo que discute o pensamento de Anísio Teixeira sobre municipalização, Azanha (1991, p.61) relata que

> "a municipalização tinha um propósito claro: a melhoria do ensino primário. Desde então, até nossos os dias, essa clareza foi sendo perdida e nem sempre é fácil saber o que se pretende quando se fala de municipalização do ensino".

Essa constatação de Azanha (1991) é visível no discurso dos trabalhadores, que dizem que o maior problema dos professores não são os alunos, que estes elas 'tiram de letra', são crianças, brincam, brigam, fazem as pazes rapidamente *(Diário de Campo).* A maior dificuldade é conviver com essa situação de insegurança no trabalho, em não saber se no próximo dia não terá mais um trabalho na escola e na cidade onde sempre morou e ter que mudar-se com toda sua família, ou virar moeda de troca nas mãos dos interesses particulares de um grupo, que ai reside o medo, a ansiedade, a insegurança *(Diário de Campo).* Observou-se também que a municipalização preocupa muitos trabalhadores, principalmente, como já foi relatado, pela insegurança que todo o processo provoca, entretanto há aqueles que são a favor dessa descentralização, mais calam diante da união para ir contra o processo uma vez que os que são a favor são minoria, porém há trabalhadores que mesmo tendo uma condição privilegiada por serem efetivos e dessa forma não poderem ser demitidos, preocupam-se com possíveis remanejamentos que a prefeitura possa fazer caso a municipalização se concretize. Tal situação ficou claro quando relatam que os professores efetivos não podem ser mandados embora, porém se tornariam marionetes nas mãos da Secretária de Educação, podendo ser remanejados para outras escolas, ou até mesmo sofrerem "perseguição", levando em consideração que a cidade onde a escola se localiza é uma cidade pequena, onde indicações ou o famoso

Q.I. (quem indica) acontece com frequência. Os demais professores não efetivos correm o risco de só conseguirem aulas em cidades maiores e distantes como Campinas ou São Paulo, pois seriam cidades onde teriam vagas para estes por terem escolas de ensino infantil ainda sob o controle do estado." *(Diário de Campo).* Diante desse relato é possível encontrar ainda no trabalho de Azanha (1991) uma possível justificativa para o temor dos trabalhadores dessa escola diante do processo de municipalização onde ele diz que

> "a simples administração local de ensino não representa por si só nenhuma garantia de sua efetiva democratização e pode até mesmo ser oportunidade de exercício de formas mais duras de coerção sobre o processo educativo e sobre o magistério". (Azanha 1991, p. 62)

Quanto a aceitação da municipalização da escola, poucos trabalhadores justificaram-se dizendo que estão brigando para não municipalizar essa escola, mas as escolas municipais têm muito mais recursos. Recursos profissionais como funcionários, computadores, materiais, etc. Para o bem estar do aluno, o município tem muito mais recursos do que o estado. A posição contra a municipalização é porque se pensa só nos professores e é uma contradição, pois para o aluno é bom, mas para os professores não *(Diário de Campo).* Fica claro que a municipalização seria bom por conta dos recursos que são repassados do estado ao município e esse os emprega efetivamente bem aos olhos desse profissional, dessa forma o aluno teria melhor amparo na escola municipal com relação a recursos, materiais e profissionais do que na escola estadual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que há falta de trabalhadores em determinados cargos, sobrecarregando outros. Observou-se que existe autonomia em sala de aula, entretanto é preciso seguir a apostila fornecida pelo Estado e que embora haja o oferecimento de cursos, estes não suprem todas as necessidades, dessa forma os professores buscam aprimorar-se individualmente. Nas conversas e discussões entre os trabalhadores de educação a respeito de suas remunerações nota-se que a maioria está insatisfeita, sendo que alguns realizam dupla e até tripla jornada de trabalho, não necessariamente apenas na área de educação, além do uso de horários livres para a realização de atividades relacionadas à escola (preparo de aula, correção de provas). Percebeu-se a preocupação de muitos professores e também funcionários da escola, principalmente pela insegurança

motivada pelo processo de municipalização, onde mesmo os professores efetivos preocupam-se com possíveis remanejamentos que possam sofrer, porém tal processo divide a opinião dos professores. Dificuldades no relacionamento da escola com os pais, e desinteresse quanto aos assuntos pertinentes aos seus filhos também foram relatadas. Conclui-se que algumas queixas foram emersas desse contexto como a insatisfação salarial, jornada de trabalho aumentada, dificuldades no trabalho com o aluno e suas questões sociais, desvalorização do trabalho, falta de apoio dos pais de alunos, entre outras. As queixas se constituem em prejuízo na saúde dos trabalhadores da educação, que podem entrar em sofrimento psíquico, assim como, desenvolver e/ou agravar doenças orgânicas devido à rotina de trabalho.

REFERÊNCIAS

AZANHA, J.M.P. Uma idéia sobre a municipalização do ensino. Estudos Avançados. 12(5) p. 61-62. 1991.

CARNEIRO, M. C. B. G. C. *A saúde do trabalhador professor*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2001.

LEITE, M.P; SOUZA, A.N. *Condições do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil.* 2007.

MARTINS, A.M. *Uma análise da municipalização do ensino no estado de São Paulo.* Caderno de Pesquisa. n. 120, p. 221-238, Nov.2003.

MENDES, R.; DIAS, E. C. *Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador.* Revista de Saúde Pública.São Paulo, 25(5):341-349, 1991.

MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento* Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MINISTÉRIO DA SAÚDE.*Doenças relacionadas ao trabalho:* manual de procedimentos para os serviços de saúde. DIAS, E. C. D. (org); ALMEIDA, I. M. et al. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil,2001.

PARAGUAY, A.I.B.B. *Da organização do trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores*. In: MENDES, R. Patologia do trabalho. Atheneu, 2002.

SCHMIDT, M. L. G. *Saúde e doença no trabalho:* uma perspectiva sociodramática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1°edição, 2010.

SELIGMANN-SILVA, E. Psicopatologia e saúde mental no trabalho. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho.* São Paulo: Atheneu, 2003, p. 1141 - 1182.

VEDOVATO, T.G.; MONTEIRO, M.I. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. *Rev. Esc. Enferm. USP,* v.42, n.02, p.290-297, 2008.

MISSÃO, VISÃO E VALORES COMO ELEMENTOS DA IDENTIDADE ORGANIZACIONAL EM UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

Valter Roberto Lopes Marcondes D'Angelo
Psicólogo, professor e supervisor de estágio da Universidade Cruzeiro do Sul
Célia Sousa – Psicóloga Cirino
Ex-aluna do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul

Nunca se falou tanto de terceiro setor e de responsabilidade social no Brasil como agora. As pessoas desejam, cada vez mais, viver em um ambiente saudável, humanitário, de bem-estar, com educação e cultura à sua disposição. O aumento dessas necessidades tem feito com que a iniciativa privada busque nas Organizações Não Governamentais viabilidade para realizar seus investimentos sociais. Por isso, proliferam-se, em todo o mundo, as organizações sem fins lucrativos, voltadas para o atendimento das necessidades que as instituições governamentais não conseguem atender. Entretanto, a cultura geral do terceiro setor, que é forte no aspecto voluntarismo, é incipiente no aspecto profissional, prevalecendo a caridade nos centros religiosos, a política nas entidades de classe, a militância nas áreas voltadas para as causas ambientais. Apesar das boas intenções, os resultados ainda estão aquém do esperado. Este quadro é, ainda, agravado pela inexistência, de forma geral, de ações voltadas para a definição e o fortalecimento dos vínculos subjetivos, entre os voluntários que participam desses projetos e a missão institucional. O presente trabalho foi realizado em uma ONG localizada em uma comunidade da zona leste de São Paulo, caracterizada como um bairro-dormitório, uma vez que a maior parte da população economicamente ativa, desloca-se, diariamente, para trabalhar nas regiões mais centrais da cidade. Com isso, é grande número de crianças e jovens que ficam sozinhos em casa, criando uma patente situação de vulnerabilidade. É esse o público que é atendido pela organização em questão, ao qual são oferecidas atividades educacionais e sócio-culturais e alimentação. O trabalho foi dividido em duas fases: na primeira foram realizadas onze entrevistas, com funcionários e gestores. Na segunda foi desenvolvido um programa do qual participaram 8 funcionários cujo objetivo foi definir a Missão Institucional, sua Visão de Futuro e seu quadro de valores institucionais, os quais compõem e dão sustentação aos princípios

éticos organizacionais. O trabalho foi encerrado após o grupo de funcionários ter definido, de forma compartilhada, a missão, a visão e os valores da Instituição, o que proporcionou a esse grupo, uma nova percepção a respeito da Instituição e, principalmente, do papel que cada funcionário, técnico ou gestor representa nesse contexto.

Palavras-chave: Missão Institucional, Identidade Profissional, Visão Institucional

MARCAS DA GEMELARIDADE: UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA SOBRE O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE GÊMEOS

Ana Rosa F. M. G. Pastor, Elisa Marina B. Villela
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Comumente, gêmeos são convidados a participar de pesquisas com o seguinte objetivo: verificar a hereditariedade de alguma patologia ou característica de personalidade. Poucas vezes é pensado o "peculiar" mundo dos gêmeos e suas particularidades. Pensando em tal lacuna científica, surgiu-nos a idéia de pesquisar algo que pertencesse unicamente ao universo dos gêmeos, sem equivalências ao processo de desenvolvimento de não-gêmeos: O processo de individuação. Partindo de uma perspectiva winnicottiana, entendemos que o gêmeo possui uma importante diferença em seu desenvolvimento, dada pelo fato de que este raramente tem a oportunidade de estar a sós com sua mãe. Considerando ainda que, durante a fase de lactação, a criança não é capaz de estabelecer uma relação triangular, mas sim de formar um relacionamento com apenas um outro (a mãe), que lugar ocupa este outro que também necessita do carinho e da atenção da mãe? O trabalho em questão tem por objetivo discutir hipóteses de como se dá o processo de individuação entre gêmeos, considerando todas as poucas situações de singularidade em seu desenvolvimento, que dificultam sua diferenciação, como o fato de muitas vezes possuírem nomes parecidos, vestes parecidas, dormirem juntos, brincarem juntos, etc. Para alcançarmos os objetivos propostos, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com quatro pares de gêmeas univitelinas, juntamente com o procedimento do Desenho-Estória com tema, cujo tema era desenhar um par de gêmeos. Após finalizadas as entrevistas, os principais aspectos emergidos foram categorizados e analisados livremente pela pesquisadora, conforme proposto por Minayo (2003). Os desenhos e estórias obtidos também foram devidamente analisados segundo as idéias de Trinca (1997). A partir dos principais temas encontrados, pudemos verificar que há evidências de que o processo de individuação de gêmeos se dá de forma contínua e progressiva, permeado por momento marcantes em suas vidas, que muitas vezes tornam sua separação necessária, como a entrada na escola, intercâmbios, ingresso em universidades diferentes, etc. Dentre os pares observados ficou claro que não há uma

etapa precisa do desenvolvimento para tais acontecimentos e que sua diferenciação é um processo conscientemente valorizado, mas ao mesmo tempo doloroso, pois, em geral, implica em um distanciamento físico do irmão que gera sentimentos de insegurança e incompletude.

Palavras-chave: gêmeos, individuação, Winnicott.

DO *ACTING-OUT* DA FUGA À PASSAGEM AO ATO DAS DROGAS UM ROMANCE FAMILIAR NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Ana Elizabete Pereira da Silva, Angela Aparecida dos Reis Oliveira, Douglas Finger, Élia das Graças Moreira Curci, Elisa Junqueira Nordskog, Enver Lamarca Oliveira Santos, Fátima Cristina Soares Archanjo , Fernanda Alves da Silva , Gilson de Almeida Pinho, Luciana Maria Andrade Ribas da Silva , Luciano Henrique Peres, Milli Dian de Oliveira Aguiar Soares, Silvana Marciano de Aquino Sugai, Soraya Souza
Universidade Paulista

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento que possibilita a intervenção na realidade imediata do cliente. É uma prática na e da instituição que visa o cuidado em redes. Segundo Guimarães Rosa (1962) redes são buracos atados por fios, sendo assim, faz-se necessário construir buracos nas redes discursivas pela desconstrução do lógico como única verdade (MORATO, 2002). A metodologia utilizada é psicanalítica de orientação lacaniana. Este modo de intervenção pode ser considerado clinico – político, uma vez que, em entrevistas preliminares ao tratamento delimita a demanda emergente, possibilitando o des-velar das redes na trans-forma-ação da logicidade psicológica. Utilizou-se para demonstrar esta experiência os casos clínicos de três sujeitos. O conselho tutelar encaminhou ao Centro de Psicologia Aplicada uma família constituída por: pai, mãe e filha. Eles foram atendidos individualmente pelos estagiários-plantonistas des-velando o romance familiar. Os resultados obtidos foram: O pai queixa-se da fuga da filha, a mãe, do desaparecimento, e a filha, apresenta a história familiar revelando a (im) potência dos pais na sustentação de sua estrutura psíquica. O pai sustenta sua posição de líder de um assentamento fazenda um *acting – out*, ou seja, fugindo de sustentar sua posição como pai e marido. A mãe também desaparece, se desvanece, em sua posição de mulher, compartilhando com sua filha uma traição. A filha J. impotente diante desta situação recorre as drogas como um mediador desta realidade (im) possível, faz uma passagem ao ato. A interferência do Conselho Tutelar pode ser um apelo à instauração da Lei nesta constituição familiar. Diante do exposto, concluí-se que a filha apresentou o sintoma familiar revelando a urgência do reposicionamento dos pais em relação à sua constituição psíquica ameaçada pela identificação com ambos, figura paterna sem

liderança e a materna ausente. Analisando este caso, existem três sujeitos que sofrem e necessitam de um acompanhamento psicoterapêutico.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Família, Saúde Pública.

INTERFACES EM UM PROCESSO TERAPÊUTICO DE UMA FAMÍLIA DE IRMÃOS

Marta Regina Cemim
Professora da Faculdade de Psicologia (PUCRS). Supervisora de Psicologia Clínica no Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP).
André Reali Olmos, Tamires Pires
Acadêmicos da Faculdade de Psicologia (PUCRS). Estagiário de Psicologia Clínica no Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP).

O objetivo deste trabalho é destacar algumas convergências considerando um conjunto de saberes dos quais nos identificamos e temos um profundo reconhecimento e respeito por suas contribuições. São eles: a gestalt terapia, a terapia familiar sistêmica e a abordagem fenomenológica. Feito isso, propõe-se a integração teórico prática considerando estes três enfoques a partir do processo terapêutico com um grupo de irmãos, vítimas de violência e abuso sexual e moradores de um abrigo, em uma clínica-escola da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Este tema tem uma grande relevância por ser um caso muito complexo e ser abordado a partir de diferentes prismas de conhecimento, algo inovador na sistemática de nossa clinica-escola e pode resultar em novos olhares no âmbito clínico. Este caso foi um grande desafio para toda a equipe envolvida, uma vez que foi a primeira experiência com estagiários e a supervisora dentro desta clínica-escola com atendimentos em nível familiar e sistêmico. Além disto, o processo terapêutico foi marcado por diversas intromissões institucionais por parte do coordenador do abrigo. Após este estudo mais aprofundado sobre a experiência dos atendimentos e a relação com as teorias propostas ficou evidente a importância, devido ao momento de profundas transformações que se vive em nível global, da compreensão sistêmica em diversos âmbitos da nossa existência. Além disto, a relevância das relações familiares se mostra indiscutivelmente no centro do desenvolvimento pessoal e coletivo de todo o ser, sendo necessário um enfoque bastante apurado para tratar deste assunto. Em relação aos atendimentos, apesar do alto grau de dificuldade para contornar uma situação desta gravidade, o trabalho feito desde o inicio dos atendimentos por parte dos co-terapeutas tem se mostrado muito efetivo. Ao se colocarem presentes no aqui e agora, estarem atentos aos fenômenos emergidos e ter consciência do entendimento de que

cada pequena parte transformada possibilitou uma mudança no comportamento dos irmãos como um todo. Ao passo que a relação dos terapeutas servia de exemplo para os irmãos de como poderiam resolver seus problemas, conversar e se relacionar de modo não agressivo, isto é, uma nova possibilidade de relação naquele complexo sistema. Com o tempo eles começaram a se ouvir melhor e a respeitar o espaço de cada um, tanto o deles enquanto irmãos quanto o nosso enquanto terapeutas, sabendo que o espaço terapêutico era de todos.

Palavras-chave: Terapia Familiar Sistêmica, Gestalt Terapia, Fenomenologia, Clínica-Escola.

ATENDIMENTO FAMILIAR, FORMAÇÃO E EQUIPE REFLEXIVA: COMPLEXIDADE NO FAZER

Carmen Balieiro, Tiago Yehia de La Barra
Universidade Paulista (UNIP-Ribeirão Preto)

O presente trabalho visa fazer uma reflexão a respeito da prática do uso da equipe reflexiva nos atendimento realizados à famílias no Centro de Psicologia Aplicada UNIP – Ribeirão Preto no curso de especialização em Psicoterapia de Familias e Casais de Orientação Sistêmico-Narrativo. O curso oferece atendimento à famílias de Ribeirão Preto e Região, sem restrições quanto à demanda ou estrato social. O atendimento é realizado por alunos do curso – Psicólogos e Médicos Psiquiatras - em co-terapia, com o acompanhamento de uma equipe formada por um professor -orientador e outros alunos do curso. O uso da equipe atende a uma dupla necessidade: a orientação clínica e acompanhamento direto dos atendimentos, assim como a possibilidade de trazer para os psicoterapeutas e para a família um olhar mais amplo, alcançando uma visão mais completa da complexidade trazida nos atendimentos. A utilização da equipe “ao vivo” tem se apresentado como prática comum quando utilizamos a abordagem sistêmica como referencial teórico, principalmente nos institutos formadores que seguem esta abordagem, entendendo que as mudanças devem ser realizadas de dentro para fora, sendo assim a relação direta entre equipe, terapeutas e família é de suma importância para o sucesso do atendimento proposto. O uso da equipe tem sido realizado de duas maneiras: com e sem o uso do espelho unidirecional. No primeiro a sala de atendimento é dividida por um espelho unidirecional, ou seja, os terapeutas que estão com a família não têm contato visível com a equipe, exceto quando é solicitado; no segundo caso a sala de atendimento não tem uma divisão, sendo assim todos permanecem no mesmo espaço, porém da mesma forma há intervenção direta da equipe durante o atendimento. Temos percebido que do ponto de vista das famílias o uso, ou não do espelho, não interfere nos atendimentos e na maneira como elas interagem com a equipe e com os terapeutas, porém esta diferença traz uma significativa mudança para os psicoterapeutas e equipe que de maneira geral se sentem mais “protegidos” com o uso do espelho ao não serem observados de maneira tão “direta”.

Palavras-Chave: Família, Sistêmica, Equipe Reflexiva

REALIZAÇÃO DE PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO EM CLÍNICA-ESCOLA NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO-SP

Léa Cristina de Lázari Bessa, Luiz Roberto Marquezi Ferro
Universidade Paulista – UNIP, Campus Ribeirão Preto

O objetivo do presente trabalho é relatar um caso atendido durante o estagio de Psicodiagnóstico Interventivo, ocorrido no Centro de Psicologia Aplicada- UNIP/Ribeirão Preto. A mãe de P, M, procurou o serviço de Psicologia no CPA em nossa instituição devido a uma dificuldade da criança em não conseguir aprender a ler e a escrever e por recomendação da unidade escolar em que a criança está matriculada. Durante os atendimentos percebemos que a dificuldade de P. não estava somente em não saber ler e escrever mas, havia outros problemas de ordem orgânica que acabava por interferir também no aspecto psíquico da criança. Foram realizadas dez sessões com o paciente e durante esse período foi utilizado alguns testes, como os projetivos, no caso o HTP, e também cognitivos, em questão as Matrizes Coloridas de Raven; como também outras técnicas como jogos, desenho-história e a técnica da argila, apresentadas na obra de OAKLANDER. Os resultados obtidos foram significativos, dada a dificuldade apresentada pelo menino, um dos avanços foi possível perceber que ele se tornou um pouco mais confiante na realização de tarefas corriqueiras da vida de uma criança, como por exemplo, escolher que tipo de brincadeira ele queria brincar, além de alguns avanços relatados pela professora dentro do ambiente escolar. Diante dos atendimentos e da experiência com P., podemos perceber que as suas dificuldades frustram as expectativas da mãe que não consegue admitir os problemas de seu filho e acha que o menino é igual aos outros e precisa ser o “primeiro da classe”, esse desejo piora as condições do menino que percebe entristecer a mãe. Há a necessidade de um acompanhamento maior do menino, não só com psicólogo, mas, também com neurologistas, fonoaudiólogo e fisioterapeuta, bem como a urgência de um encaminhamento psicológico para a mãe de P., para que ela possa aprender a suportar o sofrimento de lhe dar com as suas frustrações.

Palavras-chave: psicodiagnóstico, fenomenologia, desenvolvimento infantil

O PSICODIAGNÓSTICO CLÍNICO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA: COMO E PARA QUÊ?

Samantha Dubugras Sá, Leanira Kesseli Carrasco
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Ter conhecimento sobre como executar um Psicodiagnóstico é indispensável ao profissional da Psicologia, isso porque conforme a Lei Federal nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a formação em Psicologia e regulamenta a profissão, a prática de diagnóstico psicológico e a realização de um Psicodiagnóstico é uma atribuição exclusiva do profissional da Psicologia. Quando o psicólogo ou estudante de psicologia se dispõe a realizar um psicodiagnóstico, presume-se que possuam conhecimentos teóricos, dominando procedimentos e técnicas psicológicas. Dessa forma, esse trabalho tem por objetivo descrever como e para quê é realizado o Processo de Psicodiagnóstico na clínica-escola do Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP) da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAPSI-PUCRS). Inserida no oitavo semestre do currículo, a Prática de Psicodiagnóstico (Prática Interdisciplinar V: Psicodiagnóstico) tem por meta relacionar os aspectos teóricos e práticos que envolvem esse processo. Para ilustrar os passos do Psicodiagnóstico serão apresentados três casos atendidos na clínica-escola por alunos da disciplina de Prática Interdisciplinar V: Psicodiagnóstico. O primeiro caso trata-se de uma criança de 7 anos encaminhada por seu pediatra por apresentar constipação intestinal desde o seu nascimento, atrasos em seu desenvolvimento e agitação na escola; o segundo, é de um adolescente de 15 anos, encaminhado ao Psicodiagnóstico por seu neurologista para confirmação de diagnóstico de TDAH, e o terceiro, se refere à uma senhora de 44 anos, que procurou a clínica-escola espontaneamente com a queixa de “crises de ausência” (sic) e após ter passado pelo processo de triagem, foi visto que ela se beneficiaria de um Psicodiagnóstico para esclarecimento de diagnóstico. Através da prática em psicodiagnóstico pode-se perceber, na maioria dos casos, uma importante mudança de postura do aluno ao vivenciar essa experiência que, muitas vezes, é a primeira com um paciente. No que diz respeito aos testes, os alunos passam a dimensionar melhor seu uso, sua importância e, também, a interpretação destes instrumentos de uma forma mais dinâmica e completa. Isso é, em grande parte, fruto da integração de teoria, prática e

supervisão. Durante a prática prima-se por oferecer ao paciente atendido, uma experiência que possa ser também terapêutica, privilegiando um vínculo de confiança para que o aluno possa levantar hipóteses diagnósticas através da compreensão dinâmica do caso, facilitando assim, o encaminhamento pertinente, sempre que necessário.

Palavras-chave: Psicologia Clínica, Psicodiagnóstico; Prática Profissional.

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ATENDIDA NO SERVIÇO DE PSICOLOGIA EM UMA POLICLÍNICA DA SAÚDE NA REGIÃO DO GRANDE ABC/SP

Hilda Rosa Capelão Avoglia, Luana Francisco Silva, Beatriz Borges Brambilla
Universidade Metodista de São Paulo

O planejamento de serviços a serem oferecidos pelas clínicas-escolas de Psicologia se mostram mais eficientes quando subsidiados por informações que identifiquem o perfil da população atendida. Nesse sentido, este estudo teve como objetivo caracterizar a clientela atendida na modalidade de Triagem e Plantão Psicológico na Policlínica da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, na Região do Grande ABC/SP, no período de fevereiro a junho de 2011. A amostra foi composta por 77 (N = 77) pacientes que procuraram ajuda psicológica na referida clínica. Os casos foram categorizados a partir da idade, gênero, fonte de encaminhamento e tipo de queixa, e sistematizados em termos de freqüência absoluta (*fa*) e freqüência relativa (*fr*). Os resultados indicaram, no que se refere ao gênero, o predomínio do sexo feminino, ou seja, 58,4% (*fa* = 45) dos pacientes, incidindo entre 6 e 15 anos, seguida de adultas entre 21 e 35 anos. Sobre a faixa etária, observa-se que 26% da clientela foram crianças em idade escolar, entre 6 e 10 anos de idade, seguida dos adolescentes entre 11 e 15 anos (*fr* = 22,1%). A escola se constituiu na maior fonte de encaminhamento, representando 23,3% (*fa* = 18) da amostra entre 6 e 15 anos, seguida da psiquiatria (*fr* = 9%), esta distribuída entre crianças e adultos. As queixas de natureza afetiva foram identificadas em 70,1% dos casos (*fa* = 54), as do tipo cognitivas em 24,6% e as funcionais em 22% da população. Além destes resultados, dois aspectos merecem ser destacados; o primeiro, diz respeito ao uso de medicação classificada como psicofarmacológica que atinge 35% (*fa* = 27) da clientela analisada sendo mais frequente entre os adultos de 21 a 35 anos. O segundo, se refere ao registro de episódios de tentativas de suicídio envolvendo 5 pacientes entre 16 e 35 anos. Mesmo considerando-se a necessidade de ampliar a amostra, os resultados apontam para a indispensável proposição de ações conjuntas com ênfase na multidisciplinaridade, especialmente focada na interface com as escolas e com outros serviços de saúde mental.

Palavras-chave: clínica-escola, caracterização da clientela, medicalização.

A IMPORTÂNCIA DA VISITA DOMICILIAR NO PROCESSO DO PSICODIAGNÓSTICO: UM ESTUDO DE CASO

Andrea Monlevade, Jaqueline Silva Costa Martins, Lucia Ghiringhello
Universidade Paulista (UNIP)

Este trabalho foi baseado na tese de Ligia Caran Costa Correa, que trata da importância da visita domiciliar no psicodiagnóstico pois permite observar o que não pode ser visto no atendimento clínico, amplia nossa visão sobre as relações da criança e o espaço que ela ocupa no contexto familiar. Temos como objetivo identificar o que a visita domiciliar agregou ao processo de psicodiagnóstico que não seria possível compreender e identificar através de outro procedimento. O caso estudado é de Violeta, uma menina de oito anos, para quem Catarina, sua mãe procurou atendimento psicológico, orientada pelo Conselho Tutelar, com a queixa que a filha mentia, problema que a incomodava e procurava corrigir através de punição física (ás vezes violenta). A mãe disse não ter paciência com a filha, não saber lidar com ela, mas, desejar um contato mais próximo. Ela informou que Violeta é filha de pais separados, mora com ela desde que nasceu. Não tem contato com o pai desde os dois anos de idade, período em que se deu a separação do casal. A criança não tem dificuldades na escola, tem amigos, relaciona-se bem com os familiares. Rotineiramente, Catarina trabalha o dia todo e deixa a filha aos cuidados da avó (Helena) Na casa da avó Violeta faz as refeições, brinca, almoça e faz as lições depois da escola. À noite volta para casa com a mãe para dormir. Catarina parecia acreditar que para ser boa mãe deveria ser igual ou melhor do que Helena. Na clinica Violeta demonstrou estar feliz com sua família, reconhecia suas falhas justificando as punições que recebia. Não foi identificada uma demanda para atendimento psicológico. Compreendemos que a demanda da mãe não estava clara o que levou a um impasse no processo de psicodiagnóstico.. Na visita domiciliar encontramos uma casa simples, bem arrumada sem nada fora do lugar, onde Violeta mostrou sua organização. Atendendo ao convite de Violeta, visitamos a casa de Helena a dois quarteirões de distância. Comparando as duas casas verificamos que na casa da avó, Violeta brincava aprendia a lavar louça, arrumar a casa, em sua casa com Catarina aprendia ter responsabilidade na realização das tarefas escolares, disciplina, atenção e a cumprir horários. Depois das

visitas as casas, tivemos uma entrevista devolutiva com Catarina, e ela percebeu que para ser uma boa mãe, não precisava ser igual a Helen; identificou que ela e Helena atendiam diferentes necessidades da crianças, que ambas favoreciam o desenvolvimento de Violeta. Compreendemos que existia uma disputa entre a mãe e a avó, pela atenção e pelo poder, sobre a criança. Violeta demonstrou ter consciência dessa disputa, mas não querer tomar partido, pois gostava das duas. Com as visitas às casas compreendemos a relação entre Violeta, Helena e Catarina e os significados que Violeta atribuia àqueles espaços, o que não conseguiríamos constatar dentro do atendimento clínico em tão pouco tempo.

Palavras-chave: visita domiciliar, psicodiagnóstico, transgeracionalidade, relação mãe e filha.

PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO GRUPAL: UMA PROPOSTA PARA DIMINUIR A DEMANDA POR ATENDIMENTO

Vanusa Gondim, Juliana S. Garcia.
Universidade Paulista (UNIP – S J Campos)

Este trabalho tem como objetivo analisar um caso clínico de uma criança com dificuldade em aceitar limites através de um psicodiagnóstico compreensivo grupal. O atendimento foi realizado em grupo no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Paulista (CPA) de São José dos Campos. Este método de trabalho em grupo é utilizado pelo CPA devido à alta demanda de pedidos de atendimento no município. Para tanto, analisamos o caso de um menino de sete anos de idade, cursando o segundo ano do ensino fundamental e que mora com seus pais e um dos irmãos. A criança foi encaminhada por meio de uma queixa escolar em função de não participar das atividades propostas em sala de aula pela professora. O trabalho foi elaborado a partir da ótica Fenomenológica – Existencial e foram utilizados como recursos metodológicos onze encontros que englobaram: entrevista com a mãe, instrumento de anamnese, atividades lúdicas com a criança, atividade lúdica com a família, visita domiciliar, visita escolar, uma devolutiva com a criança e outra com os pais. Pudemos observar que os problemas vão muito além da queixa apresentada, o menino não aceita regras, é agitado e impõe sempre as suas vontades, pois seus pais encontram dificuldades em impor limites ao filho. Além disso, também percebemos impedimentos para os cônjuges em desenvolver seus papéis de mãe e pai, o que também influi para o comportamento desajustado de seu filho, que além de não aceitar as ordens da professora e ser agitado em sala de aula, tem se envolvido cada vez mais em situações de agressão aos colegas. Concluímos que muito da situação diz respeito à falta de limites por parte dos pais, ao menino. A mãe tende a protegê-lo e o pai se posiciona mais como um avô do que como pai devido ao fato de se considerar velho. Com todas as suas vontades satisfeitas dentro de casa, a criança apresenta dificuldade no ambiente social, onde se incluem a escola e o judô apresentando grandes dificuldades em seguir regras e aceitar opiniões dos outros. Após o término do processo de psicodiagnóstico propusemos uma psicoterapia infantil a fim de viabilizar um espaço terapêutico para se trabalhar estas dificuldades com a criança e pais, além de uma avaliação psiquiátrica para

verificar a possibilidade de TDAH, visto que, além da agitação apresentada pelo menino, segundo a mãe, a criança foi diagnosticada quando tinha apenas um ano e meio de idade com esse transtorno. Contudo, podemos afirmar que os atendimentos realizados pela clinica–escola propiciaram um acolhimento à família, que estava fragilizada diante das questões apresentadas pela escola, sendo possível efetivar o encaminhamento com propriedade das necessidades.

Palavras-chave: psicodiagnóstico, limites, demanda.

USINA DE SONHO COM REALIDADE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO ENTRE CRIANÇAS E ESTAGIÁRIOS ATRAVÉS DE ATIVIDADES SOCIAIS E LÚDICAS

Leiliane Cristina Facchini
Discente do 4°ano de Psicologia UNESP-Assis e estagiária do Projeto de Extensão Universitária;
Heidi Mirian Bertolucci Coelho
Psicóloga clínica do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada UNESP Assis (CPPA), Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), coordenadora do projeto de extensão universitária.

Projeto Usina de Sonhos com Realidade enfoca uma intervenção social de universitários na comunidade da Vila Prudenciana, no município de Assis- SP. O projeto proporciona um espaço livre para expressão e desenvolvimento emocional por meio de brincadeiras, jogos, atividades artísticas e esportivas. São realizadas reuniões dos estagiários do projeto toda semana, nas quais são planejadas oficinas e vivências que serão aplicadas nos encontros que acontecem quinzenalmente aos sábados. As atividades são realizadas na Vila Prudenciana. O objetivo desse projeto é a aproximação da universidade com a comunidade assisense, proporcionando um espaço de expressividade, escuta e desenvolvimento psicossocial para crianças e adolescentes. Durante os sábados observa-se uma liberdade de expressão e imaginação através da criação de histórias com fantoches, da mistura de cores e desenhos na pintura, do conteúdo na modelagem da “massinha”, entre outras. Além disso, neste ambiente, observa-se também uma maior possibilidade da ação das crianças, que já modificam a atividade sugerida pelo estagiário, assim já criam e propõem novas brincadeiras. Um exemplo é a mudança das regras dos jogos esportivos. Geralmente, no final do encontro é realizada uma atividade coletiva que possibilita a integração entre todos. As atividades lúdicas realizadas no projeto são de extrema importância, pois são vias onde as crianças possam expressar seu mundo interno e externo nos processos de subjetivação. Para Lacan (1957) os jogos, brincadeiras lúdicas e artísticas são vias que possibilitam cada vez mais as crianças se inscreverem no registro simbólico (através da linguagem e cultura), se constituindo como sujeitos. Winnicott (1971) acrescenta que além das significações e sentidos, os

brinquedos são também objetos transicionais, isto é, eles se encontram no meio do caminho entre a chamada realidade concreta e a realidade psíquica da criança. Por fim, a Usina de Sonhos com Realidade vem consolidando-se, entre outros motivos, pela demanda recíproca dos universitários e da comunidade, tornando-se um momento de encontro entre estudantes e crianças criando assim um compromisso de partilha extremamente prazeroso.

Palavras-chave: Brincadeiras; lúdico; crianças; comunidade; estagiários.

TOC E PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Érica Ferrari do Nascimento, Eloisa Pelizzon Dib, Heidi Miriam Bertolucci Coelho.
Unesp – Campus Assis.

O transtorno obsessivo-compulsivo é caracterizado pela necessidade de realizar rituais de forma compulsiva, com o objetivo de aliviar a ansiedade provocada por pensamentos obsessivos. Segundo o DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 1994) este quadro é categorizado em transtornos de ansiedade, pois a ansiedade é o sintoma primário ou a causa primária de outros sintomas. Freud procurou formular, a partir do estudo do caso “O homem dos Ratos”, uma explicação sobre a neurose obsessivo-compulsiva, que seria correlato ao TOC (Transtorno Obsessivo-Compulsivo). Este quadro estaria relacionado a uma fixação na fase anal (sádico-anal) do desenvolvimento com características na passagem pelo Complexo de Édipo, que se dá por volta dos cinco anos de idade, e teria ainda uma estreita relação com o desenvolvimento de um superego bastante rígido (instância que governa o comportamento social). Da mesma forma que acontece com outras estruturas da personalidade e/ou transtornos psicológicos, também o de natureza obsessiva diz respeito a forma e ao grau como organizam-se os mecanismos defensivos do ego diante de fortes ansiedades subjacentes. O Kaplan (1997) aponta quatro tipos de sintomas principais: o mais comum é a obsessão de contaminação, seguida pelo lavar ou pela evitação compulsiva; o segundo tipo mais comum é a obsessão da dúvida, seguido pelo compulso de verificação; no terceiro tipo há pensamentos intrusivos sem compulsão; e no quarto, e último tipo, é a necessidade de simetria que pode levar a compulsão. O TOC acarreta um grau de sofrimento a si próprio e aos demais, e também prejuízo a vida familiar e social. Os sintomas obsessivos e compulsivos compostos por atos que são feitos e desfeitos continuamente sem nunca acabar, podem atingir um alto grau de incapacidade do sujeito, para uma vida livre. Assim, objetivo deste trabalho é pensar o TOC, suas características e possíveis intervenções dentro do contexto da clínica psicanalítica. Para isso utilizamos a literatura do tema e experiência clínica com pacientes que apresentam esse quadro. Freud (1909) diz que as idéias obsessivas têm à aparência de não possuírem nem motivo nem significação. O sintoma é ao mesmo tempo aquilo que

oculta e que revela o insuportável para o ego consciente, sendo aquele que no curso da análise revelará o caminho da fixação pela linha regressiva do tempo que se pode promover pela livre associação e pela neurose de transferência. Ao se indagar quando foi que uma idéia obsessiva particular fez sua primeira aparição e em que circunstâncias ela volta a ocorrer, descobrindo, assim, as interconexões entre uma idéia obsessiva e as experiências do paciente; dá-se um sentido e um status a elas na vida mental do paciente, de modo a torná-las compreensíveis, e mesmo, óbvias. Para um tratamento completo, faz-se necessário a junção de medicação e psicoterapia, pois a associação dessas intervenções tem se mostrado eficaz para o controle do quadro.

Palavras-chave: TOC; clínica psicanalítica; Neurose Obsessiva-Compulsiva.

SERVIÇO DE TRIAGEM NA CLÍNICA-ESCOLA: FORMANDO UMA ESCUTA CLÍNICA

Érica Ferrari do Nascimento, Eloisa Pelizzon Dib, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente
Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" – Campus Assis

Dentre os serviços oferecidos no CPPA – Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada "Dra. Betti Katzenstein", da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP é realizado o projeto de Triagem Psicológica como o primeiro passo para o atendimento. Este projeto é destinado à comunidade externa e interna que procura ajuda na clínica: crianças, adolescentes, adultos, casais, famílias, grupos. Estas entrevistas são mais do que coleta de dados; busca-se, a partir destes, organizar um raciocínio clínico que vai orientar o encaminhamento. As entrevistas tomam a forma de uma intervenção breve, através delas busca-se acolher o cliente, compreender e esclarecer seu pedido de ajuda por meio de uma escuta diferenciada. Trata-se de oferecer ajuda conforme a demanda, ou seja, tanto ela pode ser trabalhada terapeuticamente como pode receber orientações, informações e encaminhamentos a serviços e instituições que podem resolver seus problemas concretos, dependendo da prioridade da situação. A primeira entrevista é o alicerce de todas as intervenções posteriores, quando proporciona o devido acolhimento, respeito e valorização do que é trazido para a sessão. Se o paciente não se sentir mobilizado pelo primeiro atendimento, talvez não prossiga na sua busca por ajuda e, nesse sentido, a triagem promove uma conscientização maior do paciente bem como da família em relação às suas dificuldades. Além disso, oferece oportunidade ao aluno de vivenciar este processo de recepção e avaliação dos pacientes, como também de delinear os diversos quadros psíquicos e desenvolver o raciocínio clínico e uma escuta analítica a esses alunos de 4º e 5º anos do curso de Psicologia. O encontro com o cliente desconhecido, sem restrições de idade, sexo ou tipo de problemática, sob o título de ajuda psicológica, coloca o estagiário, da mesma forma que o psicólogo, em *"extrema exigência"*, nas palavras de Rosenthal (1986), produzindo no cliente movimento e progresso e, no terapeuta, desenvolvimento e amadurecimento. É uma oportunidade de crescimento pessoal e desenvolvimento profissional. Para o estagiário, além de "por em prática" o que se viu na teoria, é um ambiente onde ele pode treinar suas habilidades como

entrevistador, como ouvinte e tentar perceber quais são suas sensações e sentimentos perante a situação apresentada. No ano de 2008 foram realizadas 305 triagens, 229 em 2009 e, em 2010, 286 triagens. Envolveu, nestes quatro anos, mais de 40 alunos em cada ano. Das triagens realizadas, cerca de 60% resultaram em encaminhamentos internos para psicoterapia, tendo apenas poucos casos em fila de espera ao final de cada ano. Nos demais, houve encerramento na própria triagem, incluindo quando houve desistência do atendimento, ou quando o caso foi resolvido na própria. Estes números refletem o sucesso do projeto: alto número de alunos envolvidos, de triagens realizadas e de casos solucionados.

Palavras-chave: Triagem Psicológica; Clínica Escola; Intervenção.

NA CULTURA DO VAZIO, AS PATOLOGIAS DO VAZIO

Heidi Mirian Bertolucci Coelho
Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP); Psicóloga clínica do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada UNESP Assis (CPPA).

Na era atual, cujas idéias são pautadas por exigências da sociedade de consumo, que promove a ilusão da liberdade individual, o mal-estar assume formas de apatia, vazio interior, solidão e fracasso. Desafio contemporâneo, a clínica da psicanálise hoje exige, com estes pacientes, criar a mente em vez de analisar os conteúdos. A tarefa analítica é agora de restauração e de criação de funções mentais. A pesquisa clínica é caracterizada pela utilização dos recursos de uma relação para a obtenção de ganhos terapêuticos. O método clínico em Psicanálise tem sua dimensão metodológica o uso da narrativa e da interpretação, que ao derivar-se da observação, investigação e pesquisa dos fenômenos psíquicos, qualifica-se como sendo uma maneira especial de informar o paciente sobre si mesmo. Na atualidade parecem ganhar relevo as figuras clínicas da depressão, do abuso de drogas, da violência e dos sofrimentos vividos no corpo. Visto que a abordagem clínica desses estados, tem se revelado insuficiente em seus modelos habituais, convoca-nos ao trabalho urgente de reinterrogá-los na contemporaneidade. No entanto, se na clínica de Freud predominavam os sintomas neuróticos, a clínica psicanalítica contemporânea enfrenta, além destes, outros desafios. O sofrimento subjetivo se manifesta sob a forma de sintomas narcísicos e depressivos em sujeitos que mostram dificuldades para articular numa narrativa as próprias histórias, vivências e dores. Empobrecidos em suas atividades fantasmáticas, encontram-se às voltas com o vazio do sentido, o vazio da palavra, o vazio da solidão, o vazio da identidade. Em tempos de indefinição e de incerteza como os de hoje, o mal estar se coloca na ordem do dia; conforme a leitura freudiana do mal-estar na civilização estamos diante da crítica psicanalítica da modernidade.

Palavras-chave: Patologias; cultura do vazio; contemporaneidade.

CAIXA LÚDICA: POSSIBILITANDO A EXPRESSÃO DE CONFLITOS

Nayara Cristina Cavalheiro, Bruna Gomes Garcia, Helena Rinaldi Rosa
Universidade Estadual Paulista - Campus Assis

A caixa lúdica é muito utilizada no processo psicoterápico e de grande valia quando o objetivo é trabalhar com crianças. Foi a partir da técnica criada por Melanie Klein que se percebeu a importância da utilização do jogo e da brincadeira na elaboração de situações excessivas para o ego das crianças e também que esses equivaliam à associação livre dos adultos, obedecendo aos mesmos princípios de funcionamento do aparelho psíquico. O brinquedo não só permite que se forme uma ponte entre fantasia e realidade, como também possibilita a expressão de desejos e fantasias das crianças. Desse modo, pode-se notar que a caixa lúdica no processo clínico com crianças é de extrema importância, pois é através dos materiais nela contidos que a criança vai “mostrar-se” ao terapeuta. No final de cada sessão a caixa é fechada com chave não somente para que a criança perceba que aquele material a pertence, mas também para que ela sinta que tudo o que foi trabalhado durante a sessão ficará “guardado dentro da caixa”, sem que ninguém saiba ou tenha acesso. A caixa possui material gráfico, além de brinquedos que podem ser escolhidos conforme cada caso (cubos, bonecas, carrinhos, espadas, panelinhas, entre outros). Objetivo: refletir a partir de estudos de casos sobre a importância da caixa lúdica no atendimento com crianças. Método: ilustrar esta reflexão com dois casos clínicos. O Caso de uma criança de 9 anos, cuja queixa era a agressividade acentuada com a irmã mais nova; e o caso de uma menina de 4 anos que não conseguia ficar longe dos pais depois da morte da avó. Resultados: ao explorar os recursos da caixa a criança de 9 anos sentiu-se muito à vontade, trazendo conflitos relacionados à rivalidade fraterna e à rivalidade com a mãe, já que ao brincar com os bichinhos da caixa, em vários momentos, o filhote briga com a mãe. Já a menina de 4 anos brinca com todos os brinquedos da caixa, e faz deles o seu meio de comunicação, seja através dos bonecos ou de desenhos, uma vez que ela raramente se comunica verbalmente com a terapeuta. Estes casos podem esclarecer como a caixa lúdica possibilita um cenário adequado para a interação terapêutica entre paciente e terapeuta. Assim, pode-se perceber que a caixa lúdica é um excelente instrumento para averiguar hipóteses acerca de cada caso, levando

em conta o uso que cada criança faz de sua caixa lúdica; além de poder ser considerada também uma importante ferramenta para criação do vínculo entre terapeuta e paciente e para a elaboração de conflitos de difícil acesso através de outros meios.

Palavras-chave: caixa lúdica, brincar, clínica infantil.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO CAMPO DE FORMAÇÃO DO ALUNO

Heloisa Maria Heradão Rogone, Lidiane da Silva Baptista
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis/SP)

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre uma prática extencionista, compreendida como uma atividade que possibilita a formação de profissionais cidadãos. Desenvolvida no Departamento de Psicologia Clínica da Unesp-Assis/SP, esta prática vincula-se a um Projeto de Extensão Universitária que conta com a participação de alunos-estagiários do Curso de Graduação de Psicologia, em um trabalho de oficinas, que no ano de 2010, estavam inseridas no projeto municipal sócio-educativo denominado ABC "Aprender, Brincar e Crescer". Foi realizado com crianças entre sete e doze anos, em situação de vulnerabilidade social e pessoal, sem condições necessárias de se desenvolverem plenamente. As oficinas coordenadas pelos alunos integravam-se às demais atividades do referido programa da Secretaria Municipal de Assistência Social, sendo elaboradas e desenvolvidas de acordo com as diferentes faixas etárias. A partir de um referencial teórico psicanalítico buscou-se, de forma geral, favorecer a constituição de sujeitos cidadãos. As oficinas partiam de um foco educacional e da perspectiva de produção de conhecimento e tiveram como objetivo possibilitar que as crianças entrassem em contato com sua subjetividade e pudessem expressá-la, elaborando sentimentos e adquirindo noção de coletivo. Foi de propiciar atividades que despertassem nessas crianças algo novo para a recuperação de sua identidade, valorização e auto-estima, com o intuito de auxiliá-las no desenvolvimento físico e cognitivo. A realização dos grupos-oficinas ocorreu semanalmente, em horários complementares ao período escolar, com duração de uma hora. Foram formados grupos de aproximadamente doze crianças, coordenados por uma dupla de alunos estagiários, os quais participavam semanalmente de supervisões teóricas e práticas. As oficinas abrangeram atividades lúdicas variadas, como desenhos, pinturas, recortes e colagens, modelagens, sucatas, origamis, dinâmicas, jogos e brincadeiras. Foram abordados temas como identidade, família, escola, comunidade, sexualidade, violência, meio-ambiente, entre outros. O projeto contou com a participação de 14 estagiários e 120 crianças. Percebeu-se significativa melhora na percepção coletiva entre crianças e estagiários, melhora no desenvolvimento e maior

expressividade emocional nas oficinas. Observaram-se modificações em relação à pré-conceitos, bem como estereótipos socialmente estabelecidos, possibilitando às crianças a construção de uma nova percepção. Para os alunos este trabalho possibilitou um contato com a realidade social por meio de ações junto às crianças a fim de compreender suas peculiaridades e subjetividades, proporcionando uma maior integração entre a teoria e a prática.

Palavras-chave: Formação de aluno, psicanálise, grupo com crianças.

POSSIBILIDADES DE CONSTRUIR UM CIDADÃO ÉTICO

Regiane Gomes, Juliana Vianna, Tamires Quaranta, Carmen Balieiro
Universidade Paulista Campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP)

O presente resumo pretende relatar a experiência teórica e reflexiva de três alunas do curso de Psicologia da Universidade Paulista Campus de Ribeirão Preto acerca da disciplina de ética e Cidadania, estudada no ano de 2010. A ética pode ser entendida, segundo o Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado Ética e Cidadania - construindo valores na escola e na sociedade, como conjunto de princípios que se expressam no comportamento das pessoas, no funcionamento das instituições, nas leis, entre outros. Não se nasce cidadão, torna-se um através da educação e aprendizado: é agir com respeito, responsabilidade, comprometimento com o coletivo e dentro dos princípios individuais estabelecidos pela sua formação humana. A escola e a família são o retrato e a referência da sociedade na qual está inserida e, ao mesmo tempo, é o resultado da sociedade que ajudou a formar e construir. Este programa foi estabelecido pelo governo em 2004 e oferece e introduze crianças e adolescentes o direito de aprender, inclusive no que se refere à cidadania. Um dos objetivos da educação deve ser o de promover a construção de indivíduos capazes de serem críticos e exercerem competentemente a cidadania, embasando-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos nos princípios democráticos da justiça, da igualdade e da participação ativa de todos os membros da sociedade: uma escola que almeja construir sujeitos éticos para assim exercerem a cidadania precisa reorganizar sua estrutura curricular incluindo o que os próprios profissionais escolares fazem como exemplo tendo consciência de seu papel formativo e instrutivo, tornando assim uma experiência significativa para os alunos. Considera-se que a disciplina promoveu um espaço dialógico sobre as questões éticas do indivíduo para com a sociedade, mas primordialmente o quanto que o governo investe nesta temática e o quanto tem sido pouco difundido entre os educadores sobre a necessidade de se aplicar esse programa efetivamente nos ambientes escolares.

Palavras-chave: ética; cidadania; educação.

PSICOTERAPIA DE FAMÍLIAS E CASAIS DE ORIENTAÇÃO SISTÊMICA – NARRATIVA

Carmen Balieiro
Universidade Paulista Campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP)

O presente resumo pretende explicitar a necessidade de desenvolver curso de especialização na área de Psicologia Clínica. A demanda do trabalho com famílias e casais tem aumentado significativamente nas últimas três décadas devido as mudanças paradigmáticas, o olhar linear no qual apenas diagnosticava e tratava um único membro ampliou-se para toda a família e a orientação familiar ganhou espaço em todas as áreas: jurídicas, escolar, hospitalar, comunitária, clínica,organizacional, terceiro setor e outros; a partir desta demanda também surgiu a necessidade de profissionais capacitados em atender este público com habilidade e competência. O curso em questão Psicoterapia Familiar e Casal de Orientação Sistêmica-Narrativa foi criado com o objetivo de capacitar profissionais a atenderem conflitos familiares em diversos contextos. O curso beneficia a comunidade de Ribeirão Preto e região, pois além de propiciar atendimentos gratuitos ás famílias, instrumentaliza os profissionais da área de saúde e humanas a atender o mercado de trabalho que se encontra em expansão. Objetivo: Desenvolver o pensamento sistêmico ampliando o conhecimento de profissionais e desenvolvendo um pensamento circular-narrativo (mudanças de paradigmas). Objetivos específicos: Capacitar e instrumentalizar psicólogos, e médicos psiquiatras a atenderem em orientação sistêmica-narrativa famílias e casais em diferentes contextos (clínicas, escolas, hospitais, ambulatórios, jurídicos, terceiro setor e outros). Período: 24 meses, Universidade Paulista (UNIP) Campus de Ribeirão Preto. As aulas são realizadas quinzenalmente aos sábados, das 8:00 às 18:00 horas. Totalizando 540 horas.

Palavras-chave: Especialização, famílias, casais, sistêmica

PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO: PROCESSOS HISTÓRICOS E NARRATIVOS

Ana Elisa Ferreira de Paula, Maiza Ferreira de Sá e Carmem Balieiro
Universidade Paulista (UNIP) Campus de Ribeirão Preto.

O presente resumo descreve um trabalho de intervenções psicológicas breves, realizadas no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) Universidade Paulista (UNIP), Campus de Ribeirão Preto pelo estágio de psicodiagnostico interventivo. Tal serviço tem como proposta avaliar os processos psicológicos considerando as caracteristicas da criança e de sua família, propiciando através de intervenções a construção de uma compreensão conjunta cliente/psicólogo da demanda trazida e suas implicações. Os atendimentos ocorreram às quartas-feiras, das 19:30 às 20:30, contabilizando um total de quatorze encontros,intercalados quinzenalmente entre mãe e filha, sendo seis atendimentos com a mãe, seis atendimentos com a pré-adolescente e duas visitas, uma escolar e outra domiciliar, ao longo do segundo semestre do ano de 2010. Pretendemos explicitar por intermédio de uma paciente do sexo feminino de 12 anos de idade, a mãe da paciente procurou ajuda psicológica espontaneamente e trouxe como queixa em sua narrativa, que a pré-adolescente apresenta dificuldades de relacionamento no ambiente domiciliar e apresenta conversas de conteúdo adulto. Objetivou-se, portanto, atuar na compreensão da pré adolescente e reconhecimento da importância do contexto familiar e social na constituição dos sintomas, respeitando-se a ética profissional. Conclui-se que a pré-adolescente apresenta aspecto cognitivo e emocional adequado para sua idade. No entanto, notou-se que existe dificuldade da mãe aceitar o crescimento da filha. É uma mãe com excesso de preocupação em relação à filha. A mãe foi encaminhada para psicoterapia individual. Compreendemos, hipoteticamente, a necessidade da mãe em fortalecer sua identidade de mulher e conseguir manter um vínculo de confiança com alguém, ampliando assim sua subjetividade, para poder enfrentar suas dificuldades relacionais com a filha, bem como em outras áreas de sua vida.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Interventivo; Adolescente; Família

AS TÉCNICAS PROJETIVAS E O DIAGNÓSTICO DA MORTE

Fábio Donini Conti
Universidade Guarulhos e Universidade Cruzeiro do Sul

Falar da finitude humana e pensar sobre a maneira pela qual as pessoas lidam com isso, perspectivando-a no momento em que se submetem ao processo de diagnóstico psicológico, é o que se propôs tratar no presente trabalho. Mais ainda, discutir sobre tais tipos de parâmetros que avaliam a manifestação da morte, comentando sobre a eficácia dos mesmos ao tentarem captar essas roupagens que ela pode assumir. Dessa forma, assumiu-se como objetivo discutir a eficácia dos instrumentos psicológicos que procuram avaliar a maneira pela qual a morte pode ser representada pelo sujeito. Para tanto, levantou-se a hipótese de que a morte, tema discutido tanto na psicanálise [teoria que também dá sustentação a alguns instrumentos de avaliação] quanto na fenomenologia, não pode ser diagnosticada. Os materiais utilizados para sustentar tal afirmação seguiram três eixos teóricos, a saber, a fenomenologia, a psicanálise e a literatura das técnicas projetivas. A partir da articulação destas três áreas, observou-se que, quando alguém vivencia alguma perda significativa na vida, não especificando aqui qual seja ela, torna-se possível captar a maneira pela qual a própria perda pode ser evidenciada, pois se acredita que é o luto o objeto passível de significação e não a morte em si mesma. Por isso, se a proposta do presente trabalho foi a de discutir sobre a eficácia dos testes psicológicos para avaliar a morte, frente ao exposto, acredita-se que em um teste qualquer, a morte não se veste, não assume roupagens e não se manifesta. Já o luto, as fantasias relacionadas ao término da vida e ao que vem depois dela, além das perdas de situações prazerosas e pessoas significativas, são passíveis de serem observadas nas técnicas projetivas. Mas, nunca a morte como ela é. Finalmente, a partir deste quadro teórico, considerou-se que os instrumentos de avaliação que se propõem a tal feito não se aproximam da possibilidade de se apreender esse domínio da experiência humana.

Palavras-chave: Morte; técnicas projetivas, luto.

ESTRATÉGIAS CLÍNICAS PARA ATUAÇÃO EM DIFERENTES CONTEXTOS DIAGNÓSTICOS

Coordenadora
Hilda Rosa Capelão Avoglia
Universidade Metodista de São Paulo

A proposta desta mesa é apresentar um panorama de técncias e procedimentos clínicos que se configuram como estratégias para a atuação tanto de estagiários quanto de profissionais nos mais diversos contextos do fazer psicológico. São sugeridos quatro estudos, sendo que todos partiram da experiência das autoras, enquanto supervisoras de estágios junto a espaços distintos. Desse modo, o discussão será fomentada em primeiro lugar pelo trabalho focado na importância da escuta psicológica em um Setor de Gestação de Alto Risco e com as Mães alojadas no hospital, com seus filhos internados na UTI Neo natal, permitindo aos pacientes um momento de fala e reflexão sobre como experimentam sua doença. Já no segundo, destacaremos a Visita Domiciliar com recurso complementar para a compreensão da psicodinâmica da criança no psicodiagnóstico realizado em uma Policlínica de Saúde na Universidade Metodista de São Paulo; e , o terceiro trabalho ressalta a utilização da Entrevista Devolutiva com Histórias no âmbito da Clínica-Escola de Psicologia da UNESP/Assis/SP, visando facilitar processo psicoterapêutico, oferecer continência e ajudar o paciente a reconhecer o material devolvido como algo que pertence a seu próprio self. O quarto trabalho versa sobre a clínica psicológica com crianças no âmbito da saúde pública, considerando a abordagem winnicottiana. Desse modo, a proposição deste debate colabora com o atendimento da necessidade de compartilharmos experiências profissionais bem sucedidas com estagiários, em especial com a importância de se ampliar as formas de atuação buscando atenuar as fronteiras entre os diversos espaços de autação dos psicólogos, desde sua formação.

Palavras-chave: psicodiagnóstico, escuta psicológica, visita domiciliar e devolutiva com histórias.

A ESCUTA PSICOLÓGICA NO HOSPITAL GERAL

Helena Rinaldi Rosa, Maria Luisa Louro de Castro Valente, Mary Okamoto
Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista UNESP, Assis, SP

Este trabalho apresenta nossa experiência de supervisoras do estágio desenvolvido no Hospital Regional de Assis – SP, junto às clínicas: Médica, Psiquiátrica, Setor de Gestação de alto risco e com as Mães alojadas no hospital, com seus filhos internados na UTI Neo natal, Cuidados Intermediários e na Pediatria. Na gestação de risco e com as mães temos quatro estagiárias, três na psiquiatria e 10 na Clínica Médica, onde há estagiários atuando diariamente. São realizadas entrevistas com os internados, as gestantes e as mães; estas entrevistas são baseadas em um roteiro estabelecido baseado na EDAO – Escala Diagnóstica Operacionalizada, proposta por Simon (1989) em que se investiga: a HISTÓRIA SUBJETIVA DA DOENÇA (informações sobre doença e tratamento, fantasias, adesão ao tratamento); o SETOR AFETIVO RELACIONAL, o SETOR SÓCIO-CULTURAL e o SETOR DA PRODUTIVIDADE (relação com o trabalho formal ou informal). Na gestação de risco e na psiquiatria, as entrevistas se configuram como de anamnese: investiga-se o motivo do encaminhamento ao HRA, a história da doença ou da gestação, o núcleo familiar, como a gestante e o pai da criança, ou o doente e sua família lidam com a gestação e como pretendem enfrentá-la. O setor da Clínica Médica tem um elevado fluxo de atendimentos de vários quadros clínicos, de diferentes cidades da região de Assis e em sua maioria atende pessoas idosas; os dados obtidos nas entrevistas são discutidos em reuniões com a equipe multidisciplinar contribuindo com o projeto terapêutico singular, reuniões que contribuem também para a formação de nossos alunos. O objetivo destas entrevistas, além dos desdobramentos e encaminhamentos necessários, é o de permitir ao paciente um espaço de fala e de reflexão sobre como experimenta a doença. E, com isso, oferecer a possibilidade dele entrar em contato com seus sentimentos, fantasias, desejos, de forma a lidar melhor com a hospitalização e a doença, favorecendo a aderência ao tratamento e sua continuidade. Muitas vezes é o acompanhante quem precisa de um suporte e de um espaço para falar do que está sentindo e poder lidar com a doença da pessoa que lhe é querida. Temos observado que a escuta oferecida nas entrevistas vai além de coleta de dados e se

configura como uma escuta diferenciada, terapêutica, que consideramos interventiva em si mesma. O mesmo ocorre junto às gestantes de risco, adolescentes grávidas e às mães, em que a escuta acolhedora oferecida intervém para que elas possam colocar suas angústias, sofrimentos e fantasias e compreender qual é o significado da criança em sua vida e a importância de uma boa relação entre mãe e filho. Evidencia-se assim a importância da psicologia no hospital favorecendo a humanização, o crescimento e a recuperação da saúde pelos usuários numa instituição em que estes vão frágeis, debilitados e apreensivos diante da doença e da morte.

Palavras-chave: entrevista psicológica; psicologia hospitalar; clínica médica; gestação de risco.

A VISITA DOMICILIAR COMO ESTRATÉGIA DIAGNÓSTICA

Hilda Rosa Capelão Avoglia
Universidade Metodista de São Paulo

A realização do diagnóstico psicológico da criança envolve a articulação de uma complexidade de fatores. Entre estes fatores, a família merece uma atenção especial, pois, a partir desta, se configura sua história de vida e sua psicodinâmica. Partimos de estudos anteriormente desenvolvidos sobre esta temática que apontam a visita domiciliar como um recurso imprescindível para a atuação de diversos profissionais da saúde, entre estes, o psicólogo. Assim, definimos como objetivo deste trabalho, apresentar a visita domiciliar como estratégia complementar à prática diagnóstica. Para tanto, demonstramos o manejo da visita familiar, por meio do estudo de caso de uma criança de 10 anos de idade com queixa escolar, submetida ao processo psicodiagnóstico no qual utilizamos, além de outras técnicas psicológicas, a visita domiciliar. Os resultados apontaram a importância desse procedimento no sentido de facilitar a comunicação com a família do paciente, favorecer o contato inicial, permitindo conhecer *in loco* as condições com as quais a criança convive e constrói suas relações. A visita domiciliar nos permitiu observar a dinâmica e o intercâmbio no âmbito familiar. Outro aspecto a ser considerado, diz respeito a entrevista devolutiva, que mostrou-se mais pertinente à realidade da criança, uma vez que pode basear-se nas observações realizadas no espaço da família. Consideramos a utilização deste procedimento como ferramenta para compreensão da queixa inicial, nem prevalecendo, nem mesmo substituindo outras técnicas, mas como uma estratégia complementar, que valoriza a perspectiva sócio-interacional na prática diagnóstica.

Palavras-chave: visita domiciliar, visita familiar, psicodiagnóstico infantil, procedimentos psicológicos.

ERA UMA VEZ: O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO E A DEVOLUTIVA COM HISTÓRIAS

Bruna Gomes Garcia, Nayara Cristina Cavalheiro, Rafaela Fernanda Geremias, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente
Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista UNESP/Assis
Bruno da Silva Rodrigues, Fatima Itsie Watanabe Simões
UNIP/Assis

Fazer um psicodiagnóstico na clínica infantil tem vários objetivos, sempre buscando a compreensão e avaliação psicológica da dinâmica de cada indivíduo; mas só faz sentido se tanto os pais que procuram a clínica psicológica quanto a criança podem entender essa dinâmica tanto da criança quanto da família, comprometendo-os assim com os encaminhamentos e/ou mudanças necessárias para o estabelecimento de um equilíbrio saudável. Assim, temos trabalhado com o psicodiagnóstico interventivo, entendendo que construímos junto com a criança e seus pais a compreensão e conclusão do caso. A devolutiva, portanto, é fundamental nesse processo. As devolutivas com a criança, feitas através de histórias em linguagem acessível a ela e de forma lúdica, têm trazido bons resultados nesse processo. Não se trata de contar qualquer história, mas uma que toque seus principais conflitos e medos, uma história de uma personagem com a qual a criança possa se identificar, sem assustá-la ou invadi-la e que ao mesmo tempo e integre os conteúdos que foram percebidos e trabalhados no psicodiagnóstico. Os dados obtidos durante a anamnese, testes projetivos e horas de jogo devem ser usados como roteiro para construir a história para cada paciente. As histórias seguem os parâmetros propostos por Ocampo, de dosar ao longo da devolutiva aspectos positivos e negativos sobre o paciente, e somente informações que este pode suportar. Cada estagiário define como apresentar a história para a criança, o que pode ser feito por meio de confecções de livros, cenários, fantoches, etc., sempre de acordo com interesses do paciente e as habilidades do estagiário. O fato de a criança se apropriar do livro, se optou por um livro, ao final do processo de psicodiagnóstico interventivo permite a ela uma elaboração de seu caso clínico após o encerramento e mesmo ao longo de sua existência. Este trabalho apresenta três casos diferentes em que esse procedimento foi utilizado em duas clínicas

escolas diferentes, em que houve boa compreensão por parte da criança e boa aceitação da técnica. Com os casos clínicos pode-se observar que as crianças, por meio das histórias, parecem ter conseguido compreender melhor as informações ao seu respeito, além de ser uma forma mais lúdica, aproximando-se mais de seu universo infantil. Pode-se perceber que a história funcionou como fator facilitador no processo terapêutico, pois pode oferecer continência, função de espelho, função psíquica de estruturação do psiquismo e ajudar o paciente a reconhecer o material como pertencente ao próprio self.

Palavras-chave: psicodiagnóstico Interventivo, devolutiva com histórias, clínica infantil.

SAÚDE PÚBLICA E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COM CRIANÇAS: POSSIBILIDADES DO USO DA PSICANÁLISE WINNICOTTIANA

Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Assis.

A clínica psicológica com crianças que observamos na saúde pública na atualidade nos parece necessitar de um olhar cuidadoso quando pensamos nas necessidades desta demanda. Ao considerarmos a diversidade sintomática, porém com aparente predominância de queixas relacionadas a questões da ordem do abandono em suas mais diversas manifestações, consideramos que a adoção de um paradigma de ciência intersubjetivo deva ser adotado. Para tanto nos apoiamos no pensamento psicanalítico, orientado por D. W. Winnicott, especialmente relacionado com seus conceitos: 'uso de objeto', 'três funções maternas', 'hesitação', 'transicionalidade', enfim aqueles decorrentes da 'Teoria do Amadurecimento Emocional' que considera, de maneira esperançosa, que todos nascemos com uma tendência inata ao amadurecimento. Muito embora haja percalços nas vidas dos seres humanos que possam conduzir a uma lacuna no amadurecimento emocional, este pode ser retomado ao oferecermos às pessoas um *setting* que se adeque às suas demandas e ao seu sofrimento. Enfim, um modelo de atendimento no qual a teoria seja considerada, mas não de maneira estática e determinante de técnicas *a priori*. A partir de nosso trabalho em Projeto de Extensão Universitária e de Estágio Curricular Obrigatório, ambos com atendimentos clínicos com crianças e/ou seus responsáveis em Unidades Básicas de Saúde e Estratégias de Saúde da Família, nosso objetivo está direcionado na busca por enquadres clínicos que privilegiem a psicanálise winnicottiana, em um enfoque dialógico que favoreça a comunicação emocional desde as primeiras entrevistas clínicas. Chegamos ao Psicodiagnóstico Interventivo, associado às Consultas Terapêuticas propostas por Winnicott, usado em diversas situações clínicas e por meio de mediadores dialógicos, tais como o Procedimento de Desenhos-estória com Tema, caixa lúdica, música, entre outros possibilitados por meio do encontro terapêutico.Também realizamos visitas domiciliares, por nós denominadas de Consultas Terapêuticas Domiciliares. No contexto da Saúde Pública, que se caracteriza, em geral, por deficiências de recursos materiais e humanos,

tal prática possibilita o acolhimento rápido da demanda, permitindo o alcance de transformações mutativas desde as primeiras entrevistas clínicas.

Palavras-chave: Psicanálise; Winnicott; Saúde Pública; Crianças.

A PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE

Lislei Rosa de Freitas, Mônica Wakao, Margareth Machado de Andrade
Universidade Guarulhos

O acelerado crescimento da população idosa no Brasil anuncia grandes transformações sociais e culturais em curso. Dentre tais transformações, Veras (2001) aponta as modificações no Setor de Saúde, em função da inflação de seus custos, no atendimento a esta população. Segundo Santos (2009), mesmo para o idoso alfabetizado ou com um nível de instrução elevado, ainda existe o problema da exclusão social e digital, fator que afeta diretamente sua qualidade de vida. O Programa ***UATI-UnG*** (Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade Guarulhos), é um Programa de Extensão que oferece disciplinas nas áreas de: Saúde, Cultura, Cidadania, Tecnologia, Arte e Lazer, tendo como objetivo a inclusão social através da construção do saber, visando a promoção da qualidade de vida. Inserida entre as disciplinas da área da Saúde, a Psicologia, visando colaborar no aumento da qualidade de vida do idoso, contribui com as disciplinas: Oficina da Memória, Psicologia e Oficina do Corpo, Emoção e Pensamento. Perfazendo o total de 48 horas semestrais, a Oficina da Memória tem como objetivo o resgate da cultura popular, visando a valorização da tradição cultural de cada indivíduo; a ampliação de informações, a troca de experiências, a auto-descoberta, o repensar do passado, e, principalmente, a estimulação neurofuncional e cognitiva, visando a prevenção de demências. São utilizadas técnicas lúdicas, como dinâmicas de grupo, jogos, exibição de vídeos, relatos pessoais e leituras de textos. A Psicologia, com a mesma carga horária, tem como objetivo promover o auto-conhecimento, a ampliação do relacionamento interpessoal através do conhecimento dos processos psicológicos que envolvem sua relação consigo e com o outro, em seu cotidiano, tornando-o cônscio de seus determinantes sociais e pessoais, de forma a colaborar para uma melhor qualidade de vida, por meio de: explanações das teorias de autores renomados das diversas Psicologias (da personalidade, social, clínica, comunitária...); trabalhos em grupo; exibição de vídeos; atividades extra-sala; dinâmicas de grupo. E por último, a Oficina Corpo Emoção e Pensamento, com base nos princípios da psicossomática, utilizando-se das mesmas técnicas citadas anteriormente, tem o objetivo de conscientizar o aluno sobre a

forma como as emoções e a cognição agem sobre os processos fisiológicos. A UATI-UnG oferece ainda, oficinas de capacitação para os professores do Programa, com base nos princípios da Psicogerontologia, por meio das Psicólogas* atuantes no programa. Na última pesquisa de avaliação realizada pela UATI-UnG, entre outros índices, 20% dos alunos da sinalizaram melhoras na saúde física e mental, relatando a diminuição ou extinção de medicamentos regulares (anti-depressivos, medicamentos para hipertensão), com a orientação do médico. Conclui-se que a presença da Psicologia se faz essencial em trabalhos de ensino que envolvam tal público, uma vez que estes demandam ações psicopedagógicas específicas, e ainda, que a Psicologia, através da promoção do auto-conhecimento e da estimulação da socialização, bem como, da estimulação dos processos cognitivos e neurofuncionais, pode contribuir muito no que se refere à prevenção de demências, como o Alzheimer e até mesmo na prevenção ou melhora nos quadros de depressão, que geralmente estão associados ao processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Psicologia; Terceira Idade; Qualidade de Vida.

DISCUTINDO CASOS DE CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA ESCOLAR FRENTE À SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE SÃO PAULO

Susete Figueiredo Bacchereti - Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP
Camila Macedo Guastaferro - Centro de Estudos da Sexualidade Humana do Instituto Kaplan
Juliana Horvath Cambauva Iglesias - Centro de Estudos da Sexualidade Humana do Instituto Kaplan e Associação Fala Mulher

Resumo Geral

Cada vez mais no Brasil os trabalhos de prevenção destinados aos adolescentes apresentam uma abordagem multidisciplinar, envolvendo políticas saúde e educação. Os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) sugerem a orientação sexual como tema transversal com o objetivo de contribuir para a superação de tabus e preconceitos que deixam os adolescentes mais vulneráveis à infecção por doenças sexualmente transmissíveis (DST) e à gravidez não planejada. O Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) foi criado para promover a integração entre saúde, escola e comunidade auxiliando os professores no trabalho como agentes de prevenção. Percebemos nos trabalhos em educação sexual nas escolas, que as condutas nem sempre estão somente associados à falta de informação sobre métodos de prevenção, podendo ter suas razões também na história de vida, no projeto de vida profissional e na dificuldade em questionar os valores sociais. A liberdade sexual é um direito dos adolescentes e a construção de um discurso de igualdade sexual emancipador deve estar associada à desmitificação do duplo padrão sexual, educando-se os jovens de ambos os sexos para uma real igualdade entre os gêneros: equidade de prazer, de poder nas negociações sobre uso de preservativos e contracepção e na responsabilidade pela saúde reprodutiva. A intenção dessa mesa é discutir as contribuições do profissional de Psicologia como mediador do conhecimento em sexualidade na formação complementar dos professores da rede pública de ensino médio, que enfrentam as expressões da sexualidade em seu cotidiano com os adolescentes e têm dificuldade em colocar em prática as ações sugeridas pelos PCN e SPE. Apresentaremos três perspectivas para a implantação desse trabalho nas

escolas, a partir dos estudos da psicologia escolar e da metodologia psicodramática dos jogos educativos:

Palavras-chave: adolescentes, educação sexual, psicologia escolar, ensino médio.

QUEM EDUCA O EDUCADOR? METODOLOGIAS EM EDUCAÇÃO SEXUAL PARA FACILITAR O TRABALHO DOS PROFESSORES NAS ESCOLAS

Camila Macedo Guastaferro
Centro de Estudos da Sexualidade Humana do Instituto Kaplan

Ao trabalhar com o tema da sexualidade juvenil, enfrenta-se um grande tabu, tanto para a família, que não sabe ou não se dispõe a conversar com o adolescente sobre sexo, quanto para a escola, que não está preparada para mais essa tarefa educacional. O professor assume centralidade quando o assunto é a busca de informação sobre sexualidade, dado constatado no último levantamento realizado pelo Instituto Kaplan com 1.149 adolescentes de 13 a 19 anos, no qual 84% declararam que sua fonte de informação sobre DST é a escola e o professor. A graduação dos cursos de Pedagogia, Biologia e Ciências não inclui em sua grade a formação para lidar com a temática da sexualidade, deixando uma lacuna profissional que prontamente é testada quando os professores são inseridos no processo de escolarização dos jovens. Diante desse espaço, o Instituto Kaplan desenvolveu metodologias de trabalho em sexualidade – os jogos educativos Jogo de Corpo, Vale Sonhar, Aprendendo a Viver e Valores em Jogo – que facilitam o manejo do tema em sala de aula e oferecem segurança para o professor realizar as oficinas de prevenção em sexualidade. A proposta desse trabalho é contextualizar a figura do psicólogo na criação e supervisão das metodologias em educação sexual, pois contribui com o olhar integrado das demandas do adolescente em educação para a saúde, ferramentas para o manejo do grupo e, principalmente, com a supervisão técnica que é de extrema relevância ao formar os professores também como agentes de prevenção. Discutiremos as metodologias da atualidade, contextualizando o trabalho das oficinas interativas que procura explicitar e discutir a vulnerabilidade individual – colocando o jovem diante de escolhas individuais, que serão feitas de acordo com suas crenças e informações – e a vulnerabilidade social – questionando as relações de gênero, relacionamentos familiares e a cultura que permeia o exercício da vida sexual do jovem. A interface entre educação e saúde são propostas na oficina interativa permitindo ao jovem um espaço para a percepção de sua vulnerabilidade e ampliando

suas respostas em relação ao corpo, as suas escolhas reprodutivas e sexuais, ao seu olhar para a questão de gênero e para a diversidade.

Palavras-chave: educação sexual, jogos educativos, adolescentes, escola.

ENTRANDO NA ESCOLA: COMO ENFRENTAR AS RESISTÊNCIAS EM ABORDAR A SEXUALIDADE NAS ESCOLAS?

Susete Figueiredo Bacchereti
Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP

O tema sexualidade é uma questão que está sempre presente nos trabalhos voltados aos grupos de alunos, executados pelos estagiários de psicologia escolar, por perceberem que este é um espaço onde podem se colocar sem sofrerem retaliações. Embora este seja um tema que deveria ser trabalhado nas escolas, percebe-se ainda muita resistência acerca do mesmo. Invariavelmente, ao atuar junto ao adolescente, depara-se com uma série de valores e conceitos construídos ao longo de gerações, através da cultura e dos diversos mecanismos sociais como a religião, a política, a economia e, mais contemporaneamente, as comunicações midiáticas, cujos questionamentos são uma das etapas naturais do processo de educação sexual, independente da faixa etária do público atendido. Na última década, a educação sexual passou a ocupar espaço relevante em discussões e debates educacionais públicos entre acadêmicos, em seminários nas universidades e em congressos. Porém, nas escolas - onde o trabalho deveria ser realizado – ainda estão presentes fatores que impedem a implementação de metodologias referenciadas, tanto por professores que se sentem inseguros ao lidar com a temática da sexualidade, quanto por diretores e coordenadores que anseiam a resposta social dos pais na desaprovação do conteúdo abordado, considerando “inadequado” ou de responsabilidade “privada da família”. Não é surpresa que projetos em sexualidade aplicados por estagiários de psicologia sejam avaliados positivamente pelo público beneficiado – os adolescentes – que necessitam de apoio e esclarecimento de muitas dúvidas que não estão apenas associadas ao simples contato com o conhecimento sobre gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis, mas que demandam articulação com seus valores e anseios. Em contraponto, os diretores e coordenadores, declaram a ineficácia desses trabalhos, sugerindo até que não tenham continuidade. Procurando auxiliar os novos estagiários e supervisores da prática em psicologia escolar, o objetivo dessa apresentação é discutir como enfrentar as dificuldades e resistências através das

experiências de atenção aos trabalhos de orientação sexual desenvolvidos em escolas públicas de São Paulo.

Palavras-chave: psicologia escolar, resistência, escola, educação sexual.

O ESPAÇO DA PSICOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIÁRIOS DE PSICOLOGIA NO APOIO AOS EDUCADORES DURANTE AS AÇÕES EM SEXUALIDADE

Juliana Horvath Cambauva Iglesias
Centro de Estudos da Sexualidade Humana do Instituto Kaplan e Associação Fala Mulher

Ao trabalhar com o tema da sexualidade juvenil, enfrenta-se um grande tabu. Para o imaginário social, o adolescente ora se assemelha à criança e, portanto, é desprovido de sexualidade, ora é concebido como um indivíduo já extremamente exposto a sexo nas diversas mídias e que precisa ser poupado de falar ainda mais sobre o assunto, como uma estratégia social de prevenção. Qual é o espaço da Psicologia nesse dilema? Os mais recentes dados epidemiológicos do programa nacional de AIDS apontam o crescimento da doença entre adolescentes, principalmente entre mulheres: o índice subiu para 2,7 meninas de 13 a 19 anos infectadas a cada cem mil pessoas, enquanto caiu para 1,9 meninos infectados a cada cem mil pessoas. Consideramos que a educação sexual diz respeito a uma questão mais social do que moral ou política. Ela tem como objetivo a formação equilibrada da personalidade e um aprendizado das relações, de acordo com um princípio de igualdade e responsabilidade nas relações entre os sexos, incluindo uma informação que recomenda o uso da contracepção e os meios de prevenção da AIDS e de doenças sexualmente transmissíveis. Para disseminar essa concepção de educação sexual integrada, é de extrema importância a participação dos estagiários de Psicologia Escolar lidando com a transversalidade e oferecendo um suporte na orientação sexual desenvolvida pelo professor em sala de aula. A realização conjunta de grupos com adolescentes voltados para discutir as questões envolvidas com o exercício da sexualidade, possibilita o contato dos alunos com a diversidade de valores, graus de conhecimento e fatores sociais que são colocados como facilitadores, ou não, do cuidado em saúde sexual. O objetivo dessa fala é trazer situações enfrentadas em grupos com adolescentes que demonstram o espaço aberto para a formação dos alunos de Psicologia, complementando seu olhar para a saúde do adolescente e suas especificidades de abordagem e atenção.

Palavras-chave: formação, educação sexual, adolescentes, estagiários de psicologia.

CLÍNICA-ESCOLA: A ORGANIZAÇÃO DOS NÚCLEOS DE ESTÁGIOS COMO RETAGUARDA DA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Vera Lucia Gonçalves Beres, Alessandra Freitas da Silva
Universidade Cruzeiro do Sul

O objetivo deste trabalho é expor a importância da organização dos núcleos de estudos como parte essencial nos serviços da clínica-escola. A Universidade Cruzeiro do Sul conta nos seus três campi Anália Franco, Liberdade e São Miguel com um NEAP – Núcleo de Estudos e Atendimento Psicológico, enquanto estrutura física e, nos recursos humanos com um coordenador geral desses campis, sendo que cada núcleo conta ainda com: uma coordenadora, psicólogos, psiquiatra e assistente social. Essa equipe de profissionais tem como norte o projeto pedagógico do curso nos seus desdobramentos em disciplinas, ancorados no manual de funcionamento dos núcleos. Os estágios abrangem as áreas de Psicologia Clínica (atendimentos individuais e de grupos), Psicologia Escolar, Psicologia Comunitária e Psicologia do Trabalho. Os atendimentos clínicos são realizados em cada um dos seus respectivos NEAP's a partir da inscrição feita pela comunidade, de forma espontânea ou encaminhada por outros serviços (hospitais, ONG's, fóruns, instituições parceiras). Os inscritos aguardam em fila de espera, sendo chamados de acordo com as vagas disponíveis e demanda apresentada, recebendo atendimento gratuito ou semi-gratuito, de acordo com a avaliação sócio econômica realizada pela Assistente Social. No que tange as áreas de Escolar, Comunitária e de Trabalho, os estágios se processam através dos convênios firmados entre as instituições parceiras e a Universidade. Além deste processo, os Núcleos são responsáveis por realizar o levantamento das informações de cada uma das áreas de estágio para controle interno, tais como: fluxo de atendimento, público, principais regiões atendidas, tipos de instituições parceiras, quantidade de pacientes em atendimento e em espera, aderência, formando um quadro estatístico referente ao atendimento prestado. Tais dados possibilitam caracterizar a população, demanda(s), dificuldade(s), auxiliando no planejamento das modalidades dos serviços oferecidos, visando um serviço psicológico e uma formação profissional mais efetiva e abrangente.

Palavras-chave: Clínica-Escola, Formação dos Núcleos, Formação em Psicologia

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE ESTAGIÁRIOS SOBRE O SUPERVISOR DE PSICOLOGIA CLÍNICA

Hilda Rosa Capelão Avoglia, Olímpia Rosa Noronha, Angélica Capelari, Fernanda Mieko Jorge Buniya, Diogo Mota de Souza do Amaral, Márcio Rodrigues Lima
Universidade Metodista de São Paulo

A realização dos estágios curriculares possibilita ao estudante experimentar a atuação profissional acompanhado por um supervisor. No caso da formação em Psicologia, essa atividade é supervisionada por um professor, docente do curso, com especialização na área, e se constiui em uma etapa na qual a relação ensino-aprendizagem é diferenciada, gerando expectativas e ansiedade no aluno. Nesse sentido, o presente estudo teve como finalidade conhecer a percepção de estagiários de Psicologia Clínica a respeito do supervisor e do espaço da supervisão. Participaram do trabalho 107 estagiários (N=107) do último período do curso de Psicologia de uma universidade da Região do Grande ABC/SP. Como instrumento, utilizamos a Escala sobre Experiência em Supervisão, neste caso, na perspectiva de estagiários de Psicologia Clínica. A aplicação ocorreu coletivamente sob a responsabilidade de um docente do curso. Os resultados obtidos foram inseridos em uma planilha Excel e sistematizados em forma de freqüência absoluta (fa) e relativa (fr). Observamos uma evidente aprovação dos estagiários quanto ao supervisor e ao processo de supervisão (64,5%), corroborando com outros estudos que igualmente qualificam a relação com o supervisor como caracterizada por mecanismos de identificação e idealização. No plano afetivo relacional, o supervisor é visto como um bom modelo profissional para 77% dos participantes, sendo que, 72% afirmam sentirem-se apoiados no desejo de aprender e 70% respeitados no espaço da supervisão. Na amostra investigada predomina a percepção de que o supervisor nunca invade sua vida pessoal (79%). 89% consideram que a confiança depositada em suas habilidades como psicoterapeuta é suficiente, do mesmo modo que 89% acreditam que o supervisor confia o suficiente em sua atuação. De modo geral, podemos concluir que se trata de uma relação percebida positivamente, o que certamente facilita a apredizagem do conteúdo teórico, bem como fortalece a atitude clínica, uma vez que o supervisor torna-se um modelo de profissional.

Palavras-chave: Supervisão, Psicologia Clínica, Idealização, Modelo Profissional.

ADAPTAÇÃO CURRICULAR: IMPLANTAÇÃO DE UM CURRÍCULO FUNCIONAL EM QUATRO ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO PÚBLICO REGULAR EM ASSIS - SP

Anne Caroline Lima Pereira, Luciana Onuma Borges, Jorge Luis Ferreira Abrão, Eduardo Galhardo
Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Esse projeto de pesquisa está respaldado pela Declaração de Salamanca 1994, que foi a principal difusora de que toda criança tem direito à educação, e que deve atingir um nível adequado de aprendizagem, mesmo que ela possua interesses, habilidades e necessidades que são únicas, especiais; e, que portanto, a escola regular deve conseguir abarcar a vasta diversidade dos seus alunos, acomodando-os dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer as mais variadas necessidades, fazendo quando necessário adaptações para que isso ocorra. Porém, muitos professores se sentem inseguros ao receber um aluno com deficiência, pela falta de recursos e especializações. Devido a esse cenário, a proposta é construir com esses educadores um olhar diferenciado baseado na possibilidade de considerar o aluno com deficiência alguém capaz de aprender e produzir com as ferramentas necessárias e adaptadas. O objetivo do trabalho é implantar um currículo funcional em Escolas Municipais de Assis, autorizadas pela Secretaria Municipal de Educação de Assis, em quatro alunos com deficiência intelectual e inclusos no Ensino Fundamental I. Para isso, a intervenção se insere na realização e acompanhamento das adaptações curriculares, na criação de condições físicas e materiais para os alunos inclusos e em repensar a relação de transmissão de conhecimento feito pelo professor, propondo formas diversificadas e metodologias de ensino diferenciadas. Haverá também a intervenção direta das estagiárias com os alunos inclusos, auxiliando-os quando solicitado. Esta proposta pretende oferecer assistência tanto aos professores, para que atuem em melhores condições de mediadores do conhecimento, de acordo com as peculiaridades de cada aluno, como também ajudar estes alunos inclusos no próprio desenvolvimento pessoal, social e educacional. Para tanto, será utilizado o Documento Individual de Adaptações Curriculares. Além disso, a proposta também requer um suporte aos responsáveis legais por esses alunos,

disponibilizando um momento para que expressem seus medos, expectativas, dúvidas em relação à adaptação curricular. A implementação desta proposta ocorrerá durante o ano de 2011. No primeiro semestre o contato imediato foi feito com professores e responsáveis. No segundo semestre será feito o acompanhamento das dificuldades, resistências e facilidades da implementação do Documento. Assim como, realizar uma avaliação sistemática dos alunos inclusos, de acordo com os referentes curriculares do MEC e com os conteúdos específicos da escola.

Palavras-chave: Deficiência intelectual; Inclusão; Adaptação curricular.

A DESCOBERTA DO MUNDO DO TRABALHO E O CAMINHO PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL

Maria Carolina Imbimbo e Nirlei Dragonetti
Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho tem objetivo de apresentar uma experiência em orientação profissional vivida por uma acadêmica do 5º ano de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, em uma organização não governamental situada na zona leste de São Paulo cujo nome é Legião Mirim de Vila Prudente. A organização tem como objetivo qualificar jovens para o mercado de trabalho e auxiliar o mesmo na busca de seu primeiro emprego. Com intuito de trabalhar com questões abordadas pelo campo da Orientação Profissional propõe-se uma intervenção calcada na teoria desenvolvimentista cuja principal referência bibliográfica foi o autor Dennis Pelletier (1982). Além disso, objetivou-se refletir sobre escolhas profissionais e questões voltadas para inserção dos jovens no mercado de trabalho para isso foram utilizados os seguintes autores: Whitaker (1997), Lomonaco (2008) e Almeida & Pinho (2008). O trabalho foi desenvolvido com 60 adolescentes que regulam idade entre 14 a 16 anos 11 meses, devidamente matriculados na instituição no período matutino e divididos nas turmas: 126ª turma masculina composta de 25 alunos e na 99ª turma feminina composta por 35 alunas. Através de seis encontros foi possível evidenciar a importância da orientação profissional como um fator de mudanças sociais e pessoais que promove escolhas profissionais mais conscientes, contribuindo de forma mais efetiva para inserção desses jovens no mercado de trabalho, além de auxiliar na construção do projetos de vida destes.

Palavras-chave: Orientação Profissional, Escolha Profissional, Mercado de Trabalho.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA SUPERVISÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DA PERSPECTIVA JUNGUIANA

Elizabeth Christina Cotta Mello

Psicóloga e Arte-Educadora, Pós-doutora em Ciências-CNPq/ CBPF, Doutora em Psicologia - UFRJ, Membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – RJ.

Maddi Damião Júnior

Psicólogo; Pós-doutor em Psicologia Médica – Unicamp, Doutor em psicologia – UFRJ, Professor adjunto da Universidade Federal Fluminense, Membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – RJ.

RESUMO: Este trabalho pretende apresentar uma reflexão a propósito da prática da supervisão, seu papel na formação profissional e a especificidade que possui na formação clínica, a partir do horizonte da teoria junguiana. Como a supervisão é uma das atividades básicas na integração entre teoria e prática, ou seja desenvolvimento de competências para a prática profissional, acreditamos que seja e fundamental refletirmos sobre suas especificidades, pois insere um dado que é eminentemente qualitativo na formação e no ensino da psicologia, seja pela singularidade da compreensão e da síntese produzida pela supervisionando, seja pela referência a um terceiro, a relação terapêutica ou o campo de atuação, que se encontram presentes no processo de ensino-aprendizagem na forma de relato, ou seja, qualitativamente apresentados através de um processo de reconstituição relatado na primeira pessoa, através da interpretação do supervisionando. Por outro lado há questões que são levantadas quanto a prática do supervisor, um deles, os critérios de avaliação do discente, dado o aspecto qualitativo deste momento da aprendizagem e a presença como relato da situação problema apresentada. Estes são alguns aspectos que serão abordados com o objetivo de podermos mobilizar uma discussão que permita refletir continuamente a respeito da prática profissional e do ensino da psicologia, com ênfase na atuação clínica.
Palavras-chave: Supervisão, Formação, Carl Gustav Jung.

Introdução

Este trabalho pretende ser uma reflexão inicial sobre a supervisão na perspectiva da teoria do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, sua importância e as características singulares que surgem diante da transmissão do conhecimento de uma prática que se dá a partir da interação interpessoal. Constitui-se, assim, como uma tentativa de pensar e dialogar a partir da experiência de supervisor, a qual é desempenhada por nós desde o

término da graduação. Pretendemos, desta forma, nos aproximarmos reflexivamente de questões postas pela prática da supervisão a partir horizonte teórica da psicologia junguiana. Entendemos a supervisão como um dos elementos de fundamentais para a formação do futuro profissional, seja pela obrigatoriedade do estágio para a obtenção do título de Psicólogo, ou do futuro clínico, a supervisão não se restringe a uma área de atuação apenas, mas é a modalidade de ensino-aprendizagem vivencial e teórica que se apóia no trabalho a partir de problemas postos pela formação do psicólogo. Na prática clínica situa-se como fundamento para a atividade de integração da teoria e prática, seja em instituições, prática privada, na saúde mental, etc. Porém a nossa perspectiva será orientada pela teoria junguiana, dado que somos analistas formados por instituição reconhecida internacionalmente de formação e professores de prática clínica, tanto em cursos de graduação quanto pós-graduação.

Esse diálogo que se inicia visa a troca de experiência, estabelecer um processo de reflexão e diálogo, para não permanecer em um solilóquio ou monólogo em que apenas se olhe para a prática da supervisão a partir de um referencial solipsista. Assim, que submeta o próprio trabalho a uma avaliação e transformação contínua, pois acreditamos ser necessário como forma de aprendizagem e atualização da atividade de supervisão a exposição deste trabalho que muitas vezes somente encontra eco nos supervisionandos. Faz-se, para nós, necessário a abertura de um espaço onde todos possamos trocar experiências e integrá-las, contextualizar a prática e sermos confrontados pelo olhar do outro, e torná-la mais humana, mais próxima da experiência.

Como diz Jaspers, ao referir-se à prática da psicopatologia como investigação científica, este campo, o da clínica ou o do cuidar da alma, tal como propõe a psicologia, integra uma dupla necessidade, primeiro o conhecimento científico, ou seja a prática não deve ser uma atividade desordenada e sem propósito, precisamos ter ciência dos nossos atos, assim como possuir instrumentos adequados de atuação, tanto epistemológicos quanto técnicos. Por outro lado, a prática fundamenta-se na própria experiência, ou seja, faz-se necessário integrar a ciência com a habilidade, ou seja, a sensibilidade e experiência que ao mesmo tempo em que são frutos do tempo são, também, atributos indissociáveis da personalidade do terapeuta. A habilidade não é competência técnica mas existencial, ou seja, disponibilidade interna e contato com sua própria intimidade que é demandado ao terapeuta.

Ao discutir as questões da prática da supervisão deve-se levar em consideração estes dois fatores, a supervisão como mecanismo de instrução, transmissão de um saber técnico e metodológico, e como formação, isto é, espaço para que o futuro terapeuta/ psicólogo entrar em contato consigo mesmo, com suas dificuldades, confrontos, expectativas, limitações, singularidades, etc. A partir deste momento a supervisão será o espaço de "cuidar do ato de cuidar", se aproximando, poder-se-ia dizer, de uma "terapia" da prática terapêutica. Esta teria como objetivo primeiro fazer com que o futuro terapeuta aprenda a se ver no ato de cuidar, sentir-se confortável no lugar em que ocupa, aprender a estar atento a si e ao cliente, mas principalmente a estar aberto, atento e receptivo para o que se manifesta, desta forma ele adquirirá a confiança necessária para aceitar o outro e a si mesmo, aceitar as suas dificuldade e calar diante do desconhecido que se posta diante de si.

Pode-se fazer referência, aqui, a outro aspecto a ser vivenciado na supervisão como espaço de formação, aspecto este que é uma síntese de tudo que será exposto, a aceitação e integração das feridas do próprio terapeuta. É uma imagem bastante familiar dos junguianos a divindade grega Quiron, entidade meio cavalo meio humana, divindade teriomórfica, representada pelo Centauro. Quiron, na Grécia Antiga, representaria a divindade tutelar da medicina, assim como Asclépios, personagem humano, era o deus da cura, que aprendera as artes de curar devido a ferida incurável da qual padecia. Na tentativa de curar-se aprendeu sobre todos os métodos e terapêuticas utilizadas pela medicina, tanto profana quanto sagrada, com isto começaram os humanos a se aproximarem dele e a solicitarem o seu auxílio, o qual foi dado. Com estes poucos elementos vislumbramos uma condição necessária a todos os terapeutas, qual seja, aceitar suas feridas, a reconhecê-las e não ocultá-las de si próprios. A supervisão como espaço de formação deveria proporcionar este contato com as feridas dos supervisionandos, sem com que isto faça que ela torne-se uma terapia de grupo ou individual.

Vislumbramos dois riscos iniciais aos quais todo supervisor encontra-se submentido; identificados neste momento como a cristalização de um modelo, a fixação em um método único de olhar para as situações clínicas, assim como a cristalização em aspectos teóricos não questionados, isto acarretaria problemas para o ensino devido a perda da flexibilidade e a rigidez da escuta que não disponibilizaria espaço para o aluno

fazer-se ouvido em sua singularidade, assim como para experimentar lidar com a teoria como uma ferramenta de forma criativa e lúdica. Outro risco seria, diante da posição de autoridade exercida pelo supervisor, das fantasias que se encontram mobilizadas na relação entre supervisionando e supervisor, produzir-se uma situação que apesar de inevitável pode tornar-se prejudicial para o processo de ensino-aprendizagem, qual seja, a passividade diante da figura de autoridade e a submissão ao fascínio pelo poder do supervisor. Isto acarreta uma séria de problemas que veremos, mais adiante. Diante desta atitude espera-se que o supervisor mostre os caminhos a serem seguidos assim como o manejo da situação com a qual se lida. Por outro lado, esta passividade induz no supervisor um excesso de compreensão, qual seja, a atitude compensatória de colocar-se, de fato, no lugar de orientador e conhecimento pelo do que se passa com a situação clínica. O excesso de compreensão surge como forma compensatória ao receio do supervisor sair do lugar que ocupa como autoridade e detentor do saber, lugar este que muitas vezes é colocado pelos supervisionandos ou pela própria situação institucional que ocupa.

Vale lembrar que mesmo que o supervisionando faça críticas e objeções ao trabalho do supervisor muitas vezes é implícita ou indireta, isto devido a relação de poder que muitas vezes se estabelece nas instituições, refletindo como uma mecanismo de controle sobre o futuro analista. Este pode não conseguir sair dessa posição hierarquizada, seja devido a postura do supervisor ou a característica da atitude do próprio supervisionando. Poderíamos justificar esta atitude como uma dinâmica constelada necessariamente a partir da relação Puer e Senex, onde o supervisor se colocaria na posição de “velho sábio” impedindo qualquer crítica ao seu trabalho, isto em função da dinâmica constelada. Assim, nem sempre, irá ter coragem ou interesse em se expor ou colocar-se no mesmo patamar que o supervisor para poder avaliar sua situação com clareza. Atitude tanto mais intensificada quanto o supervisor não levar em consideração a relatividade de sua posição, ou seja, a possibilidade de questionar-se sobre a possibilidade de se fazer algo que seja nomeado como “supervisão”.

Como os seus pares a situação é distinta, pois como não há, necessariamente, relação hierarquizada, a possibilidade de ser confrontado e questionado em sua prática e posicionamento tornar-se mais corrente, o que muitas vezes é evitado ao não se discutir sobre a prática de supervisão entre os colegas ou alegando-se “idiossincrasias”

necessárias a arte, então torna-se impossível discutir sobre a supervisão a partir de uma perspectiva externa a do próprio supervisor.

A mobilização das “transferências” e “contra-transferências” são distintas, no caso do supervisor-supervisionando ou supervisor-supervisor. Porém, para poder identificarmos a nossa sombra com clareza é necessário estar no mesmo nível de diálogo que nosso interlocutor, por exemplo, como ouvirmos as queixas de nossos estagiários. O diálogo, com os pares, é movido pela necessidade de se tocar, isto é integrar continuamente, na sombra do supervisor, em seus diversos modos de manifestação. Sombra entendida como limites e dificuldades, cristalização no poder, parcialidade e dificuldade de aceitação do outro, mas, também, como possibilidade e criatividade. Através de sua integração a transformação e a integração do outro torna-se possível, isto quer dizer que precisamos sair do lugar que ocupamos continuamente em nossa prática, podermos sermos questionados sobre nossa competência, expor nossos “casos” aos olhares dos outros para que nos deparemos conosco e com nossos limites, assim como descubramos novas possibilidade até então ocultas aos nossos olhares.

Como sabemos muito pouco se escreve e se discute a respeito deste assunto, na literatura junguiana há apenas um livro sobre a prática da supervisão (Kugler, 1995), coletânea de artigos da Journal of Analytical Psychology. Porém, todos concordam que seja necessária para a formação do futuro analista, seja durante o curso de graduação, seja nas especializações realizadas por ele futuramente.

Jung sempre ressaltou a importância do “controle de caso” ou da “análise didática” (Fordham in Kugler, 1995), orientando que o terapeuta iniciante deveria levar seu trabalho para algum colega mais experiente e discutir sobre os aspectos de sua atuação, assim como o processo de cliente.

> *“Muito mais forte do que suas frágeis palavras é a coisa que você é. O paciente é impregnado pelo que você é – pelo seu ser real – e presta pouca atenção ao que você diz. O analista tem prolemas não resolvidos porque está vivo – a vida é um problema diário. Se assim não fosse, ele estaria morto. No mais breve prazo, cada um comete seus tropeços. Se você aceita o seu erro da maneira certa, essa é a maneira como a análise se desenvolve. O analista deve conheer seus complexos, visto que eles serão abordados durante o trabalho com o paciente. Quando sonho com um paciente, isso é usualmente um sinal de que um dos meus complexos foi atingido.” (C G Jung Entrevistas e Encontros McGuirre e Hull coords. São Paulo: Cultrix, 1982 p. 322/ 323 Trad. Alvaro Cabral)*

Isso em decorrência de dois fatores, primeiro por considerar que a análise envolve duas pessoas em sua totalidade, toda intervenção, interpretação, ou mesmo o estabelecimento de vínculo terapêutico encontra-se influenciado pela dinâmica psíquica do terapeuta, assim como o terapeuta sofrerá "interferência' de seu cliente, em menor ou maior grau. Segundo, com o objetivo de evitar excessos, ou seja, a fim de preservar a singularidade, ou o mistério, que é cada indivíduo, que muitas vezes é esquecida em função do analista na teoria, seu aprisionamento em algum modelo adquirido, ou seja por insegurança ou rigidez e, também, pela necessidade de "acertar", ou seja de fazer o "melhor possível", outras vezes por uma necessidade de afirmação de seu trabalho e de si próprio diante do olhar de outros, seus colegas e o próprio supervisor corre-se o risco de tentar a todo custo seguir um modelo ou tentar controlar todas as situações para que não haja "erros". Isto é muito comum principalmente em terapeutas iniciantes que vêm como critério de "falha" a perda do cliente, devendo assim, a todo custo, preservar o cliente, por outro lado sentindo-se extremamente "magoado" ou frustrado, quando do "abandono" do cliente da terapia, devido a considerar tal acontecimento um "fracasso" pessoal, em função das muitas expectativas diante da aprendizagem e da prática que se inicia.

Podemos sintetizar o que foi apresentado e considerar desta forma que a supervisão apresenta uma série de questões, dificuldades, desafios, tornando-se assim importante sua problematização. Acima de tudo duas qualidades devem estar presentes, a capacidade de relação com o outro, eros, afeto catalizador, capacidade de ser afetado, assim como ser confrontado continuamente pelo outro, a fim do processo de formação dar-se numa via de mão dupla, numa relação dialética, em um campo relacional.

Referências

KUGLER, P. ed. **Junguian Perspectives on Clinical Supervision**. Einsiedeln: Daimon, 1995

MCGUIRRE; HULL coords. **C G Jung Entrevistas e Encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982 Trad. Alvaro Cabral.

CLÍNICA DA ORIGEM: BEBÊS PREMATUROS, SUAS MÃES E A PSICANÁLISE

Eloisa Pelizzon Dib, Érica Ferrari do Nascimento, Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente, Mary Okamoto

Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" – Campus Assis

Resumo: Este trabalho relata a experiência de atendimento psicológico interventivo às mães de bebês prematuros que estão internados na UTI Neonatal; mães que na grande maioria das vezes passam por fragilidades emocionais e requerem um olhar diferenciado, acolhedor, no sentido de fortalecer o enfrentamento da situação, bem como o desenvolvimento saudável da relação mãe-bebê. Como método realiza-se uma entrevista com as mães que se encontram no Hospital Regional de Assis acompanhando seus filhos na UTI Neonatal, nos Cuidados Intermediários, Mãe-Canguru; as visitas ocorrem semanalmente, podendo aumentar a freqüência, conforme a necessidade. Nesta entrevistas abordamos os estado do bebê e como a mãe e a família estão lidando com a situação de risco, e assim como será após a alta hospitalar. A partir de então pudemos perceber que o atendimento psicanalítico em situações de urgências físicas, de uma internação, permite que a urgência psíquica seja também socorrida (Riani, 2008). Assim ao ser ouvido e ao ouvir as intervenções analíticas, é possível às mães criar algo novo em torno do vazio que sentem frente à situação inesperada de hospitalização, saindo do desamparo em que se encontram. Entendemos que a intervenção psicológica auxilia esse momento de "crise" através da formulação conjunta de estratégias de enfrentamento e manejo de conflitos psíquicos pela vivência hospitalar e relações familiares; fortalecendo os vínculos como a reconstrução de novas expectativas. Concluí-se que é de fundamental importância o suporte psicológico para essas mães e suas famílias nesse momento difícil da internação de seus bebês.

Palavras-Chaves: psicologia hospitalar, bebê prematuro, psicanálise.

Introdução

O grupo familiar é considerado uma entidade dinâmica, em constante transformação e em busca de novas formas de adaptar-se à realidade. No curso natural de seu desenvolvimento é esperado que ocorram crises, despertadas pelas mudanças decorrentes da passagem dos ciclos (nascimento dos filhos, adolescência, saída dos filhos de casa e envelhecimento dos pais), segundo Cerveny e Berthold (2002). Podem ainda ocorrer sobreposições de crises, dificultando ainda mais a adaptação da família a essas dificuldades, como exemplo disto o nascimento de um filho pré-termo e a consequente internação deste.

O nascimento de um bebê prematuro com baixo peso pode configurar uma situação de “crise psicológica” na família, especialmente para a mãe. Quando o período gestacional não consegue se estender por nove meses, tendo a mãe que enfrentar o nascimento prematuro de seu filho, ela se vê envolta em uma tormenta de emoções e sentimentos das mais diversas ordens, tais como a culpa, a insegurança e o medo, principalmente diante da possibilidade de existência de sequelas ou do óbito do seu bebê, segundo Klaus, Kennell e Klaus (2000).

Os familiares confrontam-se com o fato de que suas certezas eram ilusórias e ainda precisam lidar com a sensação de falta de controle sobre o percurso de adoecimento, recuperação ou possibilidade de morte. A unidade familiar, com seus objetivos, regras e padrões de relacionamento próprios, sofrem abalo; iniciativas e comportamentos novos serão exigidos, além da necessidade de mudanças internas. O atendimento psicológico é evidentemente importante nesse aspecto uma vez que é nesse momento das primeiras horas de vida do bebê que se constroem os alicerces do relacionamento entre pais e bebês, e quando surgem as tensões que, se abordadas no início, tendem a ser mais fácil e rapidamente superadas, favorecendo o crescimento emocional e a formação de uma ligação materno-filial mais saudável para a criança e para a estrutura familiar.

Após a instalação de uma crise, segue-se um período de desorganização e perturbação, durante o qual são feitas muitas tentativas na busca por soluções adequadas exigindo maior mobilização de recursos psíquicos na tentativa de adaptação à realidade e ao momento crítico (Caplan, 1964). Digamos que todo bebê nasce prematuro do ponto de visto psíquico, desamparado, e para sobreviver deve ser adotado afetivamente, mas essa situação de adoção pode encontrar obstáculos quando se depara com uma prematuridade orgânica, desfigurando dos pais suas fantasias de saúde, de primeiro banho, bochechas rosadas e redondas, pois o filho não irá imediatamente para casa, a alta hospitalar será somente da mãe.

O nascimento de um bebê prematuro é uma situação imprevisível e constitui-se como um risco ao equilíbrio emocional materno, assim como nas interações da mãe com o filho. Os primeiros dias de vida que seguem ao nascimento representam, para a mulher, um período de transição cheio de imprevistos diferentes. São dias muitas vezes difíceis, durante os quais ela vive uma situação em que fica descentrada, como se o bebê, durante

meses, tivesse mantido o seu centro de gravidade, e o primeiro efeito desse nascimento tenha sido desequilibrá-la, segundo fala delas. E retomar a posse de si mesma fica ainda mais difícil no contexto hospitalar.

Esta situação é geradora de sentimentos de impotência e estresse, que aumenta a incidência de sintomas de ansiedade e depressão. Estudos realizados por Guerra e Galletta (2002) avaliaram que a ansiedade e a depressão materna podem ter co-ocorrência entre esses sintomas, ou seja, altos níveis de ansiedade parecem interagir com altos níveis de depressão materna, representando fatores potenciais de risco para o desenvolvimento do bebê e da relação da díade mãe-bebê. Desta forma podemos perceber a importância do psicólogo para neutralizar, através de intervenções psicológicas, os efeitos adversos da prematuridade do bebê no equilíbrio emocional materno.

Segundo Linhares e cols (1999), para a maioria dos pais, a UTINeonatal representa um ambiente desconhecido, intimidante e ameaçador. Para neutralizar efeitos negativos pode-se propor que os pais sejam familiarizados com o funcionamento da UTIN e que a equipe de enfermagem possa contribuir para minimizar o senso de incompetência e baixa auto-estima deles.

De acordo com tais idéias, Brazelton (1988) afirma que *"o luto dos pais, depois do nascimento prematuro, é inevitável. Os pais não somente demonstram esta reação pela perda do bebê perfeito que esperavam, mas também lamentam o bebê que produziram, culpando-se consciente e/ou inconscientemente"* (p. 463). Assim, pode-se perceber que quando do nascimento de uma criança prematura os pais precisam fazer esses lutos, o luto pelo bebê - o filho perfeito, rosado, gordinho - que habitava as suas fantasias e defrontar-se com a criança real que é o seu filho atualizando e ajustando as fantasias criadas anteriormente à criança real que tiveram. É necessário que haja fantasias e que elas sejam adequadas à criança real, fazer estes ajustes é fator de saúde mental.

Podemos perceber nesse sentido que esse impacto do nascimento e da internação do bebê prematuro diante da discrepância entre bebê real e bebê imaginário formado durante a gravidez pode causar às mães: auto-culpa ou atribuições externas de culpa devido ao nascimento prematuro do bebê; sintomas de ansiedade; instabilidade emocional afetando processos de pensamentos e de compreensão; senso de auto-conceito negativo; baixo-senso de competência com cuidados do bebê; dificuldade de

contato físico com o bebê devido ao medo de tocá-lo e prejudicá-lo ou machucá-lo; ansiedade durante visitas na UTINeo; esquiva e fuga de notícias sobre o bebê; medo de se vincular ao bebê e depois ter que enfrentar perda devido ao óbito; luto ou morbidade por antecipação.

Toda essa frustração também está envolta no trabalho de luto ao renunciar a ser somente filhinha de seus pais, para aceitar ser mãe. E diante de todo esse desequilíbrio, ela vive um estado de fragilidade psíquica, rico em emoções diversas; e é durante esses dias de hospitalização que tudo é motivo de pequenos dramas. Nesse momento as mães precisam ser estimuladas a ter contato direto com seus bebês, no sentido de minimizar o impacto das consequências desfavoráveis na relação mãe-bebê pré-termo hospitalizado, porém para que a mãe possa desempenhar adequadamente sua função precisa ser cuidada do ponto de vista psicológico.

Portanto, o cuidado do desenvolvimento precoce do bebê deve necessariamente incluir o suporte psicológico às mães, a fim de ativar mecanismos de proteção para neutralizar emoções maternas negativas e promover a adequada interação mãe-bebê. Reveste-se de suma importância identificar as condições potencialmente estressoras para as mães de neonatos prematuros ameaçadoras do estabelecimento do vínculo.

Por vezes as crianças permanecem por tão longas internações que nos momentos de alta hospitalar os pais não mais anseiam pelos filhos em casa temendo não serem capazes de cuidar de um ser tão pequenino, acreditando que o saber científico sobre o corpo prematuro possa ser capaz de suplantar o afeto parental, segundo Riani (2008).

Frente a todas as mudanças provocadas pela hospitalização, algumas famílias conseguirão se reorganizar naturalmente, outras irão necessitar da ajuda de um terceiro elemento que as auxilie a elaborar suas vivências e perdas. Esta é uma das funções do psicólogo no hospital. A psicanálise encontra na clínica da prematuridade um espaço de trabalho nas possibilidades dadas pelos pais na reconstrução de um saber acerca do filho, nas possibilidades vindas da criança denunciadas pelo seu corpo, no espaço dado pela equipe em suas inquietações em torno da evolução do bebê ou da dinâmica familiar de cada paciente, enfim, há uma urgência subjetiva clamando por escuta na clínica com bebês prematuros (Riani, 2008).

A partir disso, pensamos que a avaliação psicológica interventiva auxilia essa mãe através da formulação conjunta de estratégias de enfrentamento e manejo de conflitos

psíquicos despertados pelo momento da crise, pela vivência hospitalar e relações familiares – fortalecendo os vínculos, bem como a reconstrução de expectativas, sonhos e perspectivas de futuro.

Na medida em que se introduzem ações que dependem da mãe para promover o bem-estar e a saúde do bebê prematuro, tais como a amamentação, as visitas, o contato pele a pele e o Método Canguru, o conhecimento acerca dos pensamentos, sentimentos e crenças maternas ajudam a orientar a adequada implementação de estratégias de intervenção facilitadoras do cuidado individualizado do bebê. E a mãe fragilizada é muitas vezes vulnerável e receptiva a qualquer palavra vinda do ambiente hospitalar, ou do meio familiar.

Este trabalho tem como objetivo o atendimento psicológico interventivo, realizado por estagiárias de psicologia da UNESP-Assis, junto às mães de bebês prematuros que estão internados na UTINeo, Cuidados Intermediários e Mãe-Canguru. Estas que, na maioria das vezes, estão vivenciando uma fragilidade emocional, uma 'crise' e requerem um olhar diferenciado, acolhedor, no sentido de fortalecer o enfretamento da situação, bem como de uma assistência à relação mãe-bebê e a todo o seu desenvolvimento.

A intervenção psicológica constitui-se como um espaço facilitador de reflexão de sentimentos e de orientação, no qual são oferecidos apoio e proteção à mãe, a fim de que ela possa desenvolver melhores condições de enfrentamento no período de internação do bebê no hospital. Algumas mães mostram-se bem adaptadas às rotinas do hospital, outras não, algumas ainda demonstram certa ambivalência, sentindo-se asseguradas de um lado, pela estrutura hospitalar, por não terem que retomar imediatamente a rotina em casa, mas por outro lado, sofrem com a promiscuidade hospitalar e as pressões coletivas.

A partir do contato inicial com essas mães, seguimos um roteiro semi-estruturado com questionamento que tem como foco a reestruturação do equilíbrio emocional materno, no sentido de minimizar as conseqüências desfavoráveis da presença de indicadores emocionais maternos, o fornecimento de suporte psicológico por meio do apoio às mães, através de uma escuta acolhedora interventiva, no período neonatal. Isto é de suma importância, pois permite constituir um contexto favorecedor a fim de que a mãe possa desenvolver melhores condições de enfrentamento no período de internação do bebê no hospital e, também, contribui para redução significativa dos níveis clínicos emocionais maternos de ansiedade e depressão, assegurando, assim, dados positivos

para o bebê, família e equipe. Apresenta ainda um caráter preventivo da saúde mental do novo ser, já que ao reassegurar a mãe, possibilitar-lhe a vivência deste período com um fator de menor ansiedade, estaremos também permitindo que o relacionamento com o seu bebê se faça de modo mais tranqüilo e como tal seja fator de segurança e equilíbrio para ele.

As mães são abordadas com questões como desejo pela gravidez, o encaminhamento ao Hospital, como transcorreu o parto, as sensações que envolveram esse momento, o peso do bebê e o significado desse número, a situação de internação e as angústias que a permeiam, o sentimento de maternidade diante do bebê prematuro e frágil, o desejo de amamentação, e planos futuros diante da situação real, promovendo assim reflexões que funcionam como suporte para que essas mães possam elaborar mais essa vivência de angústia e medo.

Segundo Riani (2008), o atendimento psicanalítico em situações de urgências físicas, como num nascimento prematuro, permite que a urgência psíquica seja também socorrida. Feito sob a técnica da escuta, possibilita aos que sofrem um espaço no qual suas angústias são traduzidas em palavras. Assim ao ser ouvido e ao ouvir as intervenções analíticas, é possível recriar algo novo em torno do vazio que as mães sentem frente à situação inesperada, saindo do desamparo em que se encontram, tomando contato novamente com suas condições de sujeitos desejantes, podendo reencontrar seus filhos e reencontrarem-se a si mesmas nesse caos.

Szejer (1997) afirma que tudo se passa como se, no presente, o seu centro continuasse a ser o bebê. Como se seu próprio corpo passasse a segundo plano, em relação ao filho que, então, toma o seu lugar e quase a oculta. Nesse momento percebemos que ela vive uma espécie de confusão, na qual cuidar do bebê equivaleria a cuidar dela mesma.

O papel do psicanalista no pós-parto será sempre o de tentar compreender, no contexto da relação pais-filhos, os sintomas manifestos no presente e situá-los na história, através de uma interventiva. Algumas mulheres têm atitudes rígidas, como Szejer (1997) sugere, elas seguem rigorosamente o que diz a equipe de enfermagem e se sentem aterrorizadas pelo cumprimento dos primeiros cuidados ao bebê, que supre o que elas consideram que seja a sua incompetência. Desta forma cabe à equipe de saúde do

hospital encontrar, em cada mulher, o discurso que mais lhe convenha, isto é, aquele que a angustie menos e lhe permita estabelecer com seu filho um a relação mais harmoniosa.

Pode-se concluir a partir desse trabalho que as concepções sobre os bebês pré-termo hospitalizadas em UTINeo devem ser consideradas para assegurar a saúde mental materna relevante, tanto para as próprias mães quanto para a relação com os seus bebês. O psicólogo, portanto, deve participar ativamente no âmbito da UTINeo atuando na avaliação dos recursos e dificuldades emocionais maternas para estimular o adequado enfrentamento do período desde o nascimento do bebê até a alta hospitalar, com recomendação de fortalecer o vínculo do bebê e a mãe.

REFERÊNCIAS

BRASELTON, T.B. Gravidez: o nascimento do apego (D. Batista, Trad.) Em: T. B. BRAZELTON (Org), *O desenvolvimento do apego: uma família em formação* (p. 15 – 50). Porto Alegre: Artes Médicas,1988.

CAPLAN, G. *Princípios de psiquiatria preventiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

CERVENY, C. M. de O; BERTHOUD, C. M. E. *Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital.* São Paulo: Casa o Psicólogo, 2002.

CREPALDI, M.A.; LINHARES, M.B.M.; PEROSA, G.B; *Temas em Psicologia Pediátrica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GUERRA, G; GALLETA, M.A. *Gravidez na Adolescência: Prevalência, ansiedade e ideação suicida*. Rev. Assoc. Med. Bras. vol.48 no.3 São Paulo July/Sept., 2002.

LINHARES, M.B.M.; CARVALHO, A.E.V.; BORDIN, M.B.M. e JORGE, S.M. Suporte Psicológico ao desenvolvimento de bebês prematuros com peso de nascimento inferior a um 1.500g na UTI Neonatal e no seguimento longitudinal. *Temas em Psicologia da SBP*, 7 (3), 245-262,1999.

RIANI, A.C.P.R. A Psicanálise na Clinica com Bebês. Tese de pós graduação em Psicanálise da UFJF. *Psicanálise & Barroco em revista* Ano 03 nº 06 ISSN Eletrônico: 1679-9887, 2008.

KLAUS MH & KENNELL J. *Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência.* Artes Médicas, Porto Alegre, 2000.

SZEJER, M. e STEWART, R. *Nove Meses na Vida de uma Mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

TORNAR-SE PAI A EXPERIÊNCIA DE PARENTALIDADE EM UM ATENDIMENTO CLÍNICO

José Paulo Diniz, Maria Luísa Louro de Castro Valente
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

O presente trabalho trata da experiência de um atendimento clínico realizado numa perspectiva psicanalítica na clínica escola da Unesp/Assis. O atendimento dura há um ano e meio e ainda está em seu processo. Neste estudo, relata-se o caso de J., um homem de 46 anos, casado e com dois filhos adotivos de 4 e 9 anos, os quais foram adotados há pouco mais de dois anos. A principio, J. foi atendido em conjunto com sua esposa em um Grupo de Pais cujo foco era o de tratar questões relacionadas à adoção porém, após algum tempo, foi atendido individualmente devido a questões pessoais que o impediam de se integrar ao grupo e mereciam maior atenção. No atendimento individual, J. mostrava-se bastante rude e inflexível em suas atitudes, afastando quase que por completo aspectos do seu dia a dia e limitando-se a dizer das atitudes de seus filhos e falar da dificuldade de adaptação dos mesmos, não trazendo para o atendimento questões relacionadas às suas dificuldades, seus relacionamentos ou seus sentimentos, nem enquanto homem e esposo, nem enquanto pai e o motivo que o levou ao atendimento individual. No decorrer do processo de analise pode-se perceber as mudanças na relação de J. com os filhos, neste período, o processo de aquisição e construção da parentalidade se deu, tornando aqueles que antes eram desconhecidos em legítimos pais e filhos. Ser pai não é uma condição dada a priori, mas sim um processo em construção, que envolve questões conscientes e inconscientes de aceitação dos filhos e de herança transgeracional familiar. O processo da paternidade precisa de um tempo para se estruturar e aceitar a criança que está por vir, do mesmo modo para pais biológicos ou adotivos, para estes e em uma adoção tardia é necessário um período de convivência para que ambos, pais e filhos, possam adequar suas fantasias e idealizações uns aos outros.

Palavras-chave: paternidade, parentalidade, adoção

ADOÇÃO E FAMÍLIA: UMA EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Anne Caroline Lima Pereira; Carolina Beatriz Savegnago Martins; Caroline Cristina Ambrósio; Eloísa Pelizzon Dib; Hélimi Iwata; José Pace Júnior; José Paulo Diniz; Lidiane da Silva Baptista; Lígia Assumpção Bruder di Creddo; Nathália Cristina de Andrade; Maria Luisa Louro de Castro Valente.
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", PROEX.

Pretendemos com esse trabalho realizar um relato de experiência no projeto de extensão universitária "Clínica e pesquisa em Adoção" da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis. Este, realizado há 9 anos, encontra-se vinculado à PROEX – UNESP e conta com a participação de dez estagiários, alunos do 4º e 5º ano do curso de Psicologia desta instituição. Tal projeto visa não só colaborar com a formação acadêmica dos alunos participantes – abordando os temas de Adoção, Psicanálise, Psicologia do Desenvolvimento e Família – como também prestar atendimento à comunidade. Com estes fins, atua oferecendo espaços para grupos de discussões sobre questões relativas à adoção, orientação e atendimento clínico às famílias com indivíduos adotados e/ou pretendentes à adoção, assim como o oferecimento de um curso preparatório com esta temática, voltado aos futuros pais, correspondendo às novas exigências da Lei da adoção. Para a realização destas linhas de atuação, realiza-se a divulgação dos serviços oferecidos em vários meios de comunicação regionais, inclusive com a veiculação de entrevistas e outros materiais, a fim de esclarecer e mobilizar a população para atividades de atendimento clínico, voltado a casais e a famílias com membros adotados, e participação nos grupos de pais adotivos – realizados semanalmente no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada – CPPA. Já o curso preparatório para a adoção, voltado para um público restrito, foi pensado a partir da solicitação realizada pelos fóruns da região. A estrutura e temáticas abordadas neste curso foram elaboradas a partir dos conteúdos sugeridos pelos solicitantes, acrescidos de outros temas entendidos pelos participantes do projeto, como necessários, dentre eles: o desejo de adotar; infertilidade, desenvolvimento infantil, maternidade, paternidade, as expectativas da adoção, adoção tardia, e como falar sobre a adoção com o filho adotivo. Além disso, é garantida aos participantes a liberdade para troca experiências, como a sugestão de novos temas para

discussão. O curso conta também com a participação de um promotor e uma assistente social, a fim de prestar maiores esclarecimentos sobre o processo de adoção quanto ao seu aspecto burocrático e legal. Em geral, o projeto de extensão “Clínica e Pesquisa em Adoção”, visa esclarecer, amenizar as ansiedades dando apoio aos futuros pais, às famílias que receberam um novo integrante e aos filhos adotados. Entende-se que essas práticas possibilitam perspectivas mais reais sobre maternidade, paternidade e parentalidade, de modo amenizar danos causados por expectativas prévias, colaborando para a inserção do filho real na família. Baseamo-nos na concepção da adoção como a formação de uma família através de laços de afeto, estes que são significativamente mais importantes que laços sanguíneos, uma vez que as funções de maternidade e paternidade são construídas e não inatas ao ser. Acredita-se que com o desenvolvimento deste projeto, colabora-se na ressignificação da Adoção na comunidade, ressaltando que mais do que uma “boa ação”, a adoção é um direito garantido à criança e ao adolescente pelo ECA.

Palavras-chave: adoção; família; psicanálise.

ABORDAGEM SISTÊMICA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA A FAMÍLIAS E CASAIS

Daniela Coelho, Maiza Sá, Carmen Balieiro
Universidade Paulista Ribeirão Preto – SP

O presente trabalho foi desenvolvido no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP), no estágio do 9º semestre (2011) intitulado por Abordagem Sistêmica: fundamentos teóricos e intervenção psicológica a famílias e casais. Realizado no período de 29 de Março a 28 de Junho do ano de 2011. Diferentemente da maioria dos atendimentos psicológicos tradicionais que tem o foco no indivíduo o atendimento a famílias e casais com base na epistemologia sistêmica tem por fundamento que o homem não é um ser isolado e sim um ser ativo e reativo dentro de grupos sociais (família, comunidade e cultura) e assim suas experiências reais dependem dos aspectos internos (intrapsíquicos) e externos (fatores ambientais). Sendo assim a epistemologia sistêmica de orientação narrativa apresenta um conjunto de técnicas que contextualiza o indivíduo em seu meio social, focalizando este dentro da família. Pois, quando há transformação na estrutura do grupo familiar consequentemente as posições dos indivíduos são alteradas modificando assim as experiências de cada um. Os atendimentos ocorreram às terças-feiras, das 19h20min às 20h10min, na sala de espelho unilateral o que possibilitou o auxilio da equipe reflexiva e da supervisora. Foram realizados catorze atendimentos, sendo sete com toda a família, um com as filhas de 16 anos e 12 anos, e o pai e seis apenas com as irmãs adolescentes. Optamos pela possibilidade de atender apenas as adolescentes, pois durante os atendimentos percebemos dificuldades destas em articular suas opiniões tendo em vista que esta família é reconstituída por madrasta, e percebemos que estas representam o vinculo entre os outros integrantes da família. A madrasta procurou ajuda psicológica espontaneamente e trouxe como queixa que a família apresenta dificuldade de relacionamento entre os indivíduos que moram na casa, dificuldades de lidar com as adolescentes, uma delas teve uma passagem pelo núcleo de atendimento integrado (NAI). Trata-se de uma família reconstituída, com sobreposição entre a fase adolescente e a fase de aquisição. A madrasta e o pai relatam que as adolescentes se envolvem em

situações de risco, na escola como brigas em gangue. E que as brigas dentro de casa se intensificaram depois que a madrasta foi morar com o pai e as adolescentes. De acordo, com os dados apresentados e a análise do caso a família apresenta dificuldades de comunicação, a madrasta potencializa os episódios de agressões, pois a mesma também é agressiva e negligente com as adolescentes. As irmãs em questão estão inseridas em um ambiente vulnerável (escolar, comunidade) e necessitam serem acompanhadas. Foi sugerido para a família continuar o processo de Psicoterapia familiar, para desenvolver espaço dialógico entre as partes e gerar um novo significado para esta família.

Palavras chave: Abordagem Sistêmica, contexto social, processos de comunicação.

ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA SAÚDE DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE A PARTIR DE UM DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL

Hélimi Iwata, Daniely Diniz de Oliveira, Júlia Feltrin Ivers, Sandra Fogaça Rosa Ribeiro

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

RESUMO: Saúde da Família é entendida como uma estratégia de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes interdisciplinares. Estas equipes são responsáveis pelo acompanhamento de um número definido de famílias, localizadas em uma área geográfica delimitada. As equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais freqüentes. O objetivo deste trabalho foi realizar um diagnóstico organizacional em uma Unidade de Saúde da Família com ênfase na saúde mental do agente comunitário de saúde (ACS). Utilizamos o método de observação participante incluindo um roteiro de observação e para complementá-la, uma entrevista semi-estruturada com um agente comunitário de saúde, indicado pelo maior tempo de trabalho. Observou-se que cada profissional está relacionado a outro para atender à demanda do usuário, porém não há articulação ou inter-relação entre eles. Isto é evidenciado quando alguns profissionais não participam da reunião de equipe, que é justamente um espaço para discutir casos e acontecimentos. Percebemos uma tentativa da equipe se estabelecer como integração, mas não consegue superar as fragmentações, configurando-se como equipe agrupamento, onde há justaposição das ações dos trabalhadores. Os trabalhadores acreditam que há acolhimento, troca e integração entre eles. Porém, quando os agentes comunitários necessitam de um respaldo para o trabalho de campo e levam suas dúvidas, não são devidamente orientados. Os agentes comunitários de saúde sentem-se muitas vezes despreparados para ocupar tal função, pois a sua formação profissional tem sido fragmentada. Muitas vezes, colocam-se no lugar do outro, se mobilizam a tal ponto com os casos, que não conseguem separar o profissional do pessoal, extrapolando-se os limites entre profissional e usuário, convivendo com eles além do horário de trabalho. Além disso, o agente comunitário no decorrer da sua profissão convive diariamente com a doença e com a morte, o que o impressiona no início, mas depois diz que não pensa nos casos para conseguir trabalhar, o que pode ser entendido como uma negação para diminuição do sofrimento. Conclui-se que a saúde do agente comunitário de saúde merece atenção, pois ele como pessoa que faz a ponte entre profissionais e comunidade pode ter sua saúde fragilizada devido à sobrecarga de trabalho.
Palavras-chave: Diagnóstico Organizacional, Estratégia de Saúde da Família, Agente Comunitário de Saúde, Saúde do Trabalhador.

INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (2011) a Saúde da Família é

> "entendida como uma estratégia de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde. Estas equipes são responsáveis pelo acompanhamento de um número definido de famílias, localizadas em uma

> área geográfica delimitada. As equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais freqüentes, e na manutenção da saúde desta comunidade."

A Saúde da Família é um projeto dinamizador do SUS, condicionada pela evolução histórica e organização do sistema de saúde no Brasil. A rápida expansão das Estratégias de Saúde da Família (ESF) comprova a adesão de gestores estaduais e municipais aos seus princípios. Foi iniciada em 1994, e a partir desta data demonstrou rápido crescimento nos últimos anos.

O estudo de Ribeiro, Pires e Blank (2004), chama a atenção para o trabalho na saúde atualmente, o qual tornou-se coletivo e multiprofissional, além dos outros grupos de trabalhadores que desenvolvem várias outras atividades necessárias para a manutenção da estrutura institucional. Por outro lado, ressalta também que algumas categorias de profissionais trabalham com a fragmentação de tarefas sob o controle gerencial centralizado.

Peduzzi (1998) destaca que a complementaridade e a interdependência, que são as atividades antes executadas por um indivíduo e que hoje com a fragmentação do trabalho, é executada por vários profissionais, portanto não se correspondem, e a articulação, em que refere-se às conexões existentes entre as várias atividades, que são ativa e conscientemente colocadas em evidência pelos agentes que as realizam são atividades distintas do trabalho coletivo. É neste enfoque que tem-se a equipe agrupamento, em que ocorre a justaposição de ações e o agrupamento de agentes. Por outro lado, tem-se a equipe integração, em que ocorre a articulação das ações e interação dos agentes. A prevalência de equipes do tipo agrupamento contribui para a apresentação de um cenário desfavorável para a saúde do trabalhador. A desarticulação se desdobra em diversas outras dificuldades, que se apresentarão neste trabalho.

Segundo Ribeiro (2006), o trabalhador de ESF se sente frustrado quando o usuário não toma os remédios prescritos, porém o trabalhador se coloca no lugar de um saber único e onipotente, e o usuário no lugar de obediência, por isso muitas vezes o usuário é obrigado a tomar o remédio sem mesmo saber de sua importância.

De acordo com Santana et al (2009) os agentes comunitários de saúde se sentem muitas vezes despreparados para ocupar tal função, pois a sua formação profissional é fragmentada, *"o que desfavorece a visão do indivíduo como unidade indissociável, como ser único e holístico".*

Mendonça (2004) diz respeito à identidade do agente comunitário de saúde relacionando-se com sua formação e sua ação prática. Observou-se certa ambivalência, pois estes formam um grupo próprio que se diferencia tanto da equipe quanto da população.

Segundo Pitta (2010):

> *"a organização atua na gênese do sofrimento psíquico através de alguns elementos facilmente identificáveis, quais sejam: as jornadas prolongadas de trabalho, os ritmos acelerados de produção, a pressão repressora e autoritária instalada numa hierarquia rígida e vertical, a inexistência ou exigüidade de pausas para descanso ao longo das jornadas, o não controle do trabalhador sobre a execução do trabalho, a alienação do trabalho e do trabalhador, a fragmentação de tarefas e a desqualificação do trabalho realizado e, por conseguinte, de quem o realiza".* (apud Silva, 1987)

Pitta (2010, p. 62) também ressalta que há uma barreira que impede a manifestação pública de sentimentos e expressões referentes ao sofrimento diante de doenças, que obriga os doentes e os trabalhadores da saúde ~~a~~ sofrerem às escondidas. *"No caso dos que trabalham com doentes o recalcamento do desgosto cria mecanismos que dificultam uma sublimação compensatória absolutamente necessária aos que têm como ofício o lidar cotidiano com dores, perdas, sofrimento e morte, dia a dia, ano a ano".*

No estudo de Martines e Chaves (2007) foi observado que os agentes comunitários de saúde não são capazes de discernir seus limites em relação aos vínculos estabelecidos com a comunidade com relação à doação de tempo, empenho e reciprocidade. Esta noção de vínculo parece estar relacionada também à representação que os agentes comunitários de saúde demonstraram ter sobre os sujeitos e as ações relacionadas à atividade de cuidar, dificulta o estabelecimento de limites e limitações necessários para qualquer prática profissional.

OBJETIVO

Fazer diagnóstico organizacional de uma Unidade de Saúde da Família com ênfase na saúde mental do agente comunitário de saúde.

MÉTODO

SUJEITOS

Quatro agentes comunitários de saúde, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem e um médico.

LOCAL

Unidade de Saúde da Família, localizada numa cidade de pequeno porte do Estado de São Paulo.

Foi escolhida esta Unidade de Saúde da Família devido à indicação ~~por parte~~ da coordenadora da Saúde da Família com a anuência da equipe em participar do projeto.

PROCEDIMENTO

Foram feitas no total sete visitas à Unidade de Saúde da Família com objetivo de uma observação participante incluindo um roteiro de observação, que incluía questões como a rotina, gestão, visita domiciliar, questões gerais, pré-consulta e locais como sala de espera, recepção, farmácia e o lugar do agente comunitário de saúde. Além disso, para complementar a observação, no último dia foi feita uma entrevista semi-estruturada com um agente comunitário de saúde, indicado por seu maior tempo de trabalho.

A observação participante foi escolhida como método para uma melhor compreensão da realidade estudada. Minayo (2004), apud Schwarts & Schwarts (1955), considera a observação participante como parte essencial da pesquisa qualitativa, já que ela é *"um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica".* O observador participa da vida dos observados, convivendo com sua rotina, e assim colhe os dados e com isso modifica e é modificado por este contexto.

ANÁLISE DOS DADOS

No estudo de Peduzzi observou-se que cada profissional está relacionado a outro para atender à demanda do usuário, porém não há articulação ou inter-relação entre eles. Isto é evidenciado quando o trabalhador diz que nem o médico nem o dentista participam da reunião de equipe, que é justamente um espaço para discutir casos e acontecimentos. A dentista não participa das reuniões, porque é nesse dia está em outra unidade (Diário de Campo).

A questão de equipe agrupamento e equipe integração de Peduzzi (1998) pode ser percebido dentro da unidade estudada, pois se observa que ela funciona como uma equipe agrupamento, onde há justaposição das ações dos trabalhadores, porém não há a interação dos agentes como na equipe integração. Os trabalhadores acreditam que há acolhimento, troca e integração entre eles, porém quando um dos agentes comunitários precisa de orientação para desenvolver seu trabalho de campo, não há espaço para isso. No final de uma reunião o trabalhador Y, que parecia estar um pouco triste e calado, comentou sobre o caso de um usuário de 45 anos que tentou se matar, ateando fogo no próprio corpo, a equipe escuta, mas não propõe nenhuma estratégia de encaminhamento para o caso. (Diário de campo). Este trabalhador tenta esconder seu sofrimento diante do acontecido, portanto nem percebe a falta de apoio dos colegas.

Um dos pontos abordados pelo agente comunitário de saúde foi a mudança de sua visão depois que se tornou agente comunitário de saúde em relação às pequenas coisas, pois quando se faz visitas, presencia todo tipo de situação. Contou-nos que depois que ele se tornou agente comunitário, mudou a sua visão. Agora ele dá mais valor às pequenas coisas. Deu o exemplo de um usuário que andava de cadeira de rodas, que queria apenas ficar em pé, então ele disse que pra ele é tão comum ficar em pé, andar e esse rapaz só queria isso (Diário de Campo). Nesta fala percebe-se a identificação em relação ao usuário, em que o agente comunitário de saúde coloca-se no lugar do outro, podemos pensar então até que ponto isto não prejudica a saúde mental do trabalhador? Ele se mobiliza tanto com os casos, não conseguindo separar o profissional do pessoal. Esta questão também deve ser vista pela perspectiva do vínculo exacerbado abordado anteriormente por Martines e Chaves (2007), em que o agente comunitário extrapola os limites entre profissional e usuário, convivendo com eles além do horário de trabalho.

Outro aspecto abordado por Ribeiro (2006) que também observamos é a impotência dos trabalhadores diante de situações complicadas. Um agente comunitário relatou que no decorrer da sua profissão foi se acostumando a ver pessoas doentes e morrerem; que no início ficava mais impressionado, às vezes até chocado e hoje é como se tivesse que se acostumar e não ficar pensando muito nisso para conseguir trabalhar. O que pode ser entendido é que muitas vezes se nega ao sofrimento, e não sabe nem como lidar essa dor. Assim como Pitta (2010) ao dizer que a atitude atual do homem diante da dor, sofrimento e morte são buscar negá-los como fim do inexorável percurso da

vida humana. Ele (agente comunitário de saúde) disse que desde que começou a trabalhar como agente comunitário de saúde, nunca foi tanto em velório. Ontem mesmo ele disse que foi ao velório de um rapaz que tinha 29 anos que morreu de câncer na garganta (Diário de Campo). Chama a atenção na fala do agente comunitário quando ele diz que "se acostumou" com os casos difíceis, em que no começo ficava muito mal, pensativo, mas que com o tempo isto passou. Este fato é evidenciado no estudo de Ribeiro (2006, p. 68), onde o *"impacto inicial é minimizado não por diminuição do sofrimento, mas por se acostumar com ele, como se fosse possível aconstumar-se ao sofrimento".*

O agente comunitário prestou o concurso sem mesmo saber ao certo o que faz um ACS, demorou cerca de três anos para ser chamado, após o resultado do concurso. Disse que no primeiro dia foi fazer visitas junto com outra agente comunitária para aprender e lhe deram livros para estudar. Somente após algum tempo que eles precisaram freqüentar cursos como o de amamentação, tuberculose, violência sexual, mas não especificamente sobre a prática (Diário de Campo). Este dado corrobora com o estudo de Santana et al (2009) em que observou o despreparo dos trabalhadores, devido à fragmentação da prática com a teoria.

> *A legislação referente ao PACS exige dos municípios um programa gradual e permanente de treinamento aos agentes comunitários de saúde selecionados, que se renova de acordo com seu trabalho no dia-a-dia. O principal responsável pela capacitação é o enfermeiro, instrutor supervisor que também acompanha o ACS, orientando-o, de acordo com as necessidades constatadas (BRASIL, 1997, p. ?).*

O treinamento deve capacitar os agentes comunitários de saúde para que possam analisar junto com a comunidade, a situação de sua área de abrangência, no que se refere aos aspectos demográficos, socioeconômicos, ambientais e sanitários, identificando os riscos e as potencialidades existentes. E é sugerido um instrutor que possa atuar como um facilitador, desempenhando um importante papel na articulação das atividades propostas pelo treinamento, visando a construção do conhecimento sobre os elementos do processo de trabalho das equipes (Brasil, 2002).

A profissão de Agente Comunitário de Saúde se caracteriza pelo exercício de atividades de prevenção de doenças e promoção da saúde, mediante as ações: domiciliares ou comunitárias, individuais ou coletivas, desenvolvidas em conformidade com as diretrizes do Sistema único de Saúde (Brasil, 2002).

Ribeiro (2006 p. 123) nos diz em sua pesquisa quanto ao uso de um mesmo espaço físico por duas equipes, evidenciando os problemas encontrados a partir das observações: "*Ficou claro que o conflito decorrente do espaço físico ser dividido para as duas equipes em dias determinados da semana, tem gerado desconforto para a coordenação e sobrecarga para os profissionais*." No caso da unidade estudada neste trabalho, há o fato de a unidade ao lado encontrar-se sem enfermeiro, os auxiliares de enfermagem dizem não ter habilidades para a vacinação e também recusam-se a aprender, o que evidentemente sobrecarrega os profissionais de enfermagem e auxiliar de enfermagem da unidade em análise.

A colocação de Ribeiro (2006) de que as dificuldades na relação com o gestor aparecem insistentemente nas reuniões, enfatizando a rigidez das determinações sobre o trabalho em saúde pode ser também contemplada na reunião de equipe da unidade estudada. Um dos assuntos em pauta foi a falta de comunicação entre a unidade e a Secretária de Saúde, foi o tema de discussão ao longo da reunião inteira. Reclamaram que acabam ficando muitas vezes isolados, que os pedidos que fazem não tem retornos (Diário de campo)

Segundo Simões (2007), o agente comunitário no desenvolver de suas tarefas atua como educador, como mediador entre a população e o sistema de saúde e como conselheiro em situações de conflitos pessoais e familiares, sendo uma profissão que lida diretamente com muitos conflitos sociais e de saúde da comunidade em que é responsável durante o desenvolvimento de seu trabalho. Pode-se perceber o quanto é ampliada a ação dos trabalhadores de uma ESF para a promoção da saúde da comunidade. Na visita percebe-se que é demandado da equipe muito mais do que cuidados com a saúde básica propriamente dita. Tentam melhorar as condições de vida do indivíduo de modo mais amplo. A orientação quanto à castração gratuita de animais domésticos refere-se à preocupação com a quantidade de animais na casa de uma usuária, o que influi diretamente na renda, na saúde alimentar e na higiene da casa (Diário de Campo)

Aos agentes comunitários é exigido que desempenhe diversas funções: cadastramento das famílias, identificação de situações de risco à saúde, encaminhamento dos casos graves à equipe de saúde, ações de promoção da saúde e prevenção de doenças, busca ativa de faltosos, preenchimento de relatórios, entre outras. Referente a

isso, Simões (2007, p. 13) completa que os agentes comunitários comumente não conseguem realizar as mínimas 8 visitas domiciliares preconizada pelo Ministério devido ao desvio de funções: *"Esse fato pode evidenciar a realização de outras atividades pelos ACS's, como recepção na unidade de saúde, procura de prontuários, atender telefone, marcação de consultas, além de todos os cadastramentos, listas para campanhas de vacinação, alimentação do banco de dados através de relatórios, busca ativa de usuários, entre outras."*

CONCLUSÃO

Diante de tal diversidade de tarefas do agente comunitário de saúde no desempenho da sua profissão e da convivência diária com a doença e com a morte, conclui-se que há um prejuízo pra sua saúde mental. Como pessoa que faz a ponte entre profissionais e comunidade pode ter sua saúde fragilizada devido à sobrecarga de trabalho. Para que possa continuar seu trabalho, merece atenção e formação condizente com as responsabilidades e dificuldades inerentes ao trabalho que tem desenvolvido.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa comunitário solidário: Programas de Agentes Comunitários de Saúde. *Treinamento introdutório*: Programa de Saúde da Família. Brasília, DF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Saúde da Família. Brasília, 2011. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=149. Acesso em: 06 jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Modalidades de contratação de agentes comunitários de saúde: um pacto tripartite.* Brasília, 2002. 44p.

MARTINES, W. R. V.; CHAVES, E. C. Vulnerabilidade e sofrimento no trabalho do Agente Comunitário de Saúde no Programa de Saúde da Família. *Revista da Escola de Enfermagem*, v. 41, n. 3, p. 426-33, 2007.

MENDONÇA, M. H. M. Agente comunitário de saúde: o ser, o saber, o fazer. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 2004.

MINAYO, C. S. Fase de trabalho de campo. In:_____ O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 105-96.

PEDUZZI, M. *Equipe multiprofissional de saúde:* a interface entre trabalho e interação. Campinas, 1998. 254p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP.

PITTA, A. M. F. *Hospital:* dor e morte como ofício. 6ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010. 198p.

RIBEIRO, E. M.; PIRES D.; BLANK, V. L. G. A Teorização sobre processo de trabalho em saúde como instrumental para análise do trabalho no Programa Saúde da Família. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 20, n. 2, p. 438-446, 2004.

RIBEIRO, S. F. R. *O sofrimento psíquico dos trabalhadores de uma equipe de PSF na organização do trabalho.* Botucatu, 2006. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP.

SANTANA, J. C. B. et al. Agente comunitário de saúde: percepções na estratégia de saúde da família. *Cogitare Enfermagem*, v. 14, n. 4, p. 645-52, 2009.

SIMÕES, A. R. O agente comunitário de saúde na equipe da família: fatores de sobrecarga de trabalho e estresse*. Revista de Saúde Pública,* v. 2, n. 1, 2007.

RECONSTRUINDO UMA IDENTIDADE E O NASCER DE NOVAS CIDADÃS

Stella Leite Siqueira Campos. Ana Claudia dos Santos
UNIP - Universidade Paulista

Este trabalho trata-se de um relato de experiência, obtido a partir de doze encontros realizados em um abrigo para mulheres que sofreram agressões sociais. Tal serviço é atualmente desenvolvido em parceria com a Instituição e clínica-escola da Universidade Paulista da Zona Oeste de São Paulo e exercido por estagiárias do curso de Psicologia, com a devida supervisão acadêmica. A proposta com os grupos objetivou compreender, discutir e construir à luz da Psicologia Social, as noções de saúde e cidadania procurando relacioná-las com o entendimento e enfrentamento das agressões vividas a partir das vivências subjetivas dessas mulheres. Além disso, os encontros tiveram como finalidade sensibilizar as moradoras da Instituição diante do cenário de violência à mulher e propor reflexões sobre esta questão. Para tanto, trabalhou-se suas relações interpessoais; questões que as fizeram refletir enquanto cidadãs capazes de transformar suas próprias vidas; pontuações sobre as marcas da violência deixadas e suas repercussões diante da saúde e cidadania da mulher vitimada, a partir de vídeos, documentários, reflexões por escrito, desenhos, filmes e debates. Vale salientar que, no geral, as mulheres violentadas encontradas nessa instituição, perderam sua identidade e autonomia (não conseguem se definir na sociedade, não possuem lar e sequer algum papel social); apresentam algum tipo de transtorno, doença de ordem biológica, psicológica ou social devido às agressões a que foram submetidas; além disso, desconhecem seus direitos sociais. Nesse sentido, fez-se pertinente resgatar e/ou construir as noções de saúde e cidadania, a partir do enfoque nos seguintes conceitos: ‘o que é ser mãe’, ‘educação sem violência’, ‘direitos e deveres da mulher cidadã’, ‘o dia da mulher e o seu papel na sociedade’. De acordo com as impressões gerais, em um primeiro momento, nossa percepção e levantamento de hipóteses pareciam algo ainda vago e imaturo, porém, no decorrer dos encontros, percebeu-se de maneira bastante evidente o sofrimento que traziam consigo em seus olhares, gestos e comportamentos. De acordo com Moré e Macedo (2006), conhecer o contexto e a história da comunidade na qual realizamos o trabalho é de certo modo, reconhecer, em parte, as características da demanda e a realidade na qual trabalhamos.

A partir desse movimento inicial do “conhecer”, de “sentir” o contexto, é que surgem as possibilidades da co-construção das atividades de intervenção. Entendemos que a maioria das mulheres que moram na Instituição, ressaltando que todas sofreram algum tipo de agressão física, psicológica e/ou social, ainda permanecem no discurso de que são merecedoras das agressões. Desconhecem seus direitos, mesmo quando demonstram saber conhecer. Dizem saber, mas não sabem de fato, pois acreditam que dependendo da situação, seus direitos “caem por terra”, e passam ser obrigação. Considera-se, por fim, que essa é uma tarefa difícil para essas mulheres, pois vivem de tamanha carência em todos os aspectos e por isso acreditam que o fato de possuir um marido que trabalhe e sustente a casa, lhe cabe qualquer direito, inclusive de batê-las. Chegam ao ponto de desconhecer o motivo que as fazem estarem nesta Instituição e das várias enfermidades que carregam consigo decorrente desse cenário de agressão, por hora esquecido entre elas e por elas.

Palavras-chave: agressão social; mulheres violentadas; saúde; cidadania.

REFERÊNCIA

MORÉ, C. L. O. O.; MACEDO, R. M. S. **A Psicologia na Comunidade:** uma proposta de intervenção. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2006.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO NO CVV, NA ÓTICA DOS VOLUNTÁRIOS

Francisco José Pereira da Silva, Regina Célia do Prado Fiedler
Universidade Guarulhos

No Brasil há poucos serviços voltados à prevenção do suicídio. Com o apoio da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde iniciou em 2006 uma estratégia nacional de prevenção do suicídio. Para implementar esta estratégia foi instituído um grupo de trabalho composto por representantes de instituições governamentais, não governamentais e particulares que tenham algum envolvimento com a saúde coletiva no País. Entre estas instituições está o Centro de Valorização da Vida, através do Programa CVV de Valorização da Vida. Fundada em 1962, na cidade de São Paulo, esta instituição, composta só por voluntários, oferece apoio emocional a todas as pessoas que desejarem desabafar suas angústias e tristezas. O serviço via telefone funciona 24 horas, todos os dias e está presente em 37 cidades brasileiras. As representações sociais são definidas como um conjunto de fenômenos perceptivos que permitem aos indivíduos inseridos em dada comunidade atribuir significados aos acontecimentos sociais e psicológicos e dessa forma construir a realidade que orienta as suas condutas no mundo cotidiano. Dessa forma, objetivou-se neste estudo, além de descrever o trabalho desenvolvido pelo CVV, identificar as representações sociais do trabalho na instituição, na perspectiva do seu voluntariado. A descrição do trabalho do CVV foi obtida a partir de uma pesquisa documental realizada nos manuais e boletins da instituição. Já a identificação das representações sociais foi feita a partir da análise do conteúdo das entrevistas realizadas com os sujeitos, que seguiu um roteiro norteador e cujo conteúdo foi gravado em áudio e transcrito na íntegra. A amostra foi composta de 12 pessoas, maiores de 18 anos, de ambos os sexos, trabalhadoras de um Posto do CVV situado na Grande São Paulo. Os dados da pesquisa empírica revelaram que o trabalho no CVV é assim representado pelos voluntários: a) oportunidade de crescimento pessoal, com a consequente satisfação de suas necessidades internas; b) trabalho terapêutico para a pessoa que busca ajuda e também para o voluntário; c) trabalho grandioso e diferenciado, gerando satisfação de pertencimento, bem como o sentimento de gratidão

pela oportunidade do serviço; d) a legitimidade da condição de voluntário a partir do trabalho no plantão, em detrimento das demais atividades, que são percebidas como secundárias e cansativas; e) no processo de apropriação dos conceitos e filosofia de trabalho, a instituição é vista como provedora de todos os recursos pedagógicos necessários ao aprendizado, destacando-se aqui, como aspecto principal do serviço, a atitude de abnegação do voluntário, cuja ação é realizada sempre em prol do outro e jamais para si próprio. A contribuição deste estudo vem ao encontro do desenvolvimento e fortalecimento do trabalho do CVV, no sentido de ampliar a visibilidade sobre ele, possibilitando um maior acesso da população carente desse tipo de serviço.

Palavras-chave: Suicídio. Prevenção e controle. Voluntários. Representação social.

CONSTRUINDO O FUTURO COM JOVENS: DESCOBERTA DE SI E PROJETO DE VIDA

Regina Célia do Prado Fiedler, Amanda Barbosa da Silva, Aline Cândido dos Santos, Anelidio Mendes Rodrigues, Almir Araujo de Amorim, Elaine Miranda Soares
Universidade Guarulhos

Através de uma intervenção psicossocial, foi trabalhado o tema 'Projeto de Vida', com jovens entre 16 e 21 anos, em situação de vulnerabilidade social, residentes da cidade de Guarulhos, em sua maioria moradores de periferia, os quais participam do Programa Oportunidade ao Jovem (POJ), (instituição com a qual os estagiários trabalharam), sendo sorteados pelos estagiários 30 jovens que inscreveram-se para participar do 'Projeto de Vida', que tem o intuito de trabalhar temas como o autoconhecimento, empoderamento e participação na sociedade. Ter um projeto de vida, significa delimitar os objetivos e metas, para uma melhor visualização e planejamento dos caminhos que devemos seguir para alcançá-los. Para isso, é necessário além de saber quais são esses objetivos, quem somos nós, e como esses desejos podem se encaixar, pois são eles que direcionarão nossas vidas. Se essas metas não estiverem de acordo com nossa identidade, nossos valores, dificilmente estaremos satisfeitos com nossas vidas, porque mesmo alcançando as metas, se elas não estiverem em harmonia com o que nosso coração pede, sentiremos um vazio interior que poderá nos deixar confusos e sem direção. O 'Projeto de Vida' foi realizado em seis sábados, com duração de duas horas cada um, na Universidade Guarulhos – Centro. Foi utilizado o método de pesquisa participante, através de grupo de reflexão, desenvolvendo a construção de uma consciência social, através da reflexão e discussão de temas em conjunto com a participação dos jovens e dinâmicas, leituras e atividades formuladas a partir do emergir de analisadores históricos advindos do ambiente grupal. Foi possível proporcionar um espaço de construção do sujeito, onde os jovens puderam falar abertamente sobre os temas de regem seu cotidiano, entre eles sociedade, profissão e família. Foi possível trabalhar o conceito de que eles deveriam se tornar autores de sua própria história, planejando e lutando por seus objetivos. Os estagiários obtiveram como resultado jovens discursando e atuando como sujeitos protagonistas e não sujeitados, apresentando-se conscientes de sua vivência histórica, em uma

sociedade alienada que produz determinantes que marginalizam e excluem indivíduos, através de modelos pré-determinados, idealizados, que por vezes, não são compatíveis à realidade social Latino Americana, especificamente a brasileira. Também foram capazes de reconhecer os recursos que potencializam a aprendizagem e desenvolvimento de competências e habilidades.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social. Empoderamento. Participação política. Consciência histórica.

TRABALHANDO A MOTIVAÇÃO ATRAVÉS DE JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO

Rejane Suguiyama Soares, Susete Figueiredo Bacheretti Antonio Soares Campos
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Este trabalho relata a atuação no estágio em Psicologia Escolar, realizado no ultimo ano da graduação. No primeiro semestre de 2010, foram realizadas observações com o intuito de melhor conhecer a dinâmica da unidade escolar, assim como seu funcionamento e as relações estabelecidas entre os alunos, professores, funcionários e gestores. Após a realização de um diagnóstico institucional, foi percebido que os alunos que freqüentavam a sala de reforço (5ª a 7ª séries) além de apresentarem dificuldades em relação à leitura e à escrita, eram também excluídos em suas salas de aula regulares, sendo muitas vezes considerados indisciplinados, apresentando baixa auto-estima e baixa motivação, porém, na sala de reforço, estes alunos adotavam outra postura comportamental, realizavam as atividades propostas pela professora, assim como demonstravam uma maior atenção frente às solicitações. Observa-se que a escrita é um sistema de representação da língua, sendo essencial apresentar a crianças no processo de alfabetização a compreensão da estrutura do sistema alfabético enquanto representação da língua e não apenas um sistema gráfico ou de sons. Por este motivo, optamos por trabalhar com estes alunos, para isso, propusemos criação de jogos de constituição de linguagem cujos objetivos foram os de auxiliar no processo de aprendizagem destes alunos e também na leitura de mundo que eles têm, trabalhando sua auto-estima, a identidade, regras e a motivação. Ao final do processo, os objetivos propostos pelo projeto foram alcançados, pois a maior parte dos alunos demonstrou ter desenvolvido um sentimento de pertença grupal, desenvolveram vínculos entre si e com os estagiários e até mesmo, foi notada uma mudança comportamental nas suas respectivas salas regulares. Estes alunos mostraram ter começado a desenvolver sua autonomia, conseguindo até mesmo negar-se a fazer uma tarefa proposta por nós e propondo uma diferente, mobilizando e organizando o grupo para fazer a nova tarefa que eles propuseram.

Palavras-chaves: Dificuldades de Aprendizagem, Auto-Estima, Potencialização

METODOLOGIA ATIVA: O SISTEMA TUTORIAL COMO UMA NOVA PROPOSTA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PSICÓLOGO

Laura Cristina Foz Rodrigues Alberto, Luiz Fernando Bacchereti
Universidade Anhembí Morumbi

Na graduação de Psicologia, o processo de formação profissional mostra-se como um grande desafio e um tema de relevância para os professores e educadores, principalmente quando se referem ao ensino dos conceitos, das habilidades e das competências necessárias para a atuação que fundamentam a psicologia enquanto ciência e profissão. Diante desta realidade, o curso de Psicologia de Universidade Anhembí Morumbí adotou como uma de suas estratégias de formação o Sistema Tutorial de Ensino, que possibilita o desenvolvimento e aprimoramento contínuo sobre os processos que envolvem a formação do psicólogo. Esse método divide-se em duas etapas e contém um total de oito passos. Na primeira etapa, utilizam-se cinco passos iniciais. Inicialmente é apresentado um problema, onde os alunos que compõem o grupo de trabalho devem realizar uma leitura sobre o tema apresentado, identificar os termos desconhecidos e quais os principais problemas que estão presentes no caso proposto. Como um terceiro e quarto passo, o grupo deve realizar uma discussão e formatar explicações acerca de conhecimentos prévios que possuem sobre o assunto apresentado. Após esta atividade, os mesmos realizam um resumo sobre as explicações prévias realizadas e, como quinto e último passo desta etapa, devem estabelecer objetivos para a realização de estudos orientados, que deverão acontecer durante um prazo pré-estabelecido. Após a realização do estudo orientado (pesquisas de artigos científicos, literaturas específicas, textos, entre outros recursos), é realizada a segunda etapa do processo, onde são feitas as rediscussões sobre os termos desconhecidos, sobre os problemas identificados e sobre as explicações previamente realizadas. Posteriormente é feita uma avaliação formativa, onde o grupo de trabalho juntamente com o professor/educador verificam e avaliam o grau de aprendizagem obtido pelo grupo em relação ao problema apresentado. As vantagens dessa estratégia de ensino/aprendizagem é desenvolver no aluno a intenção e a motivação em aprender, criar sentimentos positivos frente ao sistema de aprendizagem da psicologia, gerar alto grau de

motivação e promover de forma estruturada as bases de um conhecimento científico específico. Este método tem apresentado relevantes resultados na atuação dos alunos que participam dos estágios de graduação em psicologia, pois tem demonstrado que os alunos que utilizam esta metodologia demonstram mais iniciativa e desenvoltura na identificação e solução dos problemas identificados nos campos de estágio.

Palavras-chave: Formação do Psicólogo, Metodologia Ativa, Sistema Tutorial.

SEGREDOS FAMILIARES QUE PODEM INTEFERIR NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Maria Lucia Marques, Ana Cristina Sousa Teschi
Universidade Guarulhos

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a existência de segredos familiares e o aparecimento de sintomas no processo de aprendizagem escolar, tendo como base teórica estudos realizados por Polity (2001), Souza (1995), Pincus e Dare (1987), Fernandez (1991), Sarti (2003).Tais trabalhos assinalam que: 1º A proibição de se falar sobre fatos e acontecimento vividos na família pode impossibilitar a elaboração do conhecimento; 2ª A construção do conhecimento pela criança está relacionada ao modo como as famílias elaboram o conhecimento; 3º A capacidade que a criança tem de enfrentar as dificuldades inerentes ao processo de conhecer está relacionada ao psiquismo dos pais. O universo desta pesquisa é constituído por uma amostra de 50 prontuários de crianças atendidas na Clínica de Psicologia da Universidade Guarulhos durante os anos de 2005 e 2010 que têm como queixa principal dificuldades de aprendizagem e que mencionem algum segredo familiar. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a análise documental, a qual foi dividida em três etapas: 1º Levantamento de prontuários de atendimento de crianças que relatam segredos familiares e que têm como queixa principal a dificuldade de aprendizagem. 2º Leitura dos prontuários e criação de categorias de segredos familiares 3º Analise das categorias construídas e das dificuldades de aprendizagem mencionadas nos prontuários. Acredita-se que este trabalho venha possibilitar uma maior compreensão sobre o significado dos segredos presentes nas famílias e o aparecimento de sintomas de aprendizagem, assim como contribuir para a atuação dos profissionais que trabalham com crianças. Os resultados e as considerações finais só poderão ser apresentados após a finalização da pesquisa.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem, Família, Segredos familiares.

PSICOLOGIA INSTITUCIONAL E ORGANIZACIONAL: FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO FAZER PSICOLÓGICO NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Luiz Fernando Bacchereti, Eugenia Cordeiro Curvêlo, Jumara Silvia Van De Velde
Universidade Guarulhos

A graduação de Psicologia nas últimas décadas tem sido influenciada cada vez mais pelas demandas existentes no campo das organizações e do trabalho. Este novo olhar e conseqüentemente esta nova perspectiva de atuação profissional vem se mostrando como um instrumento de grande importância na análise das relações homem x trabalho. Diante deste binômio, as Instituições de Ensino Superior tentam continuamente buscar novas formas e maneiras de aprimorar os referenciais e os instrumentos cientificamente desenvolvidos nas relações que envolvem grupos e organizações, pois essas dinâmicas nos levam a construção de novos conhecimentos, onde o importante não é mais apenas a adequação do homem ao trabalho, mas também o desenvolvimento de novas referências de identidade pessoal, profissional e social, onde o sujeito desse processo possa continuamente construir e reconstruir suas significações simbólicas e sociais enquanto determinante de sua realidade de vida. Frente a estas demandas, o Curso de Psicologia desta Instituição de Ensino Superior vem desenvolvendo em sua estrutura curricular, mais especificamente em seus campos de estágio em Psicologia Institucional e Organizacional, a possibilidade de cada vez mais capacitar seus alunos não apenas com relação às habilidades e competências necessárias ao Psicólogo Institucional e Organizacional, mas também fazer com que se tornem cada vez mais conscientes de sua importância perante a comunidade em que estão inseridos, com a sensibilização no sentido de mostrar as relações de trabalho como forma de desenvolvimento humano, como forma de manutenção da saúde e bem-estar do trabalhador e principalmente como uma nova perspectiva do fazer psicológico. Tais ações se efetivam através de intervenções que envolvem o processo de diagnóstico da área de recursos humanos, o desenvolvimento de projetos de intervenção e a avaliação de resultados junto a instituições e organizações localizadas na Grande São Paulo, que possuem demandas específicas em desenvolvimento de pessoas, projetos de saúde do trabalhador, programas de qualidade de vida e gestão de recursos humanos.

Palavras-chave: Formação do Psicólogo, Psicologia Institucional e Organizacional, Desenvolvimento de Pessoas.

O ENSINO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Eugenia Cordeiro Curvelo, Aline Cândido dos Santos, Amanda Barbosa da Silva, Bianca Soares Bassin, Carlos Augusto Alexandre Soares, Cláudia Mascarenhas, Elaine Aparecida Rossini, Elaine Mastria, Fabíola Ribeiro Passos, Kely Domingas dos Santos, Patrícia Rosa Lara
Universidade Guarulhos

A presente pesquisa tem como objetivo investigar os índices de inserção da Psicologia Analítica na grade curricular dos cursos de Psicologia do Estado de São Paulo, ao reconhecer C. G. Jung como o teórico que trouxe importantes contribuições à Psicologia. Sua proposta considera o indivíduo sem descartar a sua coletividade e permite a partir dos mitos e religiões traçar um paralelo de como essas diferentes culturas podem adentrar os conteúdos universais da psique humana através dos tempos. Partindo do levantamento de dados sobre os cursos de Psicologia reconhecidos pelo Ministério da Educação, no território do Estado de São Paulo, investigou-se um total de 198 cursos, dos quais 138 cursos estão em atividade, 23 em extinção e 37 extintos. Posteriormente foi feito o levantamento das grades curriculares em atividade e em extinção nos sites das 76 Instituições de Ensino pesquisadas. Dentre elas, verificou-se 161 grades curriculares, das quais 22 possuem Psicologia Analítica como eixo de disciplina, 108 não possuem e 3 a possuem como disciplina optativa. Um total de 29 Instituições não disponibiliza a grade curricular no site e não houve resposta ao contato. Desta forma, 82% dos cursos não oferecem a temática na graduação, o que em relação ao levantamento histórico realizado nos permite concluir que a Psicologia Analítica apresenta baixa predominância nos cursos de graduação. Os resultados podem ser justificados pelo fato da Psicologia Analítica chegar ao Brasil durante o Regime Militar e por sua principal representante, Nise da Silveira, estar envolvida com movimentos de esquerda. Também contribui para os baixos índices o fato da abordagem trazer temas que abrangem figuras culturais e métodos de ensino que cooperam com a quebra do pensamento científico predominante. Percebe-se ainda que os alunos se formam pautados numa linha de saber, sob a influência de um meio e um grupo de pessoas que exprimem na organização curricular suas escolhas e desejos. Essa mobilização parte do princípio de que somos atores de uma época e que

nossas ações geram transformações que perpassam a mesma. Esta conclusão aponta a necessidade de constante acompanhamento dos Cursos de Psicologia, a partir de discussões que se preocupem com uma grade curricular que não privilegie, nem exclua e que proporcione um campo teórico com diferentes pensadores fundamentais para o desenvolvimento da capacidade reflexiva dos alunos em formação.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. C. G. Jung. Cursos de Psicologia do Estado de São Paulo, Grade Curricular.

LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA INSTITUCIONAL E SAÚDE DO TRABALHADOR - LIST: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA EM PSICOLOGIA NO MUNDO CORPORATIVO

Luiz Fernando Bacchereti, Eugenia Cordeiro Curvêlo, Jumara Silvia Van De Velde
Universidade Guarulhos

Cada vez mais o mundo corporativo vem sofrendo as demandas e influências criadas pelos processos de globalização. Paralelamente a essas mudanças os “desgastes” sobre os conhecimentos adquiridos em função dessas alterações e a velocidade com que se desenvolvem e se conquistam novos saberes, geram ás instituições de ensino superior a necessidade constante de se criar novos processos educacionais que possam atender de forma continuada o desenvolvimento no campo da psicologia organizacional, do trabalho e saúde do trabalhador no sentido de incentivar e proporcionar aos profissionais de psicologia a contínua condição de desenvolverem e aprender a aprender. É com essa visão que a universidade estudada, por meio de seus cursos de extensão universitária criou o Laboratório de Psicologia Institucional e Saúde do Trabalhador – LIST, para contribuir com essa realidade. Este laboratório oferece aos estudantes e profissionais da área de Recursos Humanos, a possibilidade de realização de projetos que visam investigar fatores e variáveis que possam influenciar nas relações existentes entre indivíduo e organizações com foco na investigação das estruturas e processos organizacionais em seus aspectos psicológicos, aspectos sociais e aspectos instrumentais. A população atendida por estes projetos são organizações de pequeno e médio porte que não possuem uma área de recursos humanos estruturada e que apresentem demandas específicas no desenvolvimento de ações que possibilitem a melhoria das relações indivíduo/organização, indivíduo/trabalho e indivíduo/grupo. Como objetivo geral o Laboratório de Psicologia Institucional e Saúde do Trabalhador – LIST fomenta o desenvolvimento de conhecimentos e novas práticas ligadas à relação homem e trabalho, ou seja, trabalhos com grupos e instituições que possam contribuir continuamente com a formação profissional em nível de pesquisa e de extensão. Como objetivos específicos, o grupo de trabalho desenvolve projetos de intervenção em educação corporativa, gestão e desenvolvimento de pessoas, saúde do trabalhador,

programas de qualidade de vida e pesquisas que possibilitem a compreensão dos fenômenos psicológicos existentes dentro dos processos organizacionais.

Palavras-chave: Educação Continuada, Psicologia Institucional e Organizacional, Saúde do Trabalhador.

O SINTOMA COMO EXPRESSÃO DA DIFICULDADE EM SER REAL

Carolina Ruiz Longato, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Clarice Pimentel Paulon. Departamento de Psicologia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo (USP).

Este trabalho pretende ilustrar a dificuldade de uma criança considerada impulsiva e sem limites. A agressividade infantil é pouco tolerada pelo ambiente familiar, como se sua manifestação fosse sinônimo de descontrole e doença; assim, qualquer atitude agressiva pode ser severamente punida. Com isso, as crianças apresentam prejuízo na discriminação eu-outro, bem como intolerância ao não receber as gratificações imediatas do meio, podendo desenvolver sintomas patológicos. Este trabalho apresenta o caso de um menino de 4 anos, Ricardo (nome fictício) atendido em ludoterapia de orientação psicanalítica, na frequência de três vezes por semana. A mãe procurou atendimento psicológico na clínica da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, com a queixa de encoprese e obesidade infantil. Durante o atendimento ludoterápico foi possível observar que os sintomas apresentados pela criança (encoprese e obesidade) eram oriundos da intolerância à frustração e dificuldade de discriminação do mundo interno e externo. A criança mantinha dependência extrema em relação à figura materna, como se o fato de se mostrar autônomo causasse a perda do amor da mãe. Esta, também apresentou dificuldade em se desvencilhar da criança, muitas vezes fazendo de tudo para entrar na sala de análise com o filho. Além disso, Ricardo demonstrou que não era frustrado, sem conhecer os limites, até os do próprio corpo, com sinais de agressividade destrutiva quando contrariado. Na relação terapêutica estabelecida na sala de análise, primeiramente ele precisou se identificar com a figura da terapeuta, de forma onipotente, fazendo tudo que ela fazia e exigindo atendimento integral de suas necessidades. Posteriormente, foi se diferenciando, com possibilidades de demonstrar raiva e agressividade sem destruir a figura da terapeuta. O sintoma apresentado pela criança pode ser compreendido dentro do vínculo estabelecido com as figuras parentais, em particular, a materna. Ao não ter suas necessidades supridas, nem receber afeto suficiente, a criança busca outras maneiras de se relacionar com o outro. A falta de limites e a vivência do processo de desilusão podem acarretar intolerância à frustração com

comportamentos agressivos e onipotentes. O *setting* terapêutico funciona como um espaço potencial, em que é possível testá-lo sem destruí-lo, havendo uma discriminação eu-outro para que haja segurança suficiente para prosseguir o desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: patologia infantil; menino; ludoterapia.

NORMAS PRELIMINARES DO RORSCHACH EM ADOLESCENTES DE 12 A 14 ANOS

Roberta Cury-Jacquemin, Sonia Regina Pasian, Rafael Paz Landim Barrenha, Dayane Rattis Theodozio.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Acompanhando uma tendência mundial de aprimoramento das técnicas de avaliação psicológica, é possível observar, no contexto brasileiro, esforços de diversos pesquisadores em busca da qualidade e de estímulo ao adequado uso dos instrumentos psicológicos. Dentre os métodos pesquisados e bastante utilizados no Brasil e no mundo encontra-se o Psicodiagnóstico de Rorschach que, apesar de constituir importante técnica de avaliação da personalidade, ainda exige investigações científicas na realidade brasileira, de modo a oferecer o adequado suporte para sua utilização clínica em diferentes contextos. Dificuldades são encontradas no tocante à elaboração de adequados referenciais normativos para interpretação dos indicadores técnicos, sobretudo na investigação do desenvolvimento infanto-juvenil. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo elaborar padrões normativos do Psicodiagnóstico de Rorschach (Escola Francesa) em adolescentes de 12 a 14 anos de idade, de ambos os sexos, com indicadores de desenvolvimento típico. Pretende-se, desta forma, oferecer referenciais técnicos para subsidiar processos analítico-interpretativos deste instrumento projetivo para a referida faixa etária, na realidade sócio-cultural contemporânea. Para tanto, pretende-se avaliar uma amostra de 180 estudantes de escolas públicas e particulares da cidade de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo (SP). Até o momento foi possível completar a coleta e a análise preliminar de 100 adolescentes, compondo o material examinado neste momento. Cada protocolo foi codificado por três juízes independentes, com posterior análise da concordância entre avaliadores. Foram examinados resultados dos adolescentes em 56 variáveis da Escola Francesa do Rorschach em termos descritivos (média, desvio-padrão, mediana, valores mínimo, máximo) e inferenciais, utilizando-se do método de regressão linear e distribuição binomial, a depender da variável analisada, a fim de verificar possíveis influências do sexo e origem escolar na produção. Um quadro geral dos atuais referenciais normativos assinalou os seguintes índices: a) produtividade e de ritmo: R= 20,9; TLm= 18,4 segundos

e TRm= 30,7 segundos; b) modos de apreensão: G=26,5%, D=45,2%, Dd=27,1% e Dbl=1,2%; c) determinantes e índices formais: F%=40,4%, e F+ext%=65,5%; d) estilo de vivência afetiva predominante: extratensivo; e) conteúdos predominantes: A%=53,3% e H%=24,3%; f) Ban=14,7%. A análise do possível efeito das variáveis sexo e procedência escolar sobre a produção do Rorschach, na amostra examinada, apontou diferenças estatisticamente significantes em reduzido número variáveis deste método projetivo, de modo a permitir a formulação de um atlas único para os adolescentes de 12 a 14 anos, de ambos os sexos, provenientes do ensino público e privado do interior do Estado de São Paulo. (CAPES)

Palavras-chave: Rorschach; Normas; Adolescentes; Avaliação Psicológica; Técnicas projetivas; Personalidade.

A VIVÊNCIA DA TRANSFERÊNCIA NO ATENDIMENTO DE UM CASO DE TIMIDEZ

Lilian Regiane de Souza Costa, Érika Arantes Oliveira, Manoel Antônio dos Santos
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP – USP)

No dicionário Aurélio, timidez está definida como um “acanhamento, debilidade, fraqueza". O extremo da timidez pode ser percebido nos quadros de fobia social, nos quais se percebe intensa ansiedade em situações sociais, ocasionando prejuízos significativos em alguma área da vida do indivíduo. Esta ansiedade pode ser devido à preocupação em atingir as expectativas do outro, o que Winnicott acredita que contribui para o desenvolvimento do falso *sel*”. No atendimento de pacientes com características falso *self*, espera-se que essa preocupação de atender às expectativas do outro se repita na transferência com o terapeuta. O presente trabalho discute as vivências transferenciais do atendimento psicoterápico em orientação psicanalítica de uma adolescente, Raíssa (nome fictício), 17 anos, com queixa de timidez, atendida na clínica escola da FFCLRP-USP. Será feito um recorte do material clínico obtido, analisado sob a perspectiva do referencial psicanalítico. Raíssa relata dificuldades no contato com o outro, diz que sente vergonha de se expor, com medo de que “achem graça dela”. Pode-se pensar que existe uma necessidade de mostrar ao outro apenas seus aspectos “bons”, assim, percebe-se uma idealização de si e de suas relações objetais. Entretanto, por não conseguir atingir estas idealizações, a paciente se frustra e desanima, relatando constantemente na terapia desânimo em vários âmbitos da sua vida: nos estudos, no cuidado de si e na disponibilidade para interagir com o outro. Este desânimo pode se repetir na situação terapêutica, desanimando do tratamento psicológico. A terapia deve oferecer um “ambiente suficientemente bom”, que não deixe a paciente sozinha diante das suas angústias, mas que também não seja invasivo, proporcionando a situação de confiança necessária para que o verdadeiro *self* se fortaleça, o que pode contribuir para que esse desânimo não se repita na situação de análise. O contato com Raíssa tem sido um desafio pela dificuldade da paciente em expor seus conteúdos, frequentemente, levando a terapeuta a atuar na contratransferência, respondendo pela paciente (assumindo o papel do ambiente invasivo). Com a percepção dessa atuação, a terapeuta tem procurado

proporcionar um espaço no qual a paciente possa refletir sobre seus aspectos, tentando apenas exercer a função de levantar os questionamentos para paciente sobre qual seria esse seu “si mesmo” que parece escondido, para que ela própria possa encontrá-lo. O que se percebe é que existe uma expectativa da paciente de que a terapeuta responda por ela. O espaço de confiança necessário para que esse verdadeiro “*self*” apareça parece que vem começando a ser conquistado por esta dupla analítica, já que Raíssa sente-se à vontade para usufruir do divã, vindo ao atendimento com poucas faltas: ela fala que ali sente-se segura como se sente na sua casa. Desta forma, embora com bases ainda pouco estabelecidas, a terapeuta vem tentando oferecer este ambiente suficientemente bom, podendo obter, muitas vezes, por meio das atuações da paciente e das suas próprias, uma melhor compreensão das angústias vivenciadas por Raíssa, para que, com isso, possa ajudar Raíssa a ter uma maior percepção de si, culminando em uma maior satisfação dos seus desejos.

Palavras-chave: transferência, timidez, psicologia clínica.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DA CRIANÇA

Carolina Ruiz Longato, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Valéria Barbieri.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

RESUMO: O brincar pode ser entendido como um fator de proteção à criança, representando uma necessidade para o desenvolvimento infantil adequado. As crianças brincam, para dominar angústias e controlar idéias ou impulsos que conduzem à angústia. Se o ambiente não permite que os impulsos agressivos e sexuais da criança possam ser expressos por meio do brincar, ela precisa encontrar outro meio para satisfazê-los. O ato repetitivo de morder pode ser entendido como sintoma, recurso que a criança utiliza para mostrar que está sentindo. Este trabalho traz o caso de uma criança (6 anos) atendida pelo Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar da FFCLRP-USP. Os pais relataram que Larissa morde e "roe tudo o que vê pela frente", como lápis, controle remoto, roupas, brinquedos, entre outros objetos. Por meio da entrevista, sessão lúdica e sessão familiar diagnóstica percebe-se uma impossibilidade dos pais de tolerar as brincadeiras da filha. Larissa sente-se sobrecarregada, tendo que demonstrar ser responsável e organizada, preocupando-se com assuntos que não são próprios para a sua idade, deixando em segundo plano as questões infantis, não podendo expressar seus desejos e impulsos. Nesse sentido, o roer e morder aparecem como um meio de extravasar os desejos e impulsos que não são tolerados pelo ambiente e, assim, não podem ser expressos. Destaca-se pouco acolhimento das necessidades infantis por parte da família, o fazer e ter responsabilidades ao invés de ser e brincar; que prejudicam a expressão criativa e o gesto espontâneo, impeditivos para a vivência da transicionalidade.
Palavras-chave: criança, família, brincar, desenvolvimento emocional, satisfação oral.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz o caso de uma criança (6 anos) atendida pelo Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar da FFCLRP-USP.

TEORIA

A brincadeira pode ser entendida da como um campo intermediário entre realidade interna e a realidade externa, o que Winnicott chamou de *espaço potencial*, que é fundamental para a vivência da transicionalidade. É por meio da brincadeira que a criança manipula elementos de experiências da realidade e os usa como elementos de enriquecimento e transformação do mundo interno. O brincar é essencial, porque é

através dele que se manifesta a criatividade. No espaço de brincadeiras a criança comunica seus sentimentos, idéias e fantasias, misturando o real e o imaginário (Winnicott, 1975).

O brincar é universal, saudável e desejável, na medida em que a criança pode mobilizar todos os recursos disponíveis em sua personalidade, descobrir-se e construir-se (Franco, 2003). Desse modo, o brincar pode ser entendido como um fator de proteção à criança, representando uma necessidade para o desenvolvimento infantil adequado (Poletto, 2005).

Além disso, as crianças brincam, para dominar angústias e controlar idéias ou impulsos, que conduzem à angústia (Winnicott, 1982).

A agressividade manifestada nos momentos de brincadeira pode ter um valor positivo, de movimento e criatividade. Somente a provisão do afeto (*holding*) e de condições ambientais acolhedoras pode auxiliar a criança a exercer sua agressividade de forma não destrutiva. Por isso é necessário que os pais exerçam a função de contenção e garantam um ambiente suficientemente bom, que sobreviva às expressões da agressividade sem se sentirem ameaçados (Andrade, 2009).

Se o ambiente não permite a brincadeira, a criança não consegue mobilizar toda sua potencialidade, seu eu integral. A comunicação torna-se falsa, artificial, autoritária ou simplesmente, não existe. Quando não há possibilidade de uso de um espaço simbólico e o ambiente fracassa em dar o suporte à agressividade da criança, podem surgir condições impositivas que levam a uma submissão à realidade externa, em vez do desenvolvimento da capacidade de uma resposta criativa, o que pode levar a agressividade patológica (Moreira, 2009).

É de extrema importância que os pais permitam a criança desfrutar da liberdade para agir, ser espontânea e aprender a lidar com seus impulsos para que então eles possam ser passíveis de autocontrole e socialização (Winnicott, 1987). Nesse sentido, se o ambiente não permite que os impulsos agressivos e sexuais da criança possam ser expressos por meio do brincar, ela precisa encontrar outro meio para satisfazê-los.

Segundo Freud (1997) na Fase Oral a zona erógena principal é a cavidade oral e os lábios, que quando estimulados provocam sensação de prazer. O ato repetitivo de morder pode ser entendido como sintoma, recurso que a criança utiliza para mostrar que está sentindo. Nesses casos a mordida pode ter vários sentidos: conhecimento dos objetos,

expressão das ansiedades ou angústias, pedidos de ajuda, descarrego de excitação, agitação e energia ou pode ainda ser a mudança de uma posição passiva para uma posição ativa da criança (Venezian, Oliveira e Araujo, 2008).

Com Winnicott (1978), a oralidade é entendida como *espaço-corpo* das trocas subjetivas, que vai além da excitação e satisfações pulsionais. Assim, a fixação oral pode ser compreendida em decorrência da falha na provisão de *holding,* que leva a uma regressão ao estágio inicial.

MÉTODO

Participantes

Participaram da triagem Larissa (6 anos); sua mãe (31 anos); seu pai (32 anos) e sua irmã (10 meses).

Todos os nomes usados neste trabalho são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes.

Material

Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado e uma caixa lúdica com brinquedos variados.

Procedimentos

Os pais buscaram atendimento para Larissa na clínica psicológica da universidade.

Foram chamados a participar do processo de triagem, que foi realizado em três sessões: entrevista com os pais, sessão lúdica com a criança e entrevista familiar diagnóstica (em que todos os membros da família foram convidados a participar).

O processo foi analisado segundo o referencial psicanalítico winnicottiano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pais relataram que Larissa morde e “roe” tudo o que vê pela frente, como lápis, controle remoto, roupas, brinquedos, entre outros objetos. Disseram que este

comportamento apareceu a cerca de um ano e o relacionaram com o nascimento da irmã, de dez meses.

Além disso, disseram que Larissa começou a mudar e ficar mais nervosa, há dois anos, por causa da separação dos avós. A mãe relatou que esse fato teve repercussão na família toda, já que depois disso, sua irmã ficou doente e seu irmão começou a se envolver com drogas.

A avó, tia e tio maternos moram na casa ao lado, o que, de acordo com a mãe de Larissa, é uma situação difícil, pois a família não têm privacidade, a casa “fica sempre cheia de gente” e a mãe sente-se na obrigação em dar atenção a eles, muitas vezes descuidando das próprias filhas.

Os pais relataram que Larissa faz muita bagunça em casa e na escola (apesar de nunca terem tido nenhuma reclamação da escola), quebra os brinquedos e deixa-os espalhados pela casa.

Além disso, as expectativas sobre a criança são muito grandes. Os pais disseram que Larissa é muito inteligente e destacaram que o que consideram mais importante é que ela estude e escolha uma boa profissão.

Os pais relataram que Larissa tem sono agitado, com ranger de dentes e não dorme bem à noite, o que demonstra grande ansiedade e impossibilidade de relaxar.

Durante a sessão lúdica Larissa mostrou-se muito expressiva, porém com uma fala "adultizada". Parecia querer exibir-se mostrando suas roupas e seu cabelo que estava arrumado, como uma preocupação em mostrar o que ela tem de bom.

Apesar da caixa cheia de brinquedos, Larissa não brincou em nenhum momento da sessão demonstrando que não sente ter um espaço para relaxar, predominando preocupações do mundo adulto como a separação dos avós, o envolvimento do tio com as drogas e a doença da tia. Nesse sentido, percebeu-se que Larissa sente-se sobrecarregada.

Parecia querer brincar, mas não podia desobedecer ou desapontar a avó que havia dito que ela iria “conversar” com a psicóloga, tentando, assim, responder as expectativas.

Relatou que o pai é muito nervoso com ela, com a mãe e com os outros familiares, sentindo-o como uma figura de autoridade ameaçadora, demonstrando também não sentir-se protegida pela figura masculina.

Durante a sessão pôs a mão na boca algumas vezes, como se coçasse a língua, o que pode ser entendido como uma energia voltada para ela mesma na busca da satisfação de um desejo que não pode ser expresso.

Na entrevista familiar diagnóstica notou-se o papel que o pai desempenha de observador e julgador (superego). Ficou apenas olhando as filhas brincarem com a mãe, não interagindo com elas em nenhum momento, chegando a fazer uma ligação para o trabalho durante a sessão.

Além disso, tanto o pai, quanto a mãe repetiram muitas vezes o quanto Larissa faz bagunça em casa, estraga e quebra os brinquedos, o que faz com que a criança se sinta destruidora.

Pôde-se perceber que o que criança faz não é tolerado e as necessidades infantis não são satisfeitas. Nesse sentido, o roer e o morder estão ligados a um prazer primitivo em busca da satisfação dos impulsos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da entrevista, sessão lúdica e sessão familiar diagnóstica percebeu-se uma impossibilidade do pai de relaxar e tolerar as brincadeiras e a bagunça da filha. Notou-se uma falta de afeto, e ao invés disso, o pai parece preocupar-se apenas em ser o provedor da família.

Larissa sente-se sobrecarregada, tendo que demonstrar ser responsável e organizada, preocupando-se com assuntos que não são próprios para a sua idade, deixando em segundo plano as questões infantis e não podendo expressar seus desejos.

Nesse sentido, o roer e morder aparecem como um meio de extravasar os impulsos que não são tolerados pelo ambiente e, assim, não podem ser expressos.

Destaca-se pouco acolhimento das necessidades infantis por parte da família, o fazer e ter responsabilidades ao invés de ser e brincar; que prejudicam a expressão criativa e o gesto espontâneo, impeditivos para a vivência da transicionalidade.

REFERÊNCIAS

Andrade, E. V. de & Bezerra Jr., B. (2009). Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. *Ciênc. saúde coletiva.* 14(2), 445-453.

Franco, S. de G. (2003). O brincar e a experiência analítica. *Ágora (Rio J)* 6(1), 45-59.

Freud, S. (1997). Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. *Em: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago Editora.

Moreira, A. C. G. (2009). Quem tem medo do lobo mau? Juventude, agressividade e violência. *Rev. latinoam. psicopatol. Fundam,* 12(4), 677-697.

Poletto, R. C. (2005) A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. *Psicol. estud.*, 10(1), 67-75.

Venezian, J. de A., Oliveira, B. R. & Araujo, M. A. da C. (2008). O manejo da agressividade da criança: o que uma mordida quer dizer? *An 7 Col. LEPSI IP/FE-USP. Formação de Profissionais e a Criança-Sujeito, 7. São Paulo*.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. *Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago.*

Winnicott, D. W. (1978). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *Em D. W. Winnicott (Org.), Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise,* 2ª ed, 389-408. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1951).

Winnicott, D. (1982). *A criança e seu mundo.* Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan S. A.

Winnicott, D. (1987). *Privação e delinquência.* São Paulo: Martins Fontes.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COM CRIANÇA

Elaine Gramigna, Carlos Atílio, Anderson Caiado, Carmen Balieiro
Universidade Paulista Campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP)

O presente trabalho foi desenvolvido no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP), no estágio do 7º semestre intitulado por Psicodiagnóstico, com o objetivo de identificar e analisar a natureza das necessidades psicológicas da criança e sua família, observar, escutar e raciocinar clinicamente e reconhecer os principais aspectos envolvidos com o paciente como a identificação da queixa, demanda e avaliação das possibilidades de intervenção e devolutiva. Realizaram-se 13 atendimentos, dos quais três foram com os pais, oito com a criança (05 anos), um atendimento domiciliar e uma visita escolar. A queixa apresentada pelos pais foi de que a criança apresenta um comportamento de muita agitação e ansiedade. Utilizaram-se como estratégias interventivas: processos narrativos, visita à escola, construção da caixa lúdica e, instrumentos de avaliação técnica Desenhos-Estória (D-E) e Desenho da Família com Estórias (DF-E) de Walter Trinca (1997), buscou-se avaliar angústias, conflitos e perturbações nodais fornecendo assim elementos importantes para o uso de um bom psicodiagnóstico. Resultado: identificou-se que a criança apresentou dificuldades com o ambiente doméstico, e assim não consegue espaço para se expressar de acordo com as suas exigências relacionadas ao seu desenvolvimento. A agitação apresentada como queixa foi relacionada à dificuldade de contato entre mãe – filho, pois esta díade se apresentou com interações, e comunicações paradoxais, o que ocasionou em confusão e insegurança da criança gerando desta forma agitação. A criança foi encaminhada para tratamento psicoterapêutico nesta instituição.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; família; criança.

FAMÍLIA E VULNERABILIDADE SOCIAL

Leticia Bettini, Fernanda Lago, Carmen Balieiro
Filiação: Universidade Paulista Campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP)

Este resumo apresenta atendimento realizado no estágio de Psicoterapia Familiar e de Casal, realizado no primeiro e segundo semestre de 2010, no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista. Foram realizados 20 atendimentos. Os atendimentos ocorreram quinzenalmente, em conjunto com a técnica da equipe reflexiva proposta por Andersen (1999). Como referencial teórico foi utilizado abordagem sistêmica-narrativa, que considera o sujeito em sua dimensão individual e inserido em um contexto sócio histórico. A família atendida foi composta por padrasto (49a), mãe (44) filha (7a) e paciente identificada (PI) de (13a). A criança de 7 anos foi submetida a uma avaliação psicológica no psicodiagnóstico no ano de 2009 e sua família foi encaminhada para tratamento.em função de que a criança trocava as letras ao falar e escrever.No processo psicoterapêutico foi constatado que a adolescente (13a) apresentou estado psicológico relacionado a perturbações da consciência, desorientação, estupor, perturbações da atenção e destratibilidade. Em relação a aspectos emocionais a mesma apresentou agressividade, com trocas silábicas e não está alfabetizada, a queixa inicial relacionada a criança de 7 anos foi identificada em ambas filhas. A mãe apresentou sentimentos relacionados a impotência em ajudar suas filhas porque não esta alfabetizada. Como resultado a família recebeu orientação para buscar avaliação neurológica e psiquiátrica para a adolescente, a mãe iniciou processo de alfabetização para adultos no núcleo social do bairro e a criança de 7 anos que inicialmente não se colocava nas sessões passou a expressar mais seus sentimentos e compreensão a suas dificuldades, desenvolveu-se um processo interativo de que mãe e filhas. A família apresenta situação de alta vulnerabilidade social, residem em uma região periférica com muito tráfico e prostituição, foi acionado o serviço social para terem acesso aos benefícios do governo.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social, família; alfabetização

UM PROCESSO DE INTERVENÇÃO E AVALIAÇÃO NO PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO

Daniela Coelho, Elisa Almeida, Carmen Balieiro
Universidade Paulista Ribeirão Preto – SP (UNIP-RP)

O presente trabalho foi desenvolvido no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP), no estágio do 8º semestre (2010) intitulado por Psicodiagnóstico Interventivo, com o objetivo de identificar e analisar a natureza das necessidades psicológicas da criança e sua família, observar, escutar e raciocinar clinicamente e reconhecer os principais aspectos envolvidos com o paciente como a identificação da queixa demanda, avaliação e das possibilidades de intervenção e devolutiva. Os atendimentos ocorreram às quartas-feiras, das 19h30min às 20h30min, foram intercaladas entre mãe e filho, atuando de forma interventiva a questão da demanda ocorrendo devolutivas parciais durante os atendimentos. Foram realizados 15 atendimentos sendo que a abertura acontecia em grupo e, em seguida, a técnica do cochicho com a finalidade de coletar dados sobre a criança e de sua família para fins avaliativos da mesma. Dos 15 atendimentos dois foram feitos fora do ambiente do CPA, sendo uma visita escolar e outra em domicílio. Trata-se do vínculo mãe (32 anos) e o filho (12 anos). A mãe procurou ajuda psicológica espontaneamente e trouxe como queixa a dificuldade escolar de seu filho. De acordo com o seu relato o púbere apresenta dificuldade de aprendizagem desde a segunda série do Ensino Fundamental, período em que foi reprovado além de apresentar traços muito imaturos para a sua idade, e problemas de relacionamento com a irmã (15 anos). Tem apresentado resistência para frequentar a escola e inclusive tem ficado em casa sem avisar os pais. Não consegue escrever e ler corretamente e apresentou dificuldade de concentração. Foram feitas intervenções quanto ao relacionamento familiar e social, o púbere não tinha amigos e apresentou necessidade da presença da família no seu cotidiano. O paciente foi encaminhado para atendimento psicopedagógico fora do CPA. Foi compreendido que o púbere apresenta desenvolvimento inadequado para a sua idade com significativa dificuldade de aprendizagem, concentração e atenção. Em relação ao desenvolvimento psicomotor apresentou dificuldade de pinça e, emocionalmente significativo grau de insegurança e dificuldade de relacionamento.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Interventivo, aprendizagem, concentração.

SINTOMA DO VÍNCULO MÃE-CRIANÇA: EXPRESSÃO DO SOFRIMENTO NO PSICODIAGNÓSTICO

Vanessa Lima, Alison Risso, Carmen Balieiro
Universidade Paulista Campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP)

O presente trabalho retrata o atendimento realizado no 1º semestre de 2011, no centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP). Os atendimentos foram realizados no estágio do 7º semestre do ano de 2011, intitulado por Psicodiagnóstico. Objetivos: identificar e analisar a natureza das necessidades psicológicas da criança e sua família, observar, escutar e raciocinar clinicamente e reconhecer os principais aspectos envolvidos com o paciente como a identificação da queixa, demanda e avaliação das possibilidades de intervenção e devolutiva. Procedimentos: os atendimentos foram feitos em grupo, uma vez por semana no (CPA), sendo três entrevistas de anamnese, com a mãe e seis atividades lúdicas com o paciente dentro do grupo e na forma de cochicho, todas com duração de 50 minutos. Como ferramentas de investigação, foi utilizado o desenho livre e desenho temático da família, provas Piagetianas de inclusão de classes, jogos e atividades em grupo, além de uma visita domiciliar e escolar. O relato da mãe revelou que o paciente (7anos) tem apresentado comportamentos inadequados na escola, na qual estuda em período integral, e por várias vezes foi repreendido. Possui dificuldades para obedecer a regras e gosta de brincadeiras perigosas e agressivas, por esses motivos frequentemente vai para a diretoria. A mãe acredita que esses comportamentos começaram depois que foi agredido moral e fisicamente na escola em que estudou anteriormente. Os pais são separados e o paciente mora com a mãe e frequentemente visita o pai e a avó paterna. A mãe, orientada pela escola, solicitou avaliação psicodiagnóstica do mesmo junto ao (CPA) da Universidade Paulista. Nas primeiras sessões, foi possível identificar a dificuldade da mãe em se envolver e vincular ao trabalho proposto, sua postura era sempre de dificuldade em responder em relação aos assuntos abordados na anamnese. A mesma apresentou uma falta, a qual não foi justificada, o que foi considerado e interpretado inclusive como dificuldade de se vincular ao processo da avaliação. Nas sessões com o paciente, o mesmo se mostrou dentro das expectativas de desenvolvimento para sua

idade, habilidades motoras, aspectos do desenvolvimento cognitivo memória, inteligência e linguagem. As respostas às provas piagetianas propostas condizem com o estágio operatório concreto, identificado como preservado. Apesar de apresentar adequação cognitiva a criança apresentou dispersão e agitação. A criança faltou em três atendimentos o que nos fez hipotetizar na dificuldade da mãe em se comprometer com o trabalho e vice-versa, característica já identificada na entrevista de anamnese. Essa mesma característica foi identificada no ambiente escolar, (faltas excessivas). A criança não apresentou dificuldades de aprendizagem, demonstrou desorganização, agressividade e dificuldade em receber orientações e cumprir tarefas. Concluiu-se que a criança apresenta desenvolvimento psicomotor, linguagem e aspectos cognitivos, dentro do que é esperado para sua idade. Apresenta dificuldades de adequação social e de fixar a atenção em uma mesma atividade por determinado tempo, esta característica também foi observada na mãe. É indispensável ressaltar que várias faltas ocorreram, todas sem justificativas, o que dificultou na precisão do psicodiagnóstico.

Palavras-chave: psicodiagnóstico, família, criança, aprendizagem.

EMPATIA: ESTUDO COM ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA

Viviane Souza de Azevedo e Sonia Maria da Silva
Universidade Guarulhos

A empatia é um atributo necessário para uma atuação mais eficiente do psicólogo, uma vez que a atitude empática ajuda na melhora da autoestima do paciente, facilitando assim o vinculo terapêutico e a adesão ao tratamento. A empatia pode ser definida como sendo "...uma habilidade de comunicação, que inclui três componentes: (1) um componente ***cognitivo***, caracterizado pela capacidade de compreender, acuradamente, os sentimentos e perspectivas de outra pessoa; (2) um componente ***afetivo,*** identificado por sentimentos de compaixão e simpatia pela outra pessoa, além de preocupação com o bem estar desta; (3) um componente ***comportamental,*** que consiste em transmitir um entendimento explícito do sentimento e da perspectiva da outra pessoa, de tal maneira que esta se sinta profundamente compreendida. O objetivo deste trabalho foi identificar se os alunos nos semestres finais do curso de Psicologia têm a habilidade empática mais desenvolvida do que os alunos dos semestres iniciais. O trabalho propõe contribuir para a formação de psicólogos, discutindo a importância do desenvolvimento pessoal associado ao do conhecimento teórico, destacando o desenvolvimento da capacidade de se colocar no lugar do outro como se fosse outro, ou seja, a empatia como sendo uma das características essenciais na relação psicoterapeuta-paciente. Participaram da pesquisa 20 estudantes do 1º e 2º semestres (Grupo 1), e 22 alunos do 9º e 10º semestres (Grupo 2) do curso de Psicologia de uma universidade da grande São Paulo. O instrumento utilizado foi o Inventário de Empatia, trata-se de uma escala do tipo *Likert,* variando desde nunca (1) até sempre (5). A coleta dos dados ocorreu após a aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa. A aplicação foi feita de forma coletiva, em salas de aulas, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os objetivos da pesquisa foram apresentados pela pesquisadora, assim com as instruções para responder ao questionário. Nos resultados não foram encontradas diferenças significativas entre as médias obtidas nos grupos estudados, nas sub-escalas: Tomada de Perspectiva, Altruísmo e Sensibilidade Afetiva. Entretanto na sub-escala Flexibilidade Interpessoal ocorreu à diferença mais significativa, os alunos dos últimos semestres do curso de

Psicologia mostram maior flexibilidade do que os alunos dos semestres iniciais. Os resultados mostram que os alunos dos últimos semestres apresentam um nível de empatia ligeiramente elevado, do que os alunos dos semestres iniciais. Entretanto os grupos pesquisados apresentaram resultados acima da média ao ser comparado com a média da amostra de padronização do instrumento. A hipótese deste estudo é valida para os grupos pesquisados, os alunos de cursos de Psicologia apresentam nível de empatia acima da média ao serem comparados com a população geral. Uma vez que a empatia é um das variáveis relevantes na relação terapeuta-paciente, pois refere-se a uma das principais habilidades do psicólogo e contribui de modo significativo para os resultados de processos psicoterápicos.

Palavras-chave: Empatia, Avaliação Psicologica, Formação do Psicólogo.

A PSICOLOGIA JURÍDICA NO BRASIL E SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO

Tania Maria Justo de Almeida
Universidade Guarulhos

A interface entre o direito e a psicologia surge, no Brasil, e tem como marco o reconhecimento da profissão de psicólogo, na década de 1960, porém,anteriormente a isso ,o trabalho do psicólogo já existia há cerca de quarenta anos ,realizado por profissionais estrangeiros ,voluntários e pesquisadores. A psicologia começa a ser inserida junto a área criminal,com a avaliação do indivíduo criminoso,com ênfase na doença mental do delinquente, tendo em vista que ,na época,entendia-se a conduta criminal como anormal,enfatizando-se o grau de periculosidade do mesmo.Porém, a partir da promulgação da Lei de Execuções Penais(Lei Federal 7210/84),com o reconhecimento oficial do psicólogo na área penitenciária também ampliou a sua área de atuação,realizando não só o exame criminológico mas também realizando acompanhamentos e atividades que propiciam contribuir para o processo de reintegração social do homem preso. Em razão das demandas sociais existentes em nosso país, coube a Psicologia oferecer sua inserção para as demais áreas do Direito,na busca de contribuir na solução dos conflitos,não só através da elaboração pericial,mas também no sentido de minimizar e reparar os efeitos emocionais,com orientação e acompanhamento psicossocial. As principais áreas de atuação do psicólogo na área Jurídica,são:Direito da Família,Direito da Criança e do Adolescente,Direito Civil,Direito Penal e Direito do Trabalho. No Direito da família, a atuação do Psicólogo está relacionada aos processos de separação e divórcio, disputa de guarda, regulamentação de visitas, entre outros. O papel do psicólogo ligado aos menores, fortalece-se com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ampliando significativamente a atuação do psicólogo,inclusive oficializando o cargo no sistema judiciário,através de inúmeros concursos públicos pelo país. Torna-se importante ressaltar que o Jurídico, hoje, reconhece o papel do Psicólogo, não só como um avaliador,mas também pela subjetividade que permeia os conflitos das relações humanas,utilizando o psicólogo como mediador, agilizando certos processos litigiosos,na busca do resgate e preservação da saúde mental dos envolvidos,podendo o profissional sugerir o encaminhamento a processos terapêuticos,assim com a avaliações

de outras áreas, quando necessário. Outra área amplamente expandida atualmente, é a vitimologia que além de investigar aspectos relacionados entre agressor e a vítima também se dedica a prestar assistência aos cidadãos,no sentido de minimizar os danos causados pela violência sofrida. O trabalho do psicólogo na área jurídica, não pode ser isolado, a interdisciplinariedade torna-se imprescindível, buscando contribuir com instrumentos éticos e científicos para sempre fortalecer o nosso espaço nas instituições, com o objetivo da resolução dos conflitos interpessoais, subsidiando assim as decisões judiciais.

Palavras-chave: Psicologia, Psicologia Jurídica, História da Psicologia.

A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA PRISÃO SOB A PERSPECTIVA DA RESOLUÇÃO CFP 012/2011

Arlindo da Silva Lourenço
Penitenciária "José Parada Neto" de Guarulhos e Professor Universitário

A psicologia nas prisões brasileiras é delimitada, atualmente, pelos seguintes marcos legais: o primeiro é a Lei 7.210/84, ou Lei de Execução Penal (LEP), que orienta o trabalho desse profissional em Comissões Técnicas de Classificação (CTCs) e a realização de exames e laudos criminológicos; em 2003, com a Lei nº 10.792, de 2003, o exame criminológico tornou-se facultativo, e sua realização pelas equipes técnicas dependeria de decisão judicial que o determinasse; momentos antes, ainda em 2003, a Portaria conjunta nº 1.777, dos Ministérios da Justiça e da Saúde, instituiu o Plano Nacional de Saúde para o Sistema Penitenciário, circunscrevendo o trabalho do psicólogo em equipes multiprofissionais e tornando-o, para além de perito ou avaliador, um técnico de saúde mental nas prisões; finalmente, com a edição da Resolução CFP 012/2011, a realização de perícias e avaliações psicológicas no interior das prisões é regulada seguindo-se as diretrizes e os princípios do Código de Ética Profissional da profissão. O advento da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 12, de 2001 (Resolução CFP 012/2011) aflorou ainda mais a discussão sobre o trabalho do profissional de psicologia nessas instituições austeras, complexas e paradoxais, que são as prisões. Apresentada em substituição à Resolução 009/2010, que havia fomentado inúmeros debates pelo Brasil afora e enfrentou ao menos uma ação de inconstitucionalidade pelo Estado do Rio Grande do Sul, a Resolução atual é resultado de novos debates promovidos em praticamente todos os Estados na Federação, corporificados em audiências públicas com membros dos poderes públicos constituídos (executivo, legislativo e judiciário), com a categoria profissional, com juristas da área penal e com interessados pelo tema, chamadas com o fim especial de discutir criticamente as ações dos profissionais psicólogos nas prisões, delimitando as possibilidades e os limites dessa atuação. Além dos debates produzidos nessas audiências públicas, o Sistema Conselhos de Psicologia também convidou os psicólogos a participar de um Fórum Nacional, em 2010, e propôs a criação de um grupo de especialistas vinculados a entidades fim, como a ASBRo

(Associação Brasileira de Rorschach); a ABPJ (Associação Brasileira de Psicologia Jurídica) e o IBAP (Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica) que ajudassem no processo de construção da Normativa. O objetivo deste trabalho é discutir criticamente como a supramencionada Resolução do Conselho Federal de Psicologia se articula com cada um destes instrumentos de regulação do trabalho dos psicólogos no interior do cárcere (se é que o faz com todos eles), além de apresentar os dilemas, as contradições e as dificuldades comumente encontrados na execução de sua tarefa profissional em instituições tão singulares como são as prisões.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; sistema prisional; Resolução CFP 012/2011.

A PSICOLOGIA JURÍDICA NO ATENDIMENTO AOS FUNCIONÁRIOS DA SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA

Armando Rocha Júnior
Universidade Guarulhos

O psicólogo com especialização em Psicologia Jurídica desenvolve, também, atividades no Núcleo de Saúde do Servidor, núcleo este implantado pela Secretaria da Administração Penitenciária com o objetivo de atender, especificamente, seus funcionários. A grande demanda parte de servidores das Penitenciárias e Centros de Detenção Provisória que passaram por rebeliões ou mesmo por aqueles que, pela rotina estressante de trabalho junto com detentos, acabam por desenvolver inúmeras patologias, inclusive, e com alta frequência, o estrese pós-traumático. Nesse Núcleo de Saúde do Servidor, psicólogos, assistentes sociais, médicos clínicos ou psiquiatras, atuam em equipes multiprofissionais, na busca de saúde física e mental do funcionário.

Palavras-chave: Psicologia Jurídica; Estresse; Atendimento Clínico.

PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA: PERSPECTIVAS E LIMITES NA ATUAÇÃO

Regina Célia do Prado Fiedler
Universidade Guarulhos e Universidade Cruzeiro do Sul
Bruna Suruagy Dantas
Universidade Cruzeiro do Sul
Soraia Ansara
Universidade de São Paulo
Marcia Regina da Silva
Universidade Cruzeiro do Sul

Esta mesa tem como intuito discutir as bases éticas, epistemológicas e metodológicas que norteiam as intervenções comunitárias com base na Psicologia Social Comunitária da América latina: ética cooperativa e solidária, entendendo a população alvo como possíveis sujeitos de uma ação que promova espaços de reflexão e ação diante da realidade vivida. Buscaremos, contudo, exemplificar intervenções com esse enfoque e as limitações gerais que este tipo de enfoque tem encontrado: a falta de perspectivas para mudanças, o processo generalizado do enfraquecimento das culturas locais, a limitação real da miséria e das condições de vida precaríssimas, a má organização das entidades que lidam com as populações marginalizadas e em risco. Buscar-se-á discutir alguns campos de trabalho e as limitações advindas tanto das elaborações de políticas públicas equivocadas, quanto falaciosas, bem como as já historicamente sedimentadas, como a falta de formação social necessária das profissionais que lidam com a questão social diariamente, desenvolvendo práticas adaptacionistas e ideológicas. Entendemos que essa apresentação se faz necessária como desafio e como obrigação de discutir e repensar a prática e a teoria social.

Palavras-chave: Psicologia Social, Psicologia Comunitária, Formação em Psicologia.

ADOÇÃO EM UBERABA: ESPAÇO PARA SABERES E FAZERES INTERDISCIPLINARES

Ana Mafalda Azor – Universidade de Uberaba

Cláudia Helena Julião– Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Eliane Gonçalves Cordeiro – Universidade de Uberaba

Martha Franco Diniz Hueb – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

RESUMO

Integrantes de dois diferentes Serviços-Escola de Psicologia relatam sobre como tem sido realizado pelo Grupo Interinstitucional Pró-Adoção - GIPA, o preparo de postulantes à adoção na cidade de Uberaba- MG, após a Lei 12.010/09. Designada de Nova Lei da Adoção, esta institui a obrigatoriedade de um curso preparatório para os pretendentes à adoção no Brasil. O GIPA desenvolveu uma metodologia própria, utilizando de oito oficinas quinzenais, participativas e construtivas, com duração de duas horas cada e coordenadas por uma dupla de profissionais de diferente formação universitária. Nessas oficinas, os pretendentes à adoção, em um grupo de natureza fechado, experienciam situações próximas da realidade que futuramente poderão viver com os filhos. Os temas trabalhados dizem respeito à visão do amor enquanto construção; às questões ligadas às motivações para a adoção; à idealização do filho versus o filho real disponibilizado comumente para adoção; às visões que se tem da família de origem; às dúvidas quanto ao processo legal de adoção e às cenas temidas após a adoção consumada. Concomitante ao curso preparatório instituiu-se o projeto “O lúdico na construção das relações afetivas e sociais”. Utilizando de oficinas com sucata, filhos biológicos ou adotados que acompanham seus pais nos encontros do curso preparatório, vivenciam o brincar espontâneo de forma a solidificar relações afetivas e sociais com uma pessoa que possam vir a confiar.

Palavras-Chave: adoção, curso preparatório, ludicidade, pais adotivos, crianças.

Introdução

A adoção sempre foi um fenômeno social complexo. O desligamento da família biológica, com suas implicações, tais como, tristeza, luto e acolhimento institucional; a espera da família adotante com o processo de ansiedade inerente; e a construção de um novo vínculo filial, envolvendo esperança, desafios, possibilidades e impossibilidades, apontam importantes aspectos psicossociais, que necessitam acompanhamento, estudo e uma profunda sensibilidade no trato desse fenômeno.

Muito mais que o aspecto jurídico, implicando a ruptura dos laços biológicos, e a construção de uma relação parental nova, com todos os direitos à condição de filho

assegurado, sem qualquer tipo de distinção; a elaboração psíquica por parte dos adotandos e adotados é imprescindível na possibilidade de sucesso da adoção.

Aliam-se à complexidade do fenômeno psicológico, contornos culturais que variam conforme a época e a região analisadas. No Brasil, não por acaso, ainda é muito comum a utilização da expressão “mãe de criação” como forma de designar uma maternidade que não é biológica, mas que ostenta contornos sócio-afetivos. Também é significativa a utilização da expressão ”adoção à brasileira”, deflagrando o crime de registrar filho alheio como se fosse próprio, ignorando-se a necessidade de cumprir o percurso jurídico da adoção que regulariza a constituição do vinculo parental e de considerar a criança ou adolescente como ser de direitos.

O contexto acima citado acrescido de profundas transformações sociais ocorridas no ultimo século, tais como a explosão tecnológica e dos meios de comunicação, além do surgimento de novos arranjos familiares, deflagrou a necessidade de uma resposta jurídica mais atualizada que atendesse aos anseios sociais vigentes.

A lei n º 12010/09, conhecida como A Nova Lei da Adoção (BRASIL, 2009) contempla importantes diretrizes no que se refere ao procedimento de colocação de crianças e adolescentes para adoção. Compreende-se que os legisladores reconhecem as inadequações estruturais dos procedimentos utilizados anteriormente e respaldam, entre outros aspectos, a necessidade de cursos preparatórios para pais que pretendem adotar visando otimizar as relações entre adotantes e adotandos, na construção de laços familiares duradouros.

GIPA: (des) cobrindo.....para adotar

Na Comarca de Uberaba, por iniciativa da Promotoria da Infância e Juventude, foram convidados docentes de duas instituições de ensino superior. Tais docentes; vinculados ao curso de Psicologia da Universidade de Uberaba (UNIUBE), e aos cursos de Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triangulo Mineiro (UFTM), além de integrantes de uma instituição civil de apoio à adoção, o Grupo de Apoio à Adoção de Uberaba (GRAAU), elaboraram um projeto de apoio e auxilio à adoção a para ser desenvolvido com pais adotantes, respondendo às exigências da Nova Lei da Adoção, mas que pudesse superar o formato de curso convencional.

Durante seis meses profissionais representantes dessas instituições, sensíveis ao fenômeno da adoção se reuniram para estudarem e compartilharem experiências que favorecessem a configuração de um projeto de intervenção no qual aspectos, manifestos ou latentes, tabus e preconceitos presentes no fenômeno da adoção pudessem ser (des)ocultados e ressignificados contribuindo para a possibilidade de aumentar as chances de mais crianças/adolescentes terem o direito de conviver e ter uma família.

Conforme a evolução dos encontros constatou-se que os integrantes, através do diálogo, superando as diferenças e possíveis vaidades, criaram uma unidade grupal, em que pessoas e instituições não se apresentavam mais isoladamente, mas com uma identidade coletiva. Essa configuração fundamentou a nomeação do grupo como GIPA - Grupo Interinstitucional Pró-Adoção, que gestou e executou o curso vivencial para pais adotantes. Decidiu-se pela participação de estagiários, alunos dos cursos envolvidos, a fim de estimular a inclusão do tema adoção nos cursos e de promover uma melhor formação profissional.

O referido curso foi definido, em primeira instância, para atender à exigência da Nova Lei da Adoção e a demanda existente no cadastro de adoção da Comarca de Uberaba, com prioridade para os pais que já estavam com crianças ou adolescentes sob modalidade de guarda. Configurou-se com oito encontros quinzenais de duas horas. Foram formadas as duas primeiras turmas em dias diferentes da semana, em função de agilizar o atendimento à demanda existente e também favorecer duas opções de escolha de horário favorecendo a possibilidade de participação (GIPA, 2010).

Estabeleceu-se junto à Promotoria da Infância e da Juventude que o curso não teria caráter avaliativo. Sua principal função seria a de contribuir para a reflexão e conscientização das implicações psicológicas, sociais e legais que norteiam o processo de adoção. Seus objetivos específicos ficaram assim discriminados: proporcionar um espaço de acolhimento e compartilhamento de dúvidas, emoções e expectativas para postulantes à adoção de crianças e adolescentes; estimular a identificação e a reflexão dos participantes sobre as motivações para adoção e fatores relacionados a estas; identificar e estimular a desconstrução das idealizações relacionadas ao filho desejado no processo de adoção; favorecer a reflexão sobre as características e história da criança/adolescente que influenciam no processo de adoção.

Objetivou-se ainda favorecer o conhecimento e a reflexão das fases de adaptação na convivência entre pais e filhos vinculados pela adoção; colaborar para a instrumentalização dos participantes no sentido de melhor lidar com os desafios cotidianos nas relações entre pais e filhos; colaborar para a diminuição de experiências frustrantes e frustradoras tanto para postulantes quanto para as crianças /adolescentes; sensibilizar os participantes às adoções necessárias; sensibilizar os sujeitos quanto à importância da continuidade da participação em grupos de apoio à adoção; contribuir para a formação de profissionais sensíveis à complexidade do processo de adoção e que desenvolvam estratégias efetivas relacionadas a esta experiência (GIPA, 2010)

A Preparação para a Adoção em Uberaba: uma nova história em construção

O Curso de Preparação para Candidatos à Adoção em Uberaba encerrou, no mês de junho de 2011, sua terceira e quarta edições, e dará sequencia com novas turmas à partir de agosto de 2011.

A metodologia adotada no Curso é participativa e utiliza-se de técnicas e recursos da dinâmica grupal, assim como de jogos, dramatizações, expressões gráficas e discussões. Os temas trabalhados obedecem a uma ordem definida enquanto aproximação sucessiva dos pontos pertinentes e significativos no processo de adoção. As turmas são coordenadas por duplas de profissionais/docentes de ambas as instituições de ensino e do GRAAU. Acompanham também o processo dois discentes dos cursos envolvidos. No mesmo momento da realização dos grupos, acontece também o grupo de Ludicidade com as crianças, o qual será apresentado no próximo tópico. Ainda quinzenalmente a equipe de integrantes do GIPA se reúne para discutir e compartilhar as experiências vividas nos dois projetos.

No primeiro encontro do grupo de candidatos/pais, após atividade de apresentação dos integrantes, faz-se o levantamento das expectativas e a apresentação do curso e cronograma previsto; no segundo encontro discute-se a visão do amor enquanto construção. Os terceiro e quarto encontros são reservados para aprofundar as questões ligadas às motivações para a adoção. A idealização do filho versus o filho real disponibilizado comumente para adoção é o tema do quinto encontro. É no sexto encontro que o tema sobre a família de origem e as visões que se tem dela é discutido. E no sétimo

encontro, último sob coordenação da dupla, trabalham-se as cenas temidas após a adoção consumada e é realizada a avaliação escrita do curso, por meio de questionário preenchido de forma individual pelos participantes. O oitavo encontro é reservado para a participação do promotor da Infância e Juventude e equipe de assistentes sociais judiciários para esclarecerem dúvidas quanto ao processo legal de adoção e é quando são entregues os certificados de conclusão de curso aos participantes.

Os resultados da avaliação do curso pelas duas primeiras turmas foram muito positivos. Quanto ao curso, 64% dos integrantes consideraram ótimo, 18% como muito bom e 18% como bom. Em relação ao que os participantes esperavam 45% deles reconheceram que o curso atendeu às suas expectativas e para 45,5% elas foram superadas. A maioria dos participantes avaliou a metodologia adotada como interessante.

Quanto à contribuição do conteúdo, 91% dos envolvidos considerou que houve uma grande contribuição para o enriquecimento pessoal sobre a adoção, diminuição de medos e construção de confiança, além da aprendizagem com o relato de experiências. A discussão sobre as motivações e os medos relativos à adoção foram apontados como os pontos mais significativos dos abordados pelo curso.

Importante informar que ao gestar tal metodologia, identificou-se que as pessoas que fariam o Curso Preparatório para Adoção já eram pais biológicos ou adotivos e/ou já estavam com a guarda provisória da criança a ser adotada e não tendo com quem deixá-las teriam que trazê-las consigo para o curso. Portanto, como ação complementar, paralelo ao Curso Preparatório para Adoção, deu-se origem através do GIPA, a uma proposta de projeto de extensão com dupla finalidade: viabilizar a participação dos pais no referido curso, bem como favorecer o estabelecimento do vínculo de novas relações sociais e afetivas para seus filhos acompanhantes. Diante de tal premissa, em agosto de 2010 foi criado o projeto “O lúdico na construção das relações afetivas e sociais I”.

Ser e fazer: encontros brincantes entre extensionistas de um Serviço-Escola e crianças em processo de adoção

No processo adaptativo entre pais-filhos, sejam eles biológicos ou não, podem ocorrer inúmeras dificuldades, dentre elas a da idealização do filho. No entanto, estudos (VARGAS, 1998, SCHETTINI FILHO, 2006) apontam que na filiação adotiva esta

idealização pode surgir com maior intensidade do que na filiação biológica, podendo desencadear situações muito dolorosas e traumáticas, tanto para as crianças, quanto para os pais adotantes. Neste sentido, faz-se necessário, o estabelecimento de um *holding* para o "sucesso" da adoção, favorecendo a construção de uma nova relação parental e filial, na qual a criança se sinta amada e compreendida, de forma a minimizar rupturas anteriores.

Utilizando do desenvolvimento de atividades lúdicas que possibilitam à criança a expressão do mundo interno e a construção das relações sociais e afetivas permeadas pela manufatura de brinquedos que resgatam as tradições culturais, o referido projeto parte para a sua quinta edição em agosto de 2011.

Tal intervenção centra-se na ideia de que a criança é o sujeito social que se desenvolve pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. A brincadeira é uma atividade humana e pode ser considerada a primeira forma de cultura, na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos (RODRIGUES, 2009). No ato do brincar, a criança lida com sua realidade interior e faz a tradução da realidade exterior, ou seja, tem a compreensão de si e do mundo, ao conseguir organizar internamente seus sentimentos e emoções de forma a construir sua cidadania.

Para Winnicott (1975) o brincar é uma atividade criativa, que conjuga o que é vivido internamente com o ambiente cultural, porque incide no espaço potencial, área intermediária e simbólica de experiência que se comunica tanto na realidade interna quanto na realidade externa. É, pois, nesse espaço potencial que se dá o processo de emergência simultânea do sujeito e do mundo entendido como ambiente cultural compartilhado. No dizer de Winnicott (1975, p.80) "é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu, (*self*)".

Dessa forma, a espontaneidade se dá em decorrência do *self* verdadeiro, que está intimamente ligado à criatividade ao sentimento de existência própria. Falhas constantes e grosseiras na função de *holding* desempenhada pela mãe podem provocar intensos sentimentos de intrusão comparáveis a vivencias de desintegração (WINNICOTT, 1994).

Em geral, a criança adotiva, ao vivenciar um processo de separação da mãe biológica, apresenta falhas no *holding* e pode lançar mão de um falso *self*, devido a uma necessidade extrema de corresponder ao que os outros esperam dela. Dessa forma pode estabelecer um quadro de superficialidade e vazio em sua personalidade, com prejuízo de sentimento de consciência, vitalidade e autenticidade (LEVINZON, 2009).

Nesse sentido há de se ressaltar que o brincar além de estimular a fantasia permitindo à criança apreender a realidade e conhecer o mundo dos adultos, é uma atividade exploratória que facilita a elaboração de ansiedades e conflitos, ajuda a configurar noções de espaço-tempo, assim como, possibilita a emergência do *self* verdadeiro a partir da criatividade (WINNICOTT, 1994),

Acompanhando o Curso Preparatório para a Adoção, o projeto Lúdico foi estruturado em oito encontros quinzenais, com duração de duas horas cada, com temáticas definidas pela equipe de docentes e extensionistas dos cursos de Psicologia e Serviço Social da UFTM.

Utilizando de oficinas de feitura de massinhas caseira, da construção de telefones com latas e barbantes, construção de quadros coletivos de colagens a partir de revistas antigas, construção de instrumentos musicais, de contação de histórias, de produção/encenação de um teatro e construção de máscaras, as crianças se inter-relacionam e conseguem perceber que a comunicação humana, as relações sociais e afetivas, em especial o amor filial/maternal/paternal, podem ser também *construídas.*

O projeto envolve,quinzenalmente, a realização de reuniões de supervisão e estudos referentes à adoção, infância e ludicidade, que, associados às atividades desenvolvidas vem subsidiando a produção de artigos científicos gerados a partir da experiência vivenciada pelos docentes e extensionistas, cumprindo a função tríplice de uma universidade: ensino, pesquisa e extensão ao inserir os Serviços-Escola em prol da construção da cidadania dos envolvidos nos meandros da adoção.

Considerações Finais

Já não é novidade que a experiência de vários profissionais, na lida com pais e filhos entrelaçados no processo de adoção, aponta o quão importante é um trabalho profilático no preparo pré e pós a adoção para todos os envolvidos. Nesse sentido a nova

forma de preparo de pessoas com o desejo de adotar, desenvolvida pelo GIPA em Uberaba após a promulgação da Lei 12.010/09, ao utilizar de metodologia de oficinas participativas e construtivas, parece acenar para melhoria no contexto dessas novas configurações.

Ressalta-se que é precoce avaliar de forma objetiva a experiência vivenciada no curso promovido pelo GIPA. O preparo da primeira à quarta turma, com até 20 pessoas em cada uma, se deu simultaneamente no período de agosto a dezembro de 2010 e de março a junho de 2011. Dessa forma, uma pesquisa longitudinal, para avaliação da pós-adoção com participantes do Curso Preparatório e do Projeto “O lúdico na construção das relações afetivas e sociais” ainda não pode ser desenvolvida em função do pouco tempo em que se decorreu desde a primeira preparação dos pretendentes.

Contudo, uma avaliação mais subjetiva permite nos arriscar a dizer que o Curso Preparatório para a Adoção, assim como o Projeto de Ludicidade, pensado coletivamente pela equipe multiprofissional, tem se dado em um espaço intermediário, localizado entre o mundo interno e o mundo externo, entre a realidade subjetiva e a compartilhada, criando uma terceira área - a do espaço potencial - na qual se processam experiências humanas, nas quais se compartilham experiências culturais (WINNICOTT, 1975).

Portanto, iniciar estes pais e mães de forma suficientemente boa e promover a melhoria das relações afetivas e sociais das crianças entre si e entre seus pais, parece ajudá-los a *se perceberem* e a perceberem o filho desejado como outra pessoa, diferente deles mesmos, de forma a preservar a identidade de cada um. Possibilita-lhes, ainda, a sobreposição do filho idealizado com o filho real e, dessa forma,acredita-se que tal metodologia muito tem a contribuir para a construção dos vínculos nas relações das famílias que se constituem, de uma forma que não é estática, mas sim dinâmica e expressiva, essencialmente humana.

Outro aspecto a considerar diz respeito à aprendizagem dos elementos do GIPA com os relatos dos pais adotantes no que se refere aos procedimentos utilizados pelas diversas instituições envolvidas. Esses apontam desarticulação e ausência de comunicação entre profissionais e instituições, dificultando o percurso da adoção. Tem se compreendido que refletir e intervir no fenômeno da adoção não implica somente no olhar atento às crianças/adolescentes e pais envolvidos mas aos profissionais que frequentemente devem rever a própria condição de trabalhar com um fenômeno

interdisciplinar e interinstitucional. Nesse aspecto os encontros quinzenais dos integrantes do GIPA apresentam-se essenciais para o compartilhamento de experiências, enriquecidas e ressignificadas com outros olhares do conhecimento.

Há que se ressaltar ainda, que a inclusão das duas universidades de Uberaba e dos cursos citados anteriormente no projeto favoreceu a integração de saberes e fazeres, colocando a academia como parceira na construção de práticas sociais e de novos conhecimentos; abriu um novo campo de aprendizagem, enquanto extensão e/ou estágio, para alunos interessados na questão da adoção, o que possibilita contribuir na formação de profissionais qualificados para esse campo de trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº12.010/2009**. Dispõe sobre a adoção; altera as Leis nº8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.460, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, e da consolidação das Leis do Trabalho – CLT. Brasília/DF: Presidência da República, Casa Civil, 2009.

GIPA- Grupo Interinstitucional Pró-Adoção. **Proposta do Curso de Preparação para Candidatos à Adoção.** Uberaba, 2010.

LEVINZON, G. K. Adoção e Falso Self: o dilema do “bom adotado” In: Pires Sobrinho (Org).

Anais do 1º Congresso Ludo diagnóstico*.* São Paulo: EPPA. 21-29, 2009.

RODRIGUES, Luzia Maria. **A criança e o brincar.** Disponível em: http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra RODRIGUES.pdf. Acesso em 24 jun 2011.

SCHETTINI FILHO, L. **Compreendendo o Filho Adotivo**, 3ª ed.,Recife:Bagaço,2006

VARGAS, M. M. **Adoção Tardia:** da família sonhada à família possível. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

WINNICOTT, D.W.(1963) O medo do Colapso. In: Winnicott,C. e col. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, p.70-76, 1994.

WINNICOTT, D. W. (1953) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: Winnicott, D. W **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, p.13-44, 1975.

POTENCIALIZANDO VALORES: UMA VIVÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR

Deborah Pereira Lima, Juliana Gadini Finelli, Susete Figueiredo Bacchereti
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Na primeira etapa de nosso trabalho, foram realizadas 12 visitas, nas quais se procurou observar o funcionamento e as relações na escola. A partir daí, identificou-se um desconforto das crianças em relação a brigas, correria, barulho, violência. Acredita-se que isso possa estar relacionado ao reconhecimento de si mesmo e do outro, ao entendimento de quem sou eu, quem é o outro, onde é o meu espaço, onde é o espaço do outro, questões relacionadas a respeito, limites e valores. Nesse sentido, a proposta de intervenção direcionou-se a trabalhar o tema valores com as séries iniciais, pois acredita-se que possa servir de prevenção, pois estes alunos permanecerão um tempo maior na escola, e poderão servir de exemplo aos demais alunos. A execução do projeto Valores, abordou histórias e atividades lúdicas, trabalhou-se as regras, limites e valores com 4 salas de 1° e 2° anos do período vespertino, cerca de 120 alunos ao todo. Através de 12 encontros, que tiveram início em agosto/2010 à dezembro/2010, foi possível estabelecer um vinculo afetivo positivo entre estagiarias e alunos, o que favoreceu a obtenção de resultados satisfatórios. Durante vários momentos no decorrer das atividades, buscou-se estimular as crianças a fazerem as atividades da melhor forma possível, porém a todo o momento evidenciava-se a necessidade de serem valorizadas suas produções. Percebe-se a importância de estabelecer metas realistas e adequadas à idade da criança. Dar oportunidade de desenvolverem-se sem super protegê-las e sem pressioná-las oportunizando espaços para que pudessem se expressar criativamente sem serem avaliadas. Durante todo esse semestre, contamos com o estimulo e colaboração da direção da escola, especialmente representada pela vice-diretora, que sempre esteve disponível para nos trazer informações relevantes para a execução de nosso trabalho, bem como, na disponibilização de espaço físico e materiais. Contamos também com o apoio e interesse do grupo docente, grupo este que, após essa vivencia na instituição, iniciou novas condutas junto aos alunos. Conclui-se que dar continuidade em trabalhar valores, como respeito por si mesmo e pelo outro, solidariedade, gentileza, com as crianças trará grandes benefícios tanto aos alunos como para os professores.

Palavras-chave: Respeito, Criatividade, Conduta

A PSICOLOGIA EDUCACIONAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE DO ALUNO EM SITUAÇÃO DE RISCO: UM ESTUDO DE CASO

Adriana Duarte Marque, Rosana Tósi da Costa
Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho refere-se a intervenção em uma Escola Estadual, da cidade de São Paulo, cuja queixa, vinda pela Coordenadora Pedagógica, alude a um aluno, da 5ª série, repetente, que apresenta comportamentos inadequados nos variados setores das relações humanas e de desempenho pedagógico (desobediência, falta de limites, histórico de violência física e verbal, desadaptação escolar e família desestruturada). O objetivo do trabalho visa melhor conhecimento do aluno apontado no sentido de intervir para aprimorar seus relacionamentos, mediante programa de orientação psicopedagógica para o sujeito, a escola e a família; minimizando as conseqüências desfavoráveis que, supostamente, trazem o comportamento apontado como problema. Teoricamente, os autores Patto (1997), Santos (1996) e Levisky (1998) discutem elementos ligados a conduta cidadã do adolescente, suas relações com a família e a escola, pela via de elementos que são próprios da idade vivida nesta etapa da vida, bem como estes comportamentos típicos são tomados de forma imprópria e preconceituosa; principalmente, quando os adolescentes são oriundos de contextos pobres e famílias não estruturadas conforme regras sociais. O adolescente tem, na maioria das vezes, condutas que mostram valores e morais que parecem desafiar o que foi posto como condição normal pelos adultos. Desta forma, mais condenam do que orientam para uma melhor condição de vida; ficando o adolescente, cada vez mais excluído e vulnerável quanto a construção de sua identidade. Metodologicamente, foram realizadas observações na escola e fora da escola (visita a residência), entrevistas com diretor, coordenador, funcionários da escola, a mãe e o próprio sujeito. Foram analisadas e comparadas as queixas e elementos de defesa de todos os envolvidos, para que se pudesse ter uma melhor compreensão do contexto e das informações sobre a conduta inadequada do sujeito. A medida que os discursos foram interpretados qualitativamente, a priori, tivemos como resultado, por parte da escola e seus componentes, a condenação e profetização do destino fracassado do aluno, tanto no âmbito da escola, quanto da vida, com variados

estímulos e incentivos materiais e simbólicos para sua construção de sua auto percepção como alguém sem qualquer probabilidade de uma existência de qualidade. Expulsões, advertências, ameaças, rejeição, convocação da mãe para queixas sucessivas da inadequação, acusações de fatos ocorridos dentro e fora da escola e outros tantos fatores cobrem o aluno, levando sua auto-estima a um nível baixíssimo, muitas das vezes sendo assumido por todos a incapacidade de superação e transformação do sujeito. No entanto, ainda estamos envolvidos com o *caso*, por acreditarmos que pela via da orientação, a todos os envolvidos, haverá possibilidades de transpor estas condições de denegrir pessoas e fazê-las acreditar que são meros fracassos. A intervenção busca transformar todo o contexto de existência desse sujeito para que do risco ele vá ao sucesso.

Palavras-chave: escola, vulnerabilidade, fracasso, superação.

CRIAÇÕES HERÓICAS: A IMAGEM DO HERÓI COMO CAMINHO DA ELABORAÇÃO DE ANSEIOS E DA AUTO IMAGEM NA ESCOLA

Fabiana Bertoni, Ivan Silva Pinto, Susete Figueiredo Bacchereti
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Este trabalho é referente às atividades realizadas em uma escola estadual de São Paulo no período de um ano. Foram observados em alguns alunos comportamentos violentos (verbais e físicos) e indisciplina na sala de aula. Estas salas apresentavam-se bem agitadas e, os alunos se comunicavam através de agressões físicas e verbais, gerando muitas vezes uma desordem. A partir de atividades, iniciou-se uma maior interação com os alunos e, assim, pode-se notar a grande carência emocional que estes apresentam, além de uma auto-estima baixa, o que favorecia para o comportamento violento. Pensando na demanda foi realizado um trabalho com os alunos de criação artísticas utilizando figuras guias e moldes pré-montados, facilitando a expressão dos alunos independente da técnica e da estética, o que facilitou o trabalho de criação. Nesta atividade os alunos tiveram que descrever coisas que gostavam e que não gostavam, qualidades, poderes que gostariam de ter e fraquezas para qualificar um super-herói. Desenharam e caracterizaram o super-herói em uma forma humana pré-estabelecida, e em seguida deveriam escrever uma história sobre os seus personagens criados. Após esta etapa de criação, eles iniciaram a construção do super-herói no molde de boneco previamente montado, e usando massinha e canetinha eles transformavam o boneco em seus super heróis. A atividade artística teve como objetivo dar uma tarefa em comum para os alunos, para, através disso, os alunos entrarem em contato com eles mesmos e com o grupo, em um ambiente que lhe proporcionou acolhimento e um espaço para se expressarem. Através desta técnica foi oferecido um elemento projetivo que propiciou a intervenção reflexiva, e aumentou o grau de realismo da vivência artística, dando para as imagens dos super-heróis dos alunos um significado real, sendo este o reflexo de suas vidas intrapsíquicas. As imagens criadas auxiliaram na comunicação entre consciente e inconsciente, o que conduziu para imersão e elaboração de materiais carregados de emoções. Com o decorrer dos encontros os alunos se apropriaram do espaço e

começaram a trabalhar como um grupo, mostrando uma baixa nos comportamentos violentos e melhoras na postura em sala de aula.

Palavras-chave: Criação artística; Indisciplina; Ambiente escolar

O CORPO COMO TELA E A ARTE COMO PROFISSÃO

Tabata Cristina Silva e Nirlei Dragonetti
Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho realizado em um estúdio de tatuagem e piercing no Estado de São Paulo, teve como finalidade a investigação do processo identitário dos profissionais da tatuagem. Apesar de ser atualmente difundida na sociedade, a arte de marcar o corpo ainda é vista como uma manifestação negativa e de conotação marginal. Além disso, investigou-se com os adeptos da tatuagem a representação e valor da arte. A metodologia baseou-se em entrevistas semidirigidas, geração de diários de campo e realização das devolutivas com o proprietário do estúdio e os tatuadores, tendo como finalidade relatar e fazer a junção dos aspectos teóricos com os dados levantados a respeito da profissão. Utilizou-se de teorias voltadas para identidade, reconhecimento, além do fator histórico sobre as marcas corporais, baseando-se em autores como Ciampa (2000), Todorov (1996), Rodrigues (2006) e Araújo (2005). A amostra composta por 16 entrevistados, sendo 8 profissionais e 8 adeptos da marca, apresenta faixa etária entre 22 e 37 anos, sendo 9 do sexo masculino e 7 do feminino. Grande parte da amostra relatou que o interesse pela tatuagem surgiu pelo fato da apreciação pela arte ou então pelo desejo de homenagear ou guardar momentos utilizando-se do corpo. O preconceito foi citado como um fator desmotivante na profissão e no dia a dia de quem possui a tatuagem, com isso muitos relataram estratégias de omissão e camuflagem da marca pelo corpo. Apesar do estudo ter um caráter de investigação preliminar, uma vez que se faz necessária a coleta e análise de um número maior de amostras para o que se tenha maior representatividade do grupo em destaque, os dados obtidos já servem como idéia a respeito desta arte ainda tão estigmatizada e o que enfrentam seus adeptos.

Palavras-chave: Tatuagem, Profissão, Arte.

A INFLUÊNCIA DAS INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS NA EVOLUÇÃO DE PROCESSOS PSICOTERÁPICOS

Evandro Morais Peixoto[1]; Maria Leonor Espinosa Enéas[2], Elisa Medici Pizão Yoshida[1]
1. Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas. Apoio CAPES
2. Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo

Resumo: Este estudo teve como objetivo principal avaliar a evolução de dois processos de psicoterapia breve psicodinâmica de adulto relacionando os estágios de mudança das pacientes e as intervenções das terapeutas. Os estágios de mudança traduzem o grau de consciência da pessoa diante de seus problemas e sua disponibilidade para enfrentá-los. São eles: pré-contemplação, contemplação, preparação, ação, manutenção e término. Já as intervenções foram divididas em neutras, suportivas ou expressivas, segundo a estratégia terapêutica. A análise empregou a transcrição do registro sistemático de atendimentos realizados em clínica-escola, cujas gravações tiveram o consentimento esclarecido formalizado pelas pacientes. Essas medidas foram posteriormente associadas e relacionadas com a evolução dos processos. Houve maior número de intervenções no caso 1, mas ambos mostraram predomínio das neutras, associadas às expressivas. Assim, pode-se considerar que as terapeutas adotaram, com sucesso, uma estratégia técnica predominantemente expressiva, tendo como base um material clínico levantado a partir da combinação de intervenções neutras e suportivas, o que contribuiu para que as pacientes evoluíssem do estágio de Contemplação ao estágio de Ação em relação a suas dificuldades de relacionamentos. Assim, foi possível observar que as estratégias interventivas adotadas pelas terapeutas se relacionaram à evolução dos estágios de mudança apresentados pelas pacientes no decorrer dos processos. São necessárias novas pesquisas para aprofundar o conhecimento relativo à evolução dos processos terapêuticos. Palavras chave: mudança terapêutica, estudo de processo, psicoterapia breve.

Introdução

Este trabalho baseia-se na proposta de avaliação de mudança de James O. Prochaska, sistema empiricamente desenvolvido e denominado Modelo Transteórico de

Mudança (Yoshida & Enéas, 2004). O objetivo desta teoria é criar um novo sistema a partir de elementos de dois ou mais enfoques teóricos na busca de estabelecer uma estrutura de maior alcance dentro da prática clínica. No entanto, não se trata de uma mistura de teorias sem padrões estabelecidos, mas de uma teoria emergente, que traz em si resultados maiores do que simplesmente a soma das partes (Prochaska, 1995), abrindo, assim, novos horizontes para as pesquisas e a prática clínica (Pace, 1999).

Ao investigarem pessoas que procuram parar de fumar por vontade própria, ou com ajuda de profissionais, o grupo liderado por Prochaska percebeu que elas passavam por momentos de mudança descritos por diversas linhas teóricas com nomenclaturas diferentes, mas com conteúdos semelhantes, dando corpo assim ao modelo transteórico de mudança (DiClemente & Prochaska 1982; Prochaska; DiClemente & Norcross 1992).

De acordo com Prochaska (1995), este modelo está calcado na idéia de que na mudança estão implícitas ao menos três dimensões: os *processos,* os *estágios* e os *níveis.* Como aspecto mais importante para este caso, os estágios traduzem o grau de consciência de um individuo frente aos seus problemas e a disponibilidade para enfrentá-los. Assim, a mudança ocorre ao longo do tempo, encerrando desta forma um caráter a um tempo estável e dinâmico no funcionamento psíquico, já que o indivíduo irá transpor, com possibilidade de avanços e retrocessos, os estágios denominados de: pré-contemplação, contemplação, preparação, ação, manutenção e término (Pace, 1999; Prochaska, 1995; Yoshida, 1999; Yoshida & Enéas, 2004; Yoshida & Rocha, 2007).

Este modelo tem se mostrado importante internacionalmente dando base para pesquisa e o manejo da motivação dos pacientes em psicoterapias, em especial as breves, as quais consideram a motivação como uma das principais variáveis de um processo psicoterápico (Yoshida & Enéas, 2004). Neste cenário, muitas pesquisas atuais apontam a importância de aspectos descritos na teoria da mudança, porém em sua grande maioria debruçam-se sobre os comportamentos do paciente sem se aterem às possíveis contribuições do terapeuta para tal fenômeno (Yoshida *et all*, 2009). Neste estudo, buscou-se evidências empíricas que associassem o aspecto motivacional ao manejo terapêutico, observado pelas intervenções das terapeutas. Para tanto, foi estabelecido como objetivo principal o acompanhamento da evolução de dois processos de psicoterapia breve psicodinâmica de adulto relacionando os estágios de mudança das

pacientes e as intervenções de suas respectivas terapeutas ao longo de cada uma das sessões.

Método

Foram avaliados dois processos completos de Psicoterapia Breve Psicodinâmica (PBP) de indivíduos adultos. O primeiro caso constava no acervo da Clínica Psicológica Mackenzie, registrado em vídeo. Já o segundo, constava no acervo do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve (NEPPB) e foi registrado em áudio. Tais procedimentos ocorreram mediante autorização formal das pacientes por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nestas ocasiões as participantes foram informadas sobre os objetivos e procedimentos das gravações, a possibilidade de inclusão dos dados em pesquisa posterior, o sigilo sobre os dados e a possibilidade de desistir de sua participação em qualquer momento. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Também foram obtidas as autorizações dos responsáveis pelas instituições para utilização dos materiais a serem analisados.

As sessões foram transcritas na íntegra seguindo os padrões apresentados por Mergenthaler e Stinton (1992) para dados de psicoterapia. Essas transcrições orientaram a avaliação dos estágios de mudança e das intervenções por juízes independentes. A primeira foi baseada nas descrições dos estágios de mudança, oferecidas por Prochaska, Di Clemente e Norcross (1992) e Prochaska (1995). Já as intervenções das terapeutas foram avaliadas segundo a proposta de Yoshida, Gatti, Enéas e Coelho Filho (1997). Foram juízes alunos de iniciação científica, treinados no uso desses instrumentos, que obtiveram índices de concordância de 0,83 na análise das intervenções e de 0,90 para os estágios de mudança.

Breve Descrição dos Casos

No caso 1 foi paciente uma jovem de 23 anos, sexo feminino, estudante universitária, que procurou atendimento por não ter controle sobre a quantidade de alimentos ingeridos, nem sobre o impulso de forçar o vômito após as refeições, além de ter baixa autoestima. Sentia-se desapontada por não obter sucesso em algumas tentativas de superação dos sintomas, porém já apresentava intenção de eliminá-los. O processo foi conduzido por uma terapeuta recém formada, sob supervisão em

Psicoterapia Breve de Adulto com uma profissional com 21 anos de experiência. Foram realizadas 11 sessões dentre 12 previstas.

Quadro 1: Distribuição das freqüências relativas das intervenções realizadas em cada sessão e número total das intervenções **CASO 1**.

No caso 2 foi paciente uma jovem do sexo feminino, solteira, 31 anos de idade, curso superior completo que procurou atendimento devido à queixa de problemas de relacionamentos, após ter sido traída pelo namorado no qual depositava muitas expectativas de um relacionamento estável e duradouro. Sentia-se presa a esta situação e não conseguia retomar a vida pessoal profissional, além do sentimento de frustração por não obter sucesso frente às tentativas de superação destas dificuldades. O processo foi conduzido por uma terapeuta que iniciava curso de especialização em Psicoterapia Breve de adulto. Foram realizadas 13 sessões dentre 14 previstas.

Resultados e Discussão

Foram consideradas todas as intervenções verbais das terapeutas durante cada uma das sessões. Os resultados de cada caso são apresentados no Quadro 1 e 2 respectivamente, nos quais se encontram as freqüências relativas de cada intervenção e o número total de intervenções realizadas em cada uma das sessões.

SESSÃO	INTERVENÇÕES REALIZADAS														N
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	
1	0%	0,3%	1,9%	1,4%	14,3%	4,4%	1,7%	0%	36,4%	33%	1,4%	1,1%	1,4%	3,3%	363
2	0,6%	6,7%	1,3%	2,2%	23,6%	5,4%	4,8%	0,3%	28,9%	21%	0,9%	0,3%	1,9%	1,9%	314
3	0,3%	8,1%	2,6%	2,9%	25%	7,8%	4,5%	0,6%	23%	20%	0,6%	0%	1,9%	1,6%	308
4	0,9%	3%	0,9%	2,8%	20%	9,8%	3%	0,9%	26,5%	21,1%	3,6%	0,9%	1,8%	5,3%	336
5	0,5%	6,9%	1,5%	7,3%	16,4%	11,8%	5,4%	0,5%	21,6%	21,1%	2%	1%	2,9%	1%	204
6	0,7%	5,2%	4,4%	2,5%	29,5%	6,2%	6,9%	2,5%	21,9%	13,3%	2,5%	1,1%	1,1%	1,1%	274
7	0,6%	4,8%	2,2%	7,9%	11,8%	6,7%	2,2%	1,6%	33,4%	21,6%	1,6%	0,6%	1,3%	3,5%	314
8	0,4%	3,6%	2,5%	0%	24,5%	9,4%	6,5%	8,3	24%	7,2%	7,2%	0,7%	3,2%	2,5%	277
9	0,6%	5,9%	2,8%	4,5%	9,4%	5,2%	1,6%	4,5%	42,2%	19,4%	1,3%	2,8%	0%	0,6%	308
10	0%	8,5%	3,9%	5,4%	10,8%	9,6%	3,5%	0,8%	25,9%	22%	1,1%	0,8%	1,5%	6,2%	259
11	0,4%	6,4%	7,1%	3,6%	19,1%	9,9%	8%	8%	17,1%	6%	8%	0,4%	2%	4%	251

Intervenções: 1. Interpretação, 2. Confrontação, 3. Clarificação, 4. Assinalamento, 5. Encorajamento a elaborar, 6. Validação empática 7. Recapitulação, 8. Conselhos e elogios, 9. Afirmação, 10. Interrogação, 11. Fornecer informações, 12. Intervenções interrompidas 13. Meta intervenção, 14. Dar Enquadramento.

Quadro2: Distribuição das freqüências relativas das intervenções realizadas em cada sessão e número total das intervenções **CASO 2**.

SESSÃO	INTERVENÇÕES REALIZADAS														N
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	
1	0%	7,1%	5.9%	1,2%	15,5%	5,9%	7,1%	0%	27,3%	21,4%	0%	2,4%	3,6%	2,4%	84
2	0%	4,3%	5,2%	1,7%	18,9%	7= 6%	5,1%	0%	46,1%	8,5%	0,8%	0,8%	0,8%	1,7%	117
3	4%	9,4%	16,2%	4%	12,2%	1,3%	5,4%	0%	27%	13%	0%	0%	4%	2,7%	74
4	1,7%	12,9%	16,9%	1,7%	10,5%	9,9%	9.3%	1,2%	18,7%	5,3%	5,3%	0,6%	2,9%	2,9%	171
5	0%	12,3%	21%	6, 5%	13,8%	7,2%	10,9%	0%	21%	2,9%	0,7%	0,7%	2,2%	0,7%	138
6	0,5%	9,9%	17%	11,8%	12,8%	9,9%	6,2%	0%	22,7%	3,8%	1,9%	1,4%	0,5%	1,4%	211
7	2,6%	13,3%	12,8%	8,5%	10,6%	7,4%	3,7%	1,6%	27,1%	3,7%	3,7%	4,2%	0%	0,5%	188
8	0%	8,7%	9,7%	10,7%	3,9%	6,8%	8,7%	1%	33%	1%	4,8%	1%	0%	10,7%	103
9	0%	7,7%	13,1%	9,5%	6,3%	8,6%	4,5%	0,4%	35,2%	5,9%	2,7%	2,3%	0,4%	3,2%	221
10	0,6%	8,1%	9,9%	11%	6,4%	8,1%	2,9%	0%	42%	3,5%	2,9%	2,9%	0,6%	0,6%	172
11	0,7%	13,2%	6,9%	11,8%	4,2%	11,8%	8,3%	0%	35%	3,5%	0%	2,8%	0%	2%	144
12	0%	5,4%	11, 6%	11,6%	3,9%	19,3%	7,7%	2,3%	31%	3,1%	9,8%	2,3%	0%	0,8%	129
13	0%	1,8%	4,5%	8,1%	3,6%	17,1%	1,8%	0%	38, 7	2,7%	8,1%	1,8%	0%	11,7%	111

Intervenções: 1. Interpretação, 2. Confrontação, 3. Clarificação, 4. Assinalamento, 5. Encorajamento a elaborar, 6. Validação empática 7. Recapitulação, 8. Conselhos e elogios, 9. Afirmação, 10. Interrogação, 11. Fornecer informações, 12. Intervenções interrompidas 13. Meta intervenção, 14. Dar Enquadramento.

Para fins didáticos, as intervenções foram agrupadas em três tipos. As suportivas, incluindo Validação empática, Conselho e elogio e Fornecer informações, as neutras, que incluem Encorajamento a elaborar, Afirmação, Interrogação, Meta-intervenção e Dar enquadramento, e as Expressivas, com Interpretação, Contemplação, Clarificação, Assinalamento e Recapitulação.

Nota-se que no caso 1, houve predominância das intervenções neutras 70,65%, acompanhadas de expressivas 16,02% e suportivas 12,65%. Enquanto no caso 2 respectivamente as intervenções neutras representaram 48,57%, seguidas por expressivas 36,39% e suportivas 12,56%.

Já os estágios de mudança, foram analisados em cada uma das sessões. Os resultados são apresentados no Quadros 3 abaixo.

Um aspecto importante levantado em relação aos estágios de mudança refere-se ao ocorrido no caso 1: o que era percebido pela paciente como sintomas a serem modificados, a queixa, diferenciava-se do que foi enfatizado pela terapeuta como foco: os conteúdos subjacentes aos sintomas, que eram as dificuldades de relacionamentos. Tais diferenças são representadas no Quadro 3.

Quadro 3: Distribuição dos estágios de mudança verificados em cada uma das sessões, casos 1e 2.

SESSÃO	ESTÁGIO DE MUDANÇA CASO 1
1	Preparação / Contemplação
2	Preparação / Contemplação
3	Preparação (Apenas relacionamentos)
4	Preparação / Preparação
5	Preparação / Preparação
6	Preparação / Preparação
7	Contemplação / Contemplação
8	Contemplação / Preparação
9	Preparação / Ação
10	Contemplação - Preparação
11	Preparação – Ação

SESSÃO	ESTÁGIO DE MUDANÇA CASO 2
1	Contemplação
2	Contemplação
3	Contemplação
4	Contemplação
5	Contemplação
6	Contemplação
7	Preparação
8	Preparação
9	Preparação
10	Ação
11	Contemplação
12	Ação
13	Ação

Estágios de Mudança: Primeira indicação caso 1 refere-se à queixa enquanto a segunda às dificuldades relacionais

Frente aos resultados pode-se inferir que a terapeuta no caso 2, tinha como estratégia realizar poucas intervenções, dando maior espaço para o surgimento dos temas trazidos pela própria paciente. Tal inferência torna-se mais plausível quando se comparam as freqüências relativas das intervenções Interrogação e Encorajamento a elaborar ocorridas nesse caso, já que as interrogações foram realizadas em maior freqüência que a outra apenas na primeira e terceira sessão. Já no caso 1, houve predomínio de interrogação em um número maior de sessões.

Tais aspectos influenciaram também a maneira em que foram utilizadas as intervenções expressivas na condução dos casos. Observa-se que no caso 2 as intervenções expressivas foram utilizadas em freqüência maior do que no caso 1.

No entanto, nesse caso, também as intervenções consideradas de apoio ao paciente, como Validação Empática e Fornecer informações, também foram utilizadas em maior freqüência, fazendo com que o processo não perdesse seu caráter suportivo.

Ainda em relação às intervenções terapêuticas pode-se observar, guardadas as proporções, o predomínio das intervenções neutras. Contudo, associadas às intervenções suportivas, inclui-se nas descritas acima Conselho e elogio.

Por sua vez, intervenções expressivas também foram associadas a intervenções suportivas nos dois casos. Assim, mesmo em momentos em que houve uma significativa utilização de intervenções expressivas, como no caso 2, manteve-se o caráter de suporte às pacientes.

Quanto aos estágios de mudança, pode-se observar importantes diferenças entre os casos que poderiam ser atribuídas a questões transferenciais. Parece que a terapeuta no caso 1 teve mais dificuldade para estabelecer o foco da terapia, pois a paciente insistia muito em aspectos dirigidos à queixa manifesta. Contudo, o direcionamento da terapeuta estava claro para o foco na terceira sessão, quando somente esse aspecto foi enfatizado. Isso coincidiu com o primeiro avanço da paciente do estágio de Contemplação para o de Preparação.

Desta forma, no tocante à queixa, a paciente começou e terminou a terapia no estágio de Preparação. Nota-se que esta queixa se refere a uma dificuldade estrutural mais difícil de obter benefícios em um processo breve. Já em relação às dificuldades nos relacionamentos, houve evolução do estágio de Contemplação para o de Ação ao longo do processo.

No caso 2, nota-se que a paciente obteve um avanço do estágio de Contemplação para o estágio de Ação no tocante ao foco estabelecido: dificuldade no relacionamento. Pode-se inferir que esta paciente encontrava-se mais segura na relação paciente-terapeuta quando comparada ao caso 1. Esta hipótese pode ser melhor verificada se comparada a aliança terapêutica estabelecida em ambos os casos.

Outro aspecto observado em ambos os casos, refere-se ao retrocesso ocorrido nos estágios de mudança quando o processo se aproximou do término, ou seja, a sessão 10

no caso 1 e a sessão 11 no caso 2. Esta etapa exigiu uma alta freqüência relativa das intervenções Validação Empática e Recapitulação, tendo em vista que coube às terapeutas conter as angústias de suas respectivas pacientes, através de uma intervenção suportiva, fortalecendo-as para a tomada de consciência, por meio de intervenção expressiva, de sua capacidade de manutenção dos objetivos alcançados no decorrer do processo.

Conclusão

Pode-se considerar que as terapeutas adotaram, com sucesso, uma estratégia técnica predominantemente expressiva, tendo como alicerce um material clínico levantado a partir da combinação de intervenções neutras e suportivas, o que contribuiu para que as pacientes evoluíssem do estágio de Contemplação ao estágio de Ação em relação a suas dificuldades de relacionamentos (ambos os casos).

Além disso, observa-se nos casos baixa freqüência na utilização de Interpretações. Esta observação vai ao encontro das idéias apresentadas por Winnicott (1971) de que na utilização do material clínico levantado, o terapeuta deve superar a necessidade pessoal de interpretar tais materiais, criando bases de confiança entre a dupla, e esperando o paciente chegar a compreensões criativas destes conteúdos. Neste mesmo sentido, Freud (1940[1938]) afirma que "via de regra, adiamos falar-lhe [ao paciente] de uma construção ou explicação até que ele próprio tenha chegado tão perto dela que só reste um único passo a ser dado, embora esse passo seja, de fato, uma síntese decisiva" (p. 192). Por fim, cabem as considerações de Prochaska (1995) de que o uso criterioso de intervenções expressivas, mesmo sem haver Interpretações, permite ao paciente a assimilação dos temas levantados no decorrer do processo, através de uma base de intervenções neutras e suportiva. O que pode ser verificado pela evolução nos estágios de mudança e conseqüentemente, na ocorrência de mudanças de comportamentos cotidianos.

Assim, foi possível observar que as estratégias interventivas adotadas pelas terapeutas se relacionaram à evolução dos estágios de mudança apresentados pelas pacientes no decorrer dos processos. Contudo, são necessárias pesquisas continuadas para confirmar essas hipóteses e para identificar outros possíveis fatores que interfiram

nas variáveis estudadas, como a qualidade da aliança terapêutica, que pode favorecer o resultado terapêutico.

Referências

Di Clemente C. C.; Prochaska, J. O. (1982). Transtheoretical Therapy: toward a more integrative model f change (1982). Psychotherapy: Theory, *Research and Practive*, Fall v.19, n.3, p.276-288.

Freud, S. (1940[1938]). Esboço de Psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago 1969 v. XXIII pp. 151-221.

Mergenthaler, E.; Stinton, C.H. (1992) Psychotherapy transcription standards. *Psychotherapy Research,* v. *2*, pp.125-142.

Pace, R. (1999) *Escala de Estágios de Mudança: Variáveis Psicométricas*. f. 43, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Instituto de Psicologia e Fonoaudióloga da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas.

Prochaska, J.O. (1995). An Eclectic and Integrative Approach: Transtheoretical Therapy. In Gurman, A. S.; Messer, S. B. (Eds.) Essential Psychotherapies: theory and practice. New York: Press Guilford, pp. 403-440.

Prochaska J. O.; Di Clemente C. C.; Norcross J. C. (1992). In Search of How People Change: Applications to Addictive Behaviors. *American Psychologist*, v47, n9, pp. 1102-1114.

Yoshida, E. M. P. (1999). Psicoterapia Breve e Prevenção: eficácia adaptativa e dimensões da mudança. *Temas em Psicologia*, São Paulo, v.*7*, n.2. pp. 119-129,

Yoshida, E. M. P; Enéas, M. L. E. A (2004). Proposta do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve para Adultos, In Yoshida, E. M. P.; ENÉAS, M. L. E. *Psicoterapias Psicodinâmicas Breves: propostas atuais.* Campinas, SP: Editora Alínea, pp. 223-256.

Yoshida, E. M. P. *et all*. (2009). Psicoterapia Psicodinâmica Breve: Estratégia Terapêutica e Mudança no Padrão de Relacionamento Conflituoso. *Psico-USF* (Impr.) V.14, n.3, Itatiba.

Yoshida, E. M. P; Gatti, A. L.; Enéas, M. L. E.; Coelho Filho, J. G. (1997). Aliança Terapêutica, Transferência e Motivação num Processo de Psicoterapia Breve. *Mudanças,* São Paulo, n.7, pp.141-154.

Yoshida, E. M. P, Rocha, G. M. A. da, (2007). Avaliação em Psicoterapia Psicodinâmica, In: Alchieri, J. C. *Avaliação Psicológica: Perspectivas e Contratos*. São Paulo: Vetor.

Winnicott, D. W. (1971). O Uso de Um Objeto. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago 1975.

A EXPERIÊNCIA DA INTERCONSULTA EM INTERVENÇÕES CLÍNICAS BREVES

Juliane Macedo Manzini, Tatiane Oliveira Bagdonas
Universidade Paulista

Este trabalho apresenta um estudo de caso realizado no estágio supervisionado de Intervenções Clínicas Breves, desenvolvido no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Paulista. Com o objetivo de promover um efeito terapêutico específico, em um período relativamente breve, foram realizadas nove sessões com a cliente entre os meses de março a junho de 2011. Tomando como referencial a abordagem de orientação psicanalítica pretendeu-se discutir sobre o conceito de repetição no espaço do tratamento. A queixa principal estava centrada na dificuldade de relacionamento interpessoal, onde a cliente se sentia excluída em relação aos grupos sociais no qual gostaria de pertencer, além da solicitação de confirmação do diagnóstico de transtorno bipolar. A cliente sofre de doença de Addison, distúrbio endocrinológico caracterizado pelos seguintes sintomas: fadiga crônica, fraqueza muscular, perda de apetite e consequente perda de peso, náuseas, vômitos, irritabilidade e depressão. No inicio da doença as manifestações são discretas e imprecisas, até que ocorra uma situação de stress. Deste forma, logo nos primeiros atendimentos tornou-se evidente a dependência da cliente em relação a doença procurando justificar sua situação de vida ao seu estado de saúde. No decorrer do processo percebeu-se a necessidade da presença do psiquiatra em uma das sessões psicoterápicas, atuando juntamente com a estagiária de psicologia. A inclusão do psiquiatra, na modalidade de interconsulta, teve como intuito fornecer informações a respeito das limitações que essa enfermidade implica, além de desmistificar a suspeita do diagnóstico de transtorno bipolar. Ao analisar o caso, pode-se concluir que as intervenções realizadas caminharam na direção de viabilizar a adaptação da cliente à doença, procurando auxiliá-la na compreensão de que seus problemas de saúde não impedem que ela experiencie novas situações em sua vida, respeitando suas limitações atuais. Em relação à participação do psiquiatra no contexto do atendimento, pode-se dizer que tal prática trouxe benefícios evidentes no estágio de Intervenções Clínicas Breves

propiciando ao estagiário um importante aprendizado ao lidar com profissionais de outras especialidades levando a diluição das fronteiras entre psiquiatria e psicologia.

Palavras-chave: Intervenções clínicas breves; interconsulta; psicanálise;

ALIANÇA DE TRABALHO E MODALIDADES DE INTERVENÇÕES EM PSICOTERAPIA PSICODINÂMICA BREVE

Bruna Praxedes Yamamoto, Sonia Maria da Silva
Universidade Guarulhos, Universidade Presbiteriana Mackenzie

A aliança terapêutica tem sido considerada por muitos autores como um dos mais importantes fatores que exerce influência sobre a qualidade dos resultados das psicoterapias. O estabelecimento de uma aliança de trabalho parece contribuir de modo positivo para o bom andamento dos processos psicoterápicos. Muitos estudos estão sendo realizados mostrando que a utilização de medidas da aliança de trabalho permite uma compreensão mais apurada dos fatores em jogo quando o paciente observa, pensa e sente a aliança terapêutica. O presente trabalho teve como objetivo avaliar a qualidade da aliança terapêutica em processos de psicoterapia psicodinâmica breve, os tipos de intervenções realizadas pelo terapeuta, e identificar as possíveis relações entre as aliança terapêutica e as modalidades de intervenções. O instrumento utilizado para avaliar aliança terapêutica foi o Inventário de Aliança de Trabalho (*Working Alliance Inventory-Short-WAI-S*) versão observador, e o Inventário de Intervenções baseadas na proposta de Yoshida, Gatti, Enéas e Coelho Filho (1997). Avaliou-se um processo de atendimento de um paciente adulto em Psicoterapia Breve Psicodinâmica (PBP). Foram utilizadas a terceira, a sétima e a décima sessão, dividida em cinco blocos de dez minutos. Os resultados desta pesquisa mostraram a importância das intervenções realizadas pelo terapeuta em uma psicoterapia psicodinâmica breve favorecendo o estabelecimento de uma boa qualidade da aliança de trabalho, uma vez que, a partir das intervenções utilizadas possibilita a construção de uma relação de confiança com o paciente e estabelece um vínculo positivo com o terapeuta, favorecendo também os resultados do processo terapêutico. Além disso, encontrou-se uma correlação entre as variáveis sob estudo, aliança terapêutica e três tipos de intervenções: assinalamento, encorajamento a elaborar e interrogação. Apesar de ter sido predominante a utilização das intervenções classificadas como Suportivas neste processo terapêutico, encontra-se nos resultados desta correlação mais significativas as intervenções mais Neutras, como Encorajamento a elaborar e a Interrogação, e o tipo Assinalamento como intervenção Expressiva.

Palavras-chave: Psicoterapia Psicodinâmica Breve, Aliança Terapêutica, Intervenções.

SUPERVISÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE: REFLEXÕES A PARTIR DA ORTODOXIA DAS METODOLOGIAS ATIVAS E DO CONTEXTO DO CAMPO DE ESTÁGIO

Julieta Quayle
Universidade Anhembi Morumbi

A proposição cada vez mais freqüente de metodologias ativas no processo de aprendizagem nos cursos de graduação refletem-se na função dos estágios como instância de inserção preliminar do graduando em seu campo de atuação e mesmo como "treinamento" ou educação" em serviço. Em cursos que enfatizam a maior participação dos alunos no processo de formação, se desenham inúmeras possibilidades desse treinamento ocorrer para além dos *role playing*, dramatização e similares. A utilização de cenários específicos e as simulações e *debriefing* efetivamente aproximam o estudante de condições "reais", possibilitando a avaliação e a auto-avaliação mais objetivas do desempenho quando se pode utilizar vídeos ou gravações. Esse *feed back* é fundamental para o aluno, particularmente na construção de uma atitude crítica e reflexiva que o preparará para o exercício profissional. Outra vertente importante nessa construção corresponde ao próprio processo avaliativo, mais aberto e interativo, preocupado não somente com a acumulação de informações mas, especialmente, com a construção e o desenvolvimento de atitudes e comportamentos. Isso se reflete na adoção paulatina de processos de avaliação diferenciados, chegando à introdução do sistema OSCs e similares. Nesse contexto cabe o questionamento de quais as melhores formas de, sem perder de vista a dimensão ética da tarefa assistencial que aqui se inicia (mais evidente mas não restrito ao campo clínico e da saúde), trazer inovações que favoreçam o desenvolvimento do aluno quando esse adentra o campo de estágio. O que há de novo? Como referiu um aluno certa vez: "Mas o que vamos fazer lá (no campo)? Já fizemos isso aqui, antes..." Além da necessidade de se compreender os mecanismos envolvidos nessa dificuldade de lidar com a "realidade mais real" (no dizer de outro aluno) e da certeza de que aqueles que puderem vivenciar em contexto protegidos suas ansiedades iniciais e praticar sua incipiente expertise podem estar partindo de um patamar diferenciado para o(s) campo(s) de estágio, existe a questão de caracterizarmos com clareza as especificidades desse "salto", enquanto, simultaneamente, nos debruçamos sobre a

importância do referencial que a teoria oferece e dos modelos que apresenta. Sem condescender com o ecletismo fácil e acrítico face aos diferentes recortes de uma realidade sempre mutante, faz-se mister trabalhar a questão da escolha embasada de atuações, atividades, técnicas e fazeres, lidando efetivamente com o fato de não existir UMA resposta certa, UMA decisão acertada, UM único modelo a ser seguido. Nesse contexto, particularmente no campo da saúde, a existência da figura do profissional/supervisor de campo que não o supervisor institucional (o do curso), que acompanha e partilha o cotidiano do aluno em campo, abre um leque de alternativas extremamente rico e desafiador, e as repercussões dessa condição precisam se tomadas em consideração e discutidas. É fundamental que essa situação que muitas vezes caracteriza-se como uma “saia justa” de viés persecutório se transforme em ferramenta de crescimento e aprendizado pessoal e institucional.

Palavras-chave: Psicologia, Estágio, Supervisão.

O PROGRAMA DE MONITORIA COMO AUXILIAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO 4º ANO DE PSICOLOGIA

Érika Valeska Yosioka Ferreira, Laudicelia Gusmão de Lima, Vera Lucia Gonçalves Beres
Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho destina-se a apresentar a experiência das duas monitoras do 4º ano de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul na disciplina Triagem e Diagnóstico, sob responsabilidade da Professora Dra. Vera Lúcia Gonçalves Beres, durante o primeiro semestre do ano de 2011. As monitoras são alunas do 5º ano de Psicologia da mesma Instituição de Ensino. Conforme a parca literatura disponível sobre o assunto (sendo a maioria nas áreas de enfermagem e medicina), a monitoria no Ensino Superior *"é um serviço de apoio pedagógico que visa oportunizar o desenvolvimento de habilidades técnicas e aprofundamento teórico, proporcionando aperfeiçoamento acadêmico"* (HAAG et al, 2007). Conforme Heward (1982 apud NATÁRIO & SANTOS, 2010), o ensino decorrente da monitoria é o mais intenso e personalizado dos processos de ensino-aprendizagem, por permitir um atendimento personalizado que o professor não poderia abarcar sozinho, no caso de classes numerosas ou heterogêneas. Segundo os mesmos autores, o monitor não necessita possuir habilidades superiores às dos colegas, mas domínio sobre uma pequena parte do conhecimento ou, ainda, habilidades equivalentes às dos monitorados, para que possam trabalhar conjuntamente para um aprofundamento do estudo. Dentre as atribuições das monitoras, constavam: horários para plantões de dúvidas, auxílio na correção e avaliação de testes psicológicos, elaboração de relatórios e sínteses de atendimento e sugestões de bibliografias, sendo praticamente todos os atendimentos aos alunos realizados em pequenos grupos, de três a seis alunos. A leitura pelas monitoras dos prontuários foi constante no decorrer do semestre, a fim de obter os subsídios necessários para discussão dos casos, verificar se as sessões estavam arquivadas devidamente, bem como a atualização da ficha de evolução dos casos. Outro elemento trabalhado, não planejado e também citado pela literatura, foi o apoio emocional aos colegas monitorados, pois a situação de ex-aluno da mesma disciplina permitiu maior sensibilidade aos problemas e sentimentos apresentados pelos alunos. (NATÁRIO & SANTOS, 2010). No decorrer das atividades de monitoria, não foram trabalhados apenas

os conteúdos acadêmicos da própria disciplina, como também resgatados outros, como elementos fundamentais da construção do conhecimento e da ação: Avaliação Psicológica, Metodologia, Ética Profissional, Psicologia do Desenvolvimento, Psicopatologia, Teorias da Personalidade e até mesmo Língua Portuguesa. No entrecruzamento desse repertório acadêmico com as percepções sobre o paciente, surgiram as discussões de caso, nos quais, conforme Natário & Santos (2010), a colaboração e participação permitiram que as pessoas se comprometessem mais com as atividades, sentindo-se mais envolvidas e cúmplices. Resultou dessa prática avanços qualitativos crescentes na análise dos casos, maior desenvoltura dos alunos e desenvolvimento do raciocínio clínico. As monitoras também puderam beneficiar-se da situação de ensino-aprendizagem, pois da mesma forma que atuaram na zona de desenvolvimento proximal dos monitorados, de acordo com a teoria sócio-histórica de Vygotsky (1984 apud NATÁRIO & SANTOS, 2010), obtiveram a mesma atuação por parte da professora responsável. Além do ganho acadêmico para alunos e monitoras, foi possível a aproximação destas últimas com a prática docente.

Palavras-chave: Monitoria, Psicologia, Aprendizagem

APONTAMENTOS SOBRE ATIVIDADES PRÁTICAS E CAPACITAÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA NA DISCIPLINA DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Regiane Ribeiro de Aquino,Solange Monteiro de Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho são apontamentos sobre o programa de estágios básicos nas disciplinas de Avaliação Psicológica no curso de graduação em Psicologia de uma instituição de ensino particular da cidade de São Paulo. Nota-se que se faz necessário o aprimoramento técnico científico dos alunos desde o terceiro semestre, de forma a embasar o conhecimento e a postura ética, preparando-os para as atividades futuras como as exigidas nas disciplinas de Triagem e Psicodiagnóstico, bem como, do atendimento clínico a serem realizados a partir do sétimo semestre na Clinica escola. Para tanto, as atividades estão estruturadas a partir dos planos de ensinos, que são compostos por base teórica sobre os instrumentos de avaliação cognitiva, motora e de personalidade, porém antes do contato com os instrumentos de avaliação, os alunos adquirem conhecimentos sobre os aspectos históricos da avaliação psicológica nos princípios da psicometria e elaboração de relatórios segundo as normas do Conselho Federal de Psicologia - CFP. Nas aulas práticas o aluno é levado a realizar entrevistas e aplicação de testes na comunidade externa, no Laboratório de Avaliação Psicológica e, que, por vezes os dados coletados são de fomento para pesquisas. Tais atividades têm como proposta preparar os alunos (futuros psicólogos), a adquirirem conhecimentos técnico-científico e subsidiá-los no emprego dos instrumentos de testagem psicológica e técnicas de investigação científica, garantindo que se atenda de forma mais fidedigna e as normas de testagem, diminuindo assim, os vieses nos seus resultados. Objetiva-se ainda, levar o aluno à reflexão sobre esta prática psicológica, de forma que se discuta a ética e a responsabilidade do profissional, visto que infelizmente a área de avaliação psicológica tem enfrentado críticas ao longo dos anos em função das negligências que tem sido realizadas no uso dos instrumentos e técnicas empregadas nesta área. Como o conhecimento é acumulativo e gradativo, observa-se que são utilizados na disciplina de triagem e diagnóstico e nos estágios específicos nos últimos semestres de formação acadêmica e, tais medidas mostram que embora os alunos apresentam capacitação para

utilizar os instrumentos aprendidos, necessitam de apoio para a análise e integração dos dados coletados, por outro lado, após sua formação, denota-se que o aluno tem maior autonomia para utilização dos instrumentos aprendidos durante a graduação. Concluímos que a forma de ensino nestas disciplinas tem como principal função formar um profissional consciente de suas funções no atendimento a sociedade e também contribuir com a comunidade cientifica.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Formação; Atividades Práticas.

REFORMULAÇÕES DA TÉCNICA ANALÍTICA NO ATENDIMENTO A PACIENTES SEVERAMENTE COMPROMETIDOS

Marina Fibe De Cicco
Psicóloga da Clínica Psicológica Durval Marcondes do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP)

O trabalho parte da experiência de atendimento a um menino de 07 anos, recebido primeiramente no Serviço-escola de Psicologia da USP e posteriormente acompanhado em consultório particular. A queixa inicial era de hiperatividade e desobediência, mas ao longo do tratamento foi possível constatar a ocorrência de diversos episódios de violência física, psíquica e sexual na história do garoto. Atender esta criança utilizando a 'técnica psicanalítica clássica' mostrou-se inviável, e por isso o tratamento exigiu reformulações da técnica, além da ampliação da elasticidade psíquica da terapeuta. No âmbito do consultório particular, a clínica que expande os limites da 'psicanálise clássica' tem sido investigada com freqüência, e diversos nomes já foram sugeridos para designá-la: clínica do trauma, clínica limítrofe, clínica da repetição, clínica do sensível, clínica dos pacientes difíceis. Apesar da variedade de termos utilizados, todos os autores buscam demarcar uma diferença entre o exercício clínico concebido para o tratamento da neurose *standard* e um trabalho terapêutico diferenciado, considerando os casos que exigem manejos mais complexos que a interpretação do recalcado. Os serviços de saúde pública recebem constantemente pacientes com histórico traumático, nos quais se observa como a não-adaptação do ambiente ao indivíduo pode deter o desenvolvimento psíquico, gerando prejuízos egóicos e um profundo comprometimento do pensar e dos processos de simbolização. No atendimento a estes casos a vivência do profissional pode ser bastante penosa, exigindo um considerável dispêndio psíquico e atenção redobrada à contratransferência. A discussão de recortes clínicos do atendimento à criança permitirá mostrar como as idéias elaboradas pelos pós-freudianos sobre a ineficácia da interpretação e a importância do estabelecimento da confiança podem ser úteis para o psicólogo que atende pacientes severamente traumatizados. Será ressaltada a necessidade de ampliação da disponibilidade afetiva do analista, que passa para primeiro

plano e torna-se condição tanto para um efetivo acolhimento quanto para a elasticidade da técnica.

Palavras-chave: técnica psicanalítica; trauma; casos difíceis.

A SEXUALIDADE DOS DEFICIENTES INTELECTUAIS

Adriana Duarte Marque, Célia Rocha
Universidade Cruzeiro do Sul

O objetivo do projeto foi a investigação sobre como os deficientes intelectuais percebem a sexualidade, em um programa de Educação Especial oferecido pela Universidade Cruzeiro do Sul (PROESP), visando projetar orientação e informação para esses sujeitos e seus familiares. Para melhor compreender a deficiência intelectual e a sexualidade desses sujeitos o aporte teórico se deu a partir de Aranha (1991), Santana (2007), Buscaglia (1997) e Almeida (2007) que defendem que, em se tratando de inteligência como função adaptativa que permite o ser humano a resolver problemas, o deficiente intelectual fica incapaz de competir com igualdade com pessoas de mesma idade, sexo e grupo social, comprometendo as variadas relações de seu contexto vivencial. Há, então, por parte de uma sociedade padronizada, conseqüências como estigmatização, segregação e atitudes negativas de crédito a esses sujeitos, afirmando que a deficiência intelectual se mostra variável e não pode ser definida por um único conceito; porque muitos sujeitos com esta caracterização avançam em habilidades e competências quando assessorados e orientados para elementos da vida. Quanto à sexualidade, Ferreira (2001), Geger (2003), Denari (1997), Gherpelli (1995) e Lipp (1998) salientam que ela existe, porém de forma mais impulsiva e deve ser tratada/orientada como uma função básica da vida; no sentido de melhorar as relações afetivas e emocionais desses sujeitos, evitando conflitos, frustrações e angústias. A pesquisa foi realizada com doze participantes selecionados de acordo com a disponibilidade para esse estudo; através de entrevista semi-dirigida individual, com quinze questões, elaboradas via teorias. Após, as respostas foram analisadas e categorizadas conforme o objetivo do trabalho de pesquisa, pela via do estudo qualitativo. Como resultado, foi possível perceber que os deficientes intelectuais têm desejos e sonhos como qualquer pessoa, no entanto, são pouco orientados educacionalmente e que os familiares evitam diálogo para esclarecimentos sexuais. Há negação de informações sexuais por serem vistos como incapazes e infantis. No entanto, conclui-se que há necessidade de empenho e investimento por parte da

educação no sentido de tornar a orientação sexual do deficiente intelectual natural e efetiva, incluindo também os seus familiares.

Palavras-chave: deficiência intelectual, sexualidade, educação.

SEPULTADORES E AS FAMÍLIAS ASPECTOS SUBJETIVOS NO SEPULTAMENTO

Valter Roberto Lopes Marcondes D'Angelo
Psicólogo, professor e supervisor de estágio da Universidade Cruzeiro do Sul
Bruno Arrais Ponciano Costa
Psicólogo, ex-aluno do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho teve como objetivo compreender e analisar a relação entre os sepultadores e os familiares no momento do sepultamento, em um cemitério público situado na zona leste da cidade de São Paulo. A metodologia utilizada foi a da pesquisa-ação, por meio da qual foi possível acompanhar o trabalho dos sepultadores, de modo a identificar as questões de natureza subjetiva presentes durante o período em que o corpo é velado e sepultado. Interessou ao pesquisador as ações e atitudes compartilhadas entre as famílias e os sepultadores, os sinais indicadores de sofrimento e a projeção de tais sentimentos sobre os trabalhadores ali presentes. As pesquisas que envolvem a questão da morte, em geral focam os profissionais da saúde. No caso dos sepultadores, é preciso reconhecer que eles também estão envolvidos nos mesmos processos, uma vez que lidam diretamente com a morte, com o sentimento de perda e com o sofrimento de forma geral. Essas questões, cada vez mais, vêm se tornando muito importantes para o psicólogo, o qual está sendo chamado para trabalhar em ambientes caracterizados pela presença constante da morte. Pouco se tem escrito sobre os profissionais que lidam com essas situações; menos ainda sobre a categoria dos sepultadores, ainda comumente chamados de "coveiros". Isso pode parecer um paradoxo, porque se a morte é uma preocupação universal do homem, e a Psicologia estuda a relação do homem com o mundo, então a morte deveria ser uma área de preocupação da Psicologia, como campo de estudo e como prática profissional. Para esse trabalho foram observados/acompanhados nove sepultamentos e uma exumação, após os quais os trabalhadores eram entrevistados, de acordo com um roteiro, e respondiam a um questionário. Quanto aos resultados mais significativos, pode-se destacar o sentimento de reconhecimento por parte das famílias em relação ao trabalho dos sepultadores, o respeito destes pelo momento vivido pelas famílias e alguma hostilidade destas em

situações específicas. Paralelamente foi observado algum preconceito dos sepultadores "ativos" em relação aos adaptados, pois estes exercem atividades diferenciadas.

Palavras-chave: Psicologia e morte; sepultamento; cemitérios

O LUGAR DO PSICODIAGNÓSTICO NA ATUALIDADE FRENTE ÀS DEMANDAS NA SAÚDE PÚBLICA

Stella Leite S. Campos, Tiago Yehia de la Barra
UNIP - Universidade Paulista

O processo de psicodiagnóstico sofreu alterações em seu formato e utilização na prática, desde sua origem, até os dias atuais. No início era visto de forma positivista lógica, mas precisamente no século XIX (DONATELLI, 2005), momento em que a psicologia se desenvolvia, com a idéia de que os fenômenos estudados teriam uma única verdade. Após vários estudos e pesquisas, e principalmente sobre grande influência da psicologia Fenomenológico-Existencial, o processo psicodiagnóstico ganhou um formato interventivo, abandonando uma postura propriamente diagnóstica, baseada apenas em testes psicológicos. Começou a considerar que a interação com o cliente levaria a uma conclusão mais fiel, afinal, teria a sua contribuição e sua experiência. Foi através de uma experiência clínica-acadêmica com uma equipe liderada por Ancona-Lopez, na década de 80, que o processo de psicodiagnóstico tomou a configuração que hoje encontra-se na prática (SANTOS, 2009). De forma aproximada a de uma terapia breve, o psicodiagnóstico pretende fazer com que o cliente compreenda sobre si mesmo e si enxergue como campo de possibilidades. Ancona-Lopez (1995 *apud* SANTOS, 2009). Diante das mudanças que o processo psicodiagnóstico passou e vem passando, coube neste trabalho esclarecer o lugar do psicodiagnóstico na atualidade frente as diversas demandas encontradas na saúde pública. Diante dessa reflexão, é possível perceber que o espaço do processo psicodiagnóstico no setor público ainda é pequeno: muita demanda, pouco profissional a disposição, dificultando o atendimento no Setor Público. O lugar do psicodiagnóstico frente a demanda de saúde pública, é praticamente indefinido, pois pouco tem se visto sobre sua importância frente ao atendimento nos setores públicos e quando existente, se restringe apenas a área da saúde mental. Percebe-se também, poucas pesquisas que envolvem o processo psicodiagnóstico em atendimentos públicos, ou até mesmo, sua inexistência. Desta forma, compreende-se, que o processo de psicodiagnóstico e sua atuação na prática do setor público, existe um abismo de ordem político-social-econômico, que precisa ser melhor investigado e compreendido. É

importante esclarecer, que o psicodiagnóstico faz parte de uma disciplina e estágio obrigatório, permitindo uma porta de entrada a essas reflexões, sobretudo, abrindo espaços de atuação mais consistentes, tanto no setor público, quanto no setor privado, ao profissional psicólogo e a demanda existente. Neste sentido, apontamos para necessidade de outros estudos relacionados ao tema, de forma que possa se atentar para importância do psicodiagnóstico, enquanto atendimento, no setores de saúde publica.

Palavras-chave: psicodiagnóstico, atualidade, saúde pública.

REFERÊNCIAS

SANTOS, G. R. S. **O processo psicodiagnóstico em unidades básicas de saúde.** Sapientia.puc, São Paulo, 2009.

DONATELLI, M. F. **A compreensão da religiosidade do cliente no psicodiagnóstico interventivo fenomenológico existencial.** Sapientia.puc, São Paulo, 2005.

PLANTÃO PSICOLÓGICO: DA URGÊNCIA À EMERGÊNCIA DAS DEMANDAS PARA SAÚDE PÚBLICA

Soraya Souza, Ana Elizabete Pereira da Silva, Angela Aparecida dos Reis Oliveira, Douglas Finger, Élia das Graças Moreira Curci, Elisa Junqueira Nordskog, Enver Lamarca Oliveira Santos, Fátima Cristina Soares Archanjo, Fernanda Alves da Silva, Gilson de Almeida Pinho, Luciana Maria Andrade Ribas da Silva, Luciano Henrique Peres, Milli Dian de Oliveira Aguiar Soares, Silvana Marciano de Aquino Sugai
Universidade Paulista

Este trabalho é realizado desde 2003 até os dias atuais, no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Paulista de São José dos Campos, atendendo aproximadamente seiscentas pessoas que nos buscam para dizer de um acontecimento psicológico, apresentando sua dor qualificada pelo sofrimento diante de circunstâncias traumáticas vividas. A metodologia utilizada é psicanalítica de orientação lacaniana. O número de encontros é estabelecido na primeira sessão, pelo estagiário-plantonista na relação com o cliente a partir da análise do acontecimento, colocando *a priori* o fim do processo e causando uma precipitação das elaborações com a inclusão do tempo lógico. Neste atendimento a logicidade do tempo cronológico se altera, pois há um tempo de compreender/concluir. Os resultados obtidos nos atendimentos foram: os clientes que buscam o Plantão Psicológico, numa urgência psicológica como a tentativa de suicídio, recebem acolhimento imediato e relatam o efeito do alívio produzido sobre eles pelo compartilhamento da dor com o Outro. Este acolhimento é constituído pela atenção que significa neste contexto: concentração, zelo, dedicação disposição, sentir e sobretudo cuidar, inclinar-se. Já os clientes, que buscam este atendimento, com sintomas depressivos choram aquilo que não puderam dizer sobre o acontecimento, nestes casos mostram cenas que trazem à baila os sentidos não elaborados, ou o *non sense,* como o caso de uma cliente que relata a perda de seu filho. Outros ainda, buscam o plantão psicológico pela emergência de situações que afetam suas vidas cotidianas e são encaminhados à psicoterapia. Conclui-se que o Plantão Psicológico caracteriza-se por ser um “instrumento político” de triagem no atendimento da demanda da Saúde Pública. Entende-se por “instrumento político” um dispositivo de intervenção que produz efeitos de

ampliação do acontecimento possibilitando o cliente reelaborar o traumático, solicitando do estagiário-plantonista, não apenas um deslocamento de um turista, mas agir como um cartógrafo, marcando-se pelo caminhar de um viajante-marinheiro, entrelaçando-se nas narrativas dos nativos (MAHFOUD,1999).

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Saúde Pública, urgência/emergência.

PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA ESCUTA QUALIFICADA COMO INSTRUMENTO DE AMPARO PARA A SAÚDE PÚBLICA

Enver Lamarca, Soraya Souza
Universidade Paulista

O Plantão Psicológico em sua gênese também possuía o intuito de rever a prática psicológica vigente da época. Desenvolveu-se como crítica a mentalidade que concebia a Clínica-Escola como lugar de treino e de aplicação de modelos e técnicas psicológicas consagradas e que adere a uma intensa institucionalização e burocratização das formas de transmissão do saber, bem como das práticas de atendimento, esta prática entorpeceia o espírito de investigação. Este contraponto crítico tem como base, justamente a inclusão do espírito de investigativo e a pesquisa como mediações fundamentais na articulação entre formação e prestação de serviço à comunidade (SCHMIDT, 2004). O plantão psicológico é estruturado para que a demanda do cliente seja acolhida em um espaço de escuta qualificada. Busca promover suporte no momento em que o indivíduo solicita auxílio. Observou-se que este acolhimento exige a priorização do sujeito, e constitui-se como um espaço propício à elaboração da experiência do cliente no que diz respeito ao sofrimento psíquico que ele porta e às possibilidades ou vislumbres de ajuda que ele concebe. A metodologia utilizada foi de orientação fenomenológica. O atendimento em plantão psicológico buscou facilitar que o cliente clarificasse a natureza de seu sofrimento e de sua demanda por ajuda, compreendendo que o mesmo não seria satisfatório e estaria sendo violado se o atendimento estivesse norteado por outros objetivos que não o bem-estar e o respeito aos legítimos interesses e direitos do cliente. Visando a proposta de devolver ao indivíduo suas possibilidades de ser, ampliando seus horizontes, estimulando-o a assumir uma posição de sujeito. Os resultados obtidos como principal forma de intervenção psicológica, destacou-se a busca por acolher A. no exato momento de sua necessidade, ajudando-o a lidar melhor com seus recursos e limites. O cliente relatou que havia se separado da mulher e não conseguiam entrar em um consenso em relação aos cuidados da filha. A. relatou que adotou uma postura passiva em relação as brigas com intuito de apaziguar as situações conflituosas, embora tivesse dificuldade para distinguir como se sentia. Conclui-se como ação interventiva a aceitação

incondicional positiva, a escuta empática e a congruência destinadas as necessidades do cliente.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, acolhimento, Saúde Pública.

A DISTÂNCIA ENTRE O REAL E O IDEAL: O QUE NÃO ESTÁ ACONTECENDO NAS ESCOLAS

Susete Figueiredo Bacchereti
Universidade Presbiteriana Mackenzie

O espaço escolar tem sido palco das manifestações de ações violentas principalmente o fenômeno bullying. Reconhecido no meio acadêmico, como um subconjunto de comportamentos agressivos repetitivos, passou a ser foco de atenção após a realização sistemática de pesquisas acadêmicas e a exposição na mídia de casos graves. O tema atinge a todos os que estão envolvidos com a realidade escolar: alunos, professores, gestores, funcionários, famílias. Apesar deste fenômeno ser tão presente nas escolas, consideramos a existência de poucos trabalhos efetivos divulgados e percebemos a escassez de material sobre programas educacionais que incluam o combate e prevenção do mesmo. Observamos também, que parte dos projetos de prevenção ao bullying, infelizmente não tem continuidade, alguns por falta de investimento e outros por não terem continuidade em sua coordenação. Nesse cenário, episódios agressivos entre alunos aparecem com freqüência nas escolas, destacando-se os casos de *bullying*. A situação chegou a tal ponto que, por exemplo, a Prefeitura Municipal de São Paulo instituiu a Lei nº 14.957, de 16 de julho de 2009 que dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* escolar no projeto pedagógico das escolas dessa rede pública do ensino. Através da análise dos projetos e publicações estudadas, observou-se que para a implementação de programas de prevenção e redução do bullying obterem resultados positivos é necessário principalmente: cada escola desenvolver suas próprias estratégias no combate ao bullying; criar sistemas de cooperação na população envolvida alunos, professores, funcionários, gestores e pais; estimular a amizade, tolerância, respeito às diferenças individuais, criar uma cultura de solidariedade, estabelecer atividades culturais, fortalecer o diálogo, criar encontros informais, confraternizações, fortalecer as relações de confiança e comprometimento na construção da escola e criar possibilidades de redução das tensões e erradicação dos conflitos. O objetivo dessa apresentação e discutir experiências de atenção ao *bullying*

desenvolvidas em escolas de São Paulo, com vistas à produção de uma educação para a paz.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Prevenção, Bullying e Estratégias

"SE VOCÊ NÃO CUIDA DE MIM, EU CUIDO DE VOCÊ": O CUIDADO MATERNO EM UM CASO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Lilian Regiane de Souza Costa, Fernanda Kimie Tavares Mishima, Valéria Barbieri
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

Winnicott descreve que no início da vida o bebê ainda não é capaz de fazer uma diferenciação eu/não-eu. O ser humano tende a individuação, mas, para isso, necessita de suporte ambiental: uma mãe que o ajude o bebê a integrar-se. Se o ambiente estiver em excesso ou falta, o indivíduo tenderá a formar um falso *self*, para se proteger deste meio que se mostra nocivo. Entretanto, com isso, enfrenta prejuízos na espontaneidade. O presente trabalho objetiva investigar as origens das dificuldades de aprendizagem de Bruna (nome fictício), 9 anos, que passou pelo Serviço de Triagem Infantil (STAIF), na clínica-escola da FFCLRP-USP. A triagem contou com uma entrevista com os responsáveis, sessão lúdica com a criança e sessão familiar. Na entrevista, estiveram presentes a mãe de Bruna, Gláucia (nome fictício), 25 anos, e uma irmã recém-nascida, 2 meses. Gláucia fala sobre as dificuldades de Bruna em se alfabetizar e do seu medo de engordar. A mãe tem um histórico de doenças que, frequentemente, impossibilitou-a de cuidar da filha, deixando-a sob os cuidados da avó materna. Fala que o pai, seu marido, pouco lhe ajuda e chama Bruna de "burra". A menina é preocupada com a mãe, gosta de ajudá-la nas tarefas domésticas e a lembra de tomar os seus remédios. Na sessão lúdica, Bruna pede para que a terapeuta/estagiária lhe passe lições e pinta todo o seu desenho de branco. Na sessão familiar, estiveram presentes Gláucia, a bebê e Bruna. Gláucia fala do fato de não ter planejado suas filhas, o que lhe impediu de realizar seus planos, Bruna chama a atenção da mãe por isso. No meio da sessão, a mãe sai para atender uma ligação e não retorna mais. Bruna, a sós com a estagiária, fala do desejo que esta tenha uma sala na clínica-escola só para ela. A análise deste caso faz pensar nas dificuldades de Gláucia em oferecer um ambiente suficientemente bom para que Bruna pudesse desenvolver o seu "si mesmo", sendo que o pai pouco lhe ajuda nisso. Este ambiente foi precário, deixando a criança, frequentemente, "sozinha", como aconteceu na sessão familiar. Diante deste ambiente, Bruna cria estratégias defensivas para se proteger: passa a ser a "boa" filha, que ajuda nas tarefas e cuida da mãe. Sente que precisa deste "falso-

self" para receber o afeto da mãe. O medo de engordar pode ser devido ao temor de que se ficar "feia", ou seja, se mostrar o lado agressivo, a mãe pode não gostar mais dela. Esta defesa limita a possibilidade de criatividade da paciente (o desenho todo branco confirma esta hipótese), interferindo na capacidade de simbolização e abstração, essenciais para o desenvolvimento da escrita. Assim, pode-se pensar que a dificuldade de aprendizagem, motivo manifesto para a procura de atendimento psicológico, trata-se apenas de um sintoma, que pode ter como uma de suas causas, este ambiente que se mostra nocivo para as possibilidades de desenvolvimento afetivo e cognitivo de Bruna. A criança, para se defender, coloca-se na posição de cuidadora, quando, na verdade, precisa de cuidados.

Palavras-chave: Cuidado Materno; Dificuldade de Aprendizagem; Winnicott.

AS PRÁTICAS GRUPAIS NA EXTENSÃO: PROJETO DE INTERVENÇÃO ETEC

Roberto Mac Fadden, Alexandre dos Santos
Universidade Cruzeiro do Sul

O presente trabalho tem por objetivo a apresentação do projeto de parceria de estabelecimento de serviço à comunidade e estágio acadêmico realizado junto às instituições de ensino Universidade Cruzeiro do Sul e Escola de Tecnologia de São Paulo campus Artur Alvim. A intervenção ofereceu ao público usuário da instituição e agregados acesso a serviços de psicologia com base em estratégias grupais que buscaram atender a algumas demandas específicas conforme a seguir: a) grupos de familiares: acompanhamento das questões familiares a fim de localizar e entender os focos de angústia, melhorar a comunicação e o suporte da família ao projeto escolar do aluno; b) grupos para discutir questões relativas à sexualidade; c) projeto profissional dos alunos: orientação profissional e de carreira visando ajudar o aluno a definir seus projetos acadêmicos e profissionais, contribuindo para a diminuição da evasão escolar; d) ação preventiva de comportamentos de 'bullying'; e) discussão sobre o tema da violência e suas manifestações produzindo uma cultura em torno de um ambiente promotor de saúde. Estabelecemos, para a instituição conveniada, a oferta de uma modalidade de atendimento que pretende gerar atenção às questões de saúde mental, visando a promoção de saúde e gerando protocolos de orientação para a melhora da qualidade de vida dos usuários atendidos. Para a Universidade o benefício colocou-se pela possibilidade de consolidar sua participação na sociedade desenvolvendo projetos pertinentes às necessidades das instituições parceiras cumprindo o propósito inequívoco de toda universidade de ensino, pesquisa e extensão. Ensino pela possibilidade de cumprimento de uma formação sólida e consequente de seus alunos; pesquisa pela possibilidade de estabelecer protocolos de pesquisa junto às demandas das instituições parceiras e; extensão pelo próprio caráter que uma parceria como a pretendida cumpre ao levar a produção de conhecimento da Universidade ao público em geral pela via de seus alunos e professores no papel de supervisores. O desenvolvimento deste trabalho buscou estabelecer um marco de discussão e inclusão dos paradigmas grupais na formação e repertório dos futuros profissionais da Psicologia.

Palavras-chave: clínica-escola de psicologia, psicologia preventiva, grupos, promoção de saúde mental.